

Universidade Federal de São Carlos
Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade

**Um estudo discursivo dos *blogs*: sentidos de/sobre
homofobia**

Gustavo Grandini Bastos

São Carlos – SP
2013

GUSTAVO GRANDINI BASTOS

**Um estudo discursivo dos *blogs*: sentidos de/sobre
homofobia**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade, do Centro de Educação e Ciências Humanas, da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Ciência, Tecnologia e Sociedade.

Orientadora: Profa. Dra. Lucília Maria Sousa Romão

São Carlos - SP
2013

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

B327ed Bastos, Gustavo Grandini.
Um estudo discursivo dos *blogs* : sentidos de/sobre
homofobia / Gustavo Grandini Bastos. -- São Carlos :
UFSCar, 2013.
210 f.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São
Carlos, 2013.

1. Desenvolvimento social – ciência, tecnologia e
sociedade. 2. Análise do discurso. 3. Homofobia. 4. Blog. 5.
Homossexualidade. I. Título.

CDD: 303.483 (20ª)



**BANCA EXAMINADORA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE
GUSTAVO GRANDINI BASTOS**

Profa. Dra. Lucília Maria Sousa Romão
Orientadora e Presidente
UFSCar

Profa. Dra. Fernanda Correa Silveira Galli
Membro externo
USP

Prof. Dr. Roberto Leiser Baronas
Membro interno
UFSCar

Submetida a defesa pública em sessão realizada em: 22/02/2013.
Homologada na 66ª reunião da CPG do PPGCTS, realizada em
07/03/2013.

Profa. Dra. Maria Cristina Piumbato Innocentini Hayashi
Coordenadora do PPGCTS

Fomento: Capes/Ds

Dedico este trabalho à minha mãe, Maria Suely, e seu amor sem limites. Nos momentos complexos, desanimadores e tristes foi com seu amor e apoio que sempre pude contar. Obrigado por sempre acreditar em mim!

Também dedico a todos os homossexuais que já foram vítimas de alguma forma de agressão homofóbica, em especial, aos que pagaram com a vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela força e serenidade fornecidas nos momentos de maior dificuldade.

Aos donos dos *blogs* analisados na pesquisa e os sujeitos-leitores que participam da construção desses espaços e possibilitaram a realização deste estudo.

À minha irmã Giselle (Gi), que mostrou que mudar o rumo de nossas vidas sempre é possível e que me presenteou com os primeiros livros da minha vida. Muito obrigado pelo apoio (emocional e financeiro), companheirismo e motivação... E por me inspirar!

Ao meu pai José, pelos ensinamentos constantes, motivação e por procurar entender o meu trabalho.

Ao William, amigo que influencia meus escritos, gostos, leituras e que tanto contribuiu para a realização deste trabalho. Agradeço por (sempre) me recordar que existe uma grande diferença entre existir e viver e que essa escolha é inevitável. Obrigado por adoçar meu cotidiano com perguntas, poesias, saberes e sabores (sempre) diferentes.

À Gaby e Mila, pelo que trilhamos e o que ainda está por vir. Agradeço pelas palavras amorosas que (sempre) tornam meus dias menos difíceis e mais felizes. Obrigado pelos gestos de amizade, por nossos bons encontros e por contribuírem de forma ímpar no meu amadurecimento.

À Aline, Eduardo, Jean e Nonato, por propiciarem boas discussões e risadas, essenciais na realização de qualquer projeto. Agradeço pelo carinho e palavras reconfortantes.

Ao André, pela riqueza de uma amizade que é essencialmente polissêmica. Obrigado pelas boas discussões, conselhos sinceros, conversas prazerosas, risadas e apoio nas variadas empreitadas realizadas nos últimos anos.

Aos amigos e companheiros do Laboratório Discursivo – Sujeito e Sentidos (E-I@dis) pelas indicações de leituras, reflexões teóricas, caronas, parcerias em eventos e na escrita de artigos... Agradeço pelo companheirismo nas viagens, seja no desbravamento de Campo Grande, Porto Alegre, Rio de Janeiro, São Paulo, Madrid ou de Paris. Muito obrigado Lud, Vivian, Thaís, Dani, Daia, Ane, Francis, Jonathan, Mavi e João. Pela revisão atenta das Referências desta Dissertação, fica um agradecimento (e beijo) mais que especiais para Lud, que de forma carinhosa aceitou essa trabalhosa tarefa.

Aos amigos e colegas do Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade pela acolhida, amizade, aprendizado e risadas durante a realização das disciplinas e fora da sala de aula. Obrigado por tornarem esses dois anos na UFSCar muito agradáveis e produtivos desde o início, especialmente os colegas Allan, Felipe, Gabriela, Malu e Marco. Ao Allan agradeço pela hospedagem acolhedora em seu apartamento durante os períodos de estada em São Carlos.

Aos docentes e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade pelos auxílios e esclarecimentos durante todo processo de construção desta Dissertação.

À Profa. Dra. Nádea Regina Gaspar pelos incentivos constantes no decorrer do desenvolvimento desta pesquisa, pelo acolhimento, generosidade e supervisão de meu Estágio de Capacitação Docente realizado na UFSCar.

À Profa. Dra. Soraya Romano Pacífico pelo compartilhamento de seus conhecimentos em AD no Grupo de Estudos em Análise do Discurso e pela riqueza de suas observações desde nosso primeiro encontro.

Ao Prof. Dr. Roberto Leiser Baronas pela leitura atenta, apontamentos e contribuições preciosas no processo de qualificação deste trabalho. Agradeço pela generosidade desde nosso primeiro contato e por aceitar o convite para integrar a banca de avaliação deste trabalho.

À Profa. Dra. Fernanda Correa Silveira Galli pelas conversas, leituras e apontamentos durante a qualificação e processo de construção desta pesquisa. Agradeço pelas oportunidades de escrita, leitura e reflexão em conjunto, seja sobre AD, ciberespaço ou outras questões. Muito obrigado por tudo!

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa que permitiu a realização desta pesquisa.

AGRADECIMENTO ESPECIAL

À Profa. Dra. Lucília Maria Sousa Romão pela generosidade em partilhar seus conhecimentos, pelas indicações de textos que permitiram o desenvolvimento desta pesquisa, pela leitura e apontamentos preciosos durante todo o trabalho. Agradeço pelos incentivos constantes e essenciais no decorrer do meu trajeto acadêmico, principalmente em seu início, pelas oportunidades de escrita conjunta e pela confiança em nossa parceria teórica.

Nunca imaginei que suas aulas na Graduação fossem alterar meus caminhos e perspectivas de estudo, pesquisa e reflexão. Obrigado pela delicadeza, paciência e capacidade constante de aprender, corrigir e ensinar.

"Lóri: uma das coisas que aprendi é que se deve viver apesar de. Apesar de, se deve comer. Apesar de, se deve amar. Apesar de, se deve morrer. Inclusive muitas vezes é o próprio apesar de que nos empurra para frente. Foi o apesar de que me deu uma angústia que insatisfeita foi a criadora de minha própria vida"

Clarice Lispector.

RESUMO

No presente trabalho, meu objetivo é investigar como os sujeitos-*gays* discursivizam a homofobia no espaço discursivo dos *blogs* do tipo diário, tendo como referencial analítico, metodológico e teórico a Análise do Discurso de filiação francesa. As ‘novas’ tecnologias de informação e comunicação têm propiciado (outros) espaços discursivos, entre eles, os *blogs*, que oferecem novos espaços de/para dizer, marcados por condições de produção específicas. A pesquisa me permitiu observar os deslocamentos e repetições inscritos por sujeitos-*gays* (sujeitos-blogueiros e sujeitos-leitores) que afetam a circulação e produção de discursos e sentidos sobre a questão da homofobia, nos quais observei a produção de diferentes sentidos sobre esse preconceito inscritos nesses espaços. O *corpus* desta pesquisa é composto por 37 recortes, comentários e posts, provenientes de três *blogs* do tipo diário, escrito por *gays* brasileiros. Os resultados obtidos com as análises empreendidas permitiram identificar os *blogs* como espaços de informação, nos quais é possível encontrar denúncias e relatos de violência(s), narrados pelos sujeitos e ocorridos em diferentes momentos de suas vidas, assim como marcas que destacam a homofobia como parte do cotidiano dos *gays*, afetando suas vidas, e inscrições que desvelam a produção de dizeres homofóbicos por parte dos próprios *gays*. Fazendo uso das possibilidades de inscrição que são oferecidas, o sujeito inscreve seus dizeres nos *blogs*, (com)partilhando relatos, colocando em (dis)curso seus dizeres e construindo, conjuntamente, esse espaço discursivo.

Palavras-Chave: *Blog*, Discurso, *Gay*, Homofobia.

ABSTRACT

The present work aims to investigate how the homosexuals talk about homophobia through blogs (online diaries) having as analytical, methodological and theoretical reference the French Discourse Analysis. The new information and communication technologies have been providing new discursive spaces like blogs that have specific writing productions. The research made it possible to observe the dislocations and repetitions used by gay subjects (the ones who write / post and the ones who read the blogs) that affect the circulations and production of discourses and meanings about homophobia. In those discourses we can notice the productions of different meanings about the prejudice present in those blogs. The corpus of this research is composed by 37 excerpts, comments and posts from three blogs that use the online- diary format, written by brazilian homosexuals. The results obtained by analyzing them allowed the identification of the blogs as information spaces where there are reports of violence (occurred in different moments of their lives) narrated by the subjects. It is also possible to identify marks that highlight homophobia as part of their everyday lives affecting them and the way they themselves use homophobic expressions. By using the discourse that is available, the subjects write their texts sharing reports and building together that discursive space.

Key words: Blog, Discourse, Homosexual, Homophobia.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Capítulo 1: DANIEL PMX. **Colors Rock.** 2008. Disponível em: <<http://www.flickr.com/photos/danilous/2182550819/in/photostream/>>. Acesso em: 22 jan. 2013.

Capítulo 2: SISTER72. **Balloons to Ocean Grove.** 2005. Disponível em: <<http://www.flickr.com/photos/sis/18457221/>>. Acesso em: 15 jan. 2013.

Capítulo 3: MANKER, Phil. **Swirling Fish School.** 2010. Disponível em: <<http://www.flickr.com/photos/philmanker/4712166195/>>. Acesso em: 22 jan. 2013.

Capítulo 4: CYBERSHOTKING. **Spider web.** 2006. Disponível em: <<http://www.flickr.com/photos/cybershotking/329184504/in/photostream/>>. Acesso em: 22 jan. 2013.

Capítulo 5: PAUMIER, Guillaume. **Gay pride 013 - Marche des fiertés Toulouse 2011.jpg.** 2011. Disponível em: <<http://www.flickr.com/photos/gpaumier/5847802511/>>. Acesso em: 15 jan. 2013.

Capítulo 6: OATSY40. **Stairs.** 2012. Disponível em: <<http://www.flickr.com/photos/oatsy40/6937569797/>>. Acesso em: 15 jan. 2013.

Capítulo 7: TOUTERSE. **Birds on a wire.** 2007. Disponível em: <<http://www.flickr.com/photos/15958381@N02/2041712059/>>. Acesso em: 20 jan. 2013.

Capítulo 8: SEIER+SEIER. **Ladybirds overwintering.** 2009. Disponível em: <<http://www.flickr.com/photos/seier/4057249053/in/photostream/>>. Acesso em: 22 jan. 2013.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - <i>Post</i> de encerramento do <i>blog</i>	86
Figura 2 - Mensagem de fechamento do <i>blog</i>	86
Figura 3 - <i>Blogs</i> que compõe a pesquisa.....	93
Figura 4 - <i>Blogs</i> pré-selecionados para compor o <i>corpus</i> da pesquisa.....	185

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

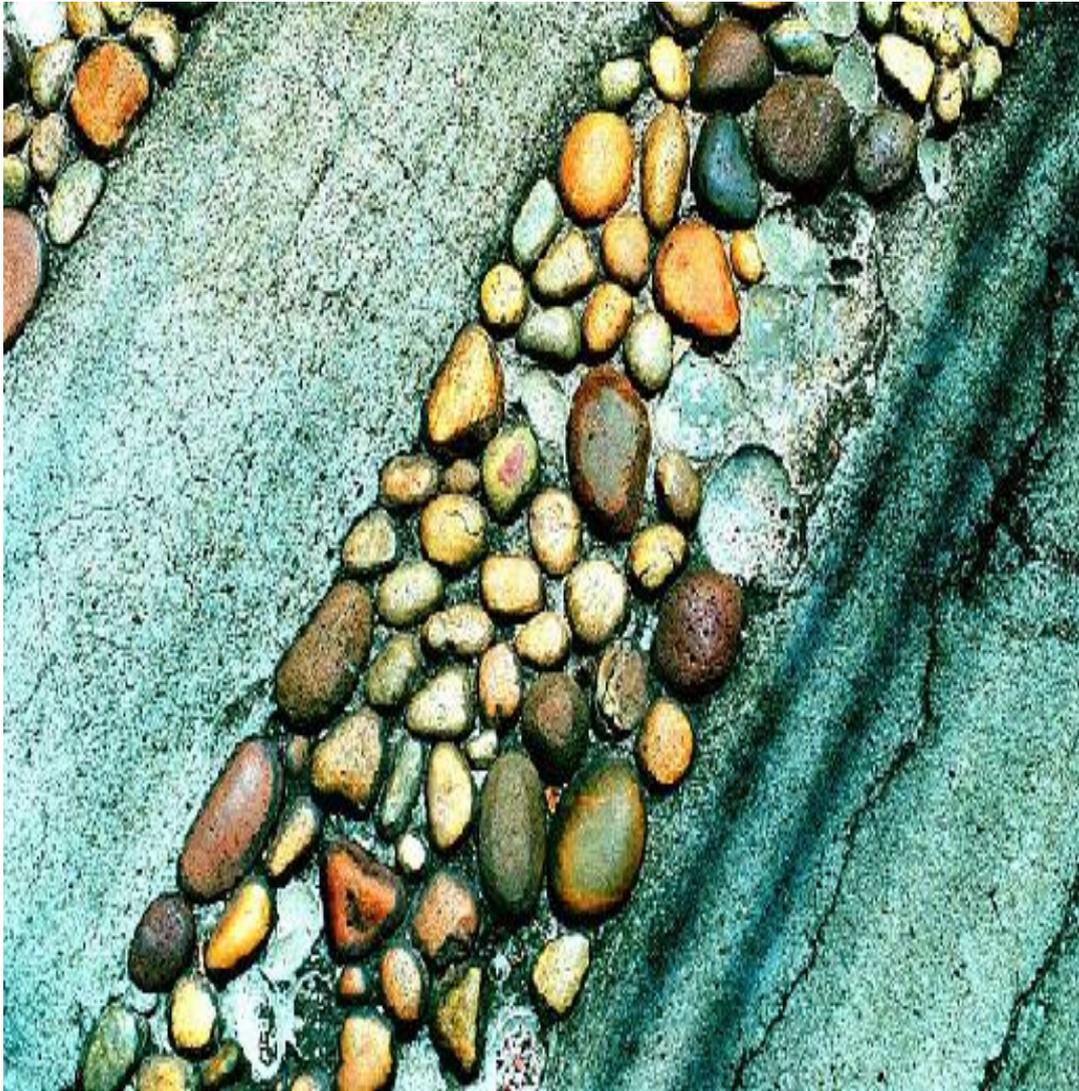
AD = Análise do Discurso de filiação francesa
AIDS = Acquired Immunodeficiency Syndrome
BBB = Big Brother Brasil
CAPES = Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CERN = Conseil Européen pour la Recherche Nucléair
CID = Classificação Internacional de Doenças
CNRS = Centre National de la Recherche Scientifique
CTS = Ciência, Tecnologia e Sociedade
DEM = Democratas
DSM = Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders
EUA = Estados Unidos da América
FD = Formação Discursiva
FI = Formação Imaginária
GGB = Grupo Gay da Bahia
HIV = Human Immunodeficiency Virus
HTML = HyperText Markup Language
ILGA = Associação Internacional de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans e Intersexos
IP = Internet Protocol
LGBT = Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais
OMS = Organização Mundial de Saúde
PCB = Partido Comunista Brasileiro
PCC = Primeiro Comando da Capital
PFL = Partido da Frente Liberal
PLC = Projeto de Lei da Câmara
SciELO = Scientific Electronic Library Online
SD = Sequências Discursivas
SIDA = Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
TIC = Tecnologia de Informação e Comunicação
UFSCar = Universidade Federal de São Carlos
URL = Uniform Resource Locator
WWW = World Wide Web

SUMÁRIO

1. PALAVRAS INICIAIS: TRAJETOS DISCURSIVOS	16
2. ANÁLISE DO DISCURSO: INSCRIÇÕES CONCEITUAIS	31
2.1 Os movimentos da Análise do Discurso de filiação francesa	32
2.2 Questões conceituais: reflexões teóricas.....	36
2.3 O discurso na contemporaneidade: a questão da rede eletrônica.....	51
3. BLOGS: ESPAÇOS DE INSCRIÇÃO DISCURSIVA.....	63
4. ESTRUTURA METODOLÓGICA: CONSTRUÇÃO CIENTÍFICA E POSSIBILIDADES ANALÍTICAS	90
4.1 Objetivos.....	91
4.2 Seleção do <i>corpus</i> e dos recortes	91
4.3 Considerações metodológicas: postulados da AD	95
5. ANÁLISES DISCURSIVAS: ATUALIZANDO, REPETINDO E ROMPENDO DIZERES SOBRE A HOMOFOBIA	100
5.1 A violência no cotidiano: o <i>gay</i> vítima de homofobia.....	102
5.2 O <i>gay</i> e o próprio preconceito.....	117
5.3 O <i>blog</i> como espaço de denúncia e reflexão da violência	132
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	151
7. REFERÊNCIAS	157
8. ANEXOS.....	178
Anexo A.....	179
Anexo B	181
Anexo C	183
Anexo D.....	184
Anexo E	185
Anexo F.....	188
Anexo G.....	189

Anexo H.....	190
Anexo I.....	191
Anexo J.....	192
Anexo K.....	193
Anexo L.....	194
Anexo M.....	195
Anexo N.....	196
Anexo O.....	197
Anexo P.....	198
Anexo Q.....	199
Anexo R.....	200
Anexo S.....	201
Anexo T.....	202
Anexo U.....	203
Anexo V.....	204
Anexo W.....	205
Anexo X.....	206
Anexo Y.....	209

1. PALAVRAS INICIAIS: TRAJETOS DISCURSIVOS



"Viver é um rasgar-se e remendar-se."

João Guimarães Rosa

Produzir uma Dissertação não é uma tarefa simples. É desafiador. Escrever o texto que será apresentado como resultado final do trabalho de dois anos de pesquisa é algo que inquieta. Escrever é uma forma de nos expormos à avaliação do outro, isso provoca sentimentos de receio, principalmente no universo da Academia em que produzir textos faz parte das atividades profissionais do pesquisador. Por essas e outras razões, escrever uma Dissertação produz tantos efeitos e sentidos na vida dos sujeitos.

A produção deste trabalho é resultado de estudos, leituras e tessituras que poderão permitir (novos) olhares acerca de questões como a rede eletrônica, em especial os *blogs*, o homossexual masculino (*gay*) e a homofobia. Os ditames da Academia apresentam como obrigatório o uso de bases conceituais e metodológicas para trabalhar com um objeto ou temática, é algo que não é possível escapar; da mesma forma, a confecção desta pesquisa foi realizada com inúmeras análises e seleções, visto que diante de tantas veredas decidir por uma direção é algo costumeiro e necessário.

Os motivos que me levaram a trabalhar na construção deste estudo foram originados no decorrer de minha trajetória de vida. A questão sobre a forma como a internet e o ciberespaço influenciam a vida das pessoas sempre me interessou. Lembro das primeiras notícias que acompanhei, pela televisão, de pessoas que encontravam amores por meio do uso dos mais diferentes espaços disponibilizadas na *web*, como *chats* e *sites* especializados, e depois se conheciam pessoalmente. Isso mexia com minha imaginação. Ficava fascinado por tais possibilidades, cheio de indagações de como essas questões eram possíveis, principalmente diante das considerações de incredulidade de meus pais, com destaque para as afirmações do meu pai que até hoje observa com desconfiança as minhas atividades cotidianas, como a troca de mensagens via *e-mail*, uso de mecanismos de busca como o *Google* ou de uma biblioteca digital, como a *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), o *download* de músicas e a realização de transações econômicas, como a compra de produtos e transferências bancárias.

As discussões acerca da homossexualidade e da sexualidade têm chamado minha atenção desde sempre, principalmente nos campos do jornalismo e da literatura. Causa(va)-me estranheza a forma negativa como os homossexuais eram discursivizados nos mais diferentes lugares e pelos mais variados sujeitos, fosse na casa de parentes, escola, programas de TV, catequese, etc. Ser homossexual era apresentado como algo ruim, um xingamento, uma marca que indicava no outro algo anormal, infecto, nefando.

Nunca entendi o motivo das pessoas considerarem que a homossexualidade é uma forma de xingamento, algo negativo, e mais, sempre questionei o motivo de tal naturalização por diferentes pessoas. Infelizmente, esses sentidos ainda circulam com força, sendo repetidos e retomados em diferentes contextos. Soares (2006) compreende que

[...] quando alguém é rotulado *homossexual* todos os sentidos se voltam exclusivamente para as questões relacionadas à sexualidade [...]. Não há passado, presente e nem futuro que signifiquem fora das amarras sexuais. O homossexual é seu sexo, nada além disso (SOARES, 2006, p. 36, grifo do autor).

Atualmente, observa-se a exposição de diferentes dizeres sobre os homossexuais circulando em diversos espaços, em nosso país e no mundo, em variados contextos, como no dos direitos civis, na força econômica do *pink money*¹ e sua influência em várias regiões do mundo, nas discussões sobre o casamento e o preconceito, na saúde, etc. Novas possibilidades de análise são possíveis, nas quais se pode observar as interações e movimentações de dizeres entre os sujeitos-navegadores na rede eletrônica e identificar em suas próprias inserções como eles discursivizam e interpretam a homofobia e apresentam essas noções em seus *blogs*. Assim, tenho como objetivo, neste trabalho, analisar a forma como os sujeitos-*gays* discursivizam a homofobia nos *blogs* do tipo diário.

No Brasil, segundo dados do Grupo *Gay da Bahia* (GGB), foram assassinados, no ano de 2012², cerca de 336 homossexuais, sendo que o GGB entende que a quase totalidade desses crimes têm motivação homofóbica, sendo que a principal vítima são os homossexuais masculinos (*gays*) (56%). Destaco que esse cálculo é realizado desde a década de 1970, com base em notícias apresentadas na mídia, por isso, existe a compreensão de que o número de crimes é muito maior. O Governo Federal não possui dados oficiais sobre a morte de homossexuais no país, mas a Secretaria Nacional dos Direitos Humanos divulgou Relatório inédito, em 2011, com base em 6809 mil denúncias de casos de violência física e psicológica, utilizando as seguintes fontes de informação: a) Disque Direitos Humanos; b) Central de Atendimento à Mulher; c)

¹ O termo é usado para designar a importância, e força, que o dinheiro movimentado pelos homossexuais possui em diversos países. Força que pode representar impactos significativos no âmbito econômico e político de determinadas regiões.

² BARROS NETO, N. Um homossexual é morto a cada 26h no Brasil, diz grupo gay. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 10 jan. 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/1212866-um-homossexual-e-morto-a-cada-26h-no-brasil-diz-grupo-gay.shtml>>. Acesso em: 15 jan. 2013.

Disque Saúde e Ouvidoria do SUS; e d) Contato direto com o Conselho Nacional de Combate à Discriminação e a Coordenação-Geral de Promoção dos Direitos de LGBT; nesta pesquisa, a maioria das vítimas é, também, de *gays*, sendo que o principal lugar de práticas homofóbicas é dentro de casa, praticados pela própria família (BRASIL, 2011).

Diversas denominações foram utilizadas para designar o homossexual em nossa sociedade, quase sempre abordando o homossexual masculino (*gay*); importante ressaltar que a homossexualidade feminina (lésbicas) foi silenciada nas produções que explanavam acerca da sexualidade em nossa história, como se elas não existissem, enquanto os documentos a respeito das relações envolvendo homens foi de fecunda produção. Isso ainda produz efeitos nos dias atuais, visto que em minhas observações foi fácil visualizar a menor quantidade de *blogs* lésbicos.

A maioria das denominações usadas para tratar dos homossexuais foi feita com o intuito de reprovar suas práticas, comportamentos e formas de ser, assim a homossexualidade é posta como “abominação; crime contra a natureza; pecado nefando; vício dos bugres; abominável pecado de sodomia; velhacaria; descarração; desvio; doença; viadagem; frescura” (MOTT, 2001, p. 41).

A consequência da não aceitação da homossexualidade trouxe como resultados para os homossexuais, principalmente para os *gays*, em variados contextos uma série de punições, entre elas: a decapitação nas normativas de Constantino no Império Romano; a morte por afogamento ou na fogueira durante a Inquisição promovida pela Igreja Católica; a morte nos campos de concentração nazistas durante a Segunda Guerra Mundial. A homossexualidade coloca em xeque uma série de padrões entendidos como inquestionáveis e que aparentam representar uma normalidade, ela desestabiliza, o que provoca desconforto (MOTT, 2001).

O cotidiano do brasileiro é permeado pela homofobia em várias escalas, sendo um tipo de preconceito “facilmente assumido pelos brasileiros” (MAGALHÃES; SABATINE, 2009, p. 121), seja nas piadinhas, nas agressões sofridas nas diferentes situações do dia a dia, na rejeição praticada pela própria família, já que não é raro encontrar relatos de *gays* que após revelarem sua orientação sexual só encontraram desprezo, repressão e violência (física e verbal) de seus parentes, como observado no *corpus* da pesquisa. As famílias têm dificuldades para aceitar quando descobrem que possuem parentes homossexuais, apenas supor que o filho é homossexual já causa desespero em muitos pais (PALMA; LEVANDOWSKI, 2008; BORRILLO, 2010).

Durante muito tempo a homofobia é/foi apresentada como algo natural por uma série de instituições, o que contribuiu para que esse preconceito fosse encarado com naturalidade pelo brasileiro. Essas observações são afetadas por questões discursivas, históricas, ideológicas e sociais. O sentimento de ódio frente aos homossexuais não surgiu do nada, mas é fruto de construções histórico-sociais, que afetam a produção dos discursos e documentos em nossa sociedade. Discurso que só é possível pela relação sempre existente com o já-dito, no caso, com os discursos de diferentes espaços como do Direito, Medicina, Psicologia e Religião que apresenta(va)m a homossexualidade como crime, doença ou pecado e que tantas vezes reverberam nos discursos dos sujeitos contemporâneos nas mais variadas posições discursivas e nos diversos contextos. Por ser vista como natural, qualquer questionamento acerca da certeza dessas colocações é vista com desconfiança.

Pensar as inscrições atuais acerca da homossexualidade, e conseqüentemente a respeito da homofobia, torna necessária uma breve retomada de como a relação entre pessoas do mesmo sexo foi vista em nossa sociedade Ocidental. Acredito que seja importante realizar tal abordagem para que se possa melhor refletir acerca dos discursos e sentidos de ódio que permeiam as inscrições em/por diferentes espaços e sujeitos, quando se toca na temática da homossexualidade, inclusive pelo próprio *gay*, como será observado nas análises empreendidas sobre o material coletado dos *blogs* estudados nesta pesquisa, visto que “os gays e as lésbicas não estão imunes a sentimentos homofóbicos. O ódio da sociedade contra os homossexuais pode transformar-se em ódio a si mesmo” (BARRILLO, 2010, p. 100-101).

O espaço religioso é o primeiro em que detive minhas observações acerca das considerações sobre a homossexualidade. Na tradição das três grandes religiões da atualidade, no caso Cristianismo, Islamismo e Judaísmo, a homossexualidade é apontada como abominação, tabu, pecado nefando, algo tão imundo que não merece nem ser pronunciado. Destaco que colocações da estrutura Cristã, nos primórdios, a homossexualidade era identificada como um pecado mais grave que o incesto ou o matricídio (MOTT, 2001, 2006). Os discursos de não aceitação produzidos por essas três religiões reverberam na sociedade Ocidental e são atualizados e repetidos, em diferentes contextos, nos dizeres rotineiros dos sujeitos, reafirmando marcas de ódio e violência que reforçam a compreensão da homofobia como algo natural.

Na estrutura cristã, a importância da reprodução sempre se fez presente, desde os idos tempos de Abraão e Isaac, os pais do povo hebreu. Os hebreus entenderam desde o início a importância de serem muitos para enfrentarem os outros povos, em meio a tudo isso o sexo foi entendido não como uma atividade que propicia o prazer, mas o meio reprodutivo que permitiria a expansão de um povo³, esse pensamento, afeta até hoje a forma com que os ocidentais relacionam-se com o sexo, atribuindo a ele, uma imagem de assunto tabu. Com isso, o sexo sem o fim reprodutivo não é aceito, todas as práticas sexuais que não objetivem a geração de novas vidas ou os métodos que impeçam tal fim são condenados e proibidos; com isso métodos contraceptivos e práticas como a masturbação ou o sexo entre dois homens são repudiados. Ainda hoje são retomadas as considerações de que a homossexualidade pode levar ao aniquilamento da sociedade humana, por não permitir a geração de novos indivíduos, esse argumento é muito usado pelos que são contrários aos direitos dos homossexuais (BORRILLO, 2010; MOTT, 2001).

Os discursos e sentidos acerca da homossexualidade nos espaços religiosos são distintos daqueles observados em contextos históricos e sociais anteriores, por exemplo, na Antiguidade Grega e Romana. Como pontua Borrillo (2010), na Grécia Antiga, a relação entre um homem mais velho e um jovem era como um rito de passagem para a vida adulta, uma iniciação, algo honroso, sendo que em muitos casos, os amantes eram postos lado a lado no campo de batalha, mas havia certa regulação das práticas, por exemplo, em Roma não era permitida a relação sexual entre classes sociais distintas, sendo que o homem deveria cumprir uma série de pontos sociais não deixando que a sociedade ficasse ‘comprometida’, por isso “na realidade, somente a bissexualidade ativa era bem vista e aceita em Roma” (BORRILLO, 2010, p. 46).

Com base nas considerações propostas por John Boswell, Mott (2001) afirma que é no século XIII que a homofobia ganha espaço dentro das concepções cristãs, por meio das colocações de Santo Tomás de Aquino, que inscreveu a homossexualidade como “*peccatum contra naturam*, e os homossexuais confirmados como provocadores

³ Temos uma questão maior, não apenas envolvendo uma noção lógica de que a reprodução seria benéfica, mas de obediência, visto que nas observações da tradição Cristã, o próprio Deus teria concedido uma bênção (e obrigação) aos homens no início de tudo, quando Adão e Eva ainda ocupavam o Jardim do Éden, posta nos seguintes termos, em Genesis (1:28) “frutificai, disse ele, e multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a. Dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todos os animais que se arrastam sobre a terra” (BÍBLIA, 1992, p. 49-50); deste modo, a multiplicação atenderia determinações vindas do próprio criador e que seu povo deveria atender prontamente.

de castigos divinos e toda sorte de calamidades à cristandade” (MOTT, 2001, p. 48, grifo do autor). Dessa forma, o dilúvio e a peste negra, por exemplo, seriam castigos divinos por conta da existência da homossexualidade. Com o *Liber Gomorrhianus*, de São Pedro Damiani de 1049, temos uma norma especificamente direcionada para esse pecado, sendo que são propostas punições e diretrizes específicas para o abandono de tal prática. A sodomia era muito praticada na Idade Média nos ambientes religiosos, inclusive sendo nomeada como “*vício dos clérigos*” (MOTT, 2001, p. 49, grifo do autor).

É na Idade Média que a homofobia ganha mais força, principalmente pela existência, cada vez maior, de *gays* nos espaços religiosos, o que levou a nomeação de “*vício dos clérigos*” (MOTT, 2001, p. 49, grifo do autor); além disso, o aumento populacional na Europa era visto como prioridade. Nesse período, ocorreu a Inquisição Católica, evento que perseguiu e condenou milhares de pessoas, inclusive homossexuais; além disso, ela eliminou quase toda literatura que versava acerca da homossexualidade e perseguiu implacavelmente os homossexuais (VIEIRA, 2011).

A homofobia silenciou as vítimas homossexuais da Segunda Guerra Mundial, graças a ela não foi possível compartilhar e ouvir os depoimentos dos homossexuais, visto que as leis homofóbicas não permitiam tal possibilidade, o que atrapalhou na observação pública de suas experiências, só depois é que isso foi possível. Na França, as leis contra os homossexuais impunham o silêncio aos sobreviventes da Segunda Guerra Mundial, só em 1982 as coisas mudam nesse país (ELIDIO, 2010).

Na Alemanha do regime nazista, os homossexuais arianos foram submetidos a processos de ‘recuperação’ de sua orientação sexual. Aos *gays* cabia à obrigatoriedade de relacionar-se sexualmente com mulheres em uma tentativa de cura. A ausência de resultados dos tratamentos empregados levou muitos homossexuais a serem castrados. A simples suspeita da homossexualidade já era o suficiente para uma prisão, o ápice das perseguições ocorreu com a criação da Agência Central do *Reich* para Combater à Homossexualidade e o Aborto. Milhares de homossexuais foram enviados para campos de concentração e lá foram mortos, mas não foi apenas nesses espaços que os homossexuais foram assassinados, mas também nas prisões, nos testes como cobaias ou nas mãos de outros prisioneiros, já que não era rara a agressão desses contra os que

detinham o triângulo rosa⁴. No pós-guerra não coube aos homossexuais indenizações, pois na legislação vigente eles eram passíveis de perseguição, da mesma forma, não foi possível requerer asilo político nos Estados Unidos da América (EUA) e em alguns países, pois eram considerados doentes (BORRILLO, 2010).

No Brasil, com a chegada dos colonizadores portugueses vieram também valores homofóbicos, inclusive, os navegantes entendiam que a culpa das fortes tempestades ou pestes enfrentadas no caminho até nosso país eram culpa dos homossexuais a bordo ocorrendo várias agressões e ameaças de jogá-los ao mar durante o percurso. Os portugueses depararam-se com os indígenas que iam contra uma série de normas estabelecidas, por exemplo, praticavam o incesto, a sodomia e andavam nus. A Igreja Católica temia que houvesse um incentivo da experimentação de tais práticas; além disso, foram mandados para o Brasil alguns sodomitas degredados, o primeiro em 1549 foi enviado para Pernambuco⁵, no caso, Estêvão Redondo, o temor levou o Rei a autorizar que os capitães-mores tivessem autoridade para condenar a morte os homossexuais, além de três outros crimes, no caso: heresia; aliar-se a invasores estrangeiros ou com os índios; e a fabricação de moedas falsas. A necessidade da expansão demográfica dos brancos no país, também incentivou o combate severo contra a homossexualidade (MOTT, 2001, 2006).

Os espaços do Direito e da Medicina logo passaram a julgar e versar sobre a homossexualidade. O termo homossexualismo é fruto desse processo no espaço médico, usado para designar a relação entre pessoas do mesmo sexo, mas classificando-a como uma patologia, por isso o uso do sufixo 'ismo'. Essa ideia no espaço médico esteve vigente por muitos anos e ainda é retomada, muitas vezes, pelos que entendem que ser homossexual é ser doente, inclusive profissionais da área de saúde. Destaco que essa noção foi abolida pela Organização Mundial de Saúde (OMS) (MOTT, 2006).

O termo homossexualismo aparece, pela primeira vez, em dizeres de psicólogos alemães no final do século XIX, enquanto material impresso, o primeiro a conter a palavra homossexual foi um panfleto de 1869, escrito de forma anônima pelo romancista Karl-Maria Kertbeny, em argumentação contra uma lei da Prússia que era contra os homossexuais (sodomitas). No ano de 1879, Gustav Jager usou o termo

⁴ Na época do Nazismo, cada membro de grupos perseguidos pelos nazistas deveria usar, em sua roupa, uma marca que permitisse a rápida identificação do motivo da sua prisão. Aos homossexuais cabia o uso do triângulo rosa.

⁵ Chamada de Nova Lusitânia.

homossexual no seu livro “Die Entdeckung der Seele” e em 1886 foi a vez de Richard von Krafft-Ebing fazer uso em seu livro “Psychopathia Sexualis”; nessa obra, Richard lista a homossexualidade como um desvio. Essa marca apareceu em muitos outros espaços da Medicina, por exemplo, no primeiro Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais de 1952, sendo retirado em 1973 (VIEIRA, 2011), mas apenas em 1974 é que a *American Psychiatric Association* retira a homossexualidade da lista de doenças mentais. Alguns autores entendem que a conquista de direitos por parte de grupos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT) coloca medo nos sujeitos dos grupos dominantes, apontados como aqueles que ameaçam as estruturas basilares da sociedade (BORRILLO, 2010).

Apesar de muitas nações já não considerarem a homossexualidade como crime, ela ainda é punida em 78 países⁶, alguns, inclusive com a pena de morte, como apresentado no relatório publicado pela Associação Internacional de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans e Intersexos (ILGA) em 2012, ainda temos discursos que perpetuam o entendimento de que a homossexualidade afronta regras morais e sociais, podemos tomar como exemplo o caso brasileiro. A década de 1960 foi fértil em mobilizações de diferentes públicos e setores em vários países do Ocidente, sendo que centenas de homossexuais passam a mobilizar-se contra o preconceito e as repressões. O campo da jurisprudência em suas variadas áreas identificava a homossexualidade como crime passível de variadas penalidades e intervenções por parte dos agentes da lei. No cenário do final da década de 1960, temos um acontecimento histórico, *Stonewall*⁷, evento marcante para os homossexuais estadunidenses, pois a partir dele é que eles passaram a não aceitar passivamente as agressões e o preconceito, influenciando os homossexuais de outros países (VIEIRA, 2011).

Desde a década de 1970, muitos países passaram a mudar a forma de tratamento dada aos homossexuais, observando suas carências, necessidades e tomando medidas contra o preconceito, sendo alguns fatores importantes para esse ganho de espaço: a) a

⁶ ARAÚJO, R. Dia Mundial contra Homofobia: 40% dos países membros da ONU criminalizam relações homoafetivas. **Revista Fórum**, São Paulo, 17 maio 2012. Disponível em: <<http://revistaforum.com.br/blog/2012/05/dia-mundial-contrahomofobia-40-dos-paises-membros-da-onu-criminalizam-relacoes-homoafetivas/>>. Acesso em: 28 jan. 2013.

⁷ Gays, lésbicas e travestis reagiram contra os ataques da polícia ao bar *The Stonewall Inn* em Nova York; esses agrediam e extorquiam os clientes do bar (não apenas desse bar), qualquer motivo era usado para uma batida no bar, até que os homossexuais se revoltaram contra a discriminação e intolerância, o resultado foi a tomada de atitude de muitos gays de afirmar o orgulho por ser gay e a não aceitação de discriminação, a data da revolta é uma data importante para os militantes gays.

mobilização política dos homossexuais; b) os novos posicionamentos de entidades científicas que resultaram na retirada da homossexualidade do espaço das doenças dentro de vários documentos oficiais⁸, como a Classificação Internacional de Doenças (CID)⁹ e do *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*¹⁰ (DSM); c) e do código penal. Em contrapartida, o preconceito ganha força com o advento da *Acquired Immunodeficiency Syndrome* (AIDS)¹¹, mas o fato é que a organização política dos homossexuais permitiu colaborações valiosas na disseminação de informações sobre a doença e o vírus *Human Immunodeficiency Virus* (HIV). Na década de 1990, crescem as mobilizações dos *gays* em diversas frentes, o que resulta no ganho de força das Paradas do Orgulho *Gay*, e em alguns países com a promoção de leis que passaram a assegurar direitos civis, mas muitas lutas ainda são empreendidas pela conquista de direitos, como assegurar o direito a herança em caso de morte do parceiro. No Brasil, um marco foi a criação da Parada *Gay* de São Paulo (VIEIRA, 2011).

No Brasil, a questão do HIV e da AIDS tiveram forte impacto na vida dos homossexuais, fosse no aumento do preconceito, ou mesmo com o aumento das discussões acerca da sexualidade e da homossexualidade, sendo que os *gays* tiveram papel chave no trabalho de discussão, com a comunidade *gay*, sobre a doença e o vírus, recebendo apoio do Ministério da Saúde. Esse preconceito incidiu em denominações que marcavam a AIDS como Câncer *Gay* ou Peste *Gay* (SANTOS, 2007), como se a doença só contaminasse homossexuais, o que era uma visão incorreta, mas que ainda afeta as observações de uma série de pessoas, como se todo homossexual fosse portador ou estivesse fadado a falecer em decorrência do vírus da AIDS, o que resultou no aumento do preconceito contra os *gays*.

Foi com a questão da AIDS que veio a tona a importância de refletir acerca da sexualidade em sua amplitude, por conta da doença é que o homossexual acaba obtendo ‘espaço’ para ser ouvido e discutir várias questões no espaço político, mas é importante dizer que a doença reforçou preconceitos. Nos EUA, o movimento político, na época em que o país era governado pelo Partido Republicano, simplesmente ignorou os *gays* e

⁸ Desde 1973 a *American Psychiatric Association* não considera a homossexualidade como uma doença; seguindo o mesmo caminho, em 1975, a *American Psychological Association* adotou a mesma postura; e em 1990 a OMS deixa de classificar a homossexualidade como uma doença dentro da CID.

⁹ O Dia Internacional contra a Homofobia é comemorado em 17 de maio por ser a data na qual a OMS excluiu a homossexualidade da CID em 1990.

¹⁰ Em língua portuguesa também é conhecido como Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais.

¹¹ Também nomeada como Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (SIDA).

usou a AIDS para atacá-los; o resultado foram ações com menos participação estatal e com maior ação direta por parte dos próprios militantes. A relação Estado e sociedade civil, em que os homossexuais dos movimentos *gays* foram essenciais servem como exemplo para outros países na luta contra o HIV (SANTOS, 2007).

Na homofobia o outro é posto como menor, fora de padrão, não natural, sua diferença é o motivo de sua classificação como doente, imundo e maldito. O homossexual é o estranho, o de fora, o que não cabe identificação ou proximidade, pois é anormal, conforme podemos observar na definição de homofobia de Borrillo (2010, p. 22):

O termo 'homofobia' designa, assim, dois aspectos diferentes da mesma realidade: a dimensão pessoal, de natureza afetiva, que se manifesta pela rejeição dos homossexuais; e a dimensão cultural, de natureza cognitiva, em que o objeto da rejeição não é o homossexual enquanto indivíduo, mas a homossexualidade como fenômeno psicológico e social. Essa distinção permite compreender melhor uma situação bastante disseminada nas sociedades modernas que consiste em tolerar e, até mesmo, em simpatizar com os membros do grupo estigmatizado, no entanto, considera inaceitável qualquer política de igualdade a seu respeito.

Importante considerar que questões políticas estão em jogo, quando se pensa o que levou a ser entendido como anormal a homossexualidade em nossa sociedade, que classifica(va) e marca(va) o heterossexual como normal e o homossexual como não-natural. O heterossexual como o que rege padrões e determina o que é correto e incorreto de um comportamento sexual, classificação marcada e feita de diferentes formas, dependendo de quem a realizava, se o médico, o religioso, etc. (BORRILLO, 2010).

A homofobia é marcada por sua complexidade estrutural: trata-se de uma violência em escalas variadas, vivenciada no cotidiano, indo das piadas sobre ser *gay*, passando pelos regimes de governo que perseguem, prendem e matam os homossexuais. É usual encontrarmos pais desesperados com a possibilidade de terem filhos homossexuais. A homofobia se faz presente no medo da homossexualidade ser vista como natural, equivalente às relações heterossexuais, o medo do fim de uma hierarquia sexual (BORRILLO, 2010); por tudo isso, a homofobia é uma forma de preconceito que circula e é praticada com intensidade e naturalidade por inúmeros sujeitos .

A palavra homofobia começou a circular em dicionários franceses na década de 1990, mas parece que sua origem é bem anterior, nos EUA da década de 1970. A

homofobia interpela, muitas vezes, os próprios homossexuais, já que futuramente veremos esse preconceito inscrito em diferentes recortes analisados no desenvolvimento da pesquisa.

A forma como a homossexualidade foi observada nas sociedades humanas não foi a mesma durante toda nossa história, o contexto histórico social e as condições de produção influenciaram nos discursos e sentidos acerca do homossexual. Atualmente, várias ações têm sido realizadas no intuito de diminuir a discriminação histórica imposta a variadas minorias, como os homossexuais e negros; apesar disso, é possível observar o aumento e a realização de novas práticas discriminatórias em vários países, incluindo o Brasil. O preconceito contra os homossexuais afeta a forma como eles relacionam-se com uma série de temáticas, como a questão do sexo, em que parte das vezes é complicado obter informações com os pais, amigos e professores, o que afeta a forma como os adolescentes relacionam-se com o sexo e outras questões importantes.

Com a Revolução Francesa, temos o fim das punições contra os homossexuais; mas depois, na França como em outros países, a homossexualidade é posta como objeto de debate de campos como o do Direito e da Medicina. O discurso médico e da ciência reanima os ataques homofóbicos, revestindo-os de cientificidade, e marcando a homossexualidade como doença, passível de tratamento (BORRILLO, 2010).

Pensando a questão das condições de produção, acredito ser importante considerá-las para pensar a homossexualidade, os sentidos e formas com que foi observada em nossa história, as maneiras com que foi reprimida e punida, e problematizar como ela foi entendida no decorrer da história.

A homossexualidade permitiu uma revisão profunda do que é entendido como normal nos pressupostos acerca da sexualidade. Sodoma e Gomorra, como os grandes símbolos da homossexualidade no Mundo Antigo, foram destruídas atestando a condenação de Deus. A própria destruição dessas cidades teria outras motivações que eram consideradas pecados graves; dessa forma, a associação da sodomia com a homossexualidade foi proveniente de erros históricos (MOTT, 2001).

No país, uma série de ataques homofóbicos notabilizaram-se, como o caso da morte do adestrador de cães Edson Nérís da Silva, em 2000, por um grupo de *skinheads* na Praça da República em São Paulo; o motivo: andar de mãos dadas com outro homem, o que provocou repercussão na opinião pública (SANTOS, 2007), mesmo assim, novos casos de intolerância continuam a ser registrados no país.

Nos últimos anos a Igreja Católica tem, sistematicamente, se desculhado com vários grupos por ações cometidas no passado, menos com os homossexuais, na verdade ocorre o inverso, visto que ela insiste nas justificativas da manutenção de preceitos homofóbicos, usando como base de argumentação a tese de que não pode alterar preceitos estipulados pela Bíblia e por documentos provenientes de estudos de pensadores católicos (BORRILLO, 2010).

Após essas considerações históricas, retomo que o estranhamento sobre o entendimento de que homossexuais não são normais acompanhou-me até a universidade, principalmente frente ao crescimento de notícias de ataques homofóbicos no país e o contato com novos textos que permitiram novas formas de olhar várias questões. Com a finalização da minha graduação, tive a possibilidade de pensar na realização do Mestrado na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e resolvi transformar os questionamentos, que tanto agastavam minha mente e que me acompanharam pela vida, em um projeto de estudo, inclusive por considerar a relevância social da temática. Com os textos de sujeitos-blogueiros - que discursivizam sentidos sobre a homossexualidade - é possível observar os rastros de sentidos sobre experiências cotidianas com questões como as relações amorosas e a homofobia.

Os *blogs* do tipo diário foram escolhidos por serem espaços expressivos de inscrição e por permanecerem, mesmo depois de alguns anos, como lugares que ainda despertam interesse e grande uso por parte dos internautas. Para a realização da pesquisa, entrei em uma quantidade considerável de *blogs* do tipo diário de brasileiros, escritos em língua portuguesa.

Além deste capítulo introdutório, o trabalho é composto por mais cinco capítulos, sendo que três são teóricos, um contém as análises empreendidas sobre os três *blogs* analisados, e encerro com as considerações finais.

No capítulo 2, foram desenvolvidas discussões teóricas acerca da Análise do Discurso de filiação francesa (AD), retomando sua constituição histórica e principais conceitos teóricos, mobilizando estudos de autores como Michel Pêcheux e seus seguidores. O intuito foi obter contribuições para pensar os movimentos de repetição e rompimento discursivo que envolve a cristalização de sentidos, a memória e o esquecimento, além, da abordagem da escrita e da leitura como gestos que passaram por mudanças na contemporaneidade devido as (novas) condições de produção, o que acarreta em outros sentidos durante a realização dessas atividades.

O capítulo 3 possui como enfoque a discussão metodológica da pesquisa, abordando a construção do *corpus* do trabalho, o detalhamento das fases de seleção dos *blogs* que compõe a pesquisa e a apresentação da metodologia em AD, indicando suas particularidades e delineamentos, tomando como base autores como Eni Orlandi, Suzy Lagazzi e Freda Indursky. Essa parte da Dissertação é essencial, pois permite a compreensão das condições de análise, discussão e estruturação do trabalho, fornecendo um direcionamento de como esses processos ocorrem com a AD.

Com o capítulo 4, ocorrem às discussões sobre os *blogs* do tipo diário, espaços discursivos que são o objeto de trabalho desta pesquisa, nos quais se observa as inscrições de sujeitos homossexuais sobre práticas de homofobia, mobilizando autores como Adriana Amaral, Denise Schittine, Mariana Tavernari, Raquel Recuero e Sandra Portella Montardo. Neste capítulo, o desenvolvimento histórico dos *blogs* é detalhado, seu desenvolvimento e importância como espaço discursivo que permite a circulação de uma série de dizeres, promovendo a emergência de outras formas de significação e de sentidos, ao possibilitar a postagem de textos de forma simples, garantindo a manifestação de muito mais dizeres sobre a questão da homofobia, inclusive relatos que não foram publicados em outros lugares.

As análises compõe o capítulo 5 e são organizadas por entradas discursivas, em que temos a reunião de um total de 29 recortes provenientes de três *blogs*¹², em que se explora as inscrições sobre a homofobia apresentadas nesses espaços discursivos, analisando as movimentações dos sujeitos-navegadores para falar sobre formas de violência, a partir de relatos de experiências, inscrições dos sujeitos como vítima da homofobia ou dizeres que estabelecem proximidade com marcas de preconceito contra o *gay* afeminado. Destaco a repetição e o rompimento afetando os sentidos produzidos pelos sujeitos-blogueiros e sujeitos-leitores¹³, em que em determinados momentos se observa a não aceitação do preconceito, mas, também, sua reafirmação, o que resulta em alguns momentos em inscrições homofóbicas pelos sujeitos que constroem esses espaços discursivos. O capítulo 6 apresenta as considerações finais, pontos que são

¹² A Dissertação conta com 37 recortes analisados sendo que 8 foram realizados nos capítulos 2 e 4 de modo que o leitor da pesquisa possa já ter uma noção de como será desenvolvido o trabalho de análise do *corpus*.

¹³ Neste trabalho, a noção de sujeito-leitor tem como perspectiva abordar o sujeito que escreve comentários nos *blogs* e interage com o sujeito-blogueiro atuando na construção dos textos existentes nos *blogs*.

retomados para encerrar o trabalho, seguido das referências utilizadas para construir este trabalho e os anexos da pesquisa.

2. ANÁLISE DO DISCURSO: INSCRIÇÕES CONCEITUAIS



“As cores do porão estavam incrustadas na pele. A mim não incomodava, sentia até um pouco de orgulho; eram também as cores do autoengano.”

Herta Müller.

2.1 Os movimentos da Análise do Discurso de filiação francesa

O trabalho de análise e pesquisa empreendido nesta Dissertação é realizado com base na teoria conceitual da Análise do Discurso de filiação francesa (doravante AD). Apresento os conceitos utilizados no decorrer do trabalho, acrescidos da reflexão acerca do processo de constituição histórica da teoria utilizada na pesquisa, visto que a história não é cabível de ser ignorada, já que ela constitui o discurso, a língua (FERREIRA, 2000) e, dessa forma, se observa a importância da retomada da constituição histórica da teoria. A realização desta pesquisa exigiu a retomada de autores e pesquisas da AD, a abordagem do desenvolvimento histórico da teoria científica e os conceitos utilizados nessa Dissertação para refletir acerca do *corpus* selecionado.

O período de surgimento da AD é complexo, tendo seu início no final da década de 1960, período histórico marcado por mudanças e transformações mundiais no campo científico, político e social. As transformações no campo das Ciências Sociais foram influenciadas pelos movimentos dos campos político e social, sendo maio de 1968 o auge dessa década transformadora (SILVEIRA, 2006). Esse evento foi um momento político importante na história francesa, e do mundo ocidental; nele, tivemos estudantes de universidades francesas, entre elas a *Sorbonne*, protestando contra uma série de questões, como as diretrizes políticas do país e um sistema educacional fechado e rígido, as manifestações foram reprimidas com violência pelo presidente da época, o General Charles De Gaulle.

A década de 1960 é marcada como o auge do período Estruturalista na França, nela residiam as bases de reflexão de uma grande parcela dos intelectuais desse período histórico; a consequência disso foi o apagamento do sujeito desses estudos, pois o importante era “normatizar o sujeito, já que era visto como o elemento suscetível de perturbar a análise do objeto científico, que deveria corresponder a uma língua objetivada, padronizada” (FERREIRA, 2010, p. 19), eliminando o que pudesse desestabilizar as certezas, os padrões, assegurando uma (falsa) sensação de estabilidade. O sujeito estraçalha o ideal de pretensa neutralidade que permeia o fazer científico.

Importante destacar a trajetória de Michel Pêcheux, pesquisador que nasceu em 1938 na cidade francesa de Tours, vindo a falecer em Paris no ano de 1983, tendo trabalhado como cientista do *Centre National de la Recherche Scientifique* (CNRS). Pêcheux foi o fundador da teoria da Análise do Discurso de linha francesa “que teoriza

como a linguagem é materializada na ideologia e como esta se manifesta na linguagem” (ORLANDI, 2005, p. 10), uma teoria inovadora e subversiva (PÊCHEUX, 2006), principalmente se considerarmos seu período de florescimento, marcado como emblemático pela intelectualidade francesa.

Pêcheux integra uma geração nomeada como althusseriano-lacanianiana, que se constituía “em torno do sistema de pensamento dos dois grandes mestres” (FERREIRA, 2008, p. 136), no caso Jacques Lacan e Louis Althusser. É possível destacar que Pêcheux foi “um filósofo interessado por máquinas, dispositivos e aparelhos, e de todos os que lhe eram próximos” (FERREIRA, 2008, p. 137), e isso tornou mais forte a possibilidade de colaboração que o pensador francês teve na construção desta pesquisa, que apresenta *corpus* e discussões relacionadas com materialidades provenientes do ciberespaço. Pêcheux elaborou uma disciplina/teoria antipositivista e antiformalista. Trata-se de uma estrutura teórica fundamentada em três áreas do conhecimento: a Linguística, o Marxismo, com seu materialismo histórico e a Psicanálise, estruturando-se nos estudos dos respectivos mestres, Ferdinand de Saussure, Karl Marx e Sigmund Freud, da (re)articulação entre os conceitos de tais pensadores ocorreu o aparecimento de novos conceitos e possibilidades de pesquisa. De acordo com Malidier (2003), é com a publicação em 1969 de “Análise Automática do Discurso”, de Pêcheux, que temos a reflexão inicial do discurso.

Com a filiação à teoria marxista, Pêcheux obteve ‘força’ para se deslocar dos laços das ideias formalistas e positivistas que algumas vezes o ‘atavam’. É com a aproximação das ideias/reflexões de Louis Althusser que Pêcheux consegue iniciar um trabalho de pensar as formas de estruturação da teoria da AD. Importante destacar que Pêcheux mantinha certa independência teórico reflexiva de Althusser. Pêcheux leva em conta as condições de produção do discurso e a história para pensar o sujeito e o discurso. Temos, ainda, a marca que o sujeito não apresenta relações que são ‘representações’, mas experiências vivenciadas, cotidianas, históricas (ZANDWAIS, 2009). De acordo com Gregolin (2004), as postulações teóricas de Althusser foram retomadas por Pêcheux para pensar alguns conceitos, entre eles, a própria noção de sujeito.

A afirmação de que Michel Pêcheux mudou o pensamento sobre a linguagem não é um exagero (ORLANDI, 2011a), teórico que, nas palavras de Scherer e Taschetto (2005), tomando por base as considerações de Denise Malidier, era “um operário

incansável” (SCHERER; TASCHETTO, 2005, p. 120). Seus escritos permitiram uma alteração profunda da relação da Linguística com o campo das Ciências Humanas e Sociais na França do século XX. Foram as contribuições de Pêcheux que permitiram que essas Ciências observassem a linguagem não mais de forma indiferente. Em seu começo, a AD foi usada “como verdadeiro ‘Cavalo de Tróia’ a tumultuar, especialmente, o campo das Ciências Sociais da época, consideradas positivistas” (FERREIRA, 2008, p. 142).

No Brasil, as pesquisas acerca da AD cresceram muito. Os estudos envolvendo os ensinamentos de Michel Pêcheux encontraram um terreno fértil para suas realizações, mesmo após tantos anos de sua morte, sendo possível afirmar que “Michel Pêcheux, no Brasil, não ficou sozinho com seus problemas” (DIAS, 2005, p. 117). No Brasil, é cultuada e fomentada “a herança que recebemos da França” (FERREIRA, 2008, p. 140), as referências são preservadas, mas é mantida uma independência nas pesquisas e desenvolvimentos conceituais. Em solo brasileiro, a AD permaneceu efervescente. Os analistas do discurso brasileiros estão interessados não em um culto desenfreado a deuses mortos, mas a realização do desenvolvimento e fomento da teoria no país, de forma a ser pensada para satisfazer a busca de resultados (FERREIRA, 2008), ainda mais, em outro país e contexto distintos dos quais Michel Pêcheux desenvolveu sua teoria. Não se trata do recebimento de um autor e de suas ideias, mas do estabelecimento de uma relação com sua obra em diálogo com as tradições e questões de pesquisa dos brasileiros (ORLANDI, 2011a), como bem estabelece Ferreira (2008, p. 138):

O Brasil é, então, hoje, pode-se dizer, a atual morada da Análise do Discurso da vertente francesa. Um fato curioso e que ilustra bem o que venho tentando traçar como panorama atual da Análise do Discurso na França é o comentário que me fizeram, quando eu disse lá na França que trabalhava na linha de Michel Pêcheux. Uma colega, então, me pergunta: ‘então, ele sobrevive no Brasil?’. Ao que respondi: ‘não, ele não sobrevive, ele vive’. E vive e continua teoricamente uma referência forte, graças ao trabalho consistente dos analistas brasileiros, à solidez do material conceptual, que continua sendo acionado nas análises, e à renovação metodológica encontrada para fazer frente aos novos discursos.

Diante de tais considerações, não chega a ser surpreendente quando analistas do discurso concluem que trabalhar com os textos de Pêcheux é sempre algo interessante, já que a cada (nova) leitura de seus escritos temos (novos) sentidos em jogo; isso tem

um efeito complexo em quem empreende estudos nos textos deste autor: ao mesmo tempo em que fascina, também provoca incerteza e incômodo (SILVEIRA, 2006).

Trabalhar com a AD é atuar com uma teoria que observa os deslizamentos, a falta e a incompletude como parte do processo discursivo, uma disciplina em permanente experimentação e (re)construção, portanto, é complicado “ficar indiferente à Análise do Discurso: ela perturba, desinstala, desacomoda, inquieta” (FERREIRA, 2008, p. 142), sendo trabalho do analista do discurso atuar desfazendo as pretensas ‘evidências’ que marcam a linguagem. A maneira com que a AD trabalha com a linguagem é revolucionária, ficando “bem distante do aspecto meramente formal e categorizador a ela atribuído por uma visão estruturalista mais redutora em sua origem” (FERREIRA, 2010, p. 19).

Na ordem da linguagem, as relações de mediação entre os sujeitos e a realidade natural e social são suscetíveis a tensões e conflitos, já que enunciar é uma prática política. Dessa forma

[...] tomar a palavra é um ato social com todas as suas implicações: conflitos, reconhecimentos, relações de poder, constituição de identidade, etc [...] pois todo falante ocupa um lugar na sociedade, e isso faz parte da significação (ORLANDI, 1988, p. 17).

Ressaltam-se os embates promovidos pelas disputas por espaços de dizer, mecanismo este que rege o discurso. A AD não concebe a linguagem como estrutura perfeita, em que as relações são tranquilas, Pêcheux reforça essa ideia, ao entender que a linguagem não é transparente (MITTMANN, 2010). Durante muito tempo a crença existente era de que a língua, assim como a linguagem, era um instrumento perfeito, sem falhas, sendo que ela refletiria a realidade, de forma direta, sem considerar, por exemplo, que a polissemia constitui a linguagem (MITTMANN, 2008).

É desafiador pensar a linguagem como um espaço em que a ambiguidade e o equívoco estão presentes, são constitutivos, os deslizamentos do sentido integram-na (DIAS, 2005). Desse modo, é significativo pensar que em uma tentativa desesperada de garantir a segurança no campo da linguagem é que se deseja/procura colar as palavras às coisas e aos sentidos (LAGAZZI-RODRIGUES; BRITO, 2001). Pode-se entender a linguagem como um sistema repleto de ambiguidades, sendo o discurso um espaço em que ocorre tal relação, por meio da “linguagem que o sujeito se constitui e é também pela linguagem que ele elabora sua relação com o grupo” (ORLANDI, 2006a, p. 25).

Para a teoria da AD, a língua está sempre em movimento, e nela sempre temos a falta, escapando de uma reflexão na qual a informação é transmitida de forma direta; já que a língua é afetada pelo ideológico e político (FERRAREZI, 2012), ela pode ser entendida “como território profundo, jardim sem limites” (SCHERER, 2007, p. 351). Existe uma sensação de que a palavra pode colocar ordem a um universo (naturalmente) de/em caos, fragmentado, disperso, diverso, ideia que é ilusória. A unificação desejada é uma ambição aspirada, ignorando-se as diferenças que constituem nossa sociedade, mesmo com as permanentes demonstrações de sua constante multiplicidade exposta (ERNST-PEREIRA, 2005).

Como o político que integra todo discurso, ele está na linguagem. Orlandi arremata essa questão com um exemplo: “quando a classe média bloqueia ruas para as festinhas de seus filhos é ecologismo, está protegendo o espaço de circulação; quando é o pobre é vandalismo, é coisa marginal, é desordem, impede o trânsito. Quem decide esses sentidos? O político” (ORLANDI, 2001a, p. 30).

A AD tem uma importância como instrumento e método de análise da linguagem, ela “não trabalha com a linguagem enquanto dado, mas como *fato*. Ela tem sua origem ligada ao político” (ORLANDI, 2008, p. 31, grifo do autor). Partindo dessa compreensão, acredito ser adequado o detalhamento do bojo teórico que mobilizo para pensar e analisar os recortes desta pesquisa. Importante destacar nessa primeira parte do trabalho, a questão histórica da AD e essa concepção da língua e da linguagem como lugares nos quais a transparência não é possível.

2.2 Questões conceituais: reflexões teóricas

Retomando os postulados teóricos da AD, busca-se construir um mapa conceitual que exponha os conceitos que retomarei para a realização das análises que aqui proponho trabalhar.

Antes de realizar o detalhamento teórico considero vital citar outros trabalhos desenvolvidos com base na estrutura analítica, metodológica e teórica da AD que já discutiram as questões referentes à homossexualidade (DEZERTO, 2008; FERRARI, 2011, 2012; LIMA, 2007; MOREIRA; BASTOS; ROMÃO, 2012; SOARES, 2006; SOUZA, 1997) e a rede eletrônica (DIAS, 2004, 2008a; GALLI, 2008, 2009, 2011a, 2011b; MITTMANN, 2008; ROMÃO, 2004a, 2004b, 2005, 2006, 2011a, 2012), nos

quais, diferentes conceitos e *corpus* foram mobilizados. Este trabalho toca em ambas as questões e busca contribuir para essa discussão no âmbito da AD discutindo a homofobia em *blogs gays*.

O objeto da AD é o discurso, entendido como efeito de sentidos entre interlocutores, “um verdadeiro nó, lugar teórico onde se intrincam questões sobre a língua, a história, o sujeito” (MALDIDIER, 2003, p. 15). O discurso é identificado como processo, o que ocorre por conta das falhas que permitem o deslizamento e a emergência do outro, sendo observado no movimento tenso entre a língua e a história. O discurso é o “ponto de partida de uma ‘aventura teórica’” (FERREIRA, 2010, p. 18), que nunca é linear, mas tortuosa e inquietante, por isso tão instigante para pesquisadores e/ou analistas do discurso.

Não existe a pretensão, por parte da AD, em instituir-se como especialista da interpretação na busca de dominar ‘o’ sentido, mas permitir a construção de procedimentos expondo o olhar do leitor a níveis opacos (PÊCHEUX, 1999). Ela entende os sentidos como plurais e não óbvios. Por isso, não se tem um sentido fechado, fixo, único, o que de forma alguma significa atestar que o sentido pode ser qualquer sentido. Portanto:

[...] não se trata de uma leitura plural em que o sujeito joga para multiplicar os pontos de vista possíveis para melhor aí se reconhecer, mas de uma leitura em que o sujeito é ao mesmo tempo despossuído e responsável pelo sentido que lê (PÊCHEUX, 1999).

Para a AD, o discurso e a língua são estruturas dispersas, mas existe a ilusão de que são passíveis de controle; da mesma forma, a língua é marcada como um local de promoção da união, naturalização que afeta as discursividades do sujeito, visto que marca uma forma como se sentido e sujeito não pudessem ser apresentados de outras maneiras, caminhando em uma ideia de que X não poderia ser Z, Y ou W, ou como apresentado nas palavras de Pêcheux uma “lógica do ou... ou” (PÊCHEUX, 2006, p. 50).

A interpretação é atravessada por um processo de produção de sentidos que estão em um permanente jogo de dois possíveis caminhos: i) sentidos dominantes, aqueles que são naturalizados pela ideologia, em um dado contexto, e grifados como passíveis de identificarem a realidade; ii) sentidos de resistência que realizam

movimentos de fissura e oposição ao observado como estabelecido, abrindo uma rachadura no estabilizado.

É natural do discurso a repetição, trata-se do já-lá, funcionando na “forma de fluxo e refluxo” (MITTMANN, 2010, p. 86); a cada nova repetição, temos a atualização, além da particularidade que é forjada. É na/pela dispersão que o discurso é produzido. No discurso não ocorre uma troca informacional automática, já que o conhecimento não é acessado de forma igualitária por todos os sujeitos no processo discursivo.

Atuar com os processos de contradição da linguagem implica no estudo da heterogeneidade que marca essas considerações e diferenças. Para os pesquisadores da AD é na tensão entre o estável e o que escapa que a discursividade é possível (PÊCHEUX, 2011). Não temos uma fronteira delimitada entre o que está dentro e fora do discurso. O exterior integra o discurso. A constituição múltipla caracteriza-o, ele é constituído por diferentes fragmentos que são dispersos, em diferentes movimentos (confronto ou união) ocorre a aproximação de tais fragmentos, afetados pela ideologia, e que não são reunidos de forma aleatória, já que a ideologia ali é atuante (MITTMANN, 2010).

Propor discussões acerca do sujeito nas tramas teóricas da AD é abrir mão de certezas, lugares estabilizados, é trabalhar com algo instigante, visto que ele é figura central dessa disciplina, tanto que o próprio Michel Pêcheux detinha uma atenção especial diante desse conceito que tanto o intrigava. Falar de sujeito na AD é escapar do sujeito marcado “por descrição física, forma empírica e categorias regidas pela cor, classe, idade, etnia, etc; tampouco o sujeito afetado pelo afã de assenhorar-se conscientemente de suas palavras” (ROMÃO, 2009, p. 331).

Atua-se, na perspectiva de um sujeito que, permanentemente, se movimenta, desloca, filia, rompe, resiste no processo discursivo. Trata-se de um sujeito que é “interpelado em sujeito pela ideologia e constituído pela atualização de redes de filiação da memória do já-dito” (ROMÃO, 2009, p. 332). Destaca-se o interesse de pensar o sujeito, em um momento histórico complexo, em um contexto, que “se encontra, nos tempos da política neoliberal e da globalização” (CORACINI, 2011, p. 28).

Rememorando a constituição histórica da teoria aqui utilizada, destaca-se que nas questões de questionamentos levantados estava a do sujeito cartesiano, aquele que é dono de seu dizer e vontade. Na AD, essa concepção é constantemente questionada, já

que se entendia que tal observação não cabia mais. O sujeito é constituído na linguagem (FERREIRA, 2007). Trabalhando com a questão dos *blogs* é possível colocar em jogo a relação autor e leitor, o que se diz não é neutro e ocorrem assimetrias nessa relação, o que coloca a tensão em jogo e na espiral discursiva. Assim como crê que a língua unifica, o sujeito crê que a escrita completa, não deixando lugar para a lacuna e para as contradições (GRIGOLETTO; NARDI, 2011).

Ressalta-se que o sujeito da AD difere de outros sujeitos discutidos em diferentes planos teóricos, como o sujeito do direito, da música, da comunicação, etc. Na perspectiva da AD, o sujeito não é passível de ser normatizado ou quantificado (PATTI, 2012). O sujeito pensado no bojo da AD é diferente do sujeito que é materializado nas concepções gramaticais, nas quais temos um sujeito marcado como possível de ser completo, já que ele é apresentado como “mestre de suas palavras: ele determina o que diz” (ORLANDI, 2007, p. 50).

Michel Pêcheux não identifica que todas as questões do sujeito possam ser respondidas por meio das categorias e postulações de ordem biológica. A concepção de sujeito da AD tem forte relação com a noção estabelecida por Louis Althusser (SILVEIRA, 2006). Com a AD, os leitores, incluindo aqui os pesquisadores científicos, observam a opacidade da língua, já que ela “não trabalha nem com um sujeito onipotente nem com um sistema totalmente autônomo” (ORLANDI, 2005, p. 11) e a compreensão de que não lidamos com uma estrutura perfeita ou mesmo transparente, no caso explanando acerca da linguagem.

A completude é uma ilusória ambição, mas inalcançável. A linguagem é falha, o que torna o sujeito também falho (CORACINI, 2011), sendo que “o sujeito só é sujeito porque se inscreve no simbólico e é essa inserção que lhe garante seu lugar de sujeito e sujeito do seu discurso” (DEZERTO, 2008, p. 30). A contradição marca o sujeito, ele não é concebido como universal, mas marcado pela posição social que ocupa e que são observadas nas relações históricas e de produção que o constitui. O sujeito é observado como “passagem do corpo orgânico para o corpo político-jurídico” (ZANDWAIS, 2010, p. 79), e, dessa forma, é compreendido como articulado historicamente.

O sujeito não é dono de seu dizer e suas palavras sempre estão em um jogo remissivo com outras já ditas, o que esfacela a ambição de um sujeito que tem a chave de seu dizer e a possibilidade de controle (ROMÃO, 2009). O inconsciente, assim, constitui e determina o sujeito.

O sentido relaciona-se com a prática histórica humana. Michel Pêcheux estabeleceu profundas críticas acerca do entendimento do sentido como evidência irrefutável, assim “as palavras não têm um sentido ligado a sua literalidade” (ORLANDI, 2005, p. 11). Na estruturação do sentido, o sujeito é elemento fundamental, isso escapa ao seu querer (ORLANDI, 2004), nas tramas da AD observa-se que “se tem sujeito é porque tem sentido” (SCHERER, 2003, p. 120). Os sentidos deslizam, contrariando qualquer lógica ou regra que tenta dizer o contrário e é por conta da deriva, da falha que o sujeito está no processo discursivo, por conta do(s) deslizamento(s) que temos o discurso (MITTMANN, 2010, p. 87).

Importante marcar que pertencemos a diferentes redes de filiação, somos ligados a uma família, grupo, cultura e, na maioria das vezes, acabamos ligados a tais redes sem ao menos saber como chegamos ali, simplesmente vamos vivenciando as tramas estabelecidas, os espaços que nos localizamos (SCHERER, 2003); essa consideração é importante, pois o sujeito não se encontra dado, ele é construído e é na linguagem que isso é realizado, é ali que é forjado. Só se faz possível uma análise do sujeito se considerarmos e observarmos a ideologia e a linguagem. O sujeito é afetado pela história e pela língua,

[...] pois para se constituir, para (se) produzir sentidos ele é afetado por elas. Ele é assim determinado, pois se não sofrer aos efeitos do simbólico, ou seja, se ele não se submeter à língua e à história, ele não se constitui, ele não fala, não produz sentidos (ORLANDI, 2007, p. 50).

Baldini (2010) postula que quanto mais se tenta o fechamento do sentido, tentando mostrá-lo como pleno e completo é que mais facilmente se observa que isso é da ordem do impossível, já que ele sempre pode escapar e ser outro. Temos, na linguagem, a possibilidade de ocorrência de “deslocamentos históricos dentro do campo das formulações possíveis” (PÊCHEUX; GADET, 2011, p. 100).

Os sentidos escapam, nunca são dados à priori (FERRAREZI, 2012), mesmo que isso seja perseguido, o sentido é o nó que se dá no entrecruzamento de questões da ordem da língua, história e do sujeito. Compreender é entender que o sentido sempre pode ser outro (ORLANDI, 1988), pois “o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe ‘em si mesmo’ (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante)” (PÊCHEUX, 1997, p. 160). Para observar as movimentações teóricas, realizo pequenas análises antes do capítulo 5 que reúne as

análises discursivas deste trabalho. Assim, trago o recorte, extraído do *post* “Gay não é humano? (GLEE – Furt)”, publicado dia 25 de novembro de 2010¹⁴, no *blog* Diário de um Gay¹⁵:

faz pensar: Gay não é humano? Então porque ainda são massacrados como os escravos eram outrora? Porém hoje usam algemas invisíveis... E são açoitados de outras maneiras..¹⁶

Observo o discurso como sempre relacionado com o que é externo, com outros dizeres, sendo necessária sua retomada para pensar o processo discursivo. Ao questionar “**gay não é humano?**” o sujeito problematiza a forma como os *gays* são tratados, retomando a memória para pensar o tratamento dispensado aos *gays* no cotidiano, incluindo a maneira que o Estado relaciona-se com os homossexuais ao não garantir sua plena segurança (“**são massacrados**”). Noto que o dizer “**massacrados**” indica a marca de violência, de derrota frente a um grupo entendido como dominante, no caso, dos *gays* frente os heterossexuais, que acreditam poder determinar o que é ou não aceito como correto e moral.

A realização da comparação com “**os escravos**” marca esse entendimento de perseguição, de ausência de direitos, da naturalização de um entendimento de que isso é normal, já que o *gay* é tratado como um cidadão de segunda categoria, como os escravos eram, e que têm suas vidas dirigidas por decisões desse grupo (heterossexuais). O uso dos substantivos “**algema**” e “**açoitados**” produzem sentidos de prisão, no qual o *gay* é marcado como condenado, não apenas ao descaso provocado pela homofobia, mas pela opressão de não poder manifestar seu afeto em público, de possuir direitos equivalentes, já que seus movimentos são restritos.

Por meio dos mecanismos de naturalização da ideologia, o sujeito crê que suas palavras possuem uma relação de plena clareza com o mundo, no qual o significante estaria colado às palavras e que conseguiria, naturalmente, reproduzir suas ideias. Na e pela ideologia, o sujeito crê na evidência de que o que diz abarca uma igualitária representação que mentalmente estabelece com o mundo; assim, as formas que ele deixa

¹⁴ Anexo A.

¹⁵ Disponível em: <<http://diariodeumgay2010.blogspot.com.br/2010/11/capitulo-9-gay-nao-e-humano-gee-furt.html>>. Acesso em: 10 jan. 2012.

¹⁶ Sobre os excertos dos *blogs* utilizados na pesquisa, destaco que: i) as partes destacadas (grifadas em negrito) presentes nos recortes analisados são de minha autoria; e ii) mantêm-se da forma como os sujeitos-blogueiros e os sujeitos-leitores escreveram nos *blogs*.

de dizer são apagadas e compreendidas como inadequadas para entrarem na teia estabelecida no jogo discursivo (ROMÃO, 2009). O sujeito move e também fura o sistema.

Falta, excesso, repetido, parecido, absurdo, *nonsense* iconizam algumas possibilidade de ruptura do fio discursivo que são dadas a conhecer quando o sujeito tropeça na língua, produzindo o inesperado, fazendo do ‘erro’ para aqueles que creem no sujeito gramatical. Em momentos assim, a língua opera cortes no dizer do sujeito, investe em desacordos em relação aquilo que, pelo mecanismo de naturalização da ideologia é tido como legítimo, cava furos rompendo a continuidade pretendida ou imaginada como segura (ROMÃO, 2011b, p. 162).

A concepção de sujeito, adotada nessa perspectiva teórica, é a de que ele é constituído na linguagem, portanto, não passível de escapar do campo discursivo. O sujeito da AD não possui fronteiras fechadas ou homogeneidade no território da língua, a falta sempre o constitui, portanto pensar tal conceito desvela a necessidade de pensar “inconsciente, linguagem e ideologia” (FERREIRA, 2007, p. 102).

O sujeito não é dono de suas palavras, nem tão pouco é livre. Temos a inscrição do sujeito nos textos que produz. Uma série de fatores afetam a questão linguística, tais como sexo, posição política, renda, etc. Não se observa o sujeito da AD como ponto central, visto que ele é afetado pela ideologia e pelo inconsciente. Importante pensar a língua como espaço da busca e vivência da(s) diferença(s).

A constituição do sujeito na AD emerge como imbricado na ideologia, linguagem e no inconsciente (HENGE, 2010; MARIANI, 2003). A identificação do inconsciente coloca em xeque a noção do sentido fixo, já que ele não é possível, visto que o pré-fixado é da ordem do ilusório (PÊCHEUX, 2011). O sujeito e o sentido são constituídos juntamente e ao mesmo tempo, sendo que as condições de produção afetam profundamente esse processo (FERRAREZI, 2012). Não existe um sentido pronto para ser acessado, definido e fechado (MOREIRA, 2012). A constituição do sujeito se altera no decorrer do tempo e da história, “pelos efeitos de lembrança, esquecimento, pelos efeitos das repetições, redefinições, rupturas e transformações, pelos processos de subjetivação do/no corpo-linguagem” (SCHERER, 2006, p. 16).

Na AD, o sujeito ocupa uma posição no discurso, estando inserido em um dado contexto histórico. A posição não é fixa, já que ele é afetado, constantemente, pela tensão gestada no seio do campo social, histórico, ideológico e inconsciente. Pêcheux (1990) sinaliza que o sujeito discursivo é sempre efeito de uma posição na linguagem,

afetado pelo modo como é capturado pela ideologia em condições materiais dadas. O sujeito crê que é a origem do dizer e possui domínio do que diz, isso ocorre por conta da interpelação proveniente da ação da ideologia (INDURSKY, 2008). E isso tem relação com as condições de produção, já que o dizer se relaciona com o histórico, com o exterior. A diferença se torna possível e se realiza pela repetição (ORLANDI, 2005).

Na perspectiva da AD sempre se pode escapar, furar o que era previsível. O sujeito da contemporaneidade é caracterizado por ter direitos e deveres, identificado como livre, no qual o indivíduo é tomado como “dono de sua vontade” (ORLANDI, 2006a, p. 21). Constantemente afetado por sua relação com a escrita, o sujeito a concebe como “um dos mecanismos linguísticos fundamentais na caracterização do sujeito civilizado” (ORLANDI, 2006a, p. 21); pela letra, o sujeito se inscreve socialmente, “a escrita é uma relação do sujeito com a história” (ORLANDI, op. cit., p. 24). Por conta da ideologia é passível a ocorrência da pretensa relação entre a palavra e os objetos, por meio dela que temos condições de reunir sentido e sujeito, e “desse modo o sujeito se constitui e o mundo se significa” (ORLANDI, 2007, p. 96).

Galli (2012) reflete acerca do conceito de dobradura no que diz respeito ao sujeito e sentido, temos o “não-um” (GALLI, 2012, p. 14) marcando o sentido e o sujeito, de maneira que por conta da posição discursiva, o sujeito produz e se constitui por dobraduras, nas quais o sentido pode sempre ser outro. Observa-se aqui, o apontamento da possibilidade do possível sentido (sempre) outro, do deslizamento, rompimento, transformação, “de modo que no “um” podem (ou não) estar presentes outros sentidos – que tenho chamado de ‘não-um’” (GALLI, 2012, p. 14). No repetir, comparece a diferença. As dobraduras podem ser pensadas como um processo sem fim de/na “constituição dos sentidos e do sujeito” (GALLI, 2012, p. 14).

As dobras da língua, então, acolhem o sujeito em sua incompletude e opacidade do mesmo modo que as dobra-duras do discurso possibilitam deslocamentos, furos e movências do sujeito capturado ideologicamente e dos sentidos que ele produz em dada posição (GALLI, 2012, p. 14).

Pêcheux questionava constantemente suas ideias e reflexões, não observando a ciência como um campo de discussões neutras, mas um lugar do ideológico (REEDIJK, 2006). Com Pêcheux, temos a instabilidade ganhando espaço nos estudos discursivos, no qual a questão da posição discursiva é “constituída pelo efeito de falhamentos e

furos. O sujeito move-se e desdobra-se por entre palavras passíveis de (re)arranjos em movimentos discursivos não-fechados e migrantes” (ROMÃO, 2011b, p. 160).

A história e a língua estabelecem uma relação de tensão, permanente, na qual o sujeito, aqui posição discursiva (inscrita na relação história-língua) fala da opacidade que é instalada pela ideologia. Nos movimentos de ruptura e falha é que é possível observar que a perfeição da língua é uma ilusão que, em momentos como esses, revela sua inconsistência e inexistência (HENRY, 1992). O sujeito crê no movimento de completude e evidência de seu dizer, mas é algo contraditório, já que não entra na linguagem o que gostaria (já que é da ordem do impossível estabelecer uma relação exata entre o pensamento e o mundo) (ROMÃO, 2011b).

Esse colamento entre a palavra e a coisa produz certezas ao sujeito que assenhorando-se do seu lugar de dizer, pensa não existirem outros modos de fazê-lo. Essa ilusão necessária produz condição de o sujeito ser cego de tanto dizer o mesmo na suposição da naturalidade de suas palavras (ROMÃO, 2011b, p. 171).

De acordo com Orlandi (2007), uma das questões interessantes da AD é o processo de ressignificação do conceito de ideologia, partindo das considerações teóricas da linguagem. O conceito de ideologia é compreendido como inseparável da noção de sujeito, ocupando um espaço conceitual privilegiado na teoria da AD francesa, já que ambos são constituídos conjuntamente (FERREIRA, 2010). O ponto central da ideologia é o de atuar na produção de evidências, sendo “condição para a constituição do sujeito e dos sentidos” (ORLANDI, 2007, p. 46). Não se observa a ideologia como aquela pensada na perspectiva Marxista, na qual é trabalhada como processo de ocultamento. Interpretar atesta a existência da ideologia e realizá-la é algo que integra a vivência cotidiana dos sujeitos.

A noção discursiva de ideologia introduz o equívoco, a falha, o esquecimento, a contradição como elementos estruturantes do político, dos quais não é possível se ‘desalienar’, e em cujo funcionamento deve ser levada em conta a materialidade da língua (RODRÍGUEZ-ALCALÁ, 2005, p. 20).

O conceito de ideologia foi objeto de discussão de uma infinidade de teóricos, como Louis Althusser, Michel Foucault e Roland Barthes, tendo seu grande começo de discussão e reflexão o início da década de 1960, mas fundamentalmente centrada na questão “da leitura (interpretação) de discursos ideológicos” (PÊCHEUX, 2011, p. 93).

Nas palavras do próprio Pêcheux, a ideologia é chave para pensar o conceito de discurso “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia [...]. Não partimos da ideologia (como dissimulação, ou não, do real)” (ORLANDI, 2008, p. 43).

A ideologia na concepção da AD não é entendida como dissimulação ou falta, pelo contrário, nas tramas da teoria é entendida como “*excesso*: é o preenchimento, a saturação, a completude que produz o efeito da evidência, porque se assenta sobre o mesmo, o já-lá” (ORLANDI, 2008, p. 43, grifo do autor). Toda questão discursiva relaciona-se com a questão ideológica.

Marcas ilusórias de que a língua é fechada são constantemente forjadas, permitindo relações contraditórias na ideia de unidade da língua, por conta da questão da ideologia.

[...] a ideologia que fornece as evidências pelas quais ‘todo mundo sabe’ o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve, etc., evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado ‘queiram dizer o que realmente dizem’ e que mascaram, assim, sob a ‘transparência da linguagem’, aquilo que chamaremos *o caráter material do sentido* das palavras e dos enunciados (PÊCHEUX, 1997, p. 160, grifo do autor).

O funcionamento da ideologia, dentro das perspectivas da AD, é o de assegurar a evidência, permitindo, por exemplo, em um *blog*, que o sujeito disponibilize dadas informações acerca de sua vida, interditando outros sentidos tidos como “indesejáveis, proibidos e impossíveis de dizer na posição determinada que ocupa; assim a ideologia ora nubla a lente de um relato pessoal, ora abre o zoom em certa cena” (ROMÃO, 2005, p. 53).

A ideologia interpela em sujeito os indivíduos. Por meio da ideologia é que torna-se possível o sentido e o sujeito (ORLANDI, 2007). É um efeito ideológico a sensação de que somos sujeitos, desde sempre, como se fossemos naturalmente livres, soltos, da mesma forma, nos parece evidente que uma palavra designe uma coisa, de forma direta, sem a possibilidade de ocorrência de deslizamentos (PÊCHEUX, 1997). Tem-se o entendimento, pela ideologia, que só se pode dizer de uma maneira X e não de tantas outras formas, como se fosse evidente que só “eu sou a única pessoa que poderia dizer ‘eu’ ao falar de mim mesmo” (PÊCHEUX, 1997, p. 155). O sujeito, ao enunciar, paga o preço de se submeter à ideologia, já que ela é constitutiva da linguagem, assumindo os sentidos que ela lhe permite enunciar e construindo um imaginário sobre a cena em que enuncia.

Eu já passei por **esta fase de negação, tanto por minha parte quanto da parte de meus pais**. Hoje **convivemos como família** todos bem. Hoje **sou amado pela minha família e principalmente por Deus**. Porém eu sei que **nem todos têm esta sorte**.

Acima, apresento outro recorte, extraído do *post* “Um amor para sempre”¹⁷, publicado no dia 13 de março de 2011¹⁸ no *blog* Diário de um Gay. Observo o destaque para a marca “**negação**”, ela que aborda o processo de assumir-se *gay* é compreendida como algo naturalizado na vivência do *gay* e de sua família, que por não compreenderem com o que estão lidando, acabam por negar a orientação sexual do sujeito. Observo a cristalização da compreensão de que é comum o ocultamento da sexualidade por parte do *gay*, retomando a memória dos dizeres que abordam a dificuldade envolvida em ser homossexual e a ilusão de que é possível encontrar maior segurança com a permanência no armário¹⁹.

A mudança de posição, com a aceitação da orientação sexual do sujeito por ele e sua família, promove uma movência de significantes e sentidos, afetando a relação entre eles. A aceitação da família rompe com sentidos que afetam o processo de antecipação e são construídos pelos dizeres instituídos sócio-historicamente, em que parece evidente que a homossexualidade do filho não será aceita, inclusive, o sujeito marca a identificação de como isso é corrente (“**nem todos têm esta sorte**”), mas em seu caso, como revela o fragmento, observo outros sentidos (“**amado**”), o mesmo ocorre com relação à religião (“**Deus**”), em que existe o rompimento com a identificação da condenação divina da homossexualidade, mas aqui o sujeito identifica de outra forma (“**amado**”).

Discutir as questões do discurso implica em refletir acerca da noção de condição de produção, conceito importante para a estrutura teórica da AD, já que elas caracterizam o discurso (SOARES, 2006). Abordar esse conceito tange considerar questões como a posição discursiva, e o lugar no qual o sujeito ocupa em um dado contexto, já que no espaço social temos tensões entre diferentes sujeitos que ocupam espaços distintos em na sociedade (ORLANDI, 1987). Ferreira (2001) considera que por tais condições temos a possibilidade de observar como ocorrem as relações de força

¹⁷ Disponível em: <<http://diariodeumgay2010.blogspot.com.br/2011/03/capitulo-27-um-amor-para-sempre-isso.htm>>. Acesso em: 15 jan. 2012.

¹⁸ Anexo B.

¹⁹ O termo armário é usado para designar homossexuais que não revelam sua verdadeira orientação sexual, ocultando-a dos demais sujeitos.

no espaço discursivo, fundamentais para a constituição do sentido, sendo que tais condições são de ordem exterior ao discurso. As condições de produção

[...] não formam um simples contexto de circunstâncias que se alojam de maneira simples no discurso do sujeito, mas que o constituem e ao constituí-lo são recuperáveis para uma análise da identidade linguístico-discursiva dessa comunidade, a partir da memória discursiva (SCHERER, 2003, p. 122-123).

Pensar a questão das condições de produção propicia outro olhar acerca de qualquer pesquisa, visto que os estudos que não levam em conta esse conceito, acabam por compreender que os sujeitos são os responsáveis por partilhar o conhecimento, o que é irreal, já que os sujeitos podem ocupar distintas posições discursivas em diferentes formações discursivas. Dependendo da condição de produção temos um dado sentido observado como dominante (ORLANDI, 1984).

Pensar as Tecnologias de Comunicação e Informação (TICs) é ponto relevante em uma pesquisa que propõe um olhar acerca dos *blogs* e, conseqüentemente, do ciberespaço, visto que por suas estruturas temos outras formas de relação com a linguagem, a sociedade e os sujeitos. O ciberespaço possibilita o contato e a inscrição de outros sentidos e sujeitos, cabe considerações particulares acerca da observação de sua utilização e recursos pelos sujeitos.

Como dito anteriormente, a linguagem é também um espaço de não comunicação (PÊCHEUX; GADET, 2011), compreender tal perspectiva é sempre algo difícil, verdadeiramente indigesto. Não raro, é possível observar conceituações no senso comum de que o silêncio é ausente de significados, sinônimo de vazio, oco. A perspectiva da AD difere de tais considerações.

Afetado pelos esquecimentos, o sujeito produz seus dizeres. O sujeito crê ser a fonte de seu dizer, a origem de tudo, esquecendo que outros sentidos são possíveis de serem ditos, mas acaba deixando de lado, para que possa enunciar (PÊCHEUX, 1997). Marco que a decisão da entrada de uma imagem, palavra, *tag* ou texto em um *blog* é permeada pelos esquecimentos que a todo momento afetam os sujeitos-navegadores em sua aventura escrita.

A memória, no caso a memória discursiva, aquela discutida na AD, é constituída pelo esquecimento, assim como pelos silêncios e não-ditos, eles fazem parte da tessitura da memória (ORLANDI, 1999, 2011a). Sem tais pontos, o sujeito não teria condições de dizer, pois não poderia aventurar-se pela língua.

Todo discurso, sempre, é atravessado por muitos outros; trata-se de algo que é falado anteriormente, sempre de modo autônomo; trata-se do já-dito, parte integrante e fundamental de qualquer dizer (ORLANDI, 2006b). Existem dois esquecimentos nas tramas da AD, trata-se do esquecimento número 1, nomeado como esquecimento ideológico, é constitutivo da subjetividade na língua, não é passível o sujeito acessar o inconsciente, e esse esquecimento está no inconsciente, sendo fruto da forma como somos afetados pela ideologia. No esquecimento ideológico, o sujeito acredita ser a fonte de seu dizer, esquecendo que nada mais fazemos que retomar os fios de outros discursos já em jogo e cena. É nesse esquecimento que temos a representação do sonho do Adão mítico, no qual um dado sujeito é o primeiro a dizer algo; temos também o esquecimento número 2, esquecimento enunciativo: o sujeito tem a impressão de que seus dizeres só poderiam ser formulados de uma forma, causando a ilusão referencial que nos faz crer que a relação entre palavras e pensamentos é direta, ignorando-se que o dizer pode sempre ser outro, como se existisse apenas uma forma de dizer, aquela que aparenta ser evidente (ORLANDI, 2007; PÊCHEUX, 1997) e entendida como correta, a certa, o que é apenas uma ilusão.

Pelo acesso à memória discursiva é que o sujeito tem a possibilidade de reestabelecer os fios de memória que permitem que ele torne seu discurso permeado por legitimidade e compreensão dos outros sujeitos (PÊCHEUX, 1999). A memória discursiva é o que sustenta o dizer do sujeito, nunca sendo o mesmo para todos, já que o acesso a ela e a dadas formações históricas e sociais não são similares para todos (PÊCHEUX, 1990), as palavras necessitam ter sido já ditas para que façam sentido, e elas sempre já o foram, tal compreensão consiste na anuência do ruído como parte da linguagem. As palavras não são nossas (ORLANDI, 2007), entender isso contempla a aceitação de que as palavras são inundadas de sentidos, significantes cunhados por meio das relações estabelecidas ao longo da história (PÊCHEUX, 1997). Na perspectiva adotada, o esquecimento atravessa a memória discursiva (ORLANDI, 2010).

Ao falar da memória, Ferreira (2008a), assim como outros autores, mencionam a história de “Funes, o memorioso” de Jorge Luis Borges (1982) para evocar a absurda exigência de uma língua infinita, que seria uma não-língua, visto que é impossível sua existência, pois só é língua se há o furo. Assim, se entende a memória como estrutura “estática, vista como uma lembrança de algo que ficou no passado, já que, em contraponto, ela nos remete ao frenético trabalho da linguagem, que se faz no limiar

entre o já-dito e o a se dizer” (GALLI; BASTOS; FERRAREZI, 2011, p. 193). O sujeito mobiliza o dito, para dizer de novas e outras formas e modos.

O conceito de Formação Discursiva (doravante FD) é compreendido por vários autores da Análise do Discurso de filiação francesa como delicado e polêmico (BARONAS, 2004, 2011a; INDURSKY, 2011; ORLANDI, 2007), mas é fundamental para o trabalho do analista do discurso, e não apenas para a AD, mas para as reflexões no campo da linguagem. Importante destacar que, na França, esse conceito deixou de ser amplamente discutido desde o começo da década de 1980, enquanto no Brasil tal noção não cessa de ser revisitada pelos acadêmicos.

Nas colocações de Baronas (2011a, p. 194), propõe-se uma abordagem do conceito de FD com “uma paternidade partilhada” entre Michel Pêcheux e Michel Foucault, no qual o conceito de FD aparece pela primeira vez em “A Arqueologia do Saber”, de Michel Foucault, no ano de 1968, enquanto em Pêcheux é mencionado no texto “A Semântica e o corte Saussuriano: língua, linguagem e discurso” de 1970. No entanto, Baronas destaca que Pêcheux, no ano de 1968, com o texto “Lexis et metalexis: les problemes des determinants”, escrito em conjunto com Catherine. Fuchs, pensou e refletiu acerca do conceito de FD, mas na ocasião não nomeou essa noção. Por conta disso, se pode “asseverar que, pelo menos no seu processo de gestação, esse conceito não veio da “A Arqueologia do Saber” de Michel Foucault, cuja primeira publicação data de 1969” (BARONAS, 2011a, p. 199).

Um conceito sempre caro para Pêcheux, a FD é objeto de análises e pesquisas (INDURSKY, 2007), sendo que ideologia e sujeito são seus princípios organizadores, por isso a colocação de que a noção de sujeito se enlaça com a de FD. Isso pode ser observado com a análise de que é por meio da “interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina, (isto é, na qual ele é constituído como sujeito)” (PÊCHEUX, 1997, p. 163). Uma expressão pode ser carregada de sentidos totalmente diferentes, dependendo de que filiação discursiva o sujeito se alinha, destacando que todos esses sentidos, mesmo tão distintos aparentam ser ‘corretos’ para cada um desses sujeitos (PÊCHEUX, 1997). O conceito de FD é visto como

[...] aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito* (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma

exposição, de um programa, etc.) (PÊCHEUX, 1997, p. 160, grifo do autor).

Mobilizo a noção de Formação Imaginária (F.I.) para pensar o processo que afeta a produção de discursos e sentidos, processo realizado constantemente no momento de interpretação do sujeito-discursivo. O discurso se encontra em permanente relação com outros, uma relação constante, que afeta os sentidos, visto que essa relação permite apontamentos, direções, indicações de sustentação dos discursos por dizeres anteriores, em que os sentidos são o resultado dessas relações; assim, “não há, desse modo, começo absoluto nem ponto final para o discurso. Um dizer tem relação com outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis” (ORLANDI, 2007, p. 39).

Ao dizer o sujeito consegue experimentar o processo de antecipação, que consiste em imaginar como é ocupar a posição do outro, imaginando suas palavras e reações. Esse processo é natural ao sujeito, da mesma forma que o processo de interpretar também o é. Por esse mecanismo, o sujeito diz de uma maneira ou de outra, dependendo da posição que ele e seu interlocutor ocupam e do efeito que se pretende provocar no(s) ouvinte(s). O lugar do qual o sujeito inscreve seus dizeres interfere nos efeitos que ele produz, por exemplo, se um rapaz solteiro assume ser *gay* é diferente de um ator de cinema famoso ou um pai de família; dessa forma, as mesmas palavras significam de maneiras distintas, da mesma forma que assumir ser *gay* para o chefe, esposa e mãe é feito de forma diferente por conta da posição que cada um ocupa. Os processos imaginários não são realizados de forma aleatória ou de meros achismos, são possíveis com base no processo histórico e social, que afetam o trabalho de inscrição do sujeito no cotidiano.

O sujeito, sempre alinhado a uma dada FD, assume uma posição discursiva; dela, ele enuncia e produz dados sentidos que acredita serem claros e naturais para qualquer um que leia sua ‘mensagem’, sem possibilidade de erro, já que ele identifica aquela forma como a correta de ver o mundo e os sentidos. Esclareço que o sujeito não escolhe em que FD vai se filiar, ele acaba determinado pela memória discursiva.

Com isso, um sujeito que ocupa uma dada posição é inserido em uma FD, molda seu discurso, selecionando suas palavras, visando à circulação de determinados sentidos e o silenciamento de tantos outros, o que marca o discurso e possibilita que o analista do discurso identifique e assinale a que sentidos o sujeito se filia durante um dado acontecimento.

2.3 O discurso na contemporaneidade: a questão da rede eletrônica

As novas tecnologias interferem na maneira com que o sujeito discursiviza uma série de questões. Novos espaços para a inscrição de dizeres passam a existir, inclusive os que possibilitam o compartilhamento de segredos, seja por meio do uso de um nome falso ou verdadeiro, no caso, aquele da certidão de nascimento. Os *blogs*, especificamente os do tipo diário, são um exemplo de espaços que permitem esse compartilhamento. Esses *blogs* são aqueles nos quais o sujeito inscreve seus segredos, mistérios e desejos, esperando a opinião, a colocação do outro, para que possa refletir e observar sua vida.

Pensar os processos de escrita no ciberespaço, e, conseqüentemente no *blog*, exigiu a busca de contribuições de autores de variadas áreas. Destaco que não houve problemas conceituais na realização da interface de autores da AD com os provenientes de outras perspectivas teóricas nas discussões empreendidas sobre a escrita nesse subcapítulo. Essa tessitura entre pesquisadores de diferentes matizes teóricas foi necessária para pensar os processos que envolvem o sujeito e suas formas de expressão por meio da escrita nos *blogs*, seja como autores ou leitores desses espaços discursivos.

Destaco que a relação com o outro é sempre complexa, inquietante e tensa, já que nela se observam as faltas e como a unicidade é apenas uma ilusão, já que o dizer é marcado por furos, por existir o outro é que temos a identificação. Pela relação com o outro é que ressaltamos nossas próprias marcas constitutivas (SCHERER, 2006) e nos *blogs* não é diferente, já que esses conflitos existem e são expostos nesses espaços discursivos.

Essa marca de uma escrita que é atravessada é um dos pontos de distinção do *blog* com o diário guardado a sete chaves de antigamente. O *blog* “alimenta-se dos que visitam e acessam a página, dos que por ali passaram depositando seus vestígios de interferência” (ROMÃO, 2005, p. 53). A escolha temática do conteúdo a ser discutido no *blog*, também é afetado pela imagem que o sujeito-blogueiro projeta sobre os leitores do seu *blog*. Trata-se do

[...] espalhamento de vozes, manifesto em tempo real, é algo novo, se pensarmos que diversos navegadores-leitores se cruzam diariamente, tagarelam sobre fatos pessoais, enviam fotografias e imagens e fazem mover uma teia intertextual de ditos e silêncios (ROMÃO, op. cit., p. 53).

O sujeito estabelece-se pela escrita que é um espaço de subjetividade. A escrita é um ponto importante de estudo desta pesquisa, já que nela se tem um espaço rico de análise das derivas do dizer, na escrita temos um “espaço de articulação entre língua e história, discurso e sujeito” (AGUSTINI; GRIGOLETTO, 2008, p. 147); a escrita não se separa do sujeito ou da história, sendo uma possibilidade de rompimento, espaço de transgressão, ao fazer isso, o sujeito a torna espaço singular. Escrever é uma atividade que não tem fim, o que se tem é um esboço nunca finalizado, a escrita, linguagem e sujeito são sempre incompletos, já que é da ordem do ilusório uma pretensa completude (SCHONS, 2005).

Nas sociedades fundadas com base na oralidade, temos a limitação da capacidade de memorização e transmissão via oral, até então o suporte existente para transmitir seus dizeres. O surgimento da escrita afetou profundamente a vida do homem e das sociedades, ele passa a ter uma relação distinta com o espaço e o tempo, que passam a agregar concepções mercantis (SUBTIL, 2003), passamos a ter a reprodução possível pelo advento da imprensa, o livro estabelece uma ordem, uma rigidez de formato, que prende a uma linearidade, um fecho de tamanho. Com a comunicação eletrônica surgem novas formas de relação e de difusão dos textos, no qual o discurso e a informação são conseqüentemente atualizados, passamos a ter novas possibilidades de aproximação (QUITÉRIO, 2009).

A relação com a escrita se re-faz: se no impresso estava marcada “pela rigidez da materialidade” (SATURNINO, 2009, p. 19) em uma estrutura rija, fixa, na qual o autor e o leitor nunca se encontram no mesmo nível de espaço-tempo. Na Sociedade da Informação, o sujeito busca refúgio, tranquilidade, no caminhar pelos campos de dados, no qual trilha vários caminhos, por meio das informações encontradas nos sistemas de arquivos ali existentes, a variedade ali ofertada, possível pelas variadas formas de utilização das informações conduz a um sentimento de tranquilidade no re-fazer.

A escrita é profundamente afetada pelas novas tecnologias, como o computador, já que temos outra(s) forma(s) de estabelecer relações e considerações com a linguagem. A escrita produzida e vista na tela, ainda é identificada como algo que não possui materialidade, a não ser que o texto seja impresso, mas essa mudança de formato gera a alteração das condições de acesso dos leitores. O caráter maleável, sempre pronta para alterações e reconstruções por parte do autor, quebrando paradigmas que tomavam a escrita um produto associado à imprensa e de caráter fixo (SANTOS, L., 2009). A

escrita alterou o mundo e sua forma de organização, permitindo ao homem novas possibilidades não possíveis com a oralidade, principalmente com o surgimento da internet.

Na atualidade atravessamos uma avalanche de informação nos mais variados suportes e tipos (AQUINO, 2009). A internet e a tecnologia transformam radicalmente a questão da escrita e da leitura, incluindo o que tange a relação do corpo com o texto e suas dimensões estruturais. A escrita é uma conquista humana fundamental que corresponde às transformações do período neolítico (LÉVY, 2004).

Escrita e política são tomadas pela multiplicidade de sentidos. A escrita é muito mais que uma competência, ela é uma forma de ocupação do sensível. Sua aprendizagem deve levar isso em conta (RANCIÈRE, 1995). Por muitos anos, a escrita (sua leitura e prática) foi algo restrito a poucas e privilegiadas pessoas, quando os primeiros computadores apareceram também eram acessíveis a um número reduzido de usuários. A internet propicia uma transformação na relação do sujeito com o texto, sendo repensados conceitos como estaticidade do conhecimento e autoria (LEVACOV, 2003). A escrita do texto na internet permite que o escrito venha acompanhado de imagens, músicas, vídeos, etc., o que permite outras gamas de emoção durante a leitura.

Pela/na internet, autor e leitor, emissor e receptor não estão separados, eles se entre-cruzam permitindo outra estada durante seu percurso (WEISSBERG, 2010). A constituição da escrita é muito mais que seu simples ato empirista observado em seu traço constitutivo. A escrita tem seu laço político por conta da (re)dimensão dos corpos, permitindo a movência dos discursos. Existe uma ideia da escrita desenhando a verdade, um exemplo de um escrito apresentado como verdade é a Bíblia (RANCIÈRE, 1995).

Com o advento do eletrônico, novas questões passam a ser abordadas e pensadas para a questão da leitura e da escrita. Questões que ocupam um espaço importante nas discussões de nossa época, como a da língua perfeita e universal. Um mundo de uma única língua é da ordem do esquecimento, de uma aventura fadada ao fracasso. A imagem de um mundo no qual não existem diferenças “acaba em uma imagem de morte” (CHARTIER, 2002, p. 15). O texto passa por transformações, já que antigamente, a rasura da caneta ou a correção feita na máquina permanecia ali, como uma cicatriz; hoje apagar é uma tarefa fácil, simples. Além disso, temos uma disponibilização fantástica de textos com o advento do ciberespaço.

A leitura diante da tela é geralmente descontínua, e busca, a partir de palavras-chave ou rubricas temáticas, o fragmento do qual quer apoderar-se (um artigo em um periódico, um capítulo em um livro, uma informação em um *web site*), sem que necessariamente sejam percebidas a identidade e a coerência da totalidade textual que contém um elemento (CHARTIER, 2002, p. 23, grifo do autor).

Essa relação outra com os textos, a escrita e a leitura provoca inquietações, pois desestabiliza, impõe que os autores e leitores se adaptem as novas modalidades que são exigidas. Temos uma relação de outra ordem do autor com o leitor, em vários âmbitos, como a da ordem da confiabilidade do que é inscrito ali, o leitor pode buscar, caso estejam acessíveis, os textos que atestam ou não uma dada informação, isso modifica a “construção e crédito dos discursos do saber” (CHARTIER, 2002, p. 25).

As modificações referentes ao texto no digital dizem respeito a diferentes questões, como no aspecto da produção e do suporte do material escrito. Passamos a ter outra constituição do texto, inclusive em aspectos como o da autoria; isso tudo, porque o texto digital é “móvel, maleável, aberto” (CHARTIER, 2002, p. 25), sendo que o leitor pode adentrar a escrita e constituir-se como autor, em um movimento que altera os sentidos em jogo, no *blog*, essa prática da escrita coletiva pode ser observada.

O leitor pode intervir em seu próprio conteúdo e não somente nos espaços deixados em branco pela composição tipográfica. Pode deslocar, recortar, estender, recompor as unidades textuais das quais se apodera (CHARTIER, 2002, p. 25).

A tela difere da página. Não temos a mesma estrutura e é importante ter tal noção e respeitar as particularidades, já que “é preciso considerar que a tela não é uma página, mas sim um espaço de três dimensões, que possui profundidade e que nele os textos brotam sucessivamente do fundo da tela para alcançar a superfície iluminada” (CHARTIER, op. cit., p. 31). A leitura na internet, tal qual o processo de navegação, é marcada pela dispersão, fragmentação.

O homem sempre buscou, incansavelmente, preservar e resguardar os textos, tentando evitar o furo, a lacuna, sem se dar conta que o excesso representa um perigo. Existe, de forma muito difundida, no senso comum, a noção de que tudo estará disponibilizado na rede, retoma-se o sonho da completude da Biblioteca de Alexandria, que sempre gerou a “decepção sempre acompanhou essa expectativa de universalidade, visto que todas as coleções, por mais ricas que fossem, somente podiam dar uma imagem parcial, mutilada, da exaustividade necessária” (CHARTIER, op. cit., p. 118).

A movimentação pelas estruturas do ciberespaço exige o conhecimento mínimo acerca do funcionamento da estrutura da *Web* e da máquina pela qual se navega nas páginas, caso contrário a locomoção é seriamente comprometida. O acesso total, mito fomentado e trabalhado na utilização da *Web* necessita ser desconstruído, já que “o que se mostra na internet é uma soma de arquivos eletrônicos que foram recortados, selecionados e manipulados anteriormente a sua exposição, que instalam, no espaço do dizível, sentidos que parecem estar disponíveis a todos” (ROMÃO, 2005, p. 56). Ferreira (2003) apresenta compreensão interessante acerca da rede:

Uma rede, e pensemos numa rede mais simples, como a de pesca, é composta de fios, de nós e de furos. Os fios que se encontram e se sustentam nos nós são tão relevantes para o processo de fazer sentido, como os furos, por onde a falta, a falha se deixam escoar. Se não houvesse furos, estaríamos confrontados com a completude do dizer, não havendo espaço para novos e outros sentidos se formarem. A rede, como um sistema, é um todo organizado, mas não fechado, porque tem os furos, e não estável, porque os sentidos podem passar e chegar por essas brechas a cada momento. Diríamos, então, que um discurso seria uma rede e como tal representaria o todo; só que esse todo comporta em si o não-todo, esse sistema abre lugar para o não-sistêmico, o não-representável (FERREIRA, 2003, p. 44).

Na rede eletrônica, o sujeito se inscreve nas dobras de uma série de arquivos digitais, arquivos marcados pela durabilidade, instabilidade, resistência estabelecendo novas (outras) relações com o espaço, guarda (arquivamento) e tempo (GALLI, 2012). Na rede eletrônica, existe uma fragmentação dos arquivos que compõe uma grande estrutura que continuamente se perde e renova, em constante interação com os sujeitos-navegadores.

A escrita funciona como um elemento estrutural da *Web* e, dessa forma, se tem novos espaços de inscrição e também de análise, visto que existem novas condições de produção e espaços de escrita em discurso. Na rede eletrônica, diferentes textos se cruzam e se unem de forma inesperada, a cada nova entrada nesse espaço temos novas trilhas e conexões. O entrecruzamento afeta a inscrição do sujeito que, cada vez mais, têm condições de afetar o espaço de inscrições com seus comentários e participação dos discursos em rede (LAGAZZI-RODRIGUES; BRITO, 2001).

No ciberespaço, os espaços são da ordem do temporário, o arquivo passa por reformulações e novas questões, ele não suporta a completude, já que nunca se fecha (GALLI, 2012). Na internet, o sujeito navega e transita “por uma invernada de sentidos

diversos e (des)ordenados e faz da sua navegação discursiva um ir-e-vir de aparições ligeiras sem assentamentos” (ROMÃO, 2004, p. 73).

As novas máquinas e espaços de comunicação, como o computador e a internet, afetam consideravelmente o sujeito e a sua relação com a escrita, com a maneira que ele expõe suas ideias nesse ambiente. Na e pela escrita, o sujeito-navegador se expõe no espetáculo da tela por meio da escrita (CORACINI, 2011).

As tecnologias do cotidiano como computadores, celulares e câmeras ampliam a relação humana com a memória, uma memória que é do futuro na qual desejamos guardar absolutamente tudo, para que nada desapareça. É um estado de *backup* permanente que reestrutura o funcionamento de uma série de relações (DIAS, 2011). É na escrita que o sujeito busca a unidade, nela ele busca e ambiciona “suturar uma perda, e é movido por esse impossível que o sujeito escreve” (DIAS, 2008a, p. 27).

A internet é constituída pela não linearidade dos nós que constituem a rede, em um espaço de não transparência, já que não temos no discurso um lugar de linearidade, literalidade e transparência. O não fechamento parece mais evidente na internet, espaço por excelência da incompletude e movência (GALLI, 2008, 2011a).

As TICs propiciaram novas formas de relação com a escrita e a leitura em nossa sociedade, incluindo novas oportunidades e possibilidades (CORDÓN, 2010), e produziram efeitos na sociedade, principalmente no que tange as possibilidades de mobilização monetária e informacional que proporciona (CANDÓN MENA, 2011). As tecnologias afetaram a sociedade e os processos de escrita e leitura não escaparam disso (XAVIER, 2005).

O texto se encontra sempre em (re)estruturação e (re)escrita por parte do leitor, que no ciberespaço ocupa uma posição interessante, que acaba reformulando o texto de forma contínua. O texto permite uma entrada e participação em sua costura, nos *blogs* esse traço se faz presente, por isso não se encontra encerrado, principalmente em uma sociedade em rede (CORDÓN, 2010). Com a internet, o texto se apresenta em uma configuração muito maleável, em uma estrutura “bastante plástica” (MINCHILLO, 2001, p. 94), na qual é facilitada a possível construção de textos coletivos.

A fluidez é a característica central do texto no ciberespaço, modificável, passível de alteração; tal característica permitiu outra dimensão no que tange ao aspecto da disseminação dos textos, interação e relação autor-leitor-texto. Abaixo, observo a relação entre sujeito-blogueiro e os sujeitos-leitores, que realizam a leitura e a inscrição

de dizeres nos *blogs*, afetando a produção de sentidos. Analisei o *post* analisado “A primeira conversa” publicado no *blog* Eu Sou Gay²⁰, no dia 20 de abril de 2011²¹:

- Eu **não escolhi ser assim... apenas sou assim**. Se eu pudesse ter escolhido uma coisa dessas, com certeza **teria optado por gostar de garotas**. Mas é algo que **não posso mudar!**
- Não interessa. **Isso é contra a natureza. É uma vergonha!**

O recorte acima apresenta o diálogo entre o sujeito-blogueiro e sua mãe, nele é possível notar que o sujeito filia-se a FDs que compreendem a homossexualidade como algo natural, que a pessoa já nasce assim, ela não tem opção de escolha (“**Eu não escolhi ser assim... apenas sou assim**” e “**se eu pudesse ter escolhido**”), entendimento que indica a identificação de uma não distinção do homem heterossexual com o homem homossexual. Apesar disso, o sujeito marca a identificação de que o sentido dominante no contexto sócio-histórico é o da naturalização dos sentidos de não naturalidade envolvendo a homossexualidade e, por conta disso, as dificuldades enfrentadas com a homofobia e o entendimento de que ser heterossexual é mais tranquilo, pois é estar com a maioria, não sofrendo preconceito.

A mãe marca seus dizeres alinhados à identificação dominante da homossexualidade como algo errado (“**é contra a natureza. É uma vergonha!**”), filiando-se a rede de memória que inscreve que ser *gay* é algo errado, sujo, não natural, por isso, não passível de aceitação pela sociedade. Destaco que o sujeito-blogueiro e a mãe vinculam-se a FDs diferentes, o que gera compreensões distintas acerca do significante *gay*, o que resulta em sentidos opostos, o que gera a tensão entre os sujeitos. Abaixo, observo um dos comentários apresentados sobre o *post*²²:

- Falando sério, **sua situação é lamentavel Sg**. Espero que tudo se resolva e que **vc possa sempre contar com seus amigos leitores!**

Assim, no comentário, o sujeito-leitor marca o entendimento da dificuldade vivenciada pelo sujeito-blogueiro em sua relação com a mãe, em que a “**situação é lamentavel**”, já que existe a tensão entre as regiões discursivas que o sujeito-blogueiro e a mãe compartilham. O sujeito-leitor compartilha e expõe a relação de proximidade

²⁰ Disponível em: <<http://eusougay.net/2011/04/20/aprimeiraconvers/>>. Acesso em: 20 jan. 2012.

²¹ Anexo C.

²² Anexo D.

existente entre os que leem o *blog* e o sujeito-blogueiro (“**amigos leitores**”), marcando a aliança entre seus dizeres com os expostos no *blog*.

Destaco que autor e leitor passam a construir conjuntamente o texto, que não se encerra no ponto final do autor, já que ele pode ser modificado ou mesmo conviver com as postagens (comentários) dos que leem as postagens (BANDINI, 2010). O volume informacional, que cresce como nunca, contribui para esse estado de fragmentação que se observa na sociedade. Os fluxos de informação afetam nossas sensações, a ideia de uma movência que permeia as relações, nossos sentidos e vivências, por isso temos

[...] uma fragmentação do eu e uma espacialização da experiência: uma relação com o tempo que parece se apagar, uma relação com o espaço ilimitado, mas virtual, tende a ser acompanhada, pelo sentimento de uma perda de si, na sensação contínua e ilimitada (HAROCHE, 2011, p. 25).

Dias (2011) destaca que a escrita tem um papel chave no desenvolvimento da internet, em seu funcionamento. É pela escrita que é possível nos inscrevermos no ciberespaço, da mesma forma que acabamos ou não por nos filiar a determinados espaços e dizeres existentes ali. A internet é formada pela não linearidade dos nós que constituem a rede, em um espaço de não transparência, já que não temos no discurso um lugar de evidência e literalidade (GALLI, 2008, 2009).

No espaço da rede eletrônica, temos novas marcas e símbolos que passam a constituir a escrita, sendo importante atentar para essas mudanças históricas e de condições de produção. Temos emergências de novas mobilizações por parte dos navegadores para poder dizer, com novas textualizações e recursos gráficos sendo mobilizados. Temos outros traçados e condições de existência do próprio corpo nas novas condições de produção, um corpo que está sempre em excesso, disponível para realizar *links*, estabelecer traçados que parecem infinitos, assegurando a eterna e permanência do sujeito, que navegaria ali sem limites, dor, fome, sono, etc., no qual os limites biológicos não se fariam presentes. O corpo em estado de incompletude na internet, sempre em errância e fragmentado (GALLO; ROMÃO, 2011).

Um corpo que é muitas vezes exposto em sua intimidade para se revelar nos espaços públicos, abrindo-se ao olhar sem fim de internautas que passeiam por ali e aos comentários ali postados por alguns leitores. Em um toque, tudo está ali e logo em outro não está mais. A cada entrada, na rede eletrônica, pode-se utilizar *nicknames* distintos, não sendo sempre reconhecível (GALLO; ROMÃO, 2011), o que nos leva a pensar na

questão dos *blogs* desta pesquisa, em que os sujeitos-blogueiros utilizam pseudônimos para escrever sobre suas vidas e os sujeitos-navegadores têm a possibilidade de usar o mesmo recurso, alterando seus nomes a cada vez que escrevem comentários no *blog*. Existe a possibilidade de moldar outra identidade no espaço virtual, relacionando-se com sujeitos que no cotidiano não se teve a oportunidade de relacionar (MAZZOLA, 2010).

Na materialidade digital, temos um texto que é desprovido de limites estabelecidos, sem início, meio e fim (MITTMANN, 2008). A escrita na internet corresponde à outra relação com a escrita, já que temos outras condições de produção, não apenas no que tange ao uso dos aparelhos de escrita na internet, mas também a constituição de nossa sociedade atual: marcada pelo descarte e atualização permanente, que conta com novas práticas que afetam as sociedades e nossos corpos, tais como “o congelamento de embriões, fecundações in vitro, mães de aluguel, práticas e técnicas que se impõem sobre o corpo, temos uma mudança no que se refere ao tempo, às relações de família, e as gerações” (DIAS, 2011, p. 23-24).

O sujeito acredita que no ciberespaço está livre para dizer o que desejar, livre de punições ou olhares restritivos, mas não passa disso: uma ilusão, aliás, isso é reforçado pela questão dos *fakes* e do anonimato (SANTOS, A., 2009). O anonimato desestabiliza, quebra, fragmenta, privilegia a inconstância (ISONI, 2009). No ciberespaço, o sujeito pode adotar outras identidades, sem que seja acusado de falsidade ideológica, na qual a cada entrada em *chats* ou outros espaços das vielas do ciberespaço se pode adotar novas identidades, sem que isso seja um problema, inclusive para divulgar questões que são de ordem particular, como as que envolvem a sexualidade, na qual muitos sentem-se à vontade para compartilhar dizeres por conta da possibilidade de uso de identidades falsas ou pseudônimos (SANTOS, A., 2009).

O sujeito crê tudo poder na internet, estando livre de limitações ou barreira, mas o virtual é também incompleto, expondo o sujeito a contradição, falha que a própria matéria possui por essência (DIAS, 2004). A ilusão do pleno controle e acesso afeta o sujeito na sua inscrição na rede eletrônica. Expomo-nos mais do que gostaríamos ou cremos ser possível. A mais simples atividade e movimento de conexão gera rastros que permitem localizar o sujeito (CARMAGNANI, 2006). Na rede eletrônica, ocorre

[...] um desgaste nos limites entre o real e o virtual, o anonimato e o inanimado, o eu uno e o múltiplo, e isso ocorre no campo da ciência e

nos padrões de comportamento da vida cotidiana. Em outras palavras, há evidência de deslocamentos fundamentais no modo como criamos e experimentamos nossa identidade (CARMAGNANI, 2006, p.160).

Durante a escrita, temos a seleção de sentidos entendidos como aceitos para circularem nos espaços ali existentes; no caso específico dos *blogs*, observo que ele apresenta recortes que o sujeito-blogueiro acredita serem interessantes para compartilhar com os outros. Escolhas que vão muito além de delimitações técnicas ou de compatibilidade de sistemas, mas que são atravessadas por questões, passam pelo viés do político e do ideológico que não devem ser entendidas como irrelevante (ROMÃO, 2005).

Na rede eletrônica, o privado e o público se imbricam de maneira fundamental na construção discursiva, já que a voz e os escritos do sujeito-blogueiro se fundem as colocações apresentadas pelos leitores do *blog*. Muitos leitores do *blog* acabam por inscrever ali seus dizeres e por meio de sua inscrição discursiva acabam por enlaçar seu dizer no escrito do sujeito-blogueiro; mais que isso, acabam, por serem autores e leitores daquele lugar na rede eletrônica, atuando em sua construção, muitas vezes ocupando posições de inscrição de bandeiras e cores outras nesse espaço (ROMÃO, 2005).

A estrutura econômica capitalista afetou as configurações, as formas do mundo, a estrutura de um universo de consumo de trocas materiais intensas, inclusive no que tange à produção da escrita e dos textos. Com as mudanças do mundo, temos observado alterações comportamentais importantes no estabelecimento e construção de “novos” paradigmas parecem apontar para outras formas de se pensar e se discutir o sujeito e suas relações” (GALLI, 2009, p. 190).

O desenvolvimento do capitalismo teve seu fomento com a explosão da indústria, exploração do trabalho e uma produção industrial intensa. O capitalismo realiza sua atuação muito além do espaço econômico, ele afeta e interfere em campos como sexualidade e educação, reorganização permanentemente. A vitória estadunidense na II Guerra fortaleceu as estruturas teóricas encabeçadas pelos EUA efetivando no mundo até então sua maneira de vê-lo. A liberdade como um conceito em debate na estrutura capitalista, no qual o sujeito é entendido em sua mera estrutura bio-psico, na qual é ignorada uma memória histórica (PÊCHEUX, 2011).

Com o fim da Guerra Fria, teve grande veiculação a noção de que o sistema capitalista venceu e que atravessamos um período de gloriosa unificação possibilitada

pela globalização, no qual as redes estabelecidas pelo advento da internet são importantes motores de filiação, no qual temos um sujeito que acredita ser totalmente desprendido de amarras, algo que é da ordem do ilusório. A palavra desenvolvimento é uma das marcas usadas para vender a ilusão do sucesso do sistema do capital no mundo. Dessa forma, a mundialização não estaria realizando o cumprimento de suas tão sonhadas promessas, observamos assim, a contradição que existe entre o real e a ideologia (ORLANDI, 2011b).

Orlandi (2006a) reflete que é no grupo, em meio a outros, que se ganha força e sustentação para realizar reivindicações, no qual, por meio do pertencimento estabelecemos ligações com os outros. No grupo, o sujeito encontra legitimidade, marcamos que identificamos esse interesse de partilhar por parte dos sujeitos com gostos comuns nos *blogs* analisados na pesquisa.

Uma característica importante e interessante da internet e que permite seu(s) avanço(s) é que “a cada dia desde a década de 90 é o fato de que ela propicia encontros. E um encontro tem uma linguagem. Uma linguagem que toca duas partes que se encontram” (DIAS, 2008b, p. 41). Essas novas condições de comunicação e escrita necessitam de outro olhar, já que envolvem outras condições de produção, distintas daquelas que não contavam com o computador para sua produção.

Destaco que a globalização afetou consideravelmente a relação do sujeito contemporâneo. A linguagem é compreendida em uma perspectiva que se afasta de uma ideia (e repetição) de transparência, a linguagem será sempre integrante do espaço do impreciso, instável, incompleto, inacabado (GALLI, 2011a, 2011b). Posto isso, no que se refere à materialidade eletrônica e seu

[...] entre-meio dos links, a ordem da língua e a ordem da história reclamam o tempo todo que a linguagem seja significada a partir do que não está na tela, mas do que a memória histórica e a memória do dizer cavaram em outros locais, em outros atos de dizer e em outras inscrições sociais dos significantes (ROMÃO; ROMÃO, 2009, p.86-87).

As redes, os computadores e as máquinas de acesso à internet, assim como os celulares, afetaram o mundo e principalmente a escrita, a linguagem e a maneira do sujeito contemporâneo se relacionar com esse ‘novo’ mundo em permanente trans(mutação) e trans(formação) (DIAS, 2008a). Vivemos a era das redes, estruturadas fortemente nas tecnologias, mas sem a abolição do tempo e do espaço; agora “a

distância só não é mais métrica: ela se aprecia em função do equipamento dos lugares em redes que define sua acessibilidade” (ORLANDI, 2011b, p. 6). Temos outra noção de distância permeando o sujeito contemporâneo, principalmente os sujeitos-navegadores que fazem uso da internet e acabam por deparar-se com novas discussões e questões ético, histórico e sociais (ORLANDI, 2011b).

Assim sendo, a observação das tramas históricas e conceituais da AD são fundamentais para a estruturação desta pesquisa. A apresentação de conceitos basilares para a AD é necessária, já que são eles que permitem a realização das análises discursivas, como exposto na abordagem desse capítulo. Com a discussão envolvendo a escrita e a leitura, foi possível refletir sobre esses processos no *blog*, espaço discursivo contemporâneo, marcado por novas condições de acesso, circulação e produção de discursos e sentidos.

3. *BLOGS*: ESPAÇOS DE INSCRIÇÃO DISCURSIVA



"Minha voz sai à caça do que meus olhos não alcançam.
Com um giro de língua abarco mundos e volumes de mundo."

Walt Whitman.

Afirmações realizadas anteriormente nesta pesquisa indicam o posicionamento de observar o ciberespaço como local de surgimento de novos espaços de inscrição dos dizeres dos sujeitos, entre eles temos os *blogs*. Esses locais de inscrição fascinam o sujeito-navegador que não deseja, apenas, encontrar informações e notícias, mas comentar e compartilhar suas opiniões acerca dos mais variados assuntos. O compartilhamento é o ponto chave das novas estruturas existentes no ciberespaço. E um dos lugares para compartilhamento dos internautas são os *blogs*. Entendo que analisar os *blogs* como um fenômeno é algo necessário (RAK, 2005).

Schittine (2002) considera que o *blog* é um espaço interessante de observação do público e privado. Os *blogs* são cada vez mais entendidos como espaços interessantes de difusão de informações na *Web*; enquanto os *blogs* crescem de forma fantástica temos o desenvolvimento de buscadores de *blogs*, facilitando a busca desses espaços no ciberespaço. Nos *blogs* existe a difusão de informações e discussões de tendências e debates muito interessantes que estão em alta, nas mais variadas áreas, já que temos *blogs* abordando uma variedade gigantesca de assuntos. Os *blogs* têm servido como um espaço interessante para o setor comercial, já que tem sido usado de maneira interessante para a difusão e promoção de produtos e serviços (HAN et al., 2009).

Kerckhove (2006), no prefácio do livro “Geração Blogue” de Giuseppe Guarnieri, observa que a internet possui três grandes momentos em sua história, são eles: a) a criação do *Mosaic* que foi o navegador que possibilitou a atração de uma série de pessoas para o uso da *WWW*; b) a criação do *Yahoo!* como estrutura importante no desenvolvimento da navegação na internet; e c) o desenvolvimento dos *blogs*. Dessa forma, destaco a relevância desses espaços para a própria história da *Web* e seu processo evolutivo, principalmente no que tange a questão do surgimento de espaços que permitem a participação dos sujeitos-leitores por meio de *posts*.

Diferentes setores têm se interessado pelos *blogs* como espaços de discussão e representatividade. Muitos sujeitos-navegadores buscam nos *blogs* um fértil terreno para a realização de discussões e a busca de sujeitos que compartilhem o interesse pelas mesmas temáticas, com os *gays* não é diferente. O *boom* dos *blogs* têm relação com o desejo dos sujeitos-navegadores por espaços de interação (LI; CHIGNELL, 2010; MOREIRA; ROMÃO, 2008). No ano de 1999 existiam, aproximadamente, menos de 50 *blogs* no mundo (LOPES, 2010).

Os *blogs* passaram por um processo de grande popularização entre diferentes classes sociais (TRÄSEL, 2009), acredito que isso tenha íntima relação com a questão da popularização dos espaços de acesso a internet para as mais variadas classes sociais, já que mais pessoas passaram a ter acesso aos locais de conexão ao ciberespaço.

A internet tem sido observada como potencializadora de participações sociais por meio dos mais diferentes espaços discursivos, como os *blogs*, o serviço de *microblogging* *Twitter*²³, entre outros, permitindo novas relações, como observado nos processos eleitorais do Brasil e EUA. Essas mudanças significaram novas relações com os eleitores e uma significativa mudança de postura dos candidatos, que tem feito rico uso desses espaços discursivos para aproximação de eleitores (BARONAS, 2011b), divulgando suas propostas, rebatendo algumas postulações ditas na mídia e abrindo espaço para arrecadação de recursos para suas campanhas de diferentes tipos, entre outras possibilidades.

De acordo com relatório publicado pela empresa *Nielsen Company* (2009), cerca de 2/3 dos internautas possui como hábito o acesso a *blogs* e redes sociais. Em um cálculo simples, isso indica que a cada 10 minutos que o sujeito-navegador passeia pela *Web*, pelo menos 1 minuto é gasto na navegação desse tipo de *site* (LI; CHIGNELL, 2010). Tal cálculo é um indicador interessante da força desses espaços no cotidiano dos sujeitos-navegadores. Friederichs (2009) conceitua que dos 100 milhões de *blogs* existentes no mundo, estima-se que pelo menos 6 milhões são de brasileiros. Outro dado interessante é que em 2006, nos EUA, um total de 57 milhões de pessoas já realizavam a leitura diária de *blogs*; no Brasil, no mesmo período, 25% dos sujeitos-navegadores frequentam páginas de *blog*, consistindo em um número relevante (OLIVEIRA, 2006).

Em 2004, o *The New York Times Magazine* destacou em uma de suas capas a crescente importância dos *blogs* no cotidiano dos sujeitos-navegadores e como crescia vertiginosamente o número desses espaços na *Web*, incluindo o grande uso feito pela população desses espaços, já que a criação e manutenção de um *blog* já era facilitada por uma série de elementos, principalmente a disponibilização de programas, que permitiram a popularização da construção e manutenção desses espaços, não exigindo conhecimentos avançados acerca de linguagem de programação, permitindo condições para a postagem de comentários por conta dos sujeitos-leitores, a introdução do traço do leitor por meio dos posts altera a constituição desses espaços (HARRISON, 2010). O

²³ TWITTER. 2006. Disponível em: <<https://twitter.com/>>. Acesso em: 20 out. 2012.

interessante é que esses programas não necessitam de nenhuma instalação no computador dos sujeitos, permitindo sua alimentação e atualização por meio do acesso a página do programa.

Esses programas tiveram início no ano de 1999, no qual foi possível observar o desenvolvimento dos primeiros espaços destinados à construção de *blogs*; essas páginas foram criadas por empresas especializadas no ramo da informática e permitiam que os sujeitos-navegadores passassem a montar esses espaços discursivos, sem necessitar dominar a linguagem de programação *HyperText Markup Language* (HTML). O primeiro programa criado foi o Pitas, lançado em julho de 1999, no mês seguinte foi inaugurado o *Blogger*, concebido por Evan Williams da empresa *Pyra Lebs*²⁴, que até hoje é um dos sistemas de desenvolvimento de *blogs* mais usado no mundo (GENS, 2008; MALINI, 2008; TAVERNARI, 2009). As praticidades propiciadas por esses programas, aliada à ausência de custos para criar e manter esses espaços permitiram um verdadeiro *boom* na criação de *blogs*, já que ao sujeito só cabia “a realização de apenas três atividades: escrever o título, o texto, e depois clicar em ‘publicar’ para imediatamente o conteúdo estar no seu site” (MALINI, 2008, p. 36); outra facilidade que impulsionou o uso dos *blogs* foi a possibilidade de arquivamento das postagens já realizadas.

O rápido *feedback* dos sujeitos-leitores e a possibilidade de agregar outras páginas de *blogs* com rápido acesso por meio de *links*, também foram características fundamentais para o sucesso dessas páginas (SEEGER, 2007). O fato é que esses programas de construção de *blogs* influenciaram a constituição desses espaços (FELITTI, 2009) e essas facilidades foram extremamente benéficas (CARDOSO, 2008). Com o *Blogger* ocorreu uma explosão dos *blogs* do tipo diário (BLOOD, 2000). O *blog* surge em um período de efervescência da convergência por meio da rede eletrônica, em uma época que os *softwares* obtiveram grande destaque no mundo (MÁXIMO, 2007).

É sempre composto por um URL, o *Uniform Resource Locator*, uma direcção electrónica utilizada pela Web para especificação dos endereços. Pode provir de um domínio próprio do autor, criado pelo autor num servidor gratuito ou pago ou proveniente de um subdomínio de um servidor corporativo, institucional ou dedicado a blogues (CARDOSO, 2008, p. 44).

²⁴ Atualmente o *Blogger* integra a lista de serviços ofertados pelo *Google*.

Existem outros sistemas de construção e gerenciamento de *blogs*, um deles é o *WordPress*²⁵. Nesta pesquisa, trabalhei com três *blogs*, sendo que um foi criado com base no sistema *Blogger* e dois desenvolvidos com o uso do *WordPress*, ambos apresentam interface de fácil utilização.

As facilidades na criação dos *blogs*, surgidas no final dos anos 1990 levou a uma grande popularização desses *sites*. Com isso os *blogs* permitiram a formação de uma verdadeira rede de contatos e discursos, na qual um vai vinculando-se ao outro, de forma contínua e assegurando a formação de uma verdadeira comunidade de *blogs* de interesses comuns, que o sujeito-blogueiro²⁶ relaciona em sua página e na qual o sujeito-navegador pode visitar. Essa comunidade enorme é nomeada como blogosfera, espaço que não é homogêneo (DOORN, 2010). Estimativas indicam que a blogosfera dobra de tamanho a cada 230 dias, sendo que são criados três milhões de novos *blogs* todo mês, uma média de 100 mil por dia (MALINI, 2008), mas esse número varia, inclusive na perspectiva de diferentes estudiosos, de acordo com Farias e Freire (2011, p. 124) com base no *site* Netcraft²⁷, entende “que a blogosfera dobra de tamanho a cada cinco meses e meio”.

A organização do *blog* é feita por meio da data e hora da postagem. A rápida atualização dos *blogs* e a não necessidade de conhecimentos profundos para realizar sua atualização fascina os autores em sua aventura de discursivizar. A intensa troca e postagem de *links* ajuda a explicar os movimentos e espaços que os *blogs* ganharam no mundo. No espaço dos comentários é possível a interação entre os sujeitos-blogueiros e os sujeitos-leitores, concordando ou não com as ideias ali apresentadas. A blogosfera pode ser pensada como uma rede de *blogs*, nos quais eles se encontram vinculados (CONSONI, 2010).

A partir do *Blogger* é que explodiu o uso dos *blogs* e das páginas que permitem a criação desses espaços, inclusive com o desenvolvimento de outros *sites* que constroem *blogs*, permitindo uma oferta de serviços gigantesca por parte dos sujeitos-navegadores. Com a difusão e alta adesão de internautas no uso dos *blogs* fez com que uma grande quantidade de narrativas pessoais acabassem existindo no ciberespaço, o

²⁵ Disponível em: <<http://br.wordpress.org/>>. Acesso em: 20 jun. 2012.

²⁶ O sujeito-blogueiro é nomeado em alguns estudos como *blogger* (HARRISON, 2010). Neste trabalho, optamos pelo uso do termo sujeito-blogueiro por acreditarmos que ele permite uma melhor assimilação por parte dos futuros leitores desta pesquisa.

²⁷ Disponível em: <<http://news.netcraft.com/>>. Acesso em: 20 mar. 2012.

que contribui para que em um primeiro momento ocorresse uma equivalência do *blog* como diário eletrônico, mas isso durou apenas por um tempo, já que logo se observou que tal definição não compreendia totalmente os *blogs* e suas tipologias variadas (FELITTI, 2009).

O entendimento de que os *blogs* eram verdadeiros diários eletrônicos persistiu por um tempo no entendimento geral, mas tal equivalência é pouco para o que esses espaços permitem e simbolizam, o que contribuiu para a criação de um olhar estereotipado acerca desses espaços. Não raro, alguns pesquisadores apresentaram os *blogs* como diários eletrônicos, mas com o tempo observou-se que os *blogs* ultrapassam as compreensões de um diário, já que se trata de um formato outro. Uma estrutura outra, na qual se abordam e colocam temáticas em discurso, sendo possível, uma dessas temáticas é a sexualidade, inclusive a dos *gays* (RAK, 2005).

Destaco que tal entendimento não desapareceu ainda por completo, visto que não é absurdo encontrar reportagens que relatem esses espaços como sinônimos de diários ou mesmo ouvir um comentário com esse conteúdo nas conversas do cotidiano, mas na literatura científica esse entendimento já é observado como datado. No Brasil a noção de *blog* atrelada à visão de diário íntimo esteve sempre muito presente, gerando em muitos casos um questionamento acerca da legitimidade desses espaços, principalmente pelos jornalistas que questionam a questão de quem produz esses espaços. Isso mudou de forma significativa com a criação de *blogs* de jornalistas ‘conceituados’ como o *blog* jornalístico do Noblat²⁸ de Ricardo Noblat, onde temos a discussão de política e fatos relevantes que envolvem essa temática. Além disso o uso de *blogs* por empresas acrescentou maior credibilidade a esses espaços (TRÄSEL, 2009). Honscha (2009) esclarece que *blogs* que se apresentam relatando o cotidiano dos sujeitos-blogueiros como verdadeiros diários nada mais são que uma das tipologias possíveis desses espaços, mas não a única, inclusive, tal equivalência resultaria na exclusão de outras tipologias que também existem, essa correção e esclarecimento conceitual é muito relevante. Komesu (2005) alerta que o *blog* não é um diário eletrônico, inclusive, pois eles apresentam características distintivas: enquanto no *blog* se deseja a leitura, no diário em papel ele é usado como espaço de guarda dos segredos e não de exposição.

²⁸ BLOG do Noblat. 2004. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/pais/noblat/>>. Acesso em: 20 nov. 2012.

Os *blogs* têm sido usados como fontes importantes de notícias na internet, o que justifica a necessidade de uma constante atualização, já que um espaço desatualizado deixa de ser interessante para os leitores e como a página é organizada por datas essa questão da atualização ganha um peso ainda maior, esse formato dos *blogs* é o que permite que o interesse dos leitores se manifeste de forma tão intensa e particular (CONSONI, 2010). Inclusive, a não alimentação do *blog* gera o desinteresse dos sujeitos-leitores pelo espaço.

Com o *blog* temos outras formas de compartilhamento, de possibilidade de troca entre pessoas que se encontram separadas por barreiras diversas, como a distância geográfica, permitindo um espaço de confissão, reunião ou troca de informações, possibilitando a reunião e trocas entre sujeitos, tanto dos sujeitos-blogueiros como dos sujeito-leitores, possibilitando que fosse debatido temáticas de interesse comum aos que buscavam um espaço de discussão (HARRISON, 2010). A relação entre pessoas, inclusive de nações distintas é algo que chama a atenção e é muito observado nas relações estabelecidas no ciberespaço, inclusive nos *blogs*, existindo *sites* que permitem observar o acesso do *blog* por sujeitos-navegadores de outros países.

O *blog* permite outra relação e intimidade com o outro, principalmente no que tange a questão da escrita de si, em que o outro se relaciona com os segredos compartilhados pelo sujeito-blogueiro e suas palavras passam a ser analisadas e opinadas por outros sujeitos. Uma nova lógica permeando a questão da intimidade e da escrita de si, onde ela passa pelo olhar do outro. Algo que passa a ser comum e aceito, na verdade necessário, já que os sujeitos-blogueiros passam a desejar e necessitar do olhar do outro para que consigam prover um *blog* de sucesso. A exposição na internet faz parte desse desejo por atenção e exposição (OLIVEIRA, 2009).

A questão da interatividade é um ponto chave na história dos *blogs*, já que permite a relação entre sujeitos que, muitas vezes, nunca se conheceram pessoalmente, mas que se encontram ali motivados por algum assunto em comum. Por conta desse interesse eles interagem e realizam importantes trocas nesses espaços (PIMENTEL, 2010), essa marca pode ser observada durante as análises discursivas.

A importância que espaços como os *blogs* adquiriram é inegável. Com a observação de novas possibilidades, temos uma proximidade cada vez maior de pessoas com as novas tecnologias que possibilitam tais incursões, analisando que as transformações tecnológicas dos últimos trinta anos, tem afetado profundamente o

aspecto social e a forma do mundo ser identificado e observado em nossa contemporaneidade por uma série de sujeitos, seja por aqueles que estão em contato com ela, realizando seu uso, assim como os que não estão, que se encontram excluídos de seus movimentos e relações (OLIVEIRA, 2005). A atualização constante integra o fazer diário do sujeito-blogueiro (LIMA, 2009). O sujeito ao escrever um *blog* deseja ter *status* e reputação (HONSCHA, 2009), inclusive, pois é a seriedade de sua escrita que garantirá ser levado a sério na discussão de dado assunto.

Cada texto publicado é nomeado de *post*, qualquer um pode criar um *blog* e postar textos sem a necessidade de conhecimento de linguagens de programação, como a linguagem HTML (FOGAÇA, 2011), o processo de personalização das páginas também é simples, não exigindo conhecimentos avançados de informática para sua execução (RAK, 2005). A facilidade de publicação, comunicação e interação dos *blogs* fomenta seu uso por milhares de internautas, da mesma forma que desperta o interesse de análise e estudo de uma série de pesquisadores de diferentes áreas, como a Comunicação e a Linguística (BARONAS, 2011b).

No tocante aos aspectos linguístico-enunciativos, o *blog*, por um lado, coloca em circulação um conjunto de neologismos, tais como *blogar*, *twittar*, *post*, *postar*, *clicar*, *permalink*, *browser*, etc. e, por outro, reproduz um modelo de enunciação que tende a se transformar em norma padrão na Internet, que é a escrita oralizada, construída num tom bastante informal (BARONAS, 2011b, p. 49).

Os usos e funcionalidades dos *blogs* só ampliaram-se no decorrer do tempo. Empresas criam *blogs* e pagam fortunas para sujeitos-blogueiros que comentem acerca de um serviço ou produto. Existe uma diversidade incrível no uso dos *blogs*. Os espaços que fazem relatos de seu viver tem uma marca interessante: o desejo e a observação da importância do leitor em sua construção (TAVERNARI, 2009). Essa popularização de diversos *blogs* permitiu que um grande número de sujeitos-blogueiros ficassem famosos e suas opiniões tornaram-se relevantes para uma série de pessoas. A influência dos *blogs* pode ser observada no novo *status* dos sujeitos-blogueiros, alguns já utilizam o *blog* como uma de suas fontes de renda.

É possível se expor sem se identificar nos *blogs* e isso ocorre muitas vezes. Schittine (2004) explana que isso é uma forma de resguardar sua identidade, permitindo uma maior sensação de liberdade para dizer em seus *posts*. A questão do autor desconhecido, que usa outra identidade para discursivizar nos *blogs*, não é algo raro

nesse universo, nem em outros espaços da internet, em que se utiliza outro nome. No caso dos *blogs* de muitos *gays*, o sujeito-blogueiro usa outro nome para identificar-se, muitas vezes desejando resguardar seu nome ‘real’ aquele da certidão de nascimento, na qual, ele não pode assumir essa posição de homossexual assumido que desvela em um espaço público acerca de seus amores, vida sexual ou mesmo compartilhar fotos de partes de seu corpo, etc. O anonimato pode ser identificado como uma espécie de proteção por conta da busca de uma sensação de liberdade durante as postagens e difusão do que o sujeito deseja publicar no *blog* (HARRISON, 2010). Rak (2005) discute que dificilmente cabe uma verificação nos *blogs*, com respeito a autenticidade, quem se aventura em sua leitura crê no que está ali.

Ao manter um *blog* do tipo diário, o interesse do sujeito-blogueiro é manter um canal de comunicação que assegure a possibilidade de relatar fatos de sua vida (DOORN, 2007). A temática de um *blog* tem relação com a vontade e desejo do sujeito-blogueiro, seja para divulgar algo, falar sobre um espaço, sua vida, etc. Nos *blogs* do tipo diário temos verdadeiros arquivos acerca da vida do sujeito-blogueiro: gostos, desgostos, aventuras, amarras, etc. (FELITTI, 2009).

Os *blogs* do tipo diário ganharam destaque no ciberespaço, no qual os sujeitos-blogueiros realizam a exposição de seus segredos, desejos e interesses diversos. A possibilidade de postagem de comentários nos *blogs* atraiu uma série de sujeitos-leitores para os *blogs*, que imprimem suas observações por meio dos comentários que ali é disponibilizado. O sujeito-blogueiro utiliza muitas vezes o *blog* para observar se sua opinião produz eco e se está no caminho certo (MALINI, 2008), resultando na concordância ou não dos outros sujeitos-leitores. De acordo com o *State of the Blogosphere* (2011) foi identificado que 60% dos sujeitos-blogueiros usam seus *blogs* para expressar suas opiniões e partilhar informações relativas à suas vidas. Nesta pesquisa, isso foi importantíssimo, já que permitiu obter relatos importantes sobre práticas de homofobia no cotidiano.

A variedade de conteúdos do *blog* varia bastante, podendo ser um espaço de difusão de informações pessoais, de notícias ou postagem de textos diversos (científicos, econômicos, etc). O uso como diário eletrônico popularizou o uso dos *blogs*, espaços em que os sujeitos difunde informações de cunho pessoal, mas é importante alertar que tal equivalência não cabe mais, já que temos uma diversidade de tipos de *blogs*, inclusive, os *blogs* temáticos cada vez mais são identificados na *Web*

(PADILHA, 2010), mas é interessante observar os movimentos que levam a construção desses espaços de partilha das experiências pessoais no ciberespaço, assim “os motivos que levam uma pessoa a relatar suas experiências de vida na internet podem ser vários, porém, todos que escrevem diariamente sobre si no meio digital buscam um público leitor para seus textos” (PADILHA, 2010, p. 63). Pensar o que leva um sujeito a compartilhar com os demais sua intimidade e questões mais pessoais é algo que chama a atenção, já que muitas vezes ele necessitou ocupar outra posição discursiva para dizer determinadas coisas, por exemplo, acerca das suas relações amorosas ou de sua sexualidade e que em outros espaços ele não se sente confortável para dizer.

Temos, no *blog*, uma escrita que se (des)faz permanentemente. Os *blogs* do tipo diário possuem um caráter fortemente confessional. O ato confessional é observado como um ato de expressão de si, de ocorrência da individualização, muito usado pela Igreja Católica e o Espaço Jurídico desde a Idade Média e pela Medicina desde o século XIX; posteriormente, passou a integrar outros espaços de relações humanas. Pela escrita produzimos evidências, verdades sobre nós mesmos. A escrita de si remonta ao século I e II no qual ele produz marcas sobre si. Nos *blogs* não temos um momento de solidão, mas o atravessamento do leitor constitui a escrita e de quem escreve e lê (FRIEDERICH, 2009).

O ato de escrever no *blog*, atividade também nomeada como *bloggar* (BOYD, 2006), desvela o interesse no compartilhamento de determinados conteúdos com um dado grupo, muitas vezes pessoas que ele nunca teve contato, na grande maioria das vezes, ele nunca sabe quem fez a leitura de um dado conteúdo. Ao escrever no *blog*, o sujeito discursiviza determinados conteúdos, frente a tantos outros possíveis de serem compartilhados, como dito anteriormente, ao colocar em discurso um dado conteúdo ele silencia outros assuntos possíveis de serem ditos. Abaixo um recorte do *corpus*:

O Gay

Oi! Tudo bem?

O meu nome é meu. Mas pode me chamar de SG. Tento escrever o que as pessoas gostam de ler. Pelo menos, tento. Através do *blog*, além de expor minhas experiências, felicidades e dificuldades que enfrento por ser gay, quero também quebrar estereótipos, mostrando meus gostos, minhas opiniões e o meu jeito de ser. Quero que qualquer um, gay ou não, se identifique com o que eu colocar por aqui.

Eu adoro comentários. Sejam eles engraçados, sérios, pequenos, gigantes, elogiosos ou cítricos.

Por isso, não se acanhe. E deixe a preguiça de lado! Além da seção de comentários no fim de cada post, tem também um SAL – Serviço de Atendimento ao Leitor. É só clicar no link “F@le Comigo”, no topo da página. Ou então, me mande um e-mail para sg_wp@yahoo.com.br.

Introduções feitas, espero você muitas vezes por aqui.

Um forte abraço.

SG.

No caso do fragmento acima, observo a apresentação²⁹ do *blog* Eu Sou Gay, em que o sujeito-blogueiro identifica-se pelo pseudônimo “SG” e discursiviza uma série de informações acerca de sua vida, como seus gostos pessoais, como dito anteriormente, mas mantém sua identidade em sigilo, o que permite uma sensação de maior liberdade no processo de escrita desse espaço discursivo. No *blog*, o sujeito pode se expressar de uma forma que em outros momentos não poderia bancar ou dizer usando seu nome. Nos *blogs* partilhamos concepções e formas de ver o mundo com os outros, por tudo isso é que muitos sujeitos-blogueiros preferem usar um nome fictício (RODRIGUES, 2006). Nesta pesquisa, trabalho com *blogs* nos quais os autores não revelam seus nomes reais, acredito que isso permite outro olhar acerca dessa posição discursiva do sujeito-blogueiro.

Observo que mesmo os sujeitos que nada deixam registrado no *blog*, acabam por marcar sua passagem nesse espaço discursivo, visto que fica registrado sua visita no número de pessoas que já leram o *blog*, esses sujeitos-leitores são chamados de *lurkers*, que são os que visitam a página do *blog*, mas não deixam nada registrado, apenas acessam (AMARAL; MONTARDO; RECUERO, 2009). Esses sujeitos têm um papel fundamental nesse espaço de discussão, já que totalizam uma audiência desse espaço e são igualmente afetados pelas palavras postas ali em discurso.

Reafirmo que não cabe uma equivalência dos *blogs* com diários eletrônicos, já que existem outras tipologias de *blogs*; assim, afirmar tal equivalência consistiria em um erro conceitual (OLIVEIRA, 2005). Os *blogs*, especificamente os do tipo diário eletrônico, são espaços discursivos usados para o compartilhamento de questões que sejam de seu interesse (aflições, desejos, intimidades, sexo, etc.) e no qual podem compartilhar com outros sujeitos-blogueiros e sujeitos-leitores que possam de alguma

²⁹ Disponível em: <<http://eusougay.net/about-2/>>. Acesso em: 12 jun. 2012.

forma se identificar com o que está ali postado (CORACINI, 2006). Existem *blogs* das mais variadas áreas, como de ciência, jurisprudência, esporte, educação, lésbicas, gatos, *reborns*, etc. ou de temas de uma série de assuntos possíveis, não apenas os do tipo diário eletrônico (EFIMOVA, 2009; FERRAREZI; BASTOS; SANTOS, 2011; PRIMO, 2008).

Em seu início, houve uma grande apropriação dos *blogs* para que servissem como diários *on-line*, mas logo observou-se que não apenas esse tipo de *blog* existia, mas ainda é comum a identificação dos *blogs* como sinônimos de diários eletrônicos. O que é um erro conceitual. Os *blogs* que contém relatos pessoais e íntimos, o que os assemelha a um tipo de diário são uma das possibilidades de uso dos *blogs* (CONSONI, 2010). Primo (2008) é um dos pensadores alerta que os diários no formato impresso e os *blogs* são distintos, já que o primeiro tem por objetivo que apenas seu autor tenha acesso as informações ali existentes, enquanto nos *blogs* temos um caráter interpessoal dominando sua estruturação, já que as coisas são postas para que os sujeitos realizem as leituras e, em minha opinião, para que interajam e auxiliem com seus comentários na construção desse espaço. Acredito que existam diferentes tipos de *blogs*, inclusive os que se assemelham com o formato do diário, mas com características próprias, e que possui como principal marca a confissão em campo aberto, acessível aos que assim desejarem ler. O que mais aproxima a identificação popular dos *blogs* como unidades similares aos diários no formato impresso é o formato das postagens e a organização cronológica das postagens.

Nessa perspectiva, Recuero (2003), apresenta os tipos de *blogs*: a) *Weblogs* diários: com posts acerca da vida do sujeito-blogueiro; b) *Weblogs* publicações: buscam o debate e apresentam informações de forma opinativa; c) *Weblogs* literários: agrupam crônicas e histórias literárias; d) *Weblogs* clippings: visam a apresentação de notícias e informações de outros locais, facilitando a busca de informações específicas; e e) *Weblogs* mistos: misturam posts pessoais e informativos de acordo com gosto e opinião pessoal do autor.

A possibilidade de inserção de comentários permite que os *blogs* sejam um espaço profícuo de relação entre sujeitos-blogueiros e sujeitos-leitores, nele o leitor interfere na construção de cada texto, o que gera modificações na estrutura do espaço ali existente. É como se o *blog* não tivesse apenas um autor, mas vários, o sujeito-leitor ao mesmo tempo que faz a leitura dos *posts* e comentários têm condições de deixar

registrada sua opinião acerca de um dado assunto, participando da construção desse espaço. Dessa forma, ele também é autor do espaço, enquanto o sujeito-blogueiro também é leitor e é afetado pelas considerações dos sujeitos-leitores. Temos um espaço de escrita colaborativa. Os comentários tem um papel fundamental nos *blogs*, já que por meio deles temos, muitas vezes, outros sentidos em jogo. Abaixo, a análise do *post* “Proposta”³⁰ do *blog* Eu Sou Gay, datado de 17 julho de 2011³¹:

“Está tarde... você vai me deixar **passar a noite aqui**, né?”

Ric nem precisava me perguntar. Queria que **ele passasse a noite inteirinha comigo**, desde quando **nos beijamos**, no meu pequeno sofá bege”

“À **meia-luz**, Ric, graciosamente, diz:

“Pode ser que estou sendo precoce demais, mas...
...**você quer ser o meu primeiro namorado?**”

A partir dos recortes é possível observar os sentidos de afetividade marcando o discurso do sujeito, no qual temos a colocação de uma relação permeada não por sentidos negativos envolvendo a relação entre dois homens, mas algo visto como natural, marcas como “à **meia-luz**”, “**passasse a noite inteirinha comigo**”, “**beijamos**” e “**primeiro namorado**” enfatizam essa compreensão. As carícias, o toque são observados como naturais para a construção e vivência de um casal. Observo sentidos de encantamento filiados ao sujeito (“**graciosamente**”). Esses discursos e sentidos escapam da paráfrase observada em outros espaços discursivos.

Em sua inscrição “**está tarde... você vai me deixar passar a noite aqui, né?**”, o sujeito coloca em jogo sentidos de intimidade, no qual ele estabelece a proposta do companheiro ficar com ele. Na colocação “**você vai me deixar**” e “**né**” o sujeito-namorado procura filiar suas vontades aos desejos do sujeito-blogueiro, como se buscasse a confirmação de seus interesses.

A colocação “**queria que ele passasse a noite inteirinha comigo, desde quando nos beijamos**” revela o interesse no estabelecimento de uma relação entre os dois, confirmada na pergunta “**você quer ser o meu primeiro namorado?**”, nela ocorre a circulação de sentidos de naturalidade na relação entre dois homens, em que se tem a quebra de uma regularidade em que os homossexuais estão relacionados, em sua relação, com sentidos de promiscuidade e sexo, tem-se a inscrição de sentidos de

³⁰ Disponível em: <<http://eusougay.net/2011/07/17/propost/>>. Acesso em: 22 dez. 2011.

³¹ Anexo F.

romantismo passíveis de existirem. A seguir, dois comentários retirados dos comentários publicados como resposta ao *post*, ambos com datas de 18 de julho de 2011³²:

A cada post, menos fôlego... xD
 Essa história daria um livro, cara... Nossa, perfeito!
 Já disse e repito, vc merece tudo isso! xD
 Um abraço, cara... até o próximo

A mim me parece que leio o texto de um jovem pré-adolescente que acha seu primeiro namorado... tudo lindinho, fofo, inocente...
curti 😊
 Boa sorte aos 2 =D

A inscrição da regularidade de relatos é observada no primeiro comentário na marca **“a cada post, menos fôlego”** em que existe a inscrição de que não se trata do primeiro *post* sobre essa relação, a repetição inscreve a importância dessa temática para o sujeito frente a tantos outros assuntos possíveis. No segundo comentário ocorre a colocação **“me parece que leio o texto de um jovem pré-adolescente”**, que inscreve sentidos de encantamento com a colocação do começo de um namoro.

Em ambos os posts ocorre a marca de que é natural o estabelecimento de relações entre pessoas do mesmo sexo, quebrando a colocação de que é algo não natural, como inscrito em outros espaços de dizer, a filiação desses sujeitos a outros dizeres ocorre por conta de sua filiação a outra a FD, marcado em inscrições como **“a cada post, menos fôlego”**, **“essa história daria um livro”**, **“perfeito”**, **“vc merece tudo isso!”** e **“curti”**.

O espaço das mensagens tem cada dia mais despertado interesse de análises por parte de pesquisadores, já que ali ocorre uma intensa troca de mensagens entre sujeito-blogueiro e sujeito-leitor. É a interação que assegura que a blogosfera exista. Destaco que os comentários podem ter que ser aprovados previamente pelo sujeito-blogueiro; dessa forma, um dizer que ele entenda como desinteressante, pode não ser incluso no *blog*, por diferentes motivos (CONSONI, 2010).

No *blog* pode-se construir uma série de relações e debater assuntos variados de acordo com os interesses ou objetivos do *blog* (MITROVIC; TADIC, 2010). O sujeito-leitor influencia nas opiniões do sujeito-blogueiro e nas temáticas futuras abordadas nos futuros *posts* do *blog*. Os comentários permitem uma circulação outra de dizeres no

³² Anexo G.

espaço da inscrição de relatos íntimos (OLIVEIRA, 2005), inclusive, muitas vezes indo na contramão do que é discursivizado pelo sujeito-blogueiro.

Nos *blogs* temos a exposição como marca constitutiva, observo que a presença do outro afeta as percepções e a forma com que o sujeito marca sua presença nesse espaço, por exemplo, o sujeito pode acabar por discutir mais uma questão a pedido de seus leitores ou pela boa repercussão. Os *blogs* que são utilizados como espaços de confiança, são contraditórios, mas ao mesmo tempo em que obtém um espaço seu de inscrição e possibilidades de dizer, o sujeito acaba por revelar sua vida para uma comunidade virtual que não tem controle no que tange ao acesso e o ver (TAVERNARI, 2009).

A instantaneidade das relações permeia o universo dos espaços do ciberespaço, inclusive no *blog*. O *blog* é marcado pela instantaneidade das relações. A participação do outro é fundamental para o sucesso do *blog*, por meio do recurso de respostas onde o leitor pode comunicar-se com o sujeito-blogueiro e é também o leitor que funciona como termômetro do sucesso (ou fracasso) de um *blog*; contabiliza-se isso por meio do número de visitas nas páginas do *blog* (uso do contador de acessos) e das respostas das postagens do sujeito-blogueiro. O sujeito-blogueiro busca a legitimação de suas ideias junto aos sujeitos-leitores, enquanto o leitor busca um *blog* que consiga estabelecer alguma ligação/identificação, seja temática, linguagem ou layout de página. O sujeito-blogueiro busca eco no que escreve. A interatividade integra o dia a dia do sujeito-blogueiro (SILVA, 2009), como é possível identificar na análise empreendida na página anterior.

A relação de intimidade é estabelecida no *blog*, sendo que tanto o sujeito-blogueiro como os sujeitos-leitores sentem-se à vontade para trocar experiências e aconselhar-se, já que em muitos relatos as experiências vividas não são tão distintas, permitindo um aconselhamento acerca de que determinações tomar. Compartilhar a intimidade atrai olhares de leitores interessados, isso pode ser confirmado quando se observa a imensa audiência que programas como o *Big Brother Brasil* (BBB) conseguem arrebatar ou mesmo as páginas de relacionamentos social existentes na rede (FRIEDERICHS, 2009).

O nome dessa imensa comunidade de *blogs* é blogosfera. De acordo com dados do *site Technorati* em seu estudo anual intitulado *State of the Blogosphere* (2011), pesquisa importante e respeitado nos mais diferentes setores como área acadêmica e de

mercado, servindo para indicar dados acerca do universo dos *blogs*. Nesta pesquisa, ainda foi indicado que os sujeitos-blogueiros tem gasto cada vez mais tempo na atualização de suas páginas. O *Technorati*³³ atribui um *ranking* dos maiores *blogs* do mundo. No Brasil existia o *Blogblogs* que estabelecia uma lista dos *blogs* mais acessados no país, mas a página deixou de existir desde 2010 (HONSCHA, 2009). Esclareço que não existe um número ou noção de quantos *blogs* existem no Brasil, esse número cresce continuamente.

Os *blogs* já integram a cultura de muitos sujeitos-navegadores que fazem uso e a leitura desses espaços, como detalhado nos dados apresentados no começo desse capítulo. O número de *blogs* aumentou cerca de 600% no ciberespaço (MILLER; SHEPHERD, 2009).

Em seu levantamento de 2008, o *Tecnorati* publicou o *State of The Blogosphere* (2008) que indicou que desde 2002 temos a existência de mais de 133 milhões de *blogs*, o estudo indicou que 46% dos blogueiros indicam como profissão a de blogueiros profissionais, sendo que grande parte desses *blogs* recebem patrocínios. Nesta pesquisa, foram entrevistados blogueiros de 66 países, sendo que 43% eram estadunidenses. No Brasil, existem sujeitos-blogueiros que ganham dinheiro, ou produtos cobiçados, com propagandas difundidas em seu *blog*³⁴. Aliás, os *blogs* disputam espaço na busca de propagandas com espaços mais tradicionais, sendo que reestabeleceram novos parâmetros de investimento com *marketing* e propaganda e geram também questionamentos sobre a validade ética desses procedimentos. Em alguns casos, a remuneração obtida com os *blogs* permite que o sujeito-blogueiro encare aquilo como um trabalho remunerado (AQUINO, 2009).

Comumente, integra os *blogs* uma lista com outros *blogs* o que revela uma ligação entre esse espaço e tantos outros dizeres circulantes no ciberespaço, possibilitando a observação de que espaços de dizer o sujeito-blogueiro vincula seu dizer (HARRISON, 2010). Essa lista que contém os *links* para os outros *blogs* é chamada de *blogroll*, comumente tem relação com o interesse do sujeito-blogueiro e com a temática do *blog* (DOORN, 2007; MOURA, 2009). Um olhar acerca do *blogroll* permite ponderações interessantes, principalmente se pensarmos que ocorre um

³³ O *Technorati*, desde 2009, realiza a indexação exclusivamente de *blogs* em língua inglesa, excluindo de sua contagem milhões de páginas em outros idiomas.

³⁴ São também chamados de *posts* pagos.

processo de filiação ao dizer de outros sujeitos, já que entra na minha lista sujeitos-blogueiros que eu leio e me identifico, temos um processo de inscrição nessa filiação.

Observa-se o *blogroll* como instrumento interessante para analisar os movimentos do sujeito, permitindo refletir sobre seus processos de filiação a determinados dizeres. Existe ainda o interesse de ver uma mesma informação/notícia nos *blogs* que os sujeitos-blogueiros se filiam, já que temos outros arquivos, formas de escrever, etc. ali expressos (AQUINO, 2009).

À procedência da palavra, existem duas possíveis derivações. Os blogger dos EUA sustentam que o termo provém de *logroll*, que está relacionado com o intercâmbio de informação entre diferentes pessoas para obter um objetivo comum. Os blogueiros do Reino Unido relacionam a palavra com *bog roll* (papel higiênico), com base em seu extenso tamanho e na duvidosa qualidade da lista de muitos *blogroll* (MALINI, 2008, p. 39).

Como anota Hosha (2009) o *blogroll* pode receber o nome que o sujeito-blogueiro desejar, por exemplo, o *blog* “Eu Sou Gay” nomeia seu *blogroll* como “Leio e recomendo”. E essa lista remete aos primeiros *blogs* que surgiram no mundo, que trabalhavam com a listagem de espaços que o dono da página acreditava serem interessantes para outros navegadores. Essa possibilidade de nomear chama a atenção, já que tenho em jogo o dizer e não-dizer. Ao colocar em jogo um nome para esse espaço-trilha de outras vozes, deixo de colocar em jogo tantos outros. Da mesma forma, o processo de seleção dos espaços que vão integrar essa lista também são atravessados por esse (não) dizer.

Os *blogs* apresentam uma infinidade de recursos que o estruturam, como *widgets* ou *gadgets*, *sidebars*, espaço de comentários, etc. (HONSCHA, 2009). *Widgets* ou *gadgets* são aplicativos que garantem que o *blog* apresente aplicativos interessantes no *blog* e podem enriquecer enormemente os espaços dos *blogs*, por isso seu uso cada vez mais valorizado, podem ser obtidos na própria página de montagem do *blog* ou mesmo em outros *sites*.

O *sidebars* é interessante, já que permitem funcionalidades que garantem novas identificações aos *blogs*. Essas possibilidades acabam ficando nas laterais dos *blogs* e permitem (outras) inscrições dos sujeitos, o *blogroll* é um exemplo desse espaço nas laterais dos *blogs* (HONSCHA, 2009), sendo fundamental para indicar outros *blogs* para o sujeito-navegador, facilitando o agrupamento de espaços que o sujeito-blogueiro faz

suas leituras e indicando terrenos que contém as pegadas do sujeito-blogueiro, espaços que ele destina sua leitura, e muitas vezes, sua escrita e troca com o outro. Se encaixa nessa funcionalidade outros espaços, como as postagens mais populares da semana ou o espaço dos arquivos com os posts do *blog*. Essas estruturas já estão prontas, basta o sujeito-blogueiro selecioná-las no próprio serviço do *blog* ou em outros *sites* que disponibilizam essas ferramentas, sendo que muitas ele tem a possibilidade de nomear, como no caso do *blogroll*, as *tags* que o próprio sujeito-blogueiro escolhe para classificar suas postagens ou do contador de visitas.

As relações entre os sujeitos-navegadores é um aspecto fundamental para a manutenção e sucesso dos *blogs*, inclusive, sem a existência dos sujeitos-leitores a página não têm acessos e sem quem a leia o espaço não tem necessidade de existir. Não é apenas o espaço dos comentários que estabelece elos no *blog*, o *blogroll* também permite essa ligação entre os diferentes sujeitos-blogueiros, essa listagem pode ser apresentada de diferentes formas, por exemplo, por ordem alfabética ou de atualização de acordo com a última postagem. O interessante do *blogroll* é que ele permite que o sujeito-navegador encontre uma lista com espaços que tenham relação com o *blog* ali acessado. Essa intensa e fecunda troca de *links* permite que os *blogs* ganhem espaço e visualizações (CONSONI, 2010). Para a pesquisa aqui discutida os *blogrolls* das páginas analisadas foram essenciais para a seleção dos *blogs* dessa Dissertação, tendo um papel em minha análise, construção e estruturação metodológica.

Ao relacionar um *blog* na listagem do *blogroll*, o sujeito-blogueiro acaba por silenciar outros espaços e vozes que poderiam estar ali. Por meio de *links*, temos uma comunidade que é construída em uma troca constante e permanente, estabelecendo uma relação profunda e que no *blogroll* é apresentada, já que lá existem as quais *blogs* o sujeito-blogueiro se filia/visita (FELITTI, 2009). Existe uma divulgação de *links* de outros *blogs* o que gera uma ciranda de conexão, sendo comum o estabelecimento de conversas e relações entre os sujeitos-blogueiros. O conteúdo de um texto que é publicado no *blog* é denominado *post* (PADILHA, 2010).

Os *blogs* têm despertado um interesse cada vez maior da mídia e seu crescimento é impressionante, o que muito justifica as discussões do mesmo em diferentes e diversos campos de estudo (DOORN, 2007). *Blogs* fazem parte de uma corrente na qual temos a participação como marca fundamental dessa fase, nomeada *Web 2.0* (SEEGER, 2007).

A fase da *Web 2.0* corresponde a um período no qual a informação passou a ser facilmente publicável na rede eletrônica sem a necessidade de conhecimentos técnicos ou mais específicos. Com a *Web 2.0* temos o advento da publicação dos próprios documentos na *Web* pelos próprios usuários, isso, pois não é mais necessário possuir grandes conhecimentos acerca de programação para realizar essa disponibilização na rede eletrônica, essa disseminação ficou facilitada como nunca antes na história do mundo. Os *blogs* representam bem a era da cultura colaborativa e dos *links* na rede eletrônica, no qual ocorre à difusão de informações pelo próprio cidadão, condição possível, graças ao desenvolvimento dos espaços da *Web 2.0*. (MALINI, 2008).

Realizando a genealogia do termo *blog*, observo que se trata de um acrônimo da palavra *weblog* (HARRISON, 2010), esse acrônimo foi popularizado por Peter Merholz em 1999 (SILVA, 2008), com uma noção de *we blog*, em português, nós blogamos (MORENO, 2009). Os *blogs* marcam uma revolução na área da informática, sendo de fácil uso, sendo que não é necessário o prévio conhecimento acerca de linguagens de programação para criação desses espaços (PADILHA, 2010). Passo a observar a atualização constante de conteúdos de interesse dos sujeitos-blogueiros, estruturados em ordem cronológica inversa e com muita hipertextualidade. Os sujeitos-blogueiros realizavam postagens em outros *blogs* com *links* de outras páginas, inclusive seu próprio *blog*, permitindo assim que sua voz ganhasse mais força (MALINI, 2008).

Blood (2002) entende que o *blog* é um formato típico da internet, alertando que é difícil defini-lo, mas é fácil reconhecê-lo, ela concebe que eles possuem uma estrutura na qual, usualmente são atualizados com frequência, possuem uma lista lateral que remete a outros *blogs* (*blogroll*) que ele escolhe para serem exibidos em sua página e que costumam ter relação com as temáticas ali discutidas. Nos *blogs* temos marcas como a relação da hora e o nome do autor do *post* do *blog*, as postagens ficam arquivadas na página do *blog*, mas podem ser deletadas pelo sujeito-blogueiro.

O termo *blog* foi usado pela primeira vez em 1997 por Jorn Barger, no qual referia-se a uma lista com *sites* que divulgavam *links* entendidos como interessantes, nessa época os *blogs* pouco se diferenciavam de *sites*, aliás, nesse período não era tão simples criar um *blog*, por isso muitos estudiosos afirmam que o primeiro *site* da WWW criada por Tim Berners-Lee foi o primeiro *blog*, página criada para o Conseil Européen pour la Recherche Nucléaire (CERN) (AMARAL; RECUERO; MONTARDO, 2009; ORIHUELA, 2006; PADILHA, 2010). Os *blogs* saem de um espaço de difusão de *links*,

para a possibilidade de compartilhamento e trocas efetivas entre sujeitos-blogueiros, inclusive, de discussões que abrangem o espaço da vida íntima do dono do espaço (HONSCHA, 2009). Destaco que os primeiros *blogs* diferem muito dos contemporâneos.

Definir os *weblogs* não é uma tarefa simples, principalmente, pois eles possuem características específicas e muitas vezes têm interesses de discussão e uso distintos, possuindo como ponto em comum seu formato. Os *blogs* são espaços atualizados com frequência, organizado por meio de entradas cronológicas, eles permitem uma fácil publicação/entrada de textos nos *blogs*, facilitando publicações na internet (EFIMOVA, 2009), os *blogs* colaboraram para o crescimento das informações disponibilizadas na internet (SILVA, 2008). As postagens nos *blogs* podem ser compostas por vídeos, textos, fotos, etc. Segundo dados de 2008, o português está entre as dez línguas mais usadas em *blogs*, de acordo com o *Tecnorati* (PIMENTEL, 2010), dados do ano de 2006 da mesma empresa dão conta que 2% são escritos em língua portuguesa (MALINI, 2008). Um dado do Ministério da Cultura divulgou que o país possui cerca de 3 milhões de blogueiros no mundo, o que representaria 6% dos sujeitos-blogueiros do país (LIMA, 2009). Houve uma explosão de *blogs* nos anos de 1996 e 1997.

De acordo com Lima (2009) e Silva (2010) o primeiro *blog* de um brasileiro, como relatado pela a Revista *Época*, foi o de Renato Pedroso Júnior, que utilizava a alcunha de Nemo Nox, responsável pelo “O diário da megalópole” criado em 31 de março de 1998. O foco de discussão desse *blog* eram os relatos da mudança de Santos, sua cidade natal, para São Paulo. Esse *blog*, assim como outros escritos no mesmo período, exigiam a publicação em HTML, algo bem complexo e trabalhoso. Atualmente, Renato mantém um novo *blog* o “Por um Punhado de Pixels” que ganhou um concurso como melhor *blog* do planeta do conglomerado midiático alemão *Deutsche Welle* (FELITTI, 2009).

Os *blogs* quebraram a exclusividade de divulgação dos órgãos de comunicação na divulgação e como fontes de informação. O autor cita a questão dos *blogs* como fundamental do *blog* nas eleições presidenciais de 2004 e nos ataques terroristas de 2001. A internet tem afetado profundamente o campo da política como observado no caso do Irã em que *blogs* e o *Twitter* foram mobilizados para protestar e arregimentar protestos e difundir informações acerca do que estava ocorrendo e a imprensa oficial e o Governo censurava (PADILHA, 2010).

Não raramente, tem-se observado as tramas do ciberespaço como fecundos lugares de agregamento dos sujeitos, isso pode ser exemplificado com seu uso político, na comunicação de candidatos com seus eleitores durante o processo eleitoral e realização de seus respectivos mandatos. A relação entre políticos e eleitores transforma-se o sujeito passa a ter novas possibilidades de estabelecer relações e contatos com os políticos, surgem assim, novas formas de participação, principalmente por conta da internet que facilita questões simples como a observação de gastos públicos ou a comunicação direta, por meio de mensagens ou *e-mail* (TONHATI, 2007).

O *blog* apresenta um espaço no qual os textos ficam arquivados dentro da página. Honscha (2009) alerta que os espaços midiáticos apropriaram-se com precisão dos *blogs* para a discussão de uma série de temas, inclusive por uma série de profissionais, como os que atuam na área de mídia, principalmente os jornalistas. Enfatizo que outras tecnologias de comunicação, como as redes sociais, também afetaram profundamente uma série de profissões (SILVA, 2008).

Orihuela (2006) entende que a blogosfera possui três fases: i) 1.0 que corresponde a publicação da primeira página da *Web* e vai até agosto de 1999 com o lançamento do *Blogger*, atualmente uma empresa do *Google*; ii) 2.0 que aborda a criação do *Blogger* até a explosão do uso dos *blogs* em 2004, como observado no uso dos *blogs* para tratar o Atentado de 11 de setembro em Nova York; e iii) 3.0 vai de 2005 até hoje, nessa fase temos a aquisição da *Weblogs Inc.*, que administra muitos *blogs* pela AOL, temos uma questão interessante, no qual os *blogs* passam a arrecadar com publicidade de empresas interessadas no grande público leitor desses espaços e no processo de arquivamento realizado pelos próprios sujeitos-blogueiros.

Jorn Barger que era editor do *Robot Wisdom*, página da *Web* na qual se apresentavam ligações (*hiperlinks*) para páginas que o sujeito-blogueiro acreditava serem interessantes (GENS, 2008; FRIEDERICHS, 2009), assim, o *blog* era um espaço de reunião de *links* com breves comentários de sua autoria, sem espaços que assegurassem a participação dos leitores (como, costumeiramente, observamos nos *blogs* do tipo diário). Vale marcar que não apenas o *blog* de Barger era assim, mas todos os do período dos anos de 1997 e 1998. O não conhecimento de informática, especificamente a HTML, para a realização das postagens e montagem da página no ciberespaço. O que marca os *blogs* desse período é a linguagem hipertextualizada, na

qual o importante era a *linkagem* e não a difusão de suas informações ou opiniões (MALINI, 2008). Esses *blogs* eram marcados por uma estaticidade, já que as postagens eram de exclusividade dos sujeitos-blogueiros (MORENO, 2009), também no início, os *blogs* só apresentavam textos, eram restritos (SILVA, 2008).

A primeira ideia de uso dos *blogs* abarcava a noção de um espaço de guarda, em uma época de difícil utilização dos buscadores, eles foram muito úteis para tal finalidade (TRÄSEL, 2009), o Robot Jorn era um desses *sites* com *links* interessantes da *Web* (BLOOD, 2000).

Outros fatos que popularizaram os blogs foram tanto a escolha de “weblog” como a palavra do ano pelo Merriam-Webster’s Dictionary, em 2004, com a compra do Blogger pelo Google no mesmo ano, o que pode ser percebido como indícios da consagração dos blogs na época (AMARAL; REUERO; MONTARDO, p. 28-29, 2009).

Os primeiros *blogs* são considerados os *sites* que traziam *links* de outros *sites* com conteúdos considerados interessantes por ele, servindo como um grande *site* que desejava filtrar conteúdos para os leitores, seus donos tinham algum conhecimento acerca da linguagem informática para construir esses espaços de vinculação de *links* (HONSCHA, 2009). Eles tiveram uma grande importância na fase inicial da internet.

Concebe-se a existência de quatro fases do *blog* em sua história: a) fase filtro na qual os *blogs* indicavam por meio de *links* outros *sites*, servindo como um filtro para outros internautas; b) fase diário em que tem-se a publicação de textos facilitada por programas disponibilizados na internet; c) fase informativa na qual serve como instrumento de difusão de notícias e cobertura de matérias que interessem aos outros como o atentado de setembro de 2001; d) fase profissional na qual o sujeito-blogueiro atua profissionalmente com as postagens de textos em seu *blog*, obtendo vantagens financeiras e pessoais por meio da vinculação de conteúdos (HONSCHA, 2009).

Os *blogs* passaram por grandes transformações em seu período de existência e ainda hoje continuam em modificação, incluindo alterações conceituais importantes que estão em curso. Os *blogs* tornaram-se possíveis de utilização e postagem por parte de quem não dominava as linguagens da informática mais avançada (HONSCHA, 2009).

No *blog*, temos as marcas do conflituoso que busca conhecer a si mesmo, ao mesmo tempo que expõe-se, apresenta suas dúvidas, questionamentos, posicionamentos e indagações. No *blog*, o sujeito se expõe e deseja a certeza, a aprovação pelo olhar do

outro. Os conflitos e dilemas pelos quais o sujeito expressa-se por meio da escrita de si na rede eletrônica desvela seu conflito não apenas consigo mesmo, mas também com a sociedade. A constituição identitária do sujeito nesse processo merece atenção, já que se observa a fluidez marcando esse processo de desvelamento e observação de como o virtual e real se entrelaçam é algo fundamental, pensar como a vida *on-line* afeta a *off-line*, e vice versa (OLIVEIRA, 2004).

O interessante dos *blogs* é que muitas vezes são discursivizados assuntos que em outros espaços não ganham destaque e aqui obtém condições de discussão e debate, tem-se a possibilidade de manifestações por meio do uso dos *blogs* e de encontro com outros que identificam-se com a questão ou problema. Importante destacar que nem todos os *blogs* têm caráter participativo ou são abertos a todos, como exemplo temos os *blogs* corporativos, espaços fechados para um público específico (CONSONI, 2010).

Temos uma escrita que converge para as necessidades e anseios do sujeito leitor contemporâneo que acessa esses arquivos discursivos. O *blog* apresenta uma semiose de signos diversos que compõe a tessitura do discurso eletrônico (SANTOS, 2003). Primo (2008) alerta que o termo *blog* pode ser usado para abordar os espaços discursivos de publicação, especificamente os programas usados e o *blog*, o espaço que apresenta os textos.

Deve ficar claro que blogs são muito mais que uma simples interface facilitada para a publicação individual, como são frequentemente definidos. Faço tal alerta não apenas para criticar uma definição que se resume à descrição do meio, mas também para lembrar que blogs são espaços coletivos de interação. Ou seja, blogs/espaço podem converter-se em um ponto de encontro (PRIMO, 2008, p. 123).

A incerteza da durabilidade do *blog* é uma realidade. Não existe a segurança da durabilidade ou manutenção de um *blog*, a possibilidade do espaço desaparecer do nada, por conta de um erro do sistema, como uma questão técnica ou vírus, ou por meio de questões políticas como denúncias que resultam na retirada do espaço do ar (RAK, 2005). O *blog* tem como uma de suas marcas a atualização frequente de seus conteúdos, informações do *Technorati* informa que 71% *blogs* são atualizados semanalmente (FOGAÇA, 2011).

Essas páginas se desfazem e iniciam de maneira constante. Páginas deixam de existir de uma hora pra outra, frente ao desinteressado do sujeito-blogueiro. O *blog* que não é atualizado de forma permanente está decretado ao fracasso e fim. O uso de recursos variados é um trunfo importante na atração de usuários para os *blogs*, com uma

variedade cada vez maior de questões como a integração de materiais multimídias e audiovisuais, questão de inter-relação de mídias. O sujeito-blogueiro busca legitimação por meio do outro, buscando que o que escreve seja identificado pelos leitores de seu *blog*, buscando encontrar eco nos outros. O sujeito leitor busca um *blog* pelo qual identifique pontos que lhe interessem, como tema e linguagem usada. Deslocamento, interação e leveza na movimentação marcam os *blogs* e a contemporaneidade. Crio um *blog* e amanhã o abandono. Muitas vezes a duração de um *blog* não é maior que 1 dia (SILVA, 2010). Abaixo temos o recorte da mensagem de encerramento de um *blog*, marcando que o desinteresse de continuar postando resultou em tal determinação, esse não é um caso isolado ou raro de ocorrer:



Figura 1: Post de encerramento do *blog*³⁵.



Figura 2: Mensagem de fechamento do *blog*³⁶.

³⁵ Disponível em: <<http://doisperdidosnanoi.blogspot.com.br/2012/06/o-fim-do-blog.html>>. Acesso em: 16 out. 2012.

³⁶ Disponível em: <niceboyz34.blogspot.com>. Acesso em: 11 nov. 2011.

O *blog* acima saiu do ar, mas por determinações do próprio servidor. A remoção instala sentidos de censura, já que o espaço foi removido e impedido de permitir a circulação de dadas vozes.

Indo além da concepção de diários, muitos *blogs* tornam-se referências na discussão de uma série de assuntos. Existe ainda, o monitoramento de *blogs* por empresas especializadas e pelas próprias empresas interessadas na repercussão de seus produtos (HONSCHA, 2009).

Houve uma mobilização de estadunidenses em torno das declarações racistas do senador republicano Trend Lott, que os grandes veículos midiáticos ignoraram, mas uma série de internautas não, que se mobilizaram e conseguiram que o caso fosse discutido em grandes espaços midiáticos, chamaram a atenção para a questão e até George W. Bush teve que se pronunciar acerca da questão (PADILHA, 2010).

Outros exemplos, em 1998, o Drudge Report denunciava a revista Newsweek por deixar de publicar uma reportagem na qual denunciava o caso do presidente Bill Clinton com Monica L., estagiária de 23 anos, reportagem apurada por Michael Isikoff. No Brasil, em 2001, no *blog* Catarro Verde, de Sergio Faria houve o relato de que o então senador baiano Antônio Carlos Magalhães, do Partido da Frente Liberal (PFL)³⁷, plagiou o discurso de Afonso Arinos de Melo Franco, um político mineiro, em seu pronunciamento de renúncia do cargo (FELITTI, 2009).

Nos *blogs*, temos discussões que muitas vezes não são abordadas nos grandes espaços midiático, por meio do espaço de publicações de comentários temos novas relações propostas e possíveis. Temos uma interação entre o autor e os leitores. Muitos sujeitos-blogueiros conseguiram *status* na rede por conta do sucesso de suas publicações, sendo apontados como fontes interessantes de pesquisa, sendo usados para noticiar acontecimentos das mais variadas áreas, como no caso do atentado de 11 de Setembro de 2001. Enquanto espaços midiáticos demoravam para fornecer notícias acerca do atentado, os espaços da internet tinham uma maior atualização e estabilidade no acesso as informações necessárias. A quantidade de acessos a internet chegou a níveis grandiosos, os portais da internet registravam números de acesso grandiosos. No Brasil, temos o famoso caso dos ataques do Primeiro Comando da Capital (PCC) no estado de São Paulo em maio de 2006, que mobilizaram a atenção da mídia brasileira e internacional por conta dos ataques de membros dessa facção criminosa a bases

³⁷ Atual partido Democratas (DEM).

policiais, realização de rebeliões em presídios e atentados contra regiões de várias cidades (MORENO, 2009), existiam grandes envios e trocas de relatos e vídeos dos cidadãos para as grandes redações de espaços midiáticos. Segundo Malini (2007, p. 263) “a blogosfera duplica de tamanho a cada 230 dias”. Dos cem *sites* mais acessados no mundo, doze eram *blogs* (MORENO, 2009), sendo que “em abril de 2010, o Netcraft contabilizou 205 milhões de *sites*, destes 20% são *blogs*” (FARIAS; FREIRE, 2011, p. 124).

Blogs pessoais e a busca da visibilidade, uma constante cada vez mais presente em nossa sociedade, como por exemplo, o *blog* da Bruna Surfistinha. O falar de si é uma tendência que motiva a criação de muitos desses *blogs*: eles são diários abertos da vida, com fotos, experiências contadas abertamente por pessoas que na maioria das vezes se tornam anônimas na imensidão da internet; esses tipos de *blog* estão começando a criar uma nova cultura na sociedade, as pessoas passam a “espionar” a vida alheia da janela do seu computador. Existe uma relação de poder dos sujeitos-blogueiros que podem aprovar ou não comentários e a necessidade dos leitores para que o *blog* seja promovido e seja um sucesso (HEINE, 2008).

Outro exemplo pode ser observado no caso envolvendo a Apple e o *blog* Engadget, no qual, em maio de 2007, o *blog* publicou um *e-mail* da diretoria da empresa estadunidense para seus funcionários, no qual alertava acerca do atraso no lançamento de dois produtos pela empresa; o *e-mail* foi enviado erroneamente para os funcionários da empresa, mas o fato é que após a postagem as ações da Apple desvalorizaram no mercado financeiro U\$\$ 4 bilhões, o que acarretou em terríveis prejuízos, isso tudo após uma postagem em um *blog* (TRÄSEL, 2009).

Os *blogs* têm despertado interesse por conta das possibilidades ofertadas, por exemplo, a observação das notícias de conflitos complexos que são cobertos por esses sujeitos, em locais muitas vezes que os jornalistas não conseguem entrar, como exemplo, os *blogs* que cobrem guerras e conflitos, como o caso do *Where is Raed*³⁸, criado em 2002, pelo sujeito-blogueiro que usava o pseudônimo Salam Pax e que difundia notícias acerca da invasão estadunidense no Iraque e que ganhou muitos leitores no mundo, pois era escrito em inglês. Não raramente, são apresentados dados e

³⁸ WHERE IS RAED? 2002. Disponível em: <http://dear_raed.blogspot.com.br/>. Acesso em: 30 jun. 2012.

informações acerca da vida privada dos blogueiros, por meio de imagens e textos (CARDOSO, 2008; SILVA, 2008). Schittine (2004, p. 58) esclarece que

Cada um pode realizar no computador uma série de atividades privadas, desconhecidas de quem mora na mesma casa, e, ao mesmo tempo, conviver com essas pessoas. O espaço privado volta a se encolher e a resposta do indivíduo é um deslocamento no tempo para um espaço virtual [...]. O 'autor' forma uma rede de amigos virtuais que compensa o seu déficit de relações reais... É uma maneira de conciliar o público e o privado sem que uma coisa se confunda com a outra, com a ajuda da mediação do computador.

Temos vivenciado transformações profundas resultantes do advento das TICs que tem permitido (re)pensar uma série de questões do cotidiano e do espaço comunicacional nas últimas décadas, afetando profundamente a forma como se observa e relaciona com a busca e difusão informacional, o que tem atraído olhares acerca desses avanços científicos e tecnológicos por uma série pesquisadores. As transformações tecnológicas foram profundas e afetaram profundamente a cultura em seus diferentes aspectos. O interessante da internet é observar como sua estrutura de relações entre computadores possibilitou uma mudança profunda nas formas possíveis de relação entre os sujeitos (SILVA, 2008). Novas possibilidades de interação com os instrumentos digitais, como os *blogs* e as câmeras portáteis, marcando novas delimitações acerca do privado e do público (TAVERNARI, 2009).

A internet facilitou os processos de *voyeurismo* e exposição dos sujeitos, no qual sujeitos analisam a vida de outros e expõe pontos de suas vidas com mais facilidade do que no período pré-internet. Muitos passaram a utilizar os *blogs* para publicar materiais com conteúdos que interessassem a esses internautas, sendo possível a abordagem de diferentes assuntos nas páginas eletrônicas, inclusive páginas com conteúdos pessoais, abertas a leitura de qualquer internauta. Nos *blogs* temos um espaço de consumo e exposição da privacidade (BRAGANHOLO, 2011).

Os *blogs* reforçam a questão do ciberespaço como rede interacional, na qual o sujeito-blogueiro e o sujeito-leitor estabelecem relações fecundas e de intensas trocas destacando a ideia de cooperação desses espaços. Importante esclarecer que o *blog* sempre é um espaço identitário e personalizado, mesmo quando não é do tipo diário eletrônico, já que os recortes expostos tem uma relação com o interesse do autor e de suas opiniões.

4. ESTRUTURA METODOLÓGICA: CONSTRUÇÃO CIENTÍFICA E POSSIBILIDADES ANALÍTICAS



"Com efeito, eu e vocês vemos, pensamos e sentimos, cada qual a seu modo, a nós mesmos e a vida. O que significa que atribuímos, cada qual a seu modo, uma realidade a nós mesmos e à vida; nós a projetamos para fora e acreditamos que, assim como é nossa, também é de todos; e alegremente vivemos em meio a ela e caminhamos seguros, com a bengala na mão e o charuto na boca."

Luigi Pirandello.

4.1 Objetivos

O objetivo principal desta pesquisa é analisar a forma como os sujeitos-*gays* discursivizam a homofobia nos *blogs* do tipo diário, permitindo identificar, pelas sequências discursivas (SD), as formas com que a violência (física e psicológica) contra os homossexuais ocorre no Brasil. Pela importância de realizar recortes, optei pelo trabalho exclusivo com *blogs* de homossexuais masculinos (*gays*).

Como objetivos específicos, recaiu meu interesse em alguns pontos, entre eles: i) refletir sobre a criação e desenvolvimento da internet e do ciberespaço, e sua difusão, não mais como estruturas de uso exclusivo de um grupo restrito (cientistas, militares e pesquisadores), sendo resignificada e afetando, profundamente, o homem contemporâneo; por isso, analiso uma tipologia discursiva, no caso os *blogs*, mais precisamente os do tipo diário eletrônico, escritos por brasileiros e em língua portuguesa. O interesse é observar como um produto que é fruto do desenvolvimento científico e tecnológico afetou de maneira efetiva a sociedade, por meio da análise de um grupo específico, o que permitirá a realização de análises mais densas, observando, ainda, como são inscritos sentidos acerca de uma infinidade de questões por esses sujeitos-blogueiros; ii) empreender estudos que permitam pensar as novas relações estabelecidas na dita Sociedade da Informação e analisar como ela afetou o sujeito que se relaciona com esse espaço discursivo; iii) observar a inscrição dos sujeitos-navegadores em suas colocações nos *blogs* por meio dos *posts* e comentários ali postados; iv) analisar a forma como o dizer do sujeito-blogueiro é atravessado pelo dos sujeitos-leitores e como temos um lugar de filiação, repetição e rompimento discursivo; v) trabalhar com os *blogs* e o ciberespaço além de sua possibilidade tecnológica³⁹, abordando-os como instância discursiva em que o público e o privado se imbricam.

4.2 Seleção do *corpus* e dos recortes

A escolha temática desta pesquisa ocorreu por diferentes motivos. O interesse de abordar questões que possuem uma urgência de discussões no espaço acadêmico têm mobilizado algumas de minhas reflexões no decorrer dos anos, inclusive nesta pesquisa.

³⁹ No que tange discussões acerca do tamanho das estruturas de conexão e rede.

Atualmente, o destaque dado aos *gays* têm permitido reflexões interessantes ao redor do mundo, especificamente no Brasil, é possível encontrar uma série de pesquisas e reportagens que têm os homossexuais como ponto central de análise e observação. Da mesma forma, as discussões envolvendo a tecnologia afetam o cotidiano de todos, seja de uma forma que aparenta ser mais direta, como no uso da linguagem ou de algum equipamento doméstico como o fogão ou a geladeira; ou de uma forma que pareça indireta, como na questão da poluição ambiental ou da produção de energia.

Compreendendo a impossibilidade de estudar todos os espaços ofertados no ciberespaço, entendeu-se a importância de selecionar alguns desses espaços para análise e observação, para melhor estudar as problemáticas envolvidas e observar os movimentos dos sujeitos que ali inscrevem seus dizeres (sujeitos-blogueiros e sujeitos-leitores), em meio a tais questões, os *blogs* do tipo diário foram os escolhidos. Os motivos de minha escolha foram vários, entre eles, o contínuo crescimento dos *blogs* no ciberespaço, mesmo com o surgimento de outros espaços discursivos como, por exemplo, as mais variadas redes sociais; sua estrutura na organização das postagens e o número significativo de *blogs* que são escritos por homossexuais. A variedade tipológica de *blogs* exigiu outras delimitações; para tanto, foi escolhi trabalhar exclusivamente com os *blogs* do tipo diário, especificamente o dos homossexuais masculinos (*gays*).

O material selecionado concerne em recortes provenientes de *posts* e comentários de três *blogs*. Para escolher os *blogs* deste trabalho foram estabelecidos alguns critérios, já que a quantidade de *blogs gays* é grande, por isso foram selecionados *blogs* do tipo diário de *gays*: i) brasileiros; ii) escritos em língua portuguesa; iii) pertencentes a homens; iv) que versassem acerca de uma série de questões, incluindo o debate acerca da homofobia; v) atualizados com frequência; vi) não existisse proibições de acesso ao conteúdo⁴⁰.

Estabeleci o mês de novembro de 2010 como início da coleta de postagens para o trabalho, isso porque um evento marcante foi estabelecido como ponto de partida desta pesquisa e observei que a partir dele as discussões sobre os homossexuais e a homofobia passaram a ter mais destaque no país; esse evento foi o ataque de um grupo contra três jovens *gays* na Avenida Paulista no dia 14 de novembro de 2010. Desde essa

⁴⁰ Os *blogs* utilizados nesta pesquisa são de livre acesso, sem que para consultar e ler os materiais ali disponibilizados fosse necessário fazer uso de qualquer tipo de senha. Por isso, considero os materiais analisados nos três *blogs* estudados como material de domínio público.

data foram observados uma série de eventos que fomentavam as discussões acerca dos *gays*. A coleta de postagens durou 1 ano, assim, foram coletadas postagens do primeiro dia de novembro de 2010 até o último dia de novembro de 2011.

Primeiro, foram pré-selecionados 46 *blogs*⁴¹, nessa fase os espaços foram escolhidos por obedecerem como critério básico a discussão, de alguma forma, de pontos do universo *gay*. Na segunda fase houve a leitura e seleção, com base nos critérios estabelecidos (e apresentados anteriormente), dos três *blogs* analisados que compõe essa Dissertação. Esses espaços foram selecionados por atenderem os critérios estabelecidos e por, no decorrer da análise e leitura, terem chamado minha atenção. Retomo que no fazer da AD a escolha do material que compõe o *corpus* já faz parte do fazer analítico, como adiante será conceituado neste capítulo. Os três *blogs* selecionados são esses:

	<i>Blogs</i>	Endereços Eletrônicos
1.	Dentro do armário - o diário de um gay não gay: sou homossexual	http://dentrodoarmario.wordpress.com/
2.	Diário de um gay	http://diariodeumgay2010.blogspot.com.br/
3.	Eu Sou Gay	http://eusougay.net/

Figura 3: *Blogs* que compõe a pesquisa.

O processo de contato e observação dos *blogs* teve início logo com a escolha do tema de minha pesquisa, desde o processo de escrita de meu projeto de Mestrado na UFSCar. O processo de escolha do material que compõe esta pesquisa ocorreu com a observação do atendimento dos pontos estabelecidos como delimitadores para a pesquisa, tais como a atualização dos espaços e o local de escrita dos *blogs*. O não atendimento de alguma delimitação resultava na exclusão do *blog* da pesquisa. Saliento que muitos dos *blogs* escolhidos e apresentados na tabela dos pré-selecionados não atendiam aos critérios da pesquisa, mas permitiam observações interessantes, por isso entravam nessa pré-seleção, mas acabavam de fora da seleção final dos espaços

⁴¹ Anexo E.

escolhidos, como exemplo, temos a inclusão de *blogs* portugueses, *blogs* que tiveram início fora do período delimitado ou de lésbicas e, mesmo assim, esses *blogs* foram importantes pelas relações de contatos que eles permitiam por meio do *blogroll*.

Para a elaboração desta Dissertação foram estabelecidas etapas, no caso: a) o levantamento bibliográfico de materiais que permitissem refletir acerca das questões trabalhadas no decorrer do texto, as consultas e os materiais bibliográficos foram obtidos de diferentes espaços, como bases de dados nacionais e internacionais e bibliotecas, principalmente a Biblioteca Comunitária da UFSCar e a Biblioteca Central de Ribeirão Preto; b) leitura e fichamentos do material lido, o que permitiu a construção dos capítulos do trabalho, o entendimento necessário para o desenvolvimento da pesquisa e realização das análises discursivas. A bibliografia que estrutura esta pesquisa consiste em material de diferentes áreas, como *blogs*, ciberespaço, comunicação, homossexualidade, sexualidade, tecnologia e, principalmente, AD de linha francesa, na qual esta pesquisa tem sua estrutura basilar, teoria que permite o diálogo com outras áreas e autores, já que se trata de uma disciplina de entremeio.

Por meio do método é que um determinado fazer científico pode ser realizado novamente, em outros lugares, cabendo sua contestação ou validação por outros pesquisadores ou institutos de pesquisa. Método é um termo com suas raízes gregas, *metá* e *hódus*⁴², e que indica o caminho trilhado pelo pesquisador durante a realização do trabalho de pesquisa, visto que existem muitas possibilidades diante de um objeto de trabalho e, portanto, é imprescindível a apresentação das etapas do trabalho realizado. A metodologia propicia formas estruturadas e aceitas pelos pares para realizar uma pesquisa e, assim, metodologia e os método estão, invariavelmente, ligados no desenvolvimento das pesquisas. Alvarenga (2003) entende que a metodologia é a forma usada para pensar e realizar a busca de resultados para refletir sobre dada questão. Os pilares estruturais desta pesquisa são provenientes da AD de linha francesa, sendo que os resultados para as questões propostas foram obtidos com base nos delineamentos dessa teoria⁴³.

A coleta ocorreu durante todo processo de realização da pesquisa, já que havia o receio dos *blogs* selecionados parassem de receber postagens, fossem deletados,

⁴² Palavras gregas que significam, respectivamente, ‘a seguir’ e ‘caminho’.

⁴³ Salienta-se que não foram mobilizados todos os conceitos da teoria da AD de linha francesa, apenas os que são utilizados na análise do *corpus* da pesquisa, dessa forma, a mobilização de outros conceitos, permitiria outros olhares acerca do mesmo objeto.

hackeados e abandonados. Como medida de segurança, as páginas usadas na pesquisa foram salvas em documentos *Word*, além de terem sido impressas. Esses cuidados foram essenciais já que o trabalho com a internet exige procedimentos de atenção no armazenamento e coleta do material de pesquisa. Desde novembro de 2010, tem-se realizado esse percurso nos *blogs* selecionados, ressaltando que nos meses de novembro (2011), dezembro (2011) e janeiro (2012) ocorreu um intenso trabalho de observação de postagens correspondentes ao período estipulado, com a realização da leitura desse material, que corresponde a *posts* do sujeito-blogueiro e comentários dos sujeitos-leitores. Isso resultou em novos dizeres integrando o *corpus* da pesquisa. Inclusive, alguns dos *blogs* pré-selecionados deixaram de ser alimentados e alguns foram deletados.

Importante esclarecer o processo de busca que permitiu o contato com os *blogs* pré-selecionados. Não há um espaço que congregue todos os *blogs* de homossexuais do Brasil⁴⁴, algo que poderia facilitar o trabalho de contato com os *blogs*. O buscador *Google* foi utilizado, mas o resultado era pouco preciso e não contemplava muitas vezes as especificidades da pesquisa. A saída ocorreu por meio dos próprios *blogs*, já que existe uma lista chamada *blogroll* na maioria dos *blogs*, que permitiu que observássemos ali um fecundo espaço de dizeres e o contato com outros sujeitos-blogueiros *gays*. Por meio dos *blogrolls* foi possível encontrar a maioria dos *blogs* pré-selecionados nesta pesquisa e, também, chegar aos espaços discursivos que foram objeto de minhas análises e observações.

4.3 Considerações metodológicas: postulados da AD

Acredito ser relevante apresentar, neste subcapítulo, o que é a metodologia em AD de linha francesa, inclusive, adentrando em uma discussão que vislumbra elucidar acerca do processo de trabalho do próprio analista do discurso que considero interessante apresentar.

A linguagem é permeada pela multiplicidade de sentidos, portanto é polissêmica. É a multiplicidade que interessa ao discurso. A incompletude constitui a linguagem, não

⁴⁴ Existe uma iniciativa que congrega *blogs* de homossexuais, no caso o Blogayros Brasileiros, mas o sujeito-blogueiro tem que solicitar a inclusão na lista. Não ocorre uma varredura do ciberespaço e a inclusão desses *blogs* nessa rede discursiva, por isso, muitos espaços acabam de fora desse verdadeiro repositório. O Blogayros Brasileiros está disponível na página: <<http://blogayrosbrasileiros.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 01 abr. 2012.

temos um sentido pré-existente pronto para ser acessado, lido e decodificado (ORLANDI, 1984), conforme já apontado na abordagem teórica. Destaco que persiste a ilusão dos sujeitos pela produção de linguagens fechadas, plenas, nas quais as falhas e os furos sejam inexistentes (LAGAZZI-RODRIGUES, 2006).

Os analistas do discurso, assim, como os demais pesquisadores, não estão em um campo fora da linguagem, isso quer dizer que estamos sujeitos ao funcionamento de sua estrutura. O pesquisador é influenciado pela ideologia e a construção de sentidos que realiza são formulados a partir de uma dada posição do sujeito no discurso. No entanto, o que se observa no cotidiano das universidades é a idealização do pesquisador neutro, mesmo sendo algo que não existe, já que ele sempre é interpelado pela questão ideológica (LAGAZZI, 1988). A AD se posiciona dessa forma, inclusive, porque “afirmar o contrário seria o mesmo que colocar o sujeito fora do alcance da ideologia” (LAGAZZI, 1988, p. 51). No entanto, a não existência de um padrão de ciência neutra não significa que as pesquisas não possam ter validade por conta da subjetividade do sujeito, é importante que

[...] um método de análise, dentro de seus limites, deve procurar sua ‘cientificidade’, sua sistematicidade, para que não se torne o ‘achar’ de cada pesquisador. Dessa forma, devemos ter o cuidado de não incorrer nem no extremo da pura subjetividade do ‘achar’ que é rebatido por um ‘achar’ contrário, sem procedimentos concretos que possam solidificar uma análise, nem no outro extremo dos modelos prontos, definidos anteriormente a seus objetos, que podem nos levar a uma análise apenas conteudística, onde o que temos a dizer serve apenas para comprovar uma conclusão pré-estabelecida. Acreditamos que a Análise do Discurso nos oferece essa possibilidade, pois embora pressuponha a metodologia linguística, científica (dentro de seus limites), nunca deixa de considerar o histórico e o ideológico inscritos no objeto de análise (LAGAZZI, 1988, p. 51).

O interesse da AD não é pela completude e análise exaustiva de um dado objeto (ORLANDI, 1989), dessa forma, o desejo pela análise não exige um número específico de sequências discursivas, permitindo que o analista estipule um número de sequências para compor o trabalho de análise (INDURSKY, 1997). Não pretendo com esta pesquisa realizar uma análise conteudista do que foi dito nos *blogs*, com a clássica questão “O que foi dito no *post* X do *blog* Y?”. Meu intuito é observar os deslizamentos, furos, repetições e rupturas que afetam o processo discursivo.

O processo de construção da própria pesquisa integra o fazer analítico, assim, as escolhas de material, autores, recortes e tudo que compõe uma pesquisa já faz parte do processo da análise. Destaco que na AD não existem modelos que permitam a realização de análises de forma automática, sendo que a realização da delimitação do *corpus* em AD obedece a critérios específicos (INDURSKY, 1997).

O *corpus* desta pesquisa é composto por 37 recortes de três *blogs*, todos enfocando a homofobia. Todo material foi retirado de páginas (*blogs*) disponibilizadas na rede eletrônica, livres para acesso de qualquer sujeito. Compõe esta pesquisa *posts* dos próprios sujeitos-blogueiros e comentários dos sujeitos-leitores que estão publicados nos *blogs*. Orlandi (1989, p. 32) compreende que

[...] a delimitação de um *corpus* não segue critérios empíricos (positivistas), mas teóricos. Desse modo, a questão da exaustividade deve ser considerada em relação aos objetivos e à temática e não em relação ao material linguístico empírico (textos) em si.

Ao escolher a AD como teoria que permeia meus estudos e possibilita a realização das análises, considero que trata-se de uma região teórica que permite que a mesma pesquisa, nas mãos de outro analista do discurso, possa obter análises e resultados totalmente distintos dos obtidos, seja na composição do *corpus*, recortes, consulta a diferentes arquivos, mobilização conceitual, análises, etc. Isso é enriquecedor e possibilitou que eu refletisse de uma maneira (outra) sobre o fazer científico (ORLANDI, 2007).

As posições da AD permitem que o pesquisador se aventure e arrisque nas tramas científicas. Entendo que trilhar uma estrutura mais estável permite ao investigador uma sensação de maior segurança, pois nossa clássica formação positivista parece assegurar isso, mas também “corre-se o risco de se perder a oportunidade de ver o espetáculo da revelação do complexo” (SILVEIRA, 2000, p. 124). Analisar apenas os produtos é tradicionalmente um caminho mais seguro e percorrido pelo fazer científico ocidental, mas isso resulta em uma perda de possibilidades de observação dos processos. O que, inevitavelmente, gera um prejuízo para o fazer científico. Não é a quantidade de fontes que qualifica um trabalho ou constitui um arquivo, mas o tratamento que esse material recebe (SILVEIRA, 2000), isso se aplica nesta pesquisa, já que são usados três *blogs* para pensar a questão da homofobia inscrita pelo *gay* no

ciberespaço. Na AD, a explicitação metodológica é importante para o entendimento das análises (INDURSKY, 1997).

O interesse para a AD é trabalhar com uma profunda análise do material selecionado, não sendo tão relevante o tamanho do material, como em outras áreas de pesquisa, visto que todo discurso é possível por conta de discursos anteriores, pela presença do já-lá (LAGAZZI, 1988); assim, a AD diverge dos pressupostos de exaustividade e completude tão essenciais nas pesquisas e observações empíricas (MARIANI, 1998).

Entende-se como *corpus*, o material que será analisado, discutido em uma pesquisa, ele coloca em jogo a borda, uma pretensa unidade, que sempre é frágil, mas que é necessária por permitir uma segurança e impor uma demarcação que possibilite a construção de uma pesquisa (BALDINI, 2010), visto que não é possível trabalhar com quantidades gigantescas de dados, sendo necessários recortes, o que também acaba por indicar os caminhos e formas diferenciais de cada pesquisa. Assim, a originalidade de cada trabalho se encontra na forma como cada autor se relaciona com o seu objeto de estudo, de modo que o que constitui a diferença de cada pesquisa é a forma com que o pesquisador trabalha com as fontes pesquisadas e o *corpus* selecionado (SILVEIRA, 2000).

Na constituição do *corpus*, temos sempre a posição que o pesquisador tomou. A AD não consiste na tomada de uma teoria para realizar a observação de dados objetos, ela entende que o sujeito se inscreve na constituição do *corpus*, na consulta ao material, aos arquivos, aos recortes (BALDINI, 2010; ORLANDI, 2001b). O recorte discursivo é formulado por Orlandi (1984) para falar do gesto do analista do discurso que recorta uma parcela que não cabe separação da situação da linguagem. O recorte é entendido como “uma unidade discursiva [...] um fragmento da situação discursiva” (ORLANDI, 1984, p. 14). Os recortes discursivos são as sequências discursivas, obtidas por conta dos objetos de cada pesquisa e são elas que compõem o *corpus* discursivo (INDURSKY, 1997).

Indursky (1997) entende que o *corpus* pode ser compreendido de duas formas: i) *corpus* empírico que abrange o período total que dado conjunto de dizeres foi enunciado, exemplificando com minha pesquisa observo o *corpus* empírico como o total de inscrições de todos os *blogs* de *gays* brasileiros, publicados entre novembro de 2010 e novembro de 2011; ii) *corpus* discursivo, como “o objeto sobre o qual incidirão

nossas análises” (INDURSKY, 1997, p. 46), relativa aos *blogs* selecionados para as análises desta Dissertação⁴⁵. A realização da delimitação do *corpus* em AD obedece a critérios específicos (INDURSKY, 1997).

Pelas marcas que o sujeito deixa na linguagem é possível uma aproximação do pesquisador; dessa forma, fazendo uso da AD, o analista consegue escapar dos modelos de análise pré-formadas como também do possível achismo. É na análise que o *corpus* acaba delimitado. Falo de *corpus*, quando abordo um recorte de dados. A interpretação para a análise nos estudos da AD não é algo realizado de forma automática. O ponto a destacar na AD é que a escolha do *corpus* não é feita de forma premeditada (anteriormente), mas durante a realização do trabalho, o que caracteriza a AD como uma pesquisa que permite uma profundidade analítica do material (LAGAZZI, 1988).

O interesse do analista do discurso não compreende (ou se interessa) por completar ou mesmo esgotar uma dada questão. O analista do discurso visa apresentar uma amostra que permita servir de análise para sua pesquisa, possibilitando uma contribuição na observação de um dado problema (INDURSKY, 1997). Mariani (1998), por meio da exemplificação de sua própria pesquisa de Doutorado, na qual trabalhou com os dizeres acerca do Partido Comunista Brasileiro (PCB) na mídia impressa entre as décadas de 1920 e 1980, entende a impossibilidade de realizar a leitura de todos os jornais que debatessem acerca dos comunistas brasileiros, inclusive porque o acesso a determinados materiais já não era mais possível pelo fechamento de alguns jornais e inexistência material de alguns exemplares, fora a complexidade de acesso aos arquivos e bibliotecas no país. Pensando essa questão, de acordo com os objetos de estudo desta Dissertação, marco a impossibilidade da leitura de todos os *blogs gays*, seja pela ausência de tempo, pela inexistência de um espaço que reúna e archive todos os *blogs* acerca dos homossexuais e/ou pelo desaparecimento desses *blogs* do ciberespaço, sendo assim, meu foco foi na análise profunda do meu *corpus*.

Após o levantamento do material, foi realizada a delimitação das sequências discursivas, seguido pelas análises discursivas, sendo que após esse procedimento, o arquivo que compõe a pesquisa é construído (MARIANI, 1998).

⁴⁵ Destacamos que Indursky (1997) apresenta exemplos acerca de sua pesquisa após a descrição dos tipos de *corpus*, referentes à questão dos dizeres dos presidentes militares no período ditatorial que o país atravessou. No parágrafo, optei por utilizar exemplos que enquadram-se as questões e temáticas de minha pesquisa.

5. ANÁLISES DISCURSIVAS: ATUALIZANDO, REPETINDO E ROMPENDO DIZERES SOBRE A HOMOFOBIA



“Não nos compreendem? Para o mundo exterior, distante, incompreensível, também temos a língua que nos forja numa unidade, embora esse mundo também a compreenda bem: a língua do ódio e da agressão.”

Imre Kertész

Neste capítulo, dediquei-me às análises discursivas que compõe o *corpus*, obtido de *blogs gays* e tecidas com o objetivo de falar do preconceito contra os homossexuais, no caso, a homofobia. Destaco que em capítulos anteriores foram apresentados recortes e análises referentes aos *blogs* selecionados para esta pesquisa, o que possibilita que os leitores deste trabalho iniciem desde o primeiro momento o contato com o material da pesquisa. Existiu o interesse por observar os processos de atualização, filiação, movimentação e rompimento que perpassam o processo discursivo e o sujeito, afetados por uma série de pontos, como a ideologia e a memória discursiva.

A realização dos procedimentos de estudo da AD são feitos por meio da teoria e da prática. Com base nesse entendimento, no decorrer desta pesquisa foram realizadas algumas análises discursivas que permitiriam outras leituras acerca do *corpus* e temas propostos nessa discussão. Destaco que a realização da pesquisa permitiu surpresas no decorrer das análises, a observação de dizeres e sentidos distintos das formações imaginárias que havia formulado foi algo visto como positivo, exemplo disso foi a identificação de dizeres homofóbicos por parte de alguns sujeitos do estudo.

Foram pré-selecionados quarenta e seis *blogs*⁴⁶, sendo escolhidos três *blogs*; neles foram observadas inscrições realizadas pelos sujeitos-blogueiros, entre elas as questões do amor, descoberta da sexualidade, homofobia e relação com a família. Dessas inscrições, optou-se por trabalhar com a temática da homofobia, visto que ela tem ocupado um espaço cada vez maior nas mais diferentes instâncias, como na midiática e política. A escolha da homofobia deu-se pela relevância da discussão, seu ineditismo nas discussões da AD e a possibilidade de encontrar elementos das outras inscrições presentes nos relatos acerca da homofobia, por exemplo, a família como principal lugar de intolerância e preconceito contra o *gay*. O material coletado corresponde ao período de novembro de 2010 até novembro de 2011, contabilizando 1 ano, sendo que a data de início corresponde a data do caso de agressão homofóbica que ocorreu na Avenida Paulista em novembro de 2010⁴⁷.

O processo de construção desta pesquisa⁴⁸, inicialmente, levou em consideração os processos de constituição analítico, metodológico e teórico que envolve a Análise do

⁴⁶ Anexo E.

⁴⁷ REED, G. Grupo usou barra de lâmpadas em agressão a jovens na Avenida Paulista. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 14 nov. 2010. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/830530-grupo-usou-barra-de-lampadas-em-agressao-a-jovens-na-avenida-paulista.shtml>>. Acesso em: 11 nov. 2012.

⁴⁸ Destaco que as diretrizes desta pesquisa foram detalhadas na parte de Metodologia.

Discurso de linha francesa. As considerações da AD propiciam observações particulares acerca de seus objetos de análise, principalmente, por entender a língua como espaço de deslocamento, falta e furo permanentes, considero que com os espaços da rede eletrônica essa situação não é diferente. Destaco que meu intuito não é a realização de análises ou considerações acerca dos processos técnicos que envolvem muitas pesquisas acerca dos diferentes espaços da rede eletrônica⁴⁹. Considerações e sentidos distintos são observados nas mobilizações realizadas pelos sujeitos, tanto os sujeitos-blogueiros como os sujeitos-leitores. Por conta disso, a homofobia é significada de variadas formas, seja pelo repúdio a violência praticada, pela culpa atribuída aos próprios *gays*, entre outras significações observadas nos espaços selecionados e em diferentes outros arquivos existentes nas tramas do ciberespaço.

O trabalho de organização desta pesquisa poderia ser realizado de variadas maneiras, essas possibilidades de montagem da pesquisa, invariavelmente, afetaram minhas análises, assim como os gestos de leitura dos que acessarem este trabalho. Sobre o processo de organização da pesquisa, apresento seu detalhamento: primeiro realizei a reunião do material que constitui o *corpus* deste trabalho, em seguida, realizei a reunião e separação do material em entradas discursivas, e finalizei com a divisão do material das entradas em sequências discursivas, que como conceitua Courtine são “sequências orais ou escritas de dimensão superior à frase” (2009, p. 57).

Nesse capítulo, o *corpus* da pesquisa é dividido em três entradas discursivas, são elas: 1) a violência no cotidiano: o *gay* vítima de homofobia, totalizando 8 recortes; 2) o *gay* e o próprio preconceito, um total de 10 recortes; e 3) o *blog* como espaço de denúncia e reflexão da violência correspondendo a 11 recortes, totalizando 29 recortes. Entretanto, o *corpus* é composto por 37 recortes, já que ao longo do trabalho análises foram realizadas nos capítulos 2 e 4 desta Dissertação. A seguir, a primeira entrada discursiva do capítulo analítico.

5.1 A violência no cotidiano: o *gay* vítima de homofobia

Para iniciar as abordagens, optei pela entrada discursiva que enfoca a violência vivenciada pelos sujeitos-navegadores, tanto os sujeitos-blogueiros como os sujeitos-

⁴⁹ Considero que tal ponto é um dos diferenciais desta Dissertação.

leitores. Durante o trabalho, identifiquei a repetição das práticas de violência como algo constantemente retomado pelos sujeitos.

Início as análises com o recorte do *post* do *blog* Eu Sou Gay, intitulada “Violência”⁵⁰, publicado no dia 24 de abril de 2011⁵¹. Abaixo, o recorte trata da homofobia praticada dentro de casa, pela família do sujeito-blogueiro. O significante “**família**” é importante nas discussões que envolvem os *gays* e a homofobia, pois em casa é que os *gays* são mais discriminados, como veremos no decorrer deste trabalho e pode ser atestado no relatório da Secretaria dos Direitos Humanos da Presidência da República (BRASIL, 2011), que relata que eles sofrem com agressões, desprezo e incompreensão por parte dos pais e irmãos, esses ancorados em dizeres que condenam os homossexuais e que acreditam serem dizeres evidentes, justificando a não aceitação e a prática do ódio. No entanto, em outros fragmentos é possível observar a ruptura com essa prática da não aceitação e a ocorrência do acolhimento por parte de algumas famílias de homossexuais.

Outro ponto importante sobre o significante “**família**” são os diferentes sentidos sobre a formação de estruturas familiares por casais homoafetivos, no qual temos, no discurso jurídico, a aceitação da adoção de crianças e a aprovação da união estável. Apesar disso, temos juízes que não aceitaram a determinação do STF e recusa(ra)m-se a efetivar essas uniões, afirmando que elas vão contra o que acreditam ser uma família, marcando sua filiação a outras FDs. Em contrapartida, no discurso religioso temos a negação da validade de qualquer ideia de família que congregue a identificação de duas pessoas do mesmo sexo. Mesmo assim, temos rupturas, nas quais determinadas correntes, igrejas e seitas religiosas não compartilham dessa posição, inclusive, algumas são voltadas exclusivamente para homossexuais. Nessas estruturas religiosas temos outros sentidos em jogo e, assim, noto que os processos discursivos não são lineares, passíveis de estruturarem-se de outras formas. Analiso o recorte abaixo, que corresponde ao *post* citado acima:

R1 - Lembro do dia em que disse a meu pai que **queria desistir das aulas de futebol** do colégio. Na longa discussão, acabei dizendo que **fui forçado a fazer futebol** (a verdade é que desejei fazer, mas **para agradá-lo**, e não por minha causa). **Disse que odiava ir às aulas. Disse que detestava futebol.** Aí, no calor da contenda, **meu pai, furioso, foi à cozinha, pegou uma faca de açougueiro, me pegou**

⁵⁰ Disponível em: <<http://eusougay.net/2011/04/24/violencia/>>. Acesso em: 20 jan. 2012.

⁵¹ Anexo H.

pela gola da camiseta e me jogou no chão. Eu, estirado, assustado, fiquei imóvel diante da ameaça, vendo a ponta da faca próxima do meu peito. **Os olhos do meu pai fumegavam. Seu rosto transparecia uma raiva** que nunca tinha visto antes⁵².

Temos o funcionamento discursivo que aponta para a compreensão de uma equivalência de sentidos entre “**detestava futebol**” e “**ser gay**”. Como apresentado anteriormente, os sujeitos realizam formulações acerca dos assuntos, objetos, dos outros sujeitos, e de si próprio, isso de forma permanente, isso afeta a produção dos discursos e dos sentidos. O pai do sujeito-blogueiro, por meio dos mecanismos de formação imaginária, formula uma imagem acerca da sexualidade do filho com base em sua relação com o futebol. O fato de não gostar (“**odiava**” e “**detestava**”), sendo interpelado pelos processos ideológicos no momento de analisar o fato do filho detestar o esporte, sendo entendido por ele como uma pista, uma confissão de que o filho era *gay*. Ao realizar tal gesto de leitura, o sujeito marca que para ser *gay* basta enquadrar-se em alguma noção pré-estabelecida do que é identificado como ‘próprio’ dos (des)interesses dos *gays* e, dessa forma, gostar ou não de outro homem, não é o ponto chave, mas o que é aceito no contexto sócio-histórico como próprio dos *gays*.

A partir dessa compreensão, observo a ideologia interferindo na produção dos sentidos, dando a sensação de que essa forma de pensar é a única possível de ser compreendida como correta. Parece claro que não gostar de futebol é indicativo de que o filho é *gay*. Essa noção ainda instala o efeito imaginário de restrição, já que entende-se que os *gays* nunca jogam futebol, como se uma linha imaginária impedisse que qualquer *gay* adentrasse um campo de futebol ou exercesse a profissão de jogador profissional, o que fornece segurança para afirmar que um menino ou homem que não tenham interesse por futebol sejam *gays*. Essa prática restritiva impõe a compreensão de que o futebol é um esporte destinado apenas aos homens heterossexuais, excluindo quem não se enquadra nesse quesito, como os homens homossexuais e as mulheres.

Ressalto que as marcas que permitem que pela formação imaginária o sujeito identifique e interprete o outro como *gay* são realizadas de diferentes formas, seja pelos gestos do corpo⁵³, os interesses pessoais, e também, pelo processo discursivo, esse que é foco de interesse deste trabalho.

⁵² Os recortes foram mantidos da forma como estão escritos e com a pontuação original utilizada nos *blogs*. Destaco que todos os grifos dos recortes são de minha autoria.

⁵³ Por exemplo, pelo corte de cabelo, a roupa usada, os trejeitos, etc.

O sujeito-blogueiro, acreditando que jogar futebol é algo que produziria alegrias para o pai (**“para agradá-lo”**), formula essa imagem da reação do pai com base nos movimentos de antecipação, na formação imaginária que ele realiza sobre o pai, com base na memória e na ideologia. No entanto, ao mesmo tempo que o sujeito-blogueiro busca satisfazer as expectativas que acredita que o pai possui, ele instaura o confronto contra sua própria vontade, já que ele detesta futebol, mas submete-se a prática, é **“forçado”** pelo desejo de agradar, o que resulta na produção de outros sentidos que não aqueles que ele deseja produzir. Ao formular a imagem do futebol como algo que agrada o pai, o sujeito é interpelado pela ideologia, afetado pela naturalização da compreensão de que se trata de um esporte masculino, que sua realização agradaria aos interesses do pai.

Ao não aceitar a possibilidade do filho ser *gay*, temos a homofobia inscrita nos dizeres e gestos do pai, que reage com agressividade a essa possibilidade. Considerando que a busca por alterar a orientação sexual do filho é uma forma de violência, já que se trata do não respeito às particularidades do outro, de sua identificação como errado. Noto que essa prática de classificar o *gay* como errado é constantemente realizada pelo não *gay*, que imagina exercer a posição de quem pode definir o que é certo ou errado, principalmente quando ocupa uma posição de poder no discurso (**“pai”**).

A possibilidade do filho ser *gay* provoca no pai sentimentos negativos, os quais inscrevem-se filiados a discursos anteriores, existentes em FDs contrárias a homossexualidade, que são permanentemente retomados e emergem pela memória discursiva, assegurando os processos de regularidade ou rompimento discursivo. O pai coloca em jogo a homossexualidade como algo negativo, por isso sua reação inesperada, em que deixa de lado os sentidos de acolhimento e coloca em jogo sentidos de violência física, da não aceitação. A homofobia provoca uma reação devastadora no pai, um sentimento de irritação único contra o filho, como visto nas marcas **“jogou no chão”**, **“os olhos do meu pai fumegavam”** e **“transparecia uma raiva que nunca tinha visto antes”**. O ódio diante da possibilidade do filho ser *gay* ancora-se no já-lá que inscreve dizeres negativos acerca dos homossexuais e provoca essa reação por parte de quem deveria acolher.

Chamou a atenção no recorte o fato de que, em nenhum momento, o pai diz que o filho é *gay*, mas essa compreensão é expressa de outra forma, pelos seus gestos de truculência. O pai tem tanta certeza da homossexualidade do filho, que ele não precisa

da confirmação do sujeito-blogueiro, ele acredita estar diante de evidências que atestam isso de forma irrefutável e a reação é o repúdio. O não-dito se faz presente no processo discursivo. Continuando a análise, apresento mais um recorte extraído do *post* anterior:

R2 - E toda essa **raiva** foi porque **ele sabia que eu era gay**. O fato de eu ter dito que **detestava futebol foi como um soco no estômago**. Foi **como se** eu dissesse: **“Eu sou viado!”**. E isso, **nenhum pai está preparado para ouvir de um filho**.

O sujeito-blogueiro sentiu na pele as consequências da homofobia desde cedo, sofrendo pela sua orientação sexual, por aquilo que ele é e muitos identificam como errado. A **“raiva”** é o sentimento do pai frente à identificação do filho como *gay*, ele não aceita e pela força tenta modificar isso, sendo que a agressividade só ocorre por ele identifica-lo como *gay*, já que é algo que o atinge com força, pois, além de não desejar o filho *gay*, foi algo inesperado (**“um soco no estômago”**), marcando a violência da notícia em sua vida. Pontuo que a sexualidade do sujeito-blogueiro acaba por não dizer respeito apenas a ele, acaba afetando a vida de toda sua família.

Pela formação imaginária, o sujeito imagina-se ocupando a posição do pai, em que é possível observar a aproximação com os movimentos estabelecidos pelo pai, em que, interpelado pela ideologia, ele concorda com o pai, entendendo a complexidade de aceitar um filho *gay*, identificando a compreensão da homossexualidade de um filho como algo da ordem do inesperado para o pai, que necessita que o outro esteja **“preparado”** para **“ouvir”** essa revelação, já que é entendido como algo não natural, envolto em sentidos negativos. Novamente, a concordância ocorre no momento de observar que revelar ao pai que não gostava de futebol foi o mesmo que assumir-se *gay* (**“como se eu dissesse: ‘Eu sou viado!’”**), esse processo de equivalência de sentido é visto como possível. O significante “viado” mobiliza uma série de regiões discursivas já-ditas, seja a do animal (veado), que é uma imagem associada ao *gay* e a dizeres pejorativos ou relacionada à verdadeira etimologia da palavra, no caso, como diminutivo de transviado, usado para designar algo fora da ordem, do que é dominante e desde muito tempo usado para designar os homossexuais e a compreensão de seu comportamento como anormal.

A seguir, analiso o comentário do *post* “Dentro de casa que gays sofrem mais homofobia”, retirado do *blog* Dentro do Armário. O recorte abaixo⁵⁴ foi publicado no dia 13 de outubro de 2011⁵⁵:

R3 - Minha família ainda não sabe sobre mim, e nem pretendo falar-lhes. Embora meu pai já tenha demonstrado não haver problema em ter filho gay, o que me deixou muito espantando vindo dele, minha mãe trabalhou boa parte da vida em trabalhos sociais com homossexuais, acho que o mais difícil seria com meu irmão, justamente a pessoa que me tratou como um pai, e devo muita coisa a ele, e que por muitas vezes já demonstrou ser homofóbico. O medo da rejeição com ele é pior do que de qualquer outro membro da família.

Novamente é possível observar a família como ponto central de discussão, mas envolta em outros sentidos, já que parte dos membros da família não encararia como algo ruim a descoberta da sexualidade de algum dos membros, temos sentidos de aceitação (“**não haver problema em ter filho gay**”) por parte dos seus pais. Destaco que essa aceitação, principalmente pelo pai, provoca deslocamentos da forma como o sujeito identifica seu pai e produz sentidos sobre ele. A ruptura de uma imagem que aparentava ser fixa, gera surpresa (“**muito espantando**”), já que existia a identificação de que não é possível que quem ocupe a posição de pai aceite o filho *gay*. Ao romper com esses sentidos, outros são postos em jogo e permitem outras formas de pensar a própria sexualidade.

No entanto, é possível flagrar a exposição de que a aceitação da família não é plena, já que o irmão do sujeito-leitor não aceita a homossexualidade e abertamente filia-se a outras FD's, distintas do irmão-*gay* e dos pais, aliando-se a dizeres homofóbicos (“**demonstrou ser homofóbico**”), marcando constantemente a não aceitação do *gay*. Assumir-se é algo complexo, revelar para os outros a sua orientação sexual provoca o “**medo da rejeição**”, sentimento que é compartilhado por outros *gays*, o temor de sofrer com a solidão e desprezo das pessoas queridas por conta de sua sexualidade. O *gay* lida o tempo todo com esses sentidos de medo e de solidão, isso interfere no processo de assumir-se, principalmente, entre *gays* que identificam que não produzem a imagem ‘padrão do *gay*’. Por isso, concluo que sua orientação sexual está velada (“**não sabe sobre mim**”), o que permite que ele permaneça no armário,

⁵⁴ Disponível em: <<http://dentrodoarmario.wordpress.com/2011/10/11/dentro-de-casa-que-gays-sofrem-mais-homofobia/#comments>>. Acesso em: 20 jan. 2012.

⁵⁵ Anexo I.

imaginando-se fora de qualquer perigo, protegido da(s) violência(s) homofóbicas. Isso é uma ilusão, já que mesmo os *gays* que estão no armário sofrem com a violência contra os *gays*, já que o fato de ser obrigado a permanecer no armário, por medo das possíveis reações, já é uma forma de sofrer com a homofobia. O recorte seguinte⁵⁶ foi extraído do mesmo comentário que o anterior:

R4 - O que quero dizer é que, apesar de **morarmos no mesmo teto**, termos tido a **mesma educação**, a mesma atenção dos pais, o **mesmo ensino religioso**, nem sempre a questão de trabalhar com a família no geral dará certo. Ao que parece, **peçoas já tem uma idéia formada e não mudará** da água para o vinho.

Nesse recorte, atento para a compreensão do sujeito-leitor de que possuir experiências e vivências semelhantes, em variados aspectos, como nos planos educacionais, familiares e religiosos, garantiria formas de equivalência de discursos, ideias e sentidos, assegurando uma única forma de dizer e ser, possibilitando a repetição permanente frente a situações vivenciadas no cotidiano. Mas esse ideal não é possível. É possível observar a multiplicidade de sentidos sobre a homossexualidade no comentário, já que ambos tiveram a mesma criação, mas movimentam diferentes regiões da memória discursiva e filiam-se a FDs opostas para compreender a homossexualidade. Enquanto o sujeito-leitor filia-se a sentidos de não entendimento da homossexualidade como algo tenebroso; em contrapartida, o irmão filia-se a regiões discursivas outras para falar e pensar sobre a questão, colocando em discurso a não aceitação e o ódio como sentidos válidos para entender a homossexualidade, tendo dizeres homofóbicos perpassando seu dizer e compreendendo como natural o preconceito. Esse processo permite entender o confronto que ocorre no interior do discurso, essa marca de tensão que afeta os sujeitos no processo de inscrever suas vozes.

Pelas redes da memória discursiva, de seus diferentes arquivos, é que o sujeito possui condições de dizer. No comentário, o sujeito coloca em jogo estas tramas ao inscrever que as **“peçoas já tem uma idéia formada e não mudará”**, permitindo problematizar como a memória discursiva interpela o sujeito em seu processo discursivo, afetando seus movimentos ao inscrever seus dizeres na sociedade. O acesso ao já-dito permite que ele inscreva-se nas variadas FDs possíveis, identificando-se ou não com elas; a noção do homossexual como ser desviado relaciona-se com dizeres

⁵⁶ Anexo I.

anteriores, por exemplo, os do espaço jurídico brasileiro, em que a homossexualidade era passível de punições, como a prisão, ou no espaço religioso cristão, em que é entendido como um pecado grave e não a tantas outras, como o próprio discurso jurídico atual que não mais pune os homossexuais e que recentemente entendeu a união estável entre pessoas do mesmo sexo como algo legal. Interpelado por tudo isso, o sujeito discursiviza e vai repetindo ou rompendo com dizeres anteriores; no processo de repetir ele não consegue pensar de outra forma o *gay*, ele acaba enredado por dizeres contrários e permanece repetindo-os, como se fossem verdades absolutas.

A marca “**não mudará**” instaura sentidos de certeza, no qual o sujeito entende que a forma como as pessoas refletem sobre a homossexualidade não é possível de ser outra, marcando a compreensão do espaço discursivo como lugar de rigidez, no qual alterações na forma de significar são difíceis de ocorrer. O próximo recorte⁵⁷, assim como o anterior, é uma continuação do comentário do sujeito-leitor iniciado no recorte R3:

R5 - Não sei se as pessoas repararam a **bandeira** que desfilhou na **parada gay** em copacabana. **Eles representaram** as cores do arco-íris com um gay vestido de cada cor. Quem olha os **representantes, ou vê drag queens, ou vê transexuais**, ou vê “**bibas**” que ficaram famosas em programas como o BBB. **TODOS os representantes são afeminados**. Eles **pregam a diversidade**, mas eles mesmo pecam nesse quesito. Acredito que principalmente o **trabalho publicitário demonstrando** que **homossexuais podem ser qualquer pessoa, desde delegados até zootecnistas**, sem a **necessidade de ser uma pessoa afeminada, fantasiosa e escrachada**, talvez ajudaria as pessoas **mudar um pouco o seu ponto de vista**.

É interessante observar a oposição que o sujeito realiza frente aos *gays* afeminados, marcando a oposição frente ao que eles representam e seus comportamentos. O sujeito-leitor compreende a existência de um sentido dominante que circula no contexto sócio-histórico sobre ser *gay*, marca que é reforçada pelos eventos que contam com a participação dos homossexuais como maioria, entre eles, a “**parada gay**”, em que o sujeito identifica a existência de uma única forma de ser *gay*, parecendo evidente que ele só pode ser de uma forma, sendo que com todas elas o sujeito-leitor não estabelece identificação (“**afeminados**” e “**bibas**”), da mesma forma não existe aproximação com “**drag queens**” e “**transexuais**”. Essa marca de evidência que compreende o *gay* afeminado como aquele identificado como padrão é reforçado com

⁵⁷ Anexo I.

os significantes **“representaram”** e **“TODOS os representantes”** que indicam que essa imagem é a dominante, inclusive, com os próprios homossexuais que escolhem esse perfil como representantes de movimentos importantes, como a Parada *Gay*. Isso marca o incomodo do sujeito-leitor, desejoso da identificação de maior pluralidade nos sentidos que circulam sobre os comportamentos e imagens do *gay*.

O sujeito questiona o processo de identificação da noção de **“diversidade”**, pois coloca em jogo a ausência de uma pluralidade que constitua a representação dos *gays* dentro da sociedade e do próprio movimento *gay*. Esse processo de paráfrase, em que se observa a repetição das imagens sobre ‘ser’ *gay*, provoca no sujeito-blogueiro uma não identificação com este grupo, um não pertencimento. Destaco que, historicamente, o significante **“diversidade”** sempre esteve próximo de discursos e sentidos produzidos pelos homossexuais, enfatizando a relevância do respeito e da convivência harmônica com os heterossexuais, no qual se busca indicar mais de uma forma de estabelecer relações afetivas e sexuais.

O sujeito não apenas não se aproxima dos sentidos relacionados ao *gay* afeminado, ele despreza que a sociedade tenha essa imagem naturalizada como padrão, instaurando dizeres de preconceito. Identifico como relevante a apresentação de outros sentidos sobre o *gay*, procurando aproximá-lo de outros sentidos e representações, afastando-se da compreensão de **“uma pessoa afeminada, fantasiosa e escrachada”**, na expectativa da aproximação de uma imagem não afeminada, sendo que esses dizeres publicados sinalizam uma forma negativa de compreender o *gay* afeminado, reforçando uma série de elementos que circulam de forma pejorativa na sociedade.

Destaco que a compreensão de colocar em jogo outra imagem acerca do *gay* é observada nesse recorte (**“demonstrando que homossexuais podem ser qualquer pessoa, desde delegados até zootecnistas”**) e no decorrer deste trabalho, como identificado em recortes como o R7, R9 e R11. Apresentar outra imagem do/sobre o *gay* aparece como algo urgente que resulta na emergência de outros sentidos sobre ser *gay*, nos quais não existiria uma restrição de identificação de nenhum tipo, já que não teríamos distinções entre os heterossexuais e os homossexuais, em uma igualdade ilusória na qual não mais se identificaria distinções, o que asseguraria que o homossexual assumisse qualquer função em nossa sociedade, como ser **“delegados”** ou **“zootecnistas”**.

A marca “**zootecnistas**” chama a atenção, em especial, por ser uma profissão que lida com o cuidado com os animais em variados aspectos, sendo que durante o trabalho com o *corpus* permitiu a identificação das recorrentes inferências da visão popular da homossexualidade como algo anormal, próximo do animalesco, do bestial. O comentário abaixo é uma resposta ao *post* “Dentro de casa que gays sofrem mais homofobia”, retirado do *blog* Dentro do Armário. Esse comentário foi publicado no dia 14 de outubro de 2011⁵⁸:

R6 - Sobre **preconceito na família**, eu posso falar aqui como um representante do “outro lado”, já que pelos comentários a maioria teve **em algum momento um sentimento de aceitação (mesmo que indireto)** e no meu caso sempre foi bem claro que **“gay não pode”**. **Minha família não é “antiquada” ou extremista**, e eu me dou bem com todos, são compreensivos na maioria das coisas, **só quando o assunto é homossexualidade é que são extremamente preconceituosos**, e **acredito** que sejam assim até por causa da **religião (católica)**, de suas crenças e tudo mais, até nisso eu sou diferente já que **não sou cristão**.

É possível observar as considerações acerca da família que atualizam inscrições da complexidade da relação entre o homossexual e os membros do grupo familiar. Novamente, ocorre a repetição de sentidos de dificuldade envolvendo esta relação, no qual observo a inscrição dos familiares em regiões de sentido que identificam a homossexualidade como algo errado, incorreto e, portanto, algo não passível de aceitação (“**gay não pode**”). Nesse fragmento, atento para a ênfase da proibição, o que produz destaque no processo de marcar a não aceitação do *gay* como membro da família; temos a homofobia como resposta ao possível pertencimento de um membro *gay* à família do sujeito-leitor, a não aceitação é apenas pela sexualidade; observo que o sujeito ao revelar-se *gay* altera toda a forma como sua família o identifica e produz sentidos sobre ele, instaurando sentidos negativos acerca do outro, que passa a ocupar outra posição no processo de significação de seus familiares.

A naturalidade com que os familiares entendem a homossexualidade como algo perverso é ancorada no processo de naturalização promovido pelas redes da ideologia, parecendo natural que se pense de uma dada forma e não de tantas outras, como inscrito no recorte “**sempre foi bem claro**”, em que temos marcas de evidência da necessidade de não aceitação da homossexualidade, inscrito como algo normal e aceito por todos.

⁵⁸ Anexo J.

Esses entendimentos são provenientes de marcas anteriores, discursos postos em circulação em outros arquivos e espaços discursivos, sendo retomados para que o sujeito se posicione e inscreva seus dizeres no cotidiano. Identifico que não existe a aceitação de outras formas de preconceito pela família (**“só quando o assunto é homossexualidade”**), o uso da marca **“só”** reforça essa noção. Compreendo que isso ocorre pela não identificação da aceitação dos homossexuais como uma forma de preconceito, visto que existe a compreensão da homofobia como prática rotineira, algo naturalizado e não uma forma de preconceito.

Ao identificar que sua família **“não é ‘antiquada’ ou extremista”**, o sujeito acaba por aproximá-la de sentidos opostos a esses, no caso, de modernidade e tolerância. No entanto, não são condizentes com o perfil de uma família que compreende a homofobia como direito, aliançando seus dizeres em sentidos de naturalização da não aceitação e prática do preconceito contra os *gays*, sendo que uma das FDs que os membros da família vincula-se para falar sobre os *gays* é a do discurso religioso cristão (**“religião (católica)”**), que difunde a não aceitação dos homossexuais como norma, baseada nos dizeres bíblicos. Compreendo as ameaças que são reafirmadas contra a presença do *gay*, afetando o sujeito, que tem um medo permanente de assumir sua sexualidade e sofrer com restrições impostas por pessoas queridas. Destaco que essa pressão se configura como formas de violência homofóbica que afetam o cotidiano dos sujeitos. Observo mais um recorte⁵⁹:

R7 - É uma situação pesada, difícil de lidar, de certa forma consigo entender o lado deles já que eu mesmo demorei um bom tempo pra começar a me aceitar e parar de achar **“errado”**. O problema de quando o preconceito vem das **peças que você ama** e gostaria de poder confiar mais é que você sabe **que não são pessoas ruins** ou ignorantes, e é difícil ter que ouvir certas coisas tendo **que fingir que aquilo não te atinge** quando na verdade **atinge e humilha**.

O recorte R7 é parte do comentário anterior (R6). Lidar com o preconceito e as possíveis consequências da descoberta de sua sexualidade por sua família são pontos que provocam o receio no sujeito-leitor. O sujeito identifica que ser *gay* é **“uma situação pesada, difícil de lidar”**, visto que lidar com algo que muitos, inclusive sua família, compreendem como errado, gera desconforto e questionamentos, principalmente, pois o sujeito compactuou, durante muito tempo, com o entendimento

⁵⁹ Anexo J.

de que ser *gay* era algo “**errado**”, marcando que ele estabelecia relações com FD’s e dizeres que assim entendiam a questão. Mas sua mudança de comportamento, e posição, gera outras filiações, resultando na circulação de outros sentidos, inclusive a de que a homossexualidade é algo natural.

No jogo do processo ideológico, assumir a homossexualidade é algo “**difícil**”, pelo entendimento que existe um padrão compreendido como normal, no caso, a heterossexualidade, frente a uma anomalia, essa a homossexualidade. Essa noção de padrão que envolve a sexualidade, e que a família do sujeito relaciona-se, coloca em xeque o que não se enquadra nessa pretensa normalidade, noção estabelecida em dizeres já-ditos e que são retomados para legitimar uma única forma de relacionar-se com o amor e o sexo.

Desta forma, buscar algo fora do que está estipulado como correto e naturalmente aceito implica em se lançar em uma posição de desafio, de eterno desconforto pelo olhar e sentidos produzidos pelos outros, além da movimentação de discursos e sentidos outros, colocando em jogo a polissemia, a heterogeneidade e outras formas de dizer como marcas do discurso e do sujeito. Muitas vezes, o interesse é pela padronização e a paráfrase de dizeres e comportamentos. Não raro, o homossexual, principalmente o *gay*, é/foi submetido a intervenções, de variados tipos, na busca de corrigir ou curar o que era entendido como crime, distúrbio, doença ou pecado; a busca da resolução do que era, e em muitos contextos ainda é, entendido como um problema passa(va) por diferentes formas de resolução, como descrito no começo deste trabalho. A não identificação da homossexualidade como algo normal gerou silêncio(s) sobre o homossexual, principalmente no que tange à proibição da circulação de determinados dizeres por diferentes instituições, colocando o amor entre iguais como algo da ordem do proibido. Por tudo isso, ainda é muito complexo assumir-se *gay* em nossa sociedade.

Ao identificar a não aceitação familiar, observo que o sujeito instaura sentidos de compreensão (“**consigo entender o lado deles**”), baseando-se nos sentidos dominantes sobre o *gay* em nossa sociedade, em que a repetição de dizeres homofóbicos acaba por interpelar seus familiares, que apenas reproduzem o que está naturalizado e repetido em diferentes outros lugares.

Nos movimentos de não aceitação da homossexualidade em curso nas teias da memória discursiva, o sujeito consegue observar a não aceitação da homossexualidade como algo que está em curso em nossa sociedade, algo entendido como natural, em jogo

nas tramas discursivas. Essa naturalização do sentido de que a homossexualidade é incorreta foi o que gerou, no interior do próprio sujeito, a não aceitação de sua sexualidade, em movimentos de observação dela como algo errado.

Destaco que as posições ocupadas pelos sujeitos afetam o processo discursivo e, considerando isso, compreendo que é complexo lidar com a homofobia, mas acredito que ela é potencializada, dependendo da posição que o interlocutor ocupa. Dessa forma, acredito que o preconceito dos familiares é mais agressivo que o de outros sujeitos, pois são **“pessoas que você ama”**, como observado no excerto analisado; assim, os dizeres homofóbicos da mãe são diferentes dos inscritos pelo amigo ou conhecido, e isso ocorre pelo fato de ocuparem posições discursivas diferentes, o que produz distintas formas de leitura e sentidos por parte do sujeito.

Para o sujeito-leitor, não assumir que é homossexual resulta em outra forma de ser identificado pelos outros, assegurando movimentos de antecipação propiciados pelo silêncio, já que se apresentar como heterossexual produz discursos e sentidos distintos dos que a apresentação como homossexual produziria. Ao permanecer no armário, não assumindo que é *gay*, o sujeito impede a circulação de determinados sentidos, alterando discursos e sentidos que circulam sobre ele. Noto que isso instaura um movimento discursivo que é interessante de ser pensado, principalmente quando se considera que no *blog*, ao utilizar um pseudônimo, o *gay* consegue ocupar uma posição outra, inscrevendo dizeres sobre sua sexualidade que em outros espaços ele não se sente a vontade para dizer por uma série de questões e restrições, enquanto nos espaços discursivos da rede eletrônica, o sujeito crê estar completamente seguro, como se ali pudesse dizer e confessar tudo que desejar, sensação que é da ordem do ilusório.

A marca de que na rede eletrônica o sujeito acredita poder dizer tudo foi observado em outra pesquisa que empreendi sobre dizeres homofóbicos em um *blog* brasileiro (MOREIRA; BASTOS; ROMÃO, 2012), cuja inscrição de dizeres de ódio circulam com naturalidade em arquivos de sujeitos que se filiam a FDs que compreendem a necessidade da agressão, do extermínio e da violência no trato dos homossexuais. Destaco, que temos a organização dos sujeitos no espaço eletrônico planejando ações e encontros no espaço urbano, o que nos leva a pensar nas manifestações contra o preconceito organizadas em *blogs gays* ou, retomando o exemplo homofóbico, as tentativas de organizar ataques contra os *gays* no cotidiano e em grandes eventos, como a Parada *Gay*.

A homofobia afeta o sujeito-leitor, mesmo que sua sexualidade não seja apresentada para todos. Ao ouvir dizeres contrários aos homossexuais, o sujeito filia-se à posição de homossexual, mesmo não assumindo-a publicamente. Os dizeres e sentidos negativos acerca do homossexual o afetam (“**atinge e humilha**”) e provocam tristeza por virem de sua família; apesar disso, o sujeito identifica no armário a principal maneira para proteger-se o mais que puder da homofobia e, assim, ele busca ocultar dos demais que é *gay*, evitando que as agressões homofóbicas o atinjam de forma mais direta. O sujeito busca uma forma de evitar que a homofobia promova o afastamento de sua família, resultando na sua solidão. A seguir, o recorte R8 que é proveniente do mesmo comentário que os recortes R6 e R7:

R8 - Por isso tudo eu acho que **desmitificar é o mais importante**, se **ninguém quer um homossexual na família é por causa do que se entende por homossexual (o padrão)**, e aqui todo **esse ativismo gay** de hoje em dia tem sua parcela de **culpa** também, já que a **diversidade que eles pregam não tem nada de diversa...**

Ao colocar em jogo que é necessário “**desmistificar**” o *gay*, o sujeito-leitor se apoia nas tramas da memória para pensar o homossexual como ser estranho, que precisa ser apresentado de maneira decodificada para a sociedade, visto que não é compreendido como normal, necessitando ser explicado para os heterossexuais. O uso do verbo “**desmistificar**” também envolve o interesse do sujeito em modificar a compreensão corrente sobre a forma como ser *gay* é visto em nossa sociedade, na tentativa de estabelecer outras formas do *gay* ser identificado, não apenas ligado ao afeminado (“**entende por homossexual (o padrão)**”), mas permitindo a polissemia, assegurando outras formas do *gay* ser e comportar-se, inclusive a que o sujeito-leitor estabelece proximidade e identifica-se.

A busca por desmitificar a homossexualidade (“**desmistificar é o mais importante**”), por colocar em jogo outros sentidos que silenciem a imagem do homossexual masculino como afeminado é (re)afirmado em diversas passagens do *corpus*, aqui é apresentada como ponto fundamental para que ocorra a emergência de outros discursos e sentidos sobre o homossexual. Empreender outra(s) forma(s) de identificação do *gay*, afastado dos sentidos do *gay* afeminado, parece algo primordial, necessário e que inclui a necessidade de remover, apagar os sentidos existentes e que associem o *gay* a qualquer figura afeminada, existindo o intuito de colocar em jogo

outras marcas, essas possíveis apenas se houver o processo do rompimento do que parece institucionalizado.

O sujeito não deseja meramente obter a circulação de outros sentidos, mas censurar, impedir que o *gay* afeminado seja inscrito no discurso. Não se deseja a polissemia, mas uma paráfrase, marcando a repetição de uma (nova) forma de inscrever o *gay*, nada que fuja do perfil do homem másculo, discreto e que de nada se diferencie do homem heterossexual, como se a padronização fosse necessária para que não exista a discriminação. A censura é estipulada como forma de apresentar uma (nova) imagem do *gay* que seja a única e efetivamente a difundida e aceita, em que não se deseja (e admite) marcar distinções comportamentais do homem heterossexual, qualquer tentativa nesse sentido não é bem vista, nem aceita, mas silenciada.

A ênfase na afirmação de que **“ninguém quer um homossexual na família”** marca a compreensão de que a não aceitação é algo padrão em todas as famílias, sendo que no processo de formação imaginária, o sujeito compreende que a não aceitação de sua família é algo esperado, inevitável. Esse entendimento de evidência na não aceitação parece uma noção clara, que abarca todos os membros da sociedade, em uma concordância plena.

A negação da aceitação dos homossexuais como membros da família materializa a homofobia como um gesto aceito e visto de forma cristalizada pelos brasileiros, que identifica o homossexual como ser inadequado, não passível de pertencer ao clã familiar. Chama a atenção como a homofobia é identificada pelo sujeito-leitor, não como culpa do homofóbico, mas do homossexual afeminado, aquele que o sujeito-leitor identifica como **“padrão”**, o preconceito, a raiva e o ódio não são vistos como culpa dos preconceituosos, mas daqueles que são vítimas da homofobia. Destaco que teremos a repetição dessa identificação nos subcapítulos seguintes.

Como foi possível identificar em diferentes recortes desta entrada discursiva, a violência atinge o *gay* em variados níveis, em especial psicologicamente, tornando suas relações complexas e marcadas pelo receio da reação dos outros caso venham a saber de sua orientação sexual.

5.2 O *gay* e o próprio preconceito

Nesta segunda entrada discursiva, observo as inscrições nas quais se discute os motivos da existência de práticas homofóbicas por parte dos sujeitos não *gays* e, também, identifico marcas de estranhamento de alguns sujeitos-navegadores com a imagem do *gay* afeminado, o que desencadeia dizeres e sentidos variados, pelo fato desses sujeitos identificarem-se com outra imagem do que é ser *gay*. Início as análises dessa seção pelo recorte abaixo:

R9 - O meio gay é preconceituoso nós do blogo sofremos por não estarmos na "linha" ainda tem essa história de quem é **rico** e de quem é **pobre**.

O recorte acima é do *blog* Dentro do Armário, retirado de um comentário do *post* “Dentro de casa que *gays* sofrem mais homofobia”⁶⁰. Ressalto, neste discurso, a idealização e a ilusão da completude por parte do sujeito, visto que ele crê que todos que acessam o *blog* possuem as mesmas opiniões sobre os mesmos assuntos, marcando a paráfrase como pilar de sustentação do dizer dos sujeitos que ali passam. Existe a identificação de que os dilemas do universo *gay* são os mesmos para todos os que frequentam o *blog* (“**nós do blogo**”), esse ideal de união permite que o sujeito inscreva seus dizeres crendo que a filiação ao que ele escreve é realizada de maneira completa pelos sujeitos que frequentam esse *blog*, em uma leitura sem possibilidade de furo ou de outros sentidos.

A posição que o sujeito acredita ocupar é a do *gay* que não está “**na linha**”, filiando-se a outras formas de identificação do homossexual, no caso, distintas da que ele observa como dominantes no meio *gay*, que é a do *gay* afeminado; dessa forma, ele rompe com essa forma de identificação, além de indicar que os participantes do *blog* também rompem com esses dizeres e sentidos.

A formação dos espaços discursivos da rede eletrônica é composta de um ideal de completude, em que parece evidente que os membros que ali se encontram estão em sincronia, filiados a uma única forma de dizer e pensar. Ideia de uma paráfrase plena que é ilusória. Mesmo quando o sujeito estabelece categorias, como os *gays* “**na linha**” e os que não estão ‘na linha’, essa padronização é passível de furo. Noto que o uso do

⁶⁰ Anexo K.

pronome “**nós**” marca esse ideal de união, no qual o *blog* só contaria com a leitura e participação de *gays* fora da “**linha**”, que não frequentam espaços que *gays* da “**linha**” frequentam, nem se misturem com esses.

Temos sentidos de segregação envolvendo as diferentes formas de homossexuais indicadas pelo sujeito, marcando essa separação como vigente no acesso do próprio *blog*, já que o sujeito acredita, sustentado em movimentos de antecipação, que ali encontra-se, apenas, *gays* que não estão ‘na linha’, o que gera a exclusão dos *gays* afeminados, marcando a compreensão da circulação padronizada de dizeres e sentidos nesse espaço discursivo, em que é possível a plena filiação de todos os *gays*.

O verbo ser, conjugado na terceira pessoa (“**é**”), instaura um efeito de afirmação, no qual o preconceito seria parte do universo *gay*, elemento que os separa, mas seria um preconceito diferente de recortes obtidos na seção anterior, nos quais quem pratica a discriminação é o *gay* não afeminado. Nesse fragmento, quem discrimina é o *gay* afeminado. O sujeito-leitor identifica-se como *gay* não afeminado, parte de um ‘segmento’ que é discriminado dentro do “**meio gay**”, exatamente, pelo grupo que é o principal alvo de homofobia em nossa sociedade, os *gays* afeminados, aqueles que os sujeitos do *blog* não identificam como próximos ou que partilham movimentos de identificação ou semelhança.

O preconceito contra o diferente é posto em jogo, seja pelos *gays* do *blog*, que se filiam às inscrições de não aceitação dos *gays* afeminados (os da “**linha**”) ou pelos *gays* da “**linha**”, que observam o *gay* não afeminado com olhar torto, não alinhado com os sentidos de filiação e inscrição vistos como dominantes no “**meio gay**”. Não ter marcas que caracterizem uma plena filiação com o universo *gay*, que no espaço cotidiano, muitas vezes, é ponto nevrálgico do desencadeamento de reações homofóbicas contra os *gays*, é motivo do preconceito contra o *gay* não afeminado. Dessa forma, o contexto afeta os sentidos e os discursos de preconceito e aceitação. Outras formas de preconceito afetam as relações na comunidade *gay*, entre elas, temos as diferenças sociais, como marcas de diferença entre os *gay*, o fato de ser “**rico**” ou “**pobre**” interfere nas relações, os processos de formação imaginária e os vínculos realizados na teia entre os sujeitos, seu afastamento e proximidade entre os diferentes sujeitos. A seguir, um recorte de um comentário da postagem “Aberrações de uma sociedade

‘machista’⁶¹ do *blog* Dentro do Armário, postado por um dos sujeitos-leitores no dia 22 de julho de 2011⁶²:

R10 - Ao longo da minha vida **sempre estive sozinho**, à procura de alguém que **pensasse como eu**. No meu entendimento, quando **dois homens estão juntos**, é para **evolurem juntos, crescerem juntos, lutarem juntos**, assim como os hoplitas gregos, os samurais japoneses, os guerreiros sumérios, **não para “casarem”, ter filhos, pensão alimentícia, e toda essa bagatela hetero, que os homossexuais insistem em querer para si.**

A partir da marca da busca de uma relação, o sujeito inscreve dizeres de interesse em outro homem como ele. Dessa forma, buscando a repetição, na tentativa ilusória de assegurar a plena filiação aos seus dizeres e, principalmente, aos seus interesses (“**pensasse como eu**”), busca-se um parceiro que se inscreva nas mesmas redes de dizeres, no mesmo ‘grupo’ *gay* que esse sujeito acredita ocupar. A busca por um companheiro que se enquadre em requisitos pré-estipulados pelo sujeito coloca em jogo o ideal da repetição, da clareza de sentidos envolvendo uma relação entre dois homens.

A solidão (“**sempre estive sozinho**”) é um sentido muitas vezes mobilizado para representar a consequência que o sujeito identifica como previsível, caso descubram sua orientação sexual, assim como para abordar a exclusão proveniente dos que identificam o sujeito como *gay* e impõe a solidão, o não contato como forma de relação. A solidão provoca o afastamento de pessoas queridas, já que muitas vezes o receio de ter sua sexualidade descoberta acaba por gerar a ruptura, o próprio distanciamento dos demais.

A relação entre dois homens não é compreendida como possível de ser vista nos mesmos padrões de uma relação heterossexual, apesar da compreensão de que esse tipo de relação é o objetivo de grande parte dos homossexuais. O sujeito não entende a relação afetiva entre dois homens como passível de ser qualificada como casamento, já que essa identificação seria de outra ordem e envolveria outras condições de produção, relacionadas com o universo heterossexual, e não com uma relação homossexual. A união entre dois homens não seria passível de envolver elementos do universo heterossexual (“**casamento**”, “**pensão alimentícia**”, “**filhos**”), assumir tal posição coloca em jogo o movimento de oposição do sujeito frente às conquistas e lutas

⁶¹ Disponível em: <<http://dentrodoarmario.wordpress.com/2011/07/20/aberracoes-de-uma-sociedade-machista/#comments>>. Acesso em: 25 jan. 2011.

⁶² Anexo L.

empreendidas por muitos sujeitos na busca de assegurar direitos iguais entre heterossexuais e homossexuais no espaço jurídico. Os homossexuais têm buscado e obtido outras formas de significação e relação com a sociedade por meio das estruturas do espaço do Direito.

Observo que o sujeito não marca como uma união amorosa a relação entre dois homens, ele enfatiza a parceria com o outro, observada na marca “**juntos**” (“**evoluírem**”, “**crecerem**”, “**lutarem**”). O companheirismo marca o entendimento das relações possíveis entre dois homens, no qual a amizade é a base mais forte de sustentação. O sujeito silencia qualquer marca de existência de relações íntimas, tais como o toque, o beijo ou o sexo, ele afasta-se desses significantes para abordar outros sentidos, no caso a relação entre dois homens como espaço de construção, companheirismo, não de amor ou sexo, essas marcas não são consideradas. O recorte a seguir é um comentário, foi retirado do *blog* Dentro do Armário, tendo sido postado como resposta ao *post* “Agressões a homossexuais: verbais ou físicas”⁶³ no dia 11 de abril de 2011⁶⁴:

R11 - A **pressão** é de fato grande. Para um grande número de pessoas **ser assumido é virar uma bichona. Fazer de conta que o mundo é rosa, quando de fato é negro, cheio de preconceito e violência**, perpetuando **esteriótipos**, não é o caminho. Acredito que quanto **mais pessoas como você**, que hoje mostram que **ser homossexual vai muito além de uma bandeira colorida, resgatando valores** que de fato fazem a diferença, aparecerem, vamos nós mostrar que **esteriótipos e generalizações** não condizem com a realidade. Um abraço.

Temos novamente a repetição da existência de uma imagem que traduz o que é o *gay*, sendo que essas marcas (de vestir, falar, comportar) são entendidas como fundamentais na identificação do *gay*, o que gera desconforto em quem não se enquadra nos pontos apresentados. O sujeito posiciona-se contra a identificação do *gay* como ser afeminado, tanto que inscreve de maneira negativa o *gay* que assim apresenta-se (“**bichona**”), colocando em jogo sentidos contrários ao tipo de *gay* que ele acredita não ser e que compreende como a imagem dominante que circula na sociedade. Essa colocação permite observar o desconforto do sujeito frente a imagem da “**bichona**”, na qual ele não se identifica e procura inscrever sentidos outros sobre ser *gay*.

⁶³ Disponível em: <<http://dentrodoarmario.wordpress.com/2011/04/11/agressoes-a-homossexuais-verbais-ou-fisicas/>>. Acesso em: 25 jan. 2011.

⁶⁴ Anexo M.

A naturalização do entendimento de que o *gay* assumido possui uma determinada forma de se comportar, no caso, de maneira afetada (“**bichona**”), possibilita analisar as tessituras que a ideologia produz no espaço social, nos movimentos de identificação produzidos pelos outros, tornando evidente determinadas considerações e outras tantas não. Abordando o processo de saída do armário, a revelação da homossexualidade, o sujeito questiona a necessidade de mudar seu comportamento, a maneira de portar-se, falar e ser, filiando-se a forma compreendida como dominante sobre ser *gay*, atrelando-se a sentidos relacionados ao homossexual afeminado, questionando a necessária paráfrase referente a identificação do *gay* (“**estereótipos**”).

Novamente, a homofobia é inscrita como prática motivada pelo *gay* afeminado, a causa do ódio (“**preconceito**” e “**violência**”) não é culpa do preconceituoso, mas do *gay* afeminado que inscreve sentidos que não são aceitos em sociedade, e por conta da compreensão social da existência de um padrão *gay* (“**estereótipos**” e “**generalizações**”), os *gays* não afeminados sofreriam com a homofobia por serem associados, involuntariamente, aos afeminados. Chamou minha a atenção essa repetição da identificação do próprio *gay* como culpado pelo preconceito: entende-se que os recortes que trazem essa compreensão são inscritos por sujeitos que acabam por filiar-se a dizeres e FDs homofóbicas, de não aceitação do *gay* afeminado e que acreditam que a circulação de outra imagem do *gay* colocaria fim aos gestos de homofobia em nossa sociedade. Analiso abaixo o recorte do comentário publicado no dia 20 de agosto de 2011⁶⁵ no *post* “Casal gay vira atração na Orla de Ipanema”⁶⁶ do *blog* Dentro do Armário:

R12 - Comigo aconteceu de forma diferente: estava numa fila de mercado, e havia um **casal gay adolescente (masculino)** na minha frente. Não sei, talvez como uma forma de **chamar a atenção, eles se beijaram. Se fosse um selinho, estalinho, sem problemas. Porém, eles se deram um beijo que nem um casal hétero se daria num ambiente como um supermercado: era língua pra todo o lado.** Eu olhava na volta, e via as **pessoas chocadas, e apesar de ser gay, também fiquei chocado** com a cena. A questão é: acho que **por causa de gays como esse casal, existe o conceito de que todos somos assim** e por isso **merecemos ser tratado como a sociedade nos trata, com reclusão.** Enquanto esses **gays que criam esse**

⁶⁵ Anexo N.

⁶⁶ Disponível em: <<http://dentrodoarmario.wordpress.com/2011/08/01/casal-gay-vira-atracao-na-orla-de-ipanema/#comments>>. Acesso em: 20 jan. 2012.

estereótipo (que acredito eu seja minoria) existente hoje na sociedade, e que **por muitas vezes gera a fúria que vemos na tv**, não pararem pra pensar um pouco o tanto que **estão nos prejudicando**, acho que **essa história de se assumir ou não nunca deixará de ser complexa**.

Ao contrário dos recortes anteriores, neste é possível flagrar a marca sexual como parte do cotidiano do homossexual, mas ela é inscrita de forma negativa. O ato de beijar não é compreendido como um gesto de carinho, mas de provocação com os que cercavam o casal *gay*, inclusive, outro *gay*. A violência não foi pelo beijo de língua, mas por quem deu o beijo, no caso, os dois garotos, o que instaurou o sentido de rejeição pelos que assistiam a cena foi o entendimento de estranheza que envolveu a troca de carícias entre dois homens em públicos, algo identificado como não natural, não autorizado, portanto, da ordem do que é socialmente recriminado (“**as pessoas chocadas, e apesar de ser gay, também fiquei chocado com a cena**”). Essas marcas de choque revelam o político afetando nossos discursos, em que parece comum que um casal heterossexual troque beijos e ande de mãos dadas pelos mais variados espaços da cidade, enquanto a decisão do casal *gay* é tomada com espanto, com reprovação.

Com base no que é identificado como uma relação normal ou padrão (relacionamentos heterossexuais), os sujeitos realizam a interpretação do que pode ser compreendido como natural ou não em seu cotidiano e em sua relação com os outros. Essa identificação, pelo próprio *gay*, de que a relação padrão é a heterossexual, produz sentidos de desvio envolvendo os homossexuais, sendo que o comparativo com o que é compreendido como padrão serve para medir o que é aceito ou não. Como no movimento de antecipação o sujeito identificou que o beijo do casal *gay* era inadequado, ele parte para essa resolução tomando como base o heterossexual (“**nem um casal hétero se daria**”).

Novamente, observo a inscrição do *gay* como culpado pela homofobia, suas atitudes resultam na não aceitação e preconceito vivenciados no espaço social. O homofóbico não é identificado como culpado por ela, mas sim, a vítima de suas agressões (“**por causa de gays como esse casal, existe o conceito de que todos somos assim e por isso merecemos ser tratado como a sociedade nos trata, com reclusão**”); nas considerações desse sujeito, a sociedade apenas reagiria ao que compreende como formas de agressão produzidas por parte dos *gays*. O sujeito rompe com qualquer identificação ou proximidade com os dizeres e sentidos com os quais

acredita que este casal *gay* esteja filiado, ele inscreve-se em outras FDs, a partir das quais observa com estranhamento a troca de beijos entre dois homens em público.

O substantivo **“reclusão”** mobiliza o ideal de prisão, o que relaciono com o armário, dado que o *gay* permanece escondendo sua sexualidade pelo receio da reação do outro, da forma como será identificado ou tratado pelos demais. Muitos entendem que manter a sexualidade escondida (na **“reclusão”**) é a forma eficaz para manter-se a salvo da homofobia, garantindo a segurança, escapando da compreensão de que é anormal. Sair desse espaço de conforto, passar a inscrever outras (novas) formas de observação sobre si e os que o cercam exige movimentações que são desgastantes para o sujeito. Arcar com esses processos é uma decisão que não é fácil (**“se assumir ou não nunca deixará de ser complexa”**). O preconceito é o ponto chave do receio de revelar-se *gay*, por medo do que isso pode provocar em outros (**“gera a fúria”**), intimida o sujeito, gerando o sentimento de conforto em permanecer ocultando sua sexualidade, garantindo a segurança de parecer provocar o imaginário de que se enquadra em um caminho identificado como correto, sem sofrer com o ódio ou o afastamento dos outros, principalmente dos entes mais queridos.

O preconceito está inscrito nos dizeres do sujeito-leitor, visto que ele não entende com naturalidade a troca de um beijo que envolva dois homens, identificando a ação como não natural. Ao inscrever **“estão nos prejudicando”** remonta a noção de união que o sujeito acredita agregar aos que frequentam o *blog*, imaginando (e antecipando-se pelos mecanismos da FI) que todos ali inscrevem os mesmos sentidos, filiados as mesmas FDs e redes de memória, assegurados pela clareza e a plena identificação com o que ali está inscrito, o que, na verdade, é apenas mais uma ilusão que envolve o processo de inscrição do sujeito em nossa sociedade.

A culpa da homofobia não é identificada como causada pelos agressores, mas dos *gays* que a sociedade considera que possuem um comportamento moral inadequado (**“por causa de gays como esse casal”**, **“merecemos ser tratado como a sociedade nos trata, com reclusão”**, **“esses gays que criam esse estereótipo”** e **“gera a fúria que vemos”**), dessa maneira, esses homossexuais são culpabilizados por provocar os sentimentos de revolta e ódio no outro, o que afeta os *gays* que não são afeminados, posição que o sujeito acredita ocupar, junto com outros homossexuais que não apresentam as marcas dos que seriam responsáveis por provocar a homofobia (o *gay* afeminado), esse culpado pela imagem negativa que os que sentem ódio dos

homossexuais desenvolvem, o que atrapalha a vida dos *gays* que não são identificados dessa forma (“**estão nos prejudicando**”), no caso, ele e os frequentadores do *blog*, que imaginariamente o sujeito-blogueiro crê compartilharem as mesmas opiniões que as suas.

O recorte a seguir foi obtido no *blog* Dentro do Armário, publicado no dia 28 de junho de 2011⁶⁷, como resposta ao *post* “Guetos gays: uma idéia fútil de alguns heteros e gays”⁶⁸. Nesse recorte, observo a proximidade entre os sujeitos pela escrita no espaço digital, algo que chamou a atenção desde o início desta pesquisa. Ocorre, no recorte 13 (R13), o processo de filiação do sujeito aos dizeres do outro:

R13 - **Concordo com tudo que falou**, impor igualdade sempre gerou mais **segregação**. Essa alienação e falta de vontade de se informar por parte dos próprios “**prejudicados**” só **reforça os pré-conceitos**. Já ouvi de alguém que **era divertido pegar trens em dias de parada gay porque era “muito engraçado”**. E realmente, se você fizer isso vai se deparar com centenas de **pessoas fantasiadas ou seminuas**, gritando e dançando e **mexendo com todo mundo que passa, desrespeitando um espaço que deveria ser coletivo**, não é porque é dia de parada que a cidade deve girar em torno deles, certo? E o **pior** na minha opinião é que assim reforçam a idéia de que **ser homossexual é ser assim**. Por **outro lado**, na sexta quando sai do trabalho reparei que **dois caras “normais”** estavam subindo em direção ao metrô de **mãos dadas, as pessoas davam uma olhada “de leve”, desviavam o olhar, mas não percebi nenhuma reação agressiva ou tiração de sarro pra cima deles, talvez pela forma natural que eles faziam isso**, não parecia uma **auto-afirmação** ou **atitude desrespeitosa**, e as **pessoas conseguiam “engolir” a idéia de ver dois caras juntos**.

O sujeito entra em acordo com as inscrições realizadas pelo autor do espaço discursivo, identificando-se com suas formas de pensar e significar, concordando com as formas como os assuntos são abordados pelo sujeito-blogueiro neste *post* (“**Concordo com tudo que falou**”). Considerando uma série de dizeres cotidianos, o sujeito-leitor retoma dizeres que apresentam os *gays* que frequentam a Parada *Gay*, como personagens vistos como ridículos, alvo do riso, da graça dos outros (“**muito engraçado**”), por conta dos seus gestos e trejeitos. A Parada *Gay* é um dos eventos realizados por ativistas homossexuais que busca reunir membros e simpatizantes da luta pelos direitos dos homossexuais, assim, trata-se de uma forma de buscar apoio aos seus

⁶⁷ Anexo O.

⁶⁸ Disponível em: <<http://dentrodoarmario.wordpress.com/2011/06/27/guetos-gays-uma-ideia-futil-de-alguns-heteros-e-gays/#comments>>. Acesso em: 20 jan. 2012.

direitos e lutas. Nesse discurso, o interesse na luta e garantia pelos/por direitos para os homossexuais da Parada *Gay* é silenciado; em seu lugar, marcas a inscrevem não como espaço de reivindicação de direitos, mas festa, verdadeira bagunça generalizada (“**divertido**”, “**muito engraçado**”, “**fantasiadas**”, “**seminus**”, “**gritando**”, “**dançando**”), marcando o desrespeito, a identificação não como espaço de conquista de direitos, mas da falta de respeito com o coletivo, com a imposição de uma forma de viver que muitos não concordam, algo imposto a coletividade (“**desrespeitando um espaço que deveria ser coletivo**”, “**não é porque é dia de parada que a cidade deve girar em torno deles**”).

Não existe identificação do sujeito com o *gay* que frequenta a Parada *Gay*, o uso “**deles**” marca essa desidentificação por parte do sujeito, além de realizar sua oposição e dos que se opõe ao grupo de *gays* que frequentam esse lugar. Identifico a oposição frente à forma como o *gay* é visto, por conta da identificação dos membros da Parada *Gay*, uma forma de representação que é questionada pelo sujeito-leitor, que se identifica de outras formas, não da que é apresentada e entendida como padrão para o homossexual e reforçada pelos que frequentam esse evento. Ao posicionar-se contra a identificação corrente do *gay*, o sujeito movimentava outras regiões de sentido e permite outras observações sobre a homossexualidade.

A busca pela garantia de direitos é identificada como um problema pelo sujeito-leitor, para quem, o interesse na busca pela igualdade no espaço público, por meio de manifestações e protestos, como a Parada *Gay*, é vista de forma negativa pelo sujeito, já que reforça a imagem que ele compreende como responsável por atrair o ódio da sociedade. A busca por direitos que permitam identificar as relações entre pessoas do mesmo sexo como ‘normais’, dignas dos mesmos direitos que as relações entre pessoas do sexo oposto não é identificada com bons olhos, já que ele acredita que os frequentadores desses eventos reforçam a imagem que já circula sobre o *gay*, aumentando o preconceito, pois repete dizeres identificados anteriormente nessa seção, em que o *gay* afeminado é visto como o culpado pela homofobia.

O relato sobre a relação entre dois homens não é compreendida como negativa nos dizeres do sujeito, principalmente por trata-se do envolvimento entre “**dois caras ‘normais’**”, o que inscreve sentidos de aproximação do sujeito-leitor com eles, visto que ele imagina-se representado no cotidiano como um cara ‘normal’. O gesto de afeto dos dois rapazes (“**de mãos dadas**”) no espaço público não gerou reações violentas por

parte dos observadores (“**não percebi nenhuma reação agressiva ou tiração de sarro pra cima deles**”), diferente dos sentidos movimentados no recorte anterior (R12), em que o preconceito é identificado. Aqui, existe a aceitação do toque entre os dois homens, por eles afastarem-se da imagem do *gay* afeminado. Essa consideração, baseada na narrativa de um acontecimento, parece reforçar a compreensão dos sujeitos que inscrevem no *blog* a certeza de que a homofobia é culpa do *gay* associado aos sentidos do homossexual afeminado e não dos agressores homofóbicos, aqueles que não aceitam nem mesmo conviver com os *gays* em nossa sociedade e pregam dizeres e gestos de intolerância, de variados tipos, no cotidiano. O recorte a seguir foi retirado de uma postagem no dia 14 de outubro de 2011⁶⁹, em resposta ao *post* “Guetos gays: uma idéia fútil de alguns heteros e gays”⁷⁰, publicado no *blog* Dentro do Armário:

R14 - Uma coisa que me **revolta** muito é ver **alguns gays (travestis) fazendo programa nas ruas**, isso é ridículo, tenho vários amigos travestis, um é professor de ensino superior, os outros também tem suas **profissões dignas**. Temos que viver nossa vida com dignidade e mostrar para a sociedade que **somos capaz sim, de ter uma profissão e uma postura como qualquer um cidadão hétero**, não generalizo, mas é o que vejo acontecer na maioria das vezes, é claro tem gente que não aprende porque não quer e simplesmente porque gosta **desse tipo de vida...** em relação a parada, eu acho sim, que aos olhos da sociedade não é mais do que uma **simples festa de carnaval fora de época**, pra perceber isto é somente acessar o youtube, e ver a quantidade de videos, de gays quase ao **ponto de trepar no meio da rua**, uma **decepção** para quem sonha um dia **mudar este tipo de visão da sociedade**, mostrar que não somos movidos pela **luxúria**. Acho que a parada deveria ser **levada mais a sério**, e que deixem com perdão da palavra as **“putarias”** pro carnaval de fevereiro, ao menos não seríamos o foco, porque a “putaria é geral mesmo entre héteros e homos... desculpem foi mais um desabafo rrsrfs. o blog é muito bom adorei...

Ressalto, neste discurso, a retomada de sentidos historicamente mobilizados para compreender o sexo como algo não natural. Identificar o *gay* como próximo da questão sexual é visto como algo pejorativo, em que se busca o afastamento desse efeito de aliança em que o sexo é ponto de identificação do *gay* (“**fazendo programas nas ruas**”, “**movidos pela luxúria**”, “**putaria**”, “**trepar no meio da rua**”). Dessa forma, o sexo relacionado ao *gay* não é marcado como algo que resulta de práticas de afeto, mas

⁶⁹ Anexo P.

⁷⁰ Disponível em: <<http://dentrodoarmario.wordpress.com/2011/06/27/guetos-gays-uma-ideia-futil-de-alguns-heteros-e-gays/#comments>>. Acesso em: 20 jan. 2012.

como forma banal de relação, motivada pelo desejo, sem interesse de estabelecer algo mais sério, apenas como forma de diversão. A compreensão do *gay* como ser promíscuo é constantemente repetido em nossa história, ele é apresentado como responsável pelas doenças devido a não estabelecer relações estáveis, apenas interessado na “**luxúria**”, o que resultou na identificação do *gay* como culpado pela epidemia da AIDS nos anos da década de 1980 e por anos a sua indicação como um dos principais grupos disseminadores da doença.

Durante o desenvolvimento da pesquisa, pude identificar que ainda existe a circulação de dizeres que compreendem a AIDS e outras doenças, principalmente as sexuais, como culpa das relações entre pessoas do mesmo sexo, que por serem consideradas ‘malditas’ por Deus geram punições da ordem divina. O estranhamento acerca da relação entre pessoas do mesmo sexo, identificado como não natural, revela traços da homofobia que ainda estão incrustados e circulam em nossa sociedade. O recorte seguinte é de um comentário publicado no dia 29 de agosto de 2011⁷¹ no mesmo *blog* do recorte R14, em *post* intitulado “Mais um esteriótipo que criam para gays”⁷²:

R15 - Tudo bem, **um gay pode gostar de futebol e metallica**. Se eu escutar uma música e eu gostar eu escuto, independente de quem canta. Vc já assistiu queer as folk? É um seriado sobre um grupo de amigos gays (talvez vc não goste, pq a maioria dos personagens são homossexuais, a séria faz parecer que todas as pessoas da cidade são homossexuais, tem muito sexo na série, e vc gosta de ter amigos heterossexuais e da diversidade). Mas no final a série é mais sobre a amizade, assista. Também **não gosto de esteriótipos**, mas parece que vc ainda **tem vergonha de ser gay** (tipo, parece que **vc não gosta de ser identificado como gay** pelo que vc gosta). Tipo eu **não sou assumido**, mas se fosse daria ótimas respostas as pessoas.

O recorte acima apresenta a ruptura, a quebra com a noção padrão do *gay* afeminado, o que permite a manifestação de determinados interesses, anteriormente identificados pelo sujeito como não permitidos aos *gays*. Essa desconstrução estabelece outras possibilidades, novos sentidos sobre o *gay* que o sujeito-leitor, e outros que se filiam a diferentes FDs identificam-se em outras formas do *gay* apresentar-se, com gostos e interesses (“**futebol**” e “**metallica**”) que não distanciam-se do heterossexual. Retomando as considerações do recorte R1, da primeira entrada discursiva, observo que

⁷¹ Anexo Q.

⁷² Disponível em: <<http://dentrodoarmario.wordpress.com/2011/08/29/mais-um-estereotipo-que-criam-para-gays/>>. Acesso em: 05 dez. 2011.

a não prática do “futebol” foi motivo de identificação, em outros recortes (R1 e R2), do sujeito-blogueiro como *gay*; no recorte atual, ocorre a ruptura dessa evidência, permitindo novas considerações acerca dos gestos do próprio *gay*.

Existe o rompimento e a filiação ao discurso do sujeito-blogueiro no recorte. Ocorre o enlace com as considerações do sujeito-blogueiro no momento de sua concordância, nos momentos que aborda a forma como o *gay* é identificado no sentido dominante. Ele não concorda com os estereótipos (“**também não gosto de estereótipos**”), filiando-se a essa forma de identificar mais de uma forma possível do *gay* ser compreendido e significado. Os rompimentos também estão presentes no discurso do sujeito, em que ele não concorda com a forma com que esse relaciona-se com a ideia de ser *gay* (“**tem vergonha de ser gay**”, “**vc não gosta de ser identificado como gay**”). Nesses fragmentos, o sujeito identifica que o sujeito-blogueiro não pretende apresentar outra forma de identificação para o *gay*, mas tem vergonha de ser *gay*, e seja qual for a identificação, ele filia-se às inscrições que marcam que ser *gay* é algo errado. Abaixo o recorte do comentário proveniente do mesmo *blog* que os recortes anteriores, publicado no dia 29 de agosto de 2011⁷³:

R16 - **Legal ver o que o [...] falou, já que também passei por isso de não aceitar minha sexualidade porque não fazia parte do estereótipo**, aliás, acho que esse **nosso próprio preconceito** encaixa no comentário do [...], **não é bom se achar superior ao homossexual efeminado**, o que eu vejo é que passamos por **preconceitos e sofrimentos** diferentes. O **efeminado**, por **sair do armário “a força”**, já que fica claro **desde cedo que é gay** (mesmo as vezes um cara mais “**delicado**” **podendo ser hetéro**) acaba pressionado e muitas vezes por ser novo, imaturo, inseguro, segue o **padrão estereotipado** pra fazer parte de grupos, pra não ficar sozinho, já que não necessariamente **um cara efeminado precisa ser escandaloso e fútil**, daí sofre um **preconceito mais violento e direto** (a homofobia na forma mais comum). Enquanto o **não-estereotipado** passa por um **sofrimento** mais interno e os preconceitos são mais velados, convivendo inclusive com o **medo de ser comparado ao efeminado, medo de qual vai ser a postura dos amigos e da família** já que a maioria de nós cresceu ouvindo **familiares e amigos declarando ódio aos homossexuais** sem coragem de rebater. Essa idéia de que todo homossexual é igual só reforça essas distinções e a **dificuldade** que nós “**masculinos**” enfrentamos pra **nos assumirmos**, é um círculo vicioso ainda bastante complicado de se romper...

⁷³ Anexo R.

Destaco que a não aceitação da sexualidade é algo repetido em diversos fragmentos que integram as sequências discursivas analisadas nesta pesquisa. A não identificação com o que é compreendido como características do *gay* gera uma não identificação por parte do sujeito, o que acarreta em uma maior complexidade em assumir-se homossexual. Afastar-se dessa identificação do homossexual masculino provoca um sentimento de confusão, já que a não semelhança com determinado grupo, como é o caso do sujeito-leitor (“**passei por isso de não aceitar minha sexualidade porque não fazia parte do estereótipo**”), gera a compreensão da não possibilidade de pertencer a determinado grupo, não tendo laços ou vínculos entendidos como determinantes para fazer parte dele, por exemplo, ser afeminado. O sujeito é afetado pela ideologia, parecendo evidente que é necessário enquadrar-se em determinados pontos para ser identificado como *gay*. Por essas marcas, mesmo que o sujeito não seja *gay* (“**um cara mais ‘delicado’**”), muitas vezes ele é identificado dessa forma, apenas por possuir características que, no senso comum, entendem como pertencentes ao *gay*.

A identificação do *gay* com base em elementos entendidos como fundamentais para essa ação são apontados como os principais motivos para afirmar que a pessoa é ou não é homossexual, o reconhecimento dessas marcas só é possível se o sujeito tiver acesso ao que é compreendido no contexto sócio-histórico como características pertencentes ao *gay*.

O sujeito-leitor estabelece relações com os outros sujeitos no espaço discursivo, seja pela concordância ou ruptura com os sujeitos que ali apresentam seus dizeres (“**sujeito-blogueiro**”, “**Legal ver o que o [...] falou**” e “**comentário do**”), o que estabelece a existência do movimento de retroalimentação que é uma característica dos espaços sociais da rede eletrônica e marca as inscrições do sujeito nos processos de interpretação e significação nos momentos de observação das análises.

Considerando a ocorrência da homofobia, o sujeito identifica diferentes formas de sua manifestação para o *gay* afeminado e o não afeminado, sendo que o primeiro estaria fadado a ficar fora do armário (“**sair do armário ‘a força’**” e “**fica claro desde cedo que é gay**”), enquanto o segundo não se encaixa nos estereótipos, cabe a possibilidade da segurança do armário, de não assumir-se *gay*, ou cabe assumir-se e enfrentar o estranhamento dos outros pelo sujeito não se adequar ao sentido dominante que circula sobre o *gay*. O receio da reação das pessoas queridas é algo presente e que desestimula o sujeito a assumir que é homossexual, por receio da rejeição (“**medo de**

qual vai ser a postura dos amigos e da família”). Ressalto, o entendimento de que muitos são afeminados, pois buscam a integração a um grupo e, para tanto, na compreensão do sujeito, acaba aceitando as marcas de identificação para que o pertencimento seja possível.

Observo a inscrição do preconceito nas colocações do sujeito-leitor em que existe o medo de ser comparado ao *gay* afeminado é algo preocupante, já que existe o movimento de antecipação que identifica que isso resultará em desprezo. O receio de ser identificado como afeminado gera angústia nesse sujeito e revela a não aceitação do outro, de sua forma de ser e existir no espaço social. Essa paráfrase, esse controle do sentido resulta em uma forma de pensar e falar sobre o *gay*, maneira que ele se filia (“**nós ‘masculinos’**”) e crê que outros como ele, incluindo os que frequentam esse espaço discursivo, se alinham a outras marcas de identificação do/sobre o homossexual, distintas daquela dominante, no caso, a do *gay* afeminado. No recorte a seguir, extraído do mesmo *blog* que o recorte anterior e publicado no dia 30 de agosto de 2010⁷⁴, expõe a ruptura do que é visto como dominante acerca da imagem do *gay*, novamente, em destaque, a busca por evidenciar o que se encontra silenciado, trabalhando e pondo em jogo a multiplicidade acerca do homossexual masculino:

R17 - eu tb não me encaixo no estereótipo gay-afeminado-extravagante-que-gosta-de-divas. Vascaíno doente, roqueiro por nascença (slipknot, metálica, stone sour, SOAD etc), **passei o último sábado assistindo as lutas do UFC RJ.** Mas a colocação do Paulo (que aliás, já havia visto em algum outro post algo semelhante, mas não havia dado muita atenção) e do Alexandre me chamaram a atenção por algo muito preocupante a meu respeito.

Pelo fato de **eu ser um gay sem estereótipos, por muitas vezes sou, veladamente, preconceituoso com os que o são.** E digo, que, apesar dos comentários falando sobre “o grau de esclarecimento”, sou doutorando, e ainda assim, **tenho esse pensamento preconceituoso com gays que não são como eu,** e depois de todas as coisas colocadas aqui, sinto um tanto mal por isso. Nunca me coloquei para pensar que **muitas pessoas já nascem assim,** e nunca parei para imaginar o como deve ser **difícil** para conviverem com a sociedade (se eu já tinha preconceito, imagine os outros). Além disso, concordo com o que foi dito que, **enquanto permanecemos no armário, contribuímos para que aumente o preconceito contra os que não podem fazê-lo.** Mas é como eu me sinto, **o medo de se assumir** e o **medo da rejeição** é um **fardo** muito **pesado pra carregar.** E acho que agora, vou tentar passar a admirar quem o faz, afinal de contas, como alguns dizem **“tem que ser muito homem para o cara se assumir gay”.**

⁷⁴ Anexo S.

A imagem que o *gay* faz de si é oposta a que temos como dominante no espaço social (“**não me encaixo no estereótipo gay-afeminado-extravagante-que-gosta-de-divas**”), ser *gay* é marcado por outros gestos e sentidos, não ocorre o distanciamento da imagem do heterossexual para afirmar-se como *gay*, não se identifica essa necessidade e, portanto, não existiria diferença de gostos que separassem homens heterossexuais e homens *gays* (“**Vascaíno doente**”, “**lutas do UFC RJ**”, “**roqueiro**”). Essas marcas não seriam relevantes na observação da sexualidade de qualquer pessoa, a real distinção seria pelo interesse no parceiro (homem ou mulher) e não mais em outras questões.

Retomando o recorte, o sujeito assume sua sexualidade, mas recusa-se a ser identificado como *gay* afeminado (“**tb não me encaixo no estereótipo gay-afeminado-extravagante-que-gosta-de-divas**”), ele define a posição que ocupa, a de “**um gay sem estereótipos**”, compreendendo a não necessidade do *gay* diferenciar-se dos gostos e interesses do heterossexual para poder apresentar-se como *gay*. Temos, assim, a marca da pluralidade na identificação do *gay*. Não se encaixar no padrão permite outras identificações, discursos e sentidos, assegurando outros gestos de leitura pelos sujeitos, o rompimento do padrão é identificado como partilhado pelos membros do *blog* (“**tb não me encaixo**”), identificado como partilhado pelos que frequentam o espaço digital e inscrevem seus dizeres nesse *blog*. Temos, então, em jogo a ideia da união relacionando os sujeitos-leitores.

Acreditando estar resguardado pelas múltiplas identidades possíveis de serem assumidas na rede eletrônica, o sujeito sente-se à vontade para dizer coisas que em outros espaços não se sentiria à vontade para enunciar, a sensação de segurança permite inscrever-se como *gay*, mesmo que em outros espaços (escola, trabalho, família, etc) ele não se sinta confortável para assumir essa posição. Nas tramas da rede eletrônica, os pseudônimos são utilizados e descartados continuamente pelo sujeito, buscando garantir sua segurança, seu anonimato. Interessante pensar essas condições de produção que tornam os *blogs* espaços de compartilhamento e troca tão efetivos entre os sujeitos.

Novamente, observo a repetição do desejo do sujeito manter o afeminado distante de si, como identificado durante as análises empreendidas. O *gay* afeminado é identificado como algo que não se deseja ser, assim, ser apontado como próximo desse grupo é algo que provoca receio pelas possibilidades de violência, de ódio que se acredita que poderá ocorrer, sendo algo que gera receio e dor (“**medo de se assumir**”,

“**medo da rejeição**”, “**fardo**”). Existe o receio de ser vítima das consequências da homofobia, principalmente, dos entes queridos.

Inscrevendo-se nas tramas do espaço discursivo, o sujeito marca sua posição, ele que fora do espaço da rede eletrônica não assume ser *gay*, por receio das reações que isso pode acarretar, na rede consegue apresentar-se como *gay*. Existe a defesa da importância de sair do armário para que a sociedade possa observar novas identificações acerca do homossexual masculino, essa compreensão engloba não apenas o sujeito, mas aqueles que ele identifica como iguais a ele, sendo importante que mais *gays* como ele, *gays* não afeminados, revelem que são *gays* para que outras inscrições, gestos de leitura sejam possíveis. Essa noção emerge no fragmento “**enquanto permanecemos no armário, contribuimos para que aumente o preconceito contra os que não podem fazê-lo**”. Compreende-se a importância de apresentar-se como homossexual, a importância, quase social, de sair do armário, mas o medo é algo que impele a revelação em outros espaços fora das tramas da rede eletrônica, receio que a revelação afete a forma como o sujeito é identificado. Existe a compreensão de que a forma de reduzir o preconceito é apresentar outra forma de identificação do *gay*.

O *gay* afeminado é apresentado como fonte de problemas e da imagem negativa que circula sobre o homossexual em nossa sociedade, existe a ideia de que outra forma de ser visto pela sociedade reduziria a homofobia, já que o estranhamento frente a figura do *gay* afeminado seria posta de lado diante de uma outra forma de ser *gay* apresentada à sociedade, não distante do homem heterossexual. Dessa forma, garantindo uma identificação mais tranquila por parte dos outros. O sujeito-leitor identifica a dificuldade que envolve todo processo de descoberta da sexualidade, ser *gay* é algo complexo, real “**fardo**” que é necessário administrar e lidar, colocando em jogo que ser *gay* não é algo fácil, o que ajuda a compreender as dificuldades do processo de identificação e revelação da sexualidade por parte do sujeito.

5.3 O *blog* como espaço de denúncia e reflexão da violência

Nesta seção, observo o *blog* como espaço discursivo que possibilita a difusão de discursos e informações importantes sobre casos de homofobia que são observados no cotidiano, além de discussões importantes que são comentadas, problematizadas e pensadas sobre o *gay*. Identifico o primeiro recorte desta seção:

R18 - **“Homofobia é um direito”.**

Dentre as **milhares de idiotices** que encontro na internet, mormente no twitter, essa **superou todas**.

Segundo os **defensores desse “direito”**, o projeto de lei que criminalizaria a homofobia **estaria vedando as pessoas de exercerem a faculdade de não gostarem de homossexuais**. Estaria **mitigando-lhes a liberdade de expressão**.

Quanta bobagem!

O preconceito contra o homossexual é retomado e (re)pensado nesse recorte do *post* do *blog* *Eu Sou Gay*, intitulado “Umhas palavras para você, homofóbico”⁷⁵, publicado em 21 de novembro de 2010⁷⁶, em que o sujeito-blogueiro retoma inscrições discursivas identificadas em outros espaços para pensar o ódio contra o *gay* e, para tanto, mobiliza dizeres anteriores para inscrever a observação de que a homofobia é um direito, inscrição que não é compartilhada pelo sujeito-blogueiro, mas recuperada por ele para apresentar a posição de outros sujeitos e que circula em espaços diversos da rede eletrônica (com destaque para o *Twitter*). A identificação do dizer do outro, no discurso do sujeito, é possível pelo uso das aspas, que marcam a indicação de que trata-se de algo exterior aos dizeres do sujeito, passível de ser reconhecido.

A afirmação **“homofobia é um direito”**, indicada entre aspas, compreende a voz do outro no discurso do sujeito-blogueiro, usada para destacar um ponto de vista que tem circulado com força em outros espaços discursivos e que tem posto em circulação a compreensão da homofobia como perspectiva institucionalizada, algo que seria aceito por todos em nossa sociedade. O sujeito-blogueiro desloca o enunciado de outro contexto e o resignifica no *blog*, com a circulação de outros sentidos, não de concordância com a ideia de que o preconceito é correto, mas de crítica aos sujeitos que estabelecem aliança com esses sentidos.

A identificação da naturalização da observação da homofobia como **“direito”** não é aceita por todos em nossa sociedade, o próprio sujeito-blogueiro rompe com essa afirmação, ao entender a homofobia como grande **“idiotice”** que circula nos mais variados espaços discursivos, inclusive na rede eletrônica. O sujeito-blogueiro destaca seu alto grau de descontentamento frente a circulação dessa afirmação, ao destacar sua superioridade frente às outras colocações anteriormente observadas por ele e que circulam nas redes discursivas (**“superou todas”**, **“milhares de idiotices”**). Esses

⁷⁵ Disponível em: <<http://eusougay.net/2010/11/21/umas-palavras-para-voce-homofobico/>>. Acesso em: 20 jan. 2012.

⁷⁶ Anexo T.

sentidos mobilizados pelo sujeito marcam sua posição de filiação a dizeres em que a homofobia não é aceita, em que se questiona a forma como os sujeitos encaram-na com naturalidade, colocando em xeque esse sentido.

Referente aos que concordam com a afirmação de que a **“homofobia é um direito”**, o sujeito marca a colocação de que ir contra esse raciocínio é ir contra algo considerado ‘normal’, institucionalizado no cotidiano, nas inscrições sócio-históricas, as diferentes tramas de memória que nos cercam, atacando a possibilidade de inscrever o que se considera verdade, impedindo a **“liberdade de expressão”**, censurando as inscrições do sujeito em FDs diferentes da autorizada a circular pelos que são contrários à homofobia.

Existe o apontamento de um paradoxo nos dizeres do sujeito-blogueiro, ao retomar que os defensores da homofobia desejam **“liberdade”** para dizer e difundir sentidos de não aceitação do *gay*, mas que não querem que quem é contra o preconceito marque essa outra forma de dizer, de movimentar sentidos, buscando silenciar formas de dizer que se opõem aos seus dizeres. O recorte seguinte é uma continuação do *post* analisado anteriormente:

R19 - Desde quando **agredir moral e fisicamente alguém é um direito?**

Ah, mas aí **vem você e diz: “ser gay é uma aberração, é contra a natureza, e por isso legítima o meu repúdio”** Aham, Cláudia. **Senta lá. Se amar o próximo, ter sentimentos, ter sofrimentos, ter defeitos, ter capacidades e ter sonhos é ser uma aberração, então, meu caro, você também é uma.**

Acima, temos a continuação do *post* analisado anteriormente, em que o sujeito inscreve sua voz, por meio do questionamento da validade dos pretensos direitos de quem pratica a homofobia. O sujeito-blogueiro questiona a noção de direito envolvendo a noção de homofobia, visto que essa é uma forma de violência (**“moral”** e **“fisicamente”**), não o interesse em assegurar a proteção de um grupo, mas o interesse na promoção do preconceito, da violência contra homossexuais. Por meio do questionamento, o sujeito repensa a estabilização da homofobia, questionando o que foi posto em jogo como legitimado, não no espaço jurídico, já que atualmente as diretrizes legais sobre os homossexuais têm sido favoráveis, marca que aponta essa aprovação do preconceito no espaço social.

A discussão apresentada no *post* do *blog* já estava em discussão em outros espaços discursivos, já havia em jogo considerações favoráveis e opostas a homofobia. No *post*, o sujeito-blogueiro retoma a inscrição negativa para opor-se ao que circula em outros espaços discursivos, em vários momentos, retomando a voz do outro para marcar e enfatizar o contrário. Destaco que, nos momentos de uso das aspas, ocorre essa indicação da voz do outro atravessando o discurso do outro, em que temos a heterogeneidade, marca que aqui não apresenta a indicação de autoria única, mas de múltiplas vozes, espalhadas por múltiplos arquivos que constituem o grande Arquivo que é a rede eletrônica, e que afetam os gestos de leitura acerca da homofobia. A homofobia como prática aceita marca a identificação do *gay* como ser “**contra a natureza**”, “**repúdio**” e “**aberração**”, o que configura sua identificação como incorreto, inadequado, marcando que esses sujeitos filiam-se a outras FDs e redes de memória e dizeres.

A equidade entre heterossexuais e homossexuais é identificada como ponto que não permite a ocorrência de qualquer forma de preconceito pelo sujeito-blogueiro. As similaridades seriam tantas que não teríamos distinções que permitiriam a compreensão do heterossexual como melhor que o homossexual, ou mesmo, que permitisse identificar o primeiro como ‘natural’ e o segundo como “**uma aberração**”, como historicamente ele foi nomeado em diferentes espaços no decorrer da história. A identificação de que ambos possuem “**‘sentimentos’, ‘sofrimentos’, ‘defeitos’, ‘capacidades’, ‘sonhos’**”, aproxima os sujeitos e possibilita marcar a equidade de sensações compartilhadas por todos os homens, independente da orientação sexual. Portanto, não caberia identificar o *gay* como ser anormal, estranho, diferente, visto que as aproximações permitiriam que o *gay* também identificasse o heterossexual como errado (“**você também é uma**”).

Julgo interessante analisar o uso do substantivo “**aberração**” como nomeação usada para referir-se ao *gay*. Essa marca não é inédita, surgindo no dizer do sujeito, ela emerge como resultado de fios anteriormente tecidos e que sustentam as inscrições e a memória acerca do *gay* no contexto sócio-histórico, posta em circulação em outros espaços, como no discurso religioso cristão e no discurso médico, em que o homossexual masculino era, e muitas vezes ainda é, identificado como ser estranho, da ordem do bizarro, de fora da ordem, ser transviado. Durante anos, esse discurso foi o dominante em diferentes espaços (em muitos outros ainda é), nos momentos em que se

falava do/sobre o *gay*, personagem que não merecia respeito, entendimento ou complacência, criatura desviante que deveria ser suprimida de nossa história, como uma praga deve ser eliminada. Ao *gay* cabia o castigo, a dor e censura, durante séculos; qualquer discurso positivo sobre o *gay* era silenciado, o próprio homossexual era proibido de colocar em discurso seus dizeres, ele não podia falar, somente ser falado, e sempre de forma pejorativa. A seguir, segue o comentário publicado como resposta ao *post* do *blog*⁷⁷:

R20 - Essa **lei** será o pequeno **grande passo para nós!** Avante! \o/

Relacionando com os recortes anteriores dessa sequência discursiva, destaca-se a marca do jurídico como relevante para o homossexual, não apenas o *gay*, mas todos os homossexuais, identificado como campo capaz de alterações essenciais na vida desses sujeitos. O espaço do Direito é identificado como campo capaz de modificar formulações, dizeres e sentidos que circulam sobre o *gay* em nossa sociedade, colaborando para uma mudança de identificação, incluindo a não aceitação da homofobia, em oposição ao sentimento de naturalidade que envolve essa forma de preconceito. Pela força da lei é que a aceitação é observada como possível, os sujeitos identificam que é no espaço jurídico que a igualdade e o reconhecimento são vistos como possíveis, essa consideração emerge a partir da formação imaginária realizada pelo sujeito.

Essa compreensão ocorre pela identificação da jurisprudência como espaço de maior aceitação dos homossexuais no país, principalmente por decisões favoráveis desse espaço, como a referente à união estável julgada em 2012 pelo Supremo Tribunal Federal (STF), a existência de cidades que já possuem leis contra a homofobia e o famoso Projeto de Lei da Câmara 122 do ano de 2006 (PLC 122/06) que busca a criminalização da homofobia, lei que é citada pelo sujeito-leitor, como podemos observar. O espaço jurídico tem instaurado e buscado ampliar a aceitação dos homossexuais, tendo sua base em determinações legais, não em estruturas morais.

Marcando a identificação das possibilidades que abrange uma lei que assegure maiores direitos para os homossexuais, o sujeito inscreve a compreensão da importância dessa lei para ele e os outros *gays* (“**grande passo para nós**”). O uso do pronome pessoal “**nós**” abarca a identificação do sujeito como parte beneficiada em uma lei que

⁷⁷ Anexo U.

assegure direitos e resguardo legal contra a violência praticada contra os homossexuais no país. O uso desse pronome marca a identificação da importância dessa legislação não apenas para o sujeito, mas para os outros *gays*.

O uso do *emotion* (\o/) tornou-se prática comum nos espaços da rede eletrônica, sua utilização evidencia indicações de emoções e sentimentos por parte do sujeito-leitor, como se o corpo estivesse representado pelos caracteres inscritos pelo sujeito. O *emotion* evidencia a reação, a forma com que o sujeito identifica a possibilidade de maior proteção para os homossexuais, marcando o contentamento, a satisfação pela possibilidade de aprovação de uma lei entendida como importante. Abaixo, trago outros dois comentários referentes ao *post* dos recortes R18 e R19⁷⁸:

R21 - **excelente esclarecimento.** pena que a **massa torta e burra que declara sua homofobia com orgulho** não entende essa definição. mas ó, o mundo é uma bosta. sempre vai ter **tipinhos assim.** queria eu que **essa cambada pudesse ler seu post**, mas né, eles são **ingorantes e se recusariam**, então... reconheço seu esforço, mesmo assim! bela defesa.

R22 - **Sobre o post, belíssima argumentação!** Acho que muita gente confunde homofobia... Não entende que **se trata justamente da agressão moral e física.** Ninguém vai **ser obrigado a ter um amigo gay** para ser politicamente correto.
Será que é tão difícil a sociedade entender que a gente quer respeito? Que eu vou poder **dar um selinho em qualquer lugar sem medo de ser linchado?**
 Mas, **mesmo sendo crime, muitos o cometerão.** E imagino até que a **polícia não va agir sempre da forma correta nesses casos.**

Nos recortes acima, ocorre o processo de aproximação dos sujeitos-leitores com os dizeres do sujeito-blogueiro. Nos discursos analisados o *gay* não é identificado como culpado pela homofobia, ele é a vítima, quem é apresentado como culpado é o homofóbico, aquele que pratica a violência, diferente do que encontro em outros recortes no decorrer deste trabalho, principalmente no subcapítulo 2 desse capítulo 5, em que a culpa da homofobia era do *gay* afeminado. Essa distinção marca a contradição entre os sujeitos, em decorrência da filiação a formações discursivas e imaginárias opostas, além de acessos distintos a memória discursiva, resultando em movimentos discursivos opostos.

⁷⁸ Anexo U.

A imagem que é produzida sobre o homofóbico é a do **“ignorante”**, aquele que nada compreende, não entende a homossexualidade como algo normal, baseando essa observação no preconceito. Aqui, o homofóbico é visto de forma negativa, como podemos observar nos trechos **“essa cambada”**, **“massa torta”**, **“burra”** e **“tipinhos assim”**, sentidos que indicam um ser com limitações intelectuais, não passíveis de entender que a homofobia não pode ser compreendida como direito, já que a violência contra o outro não pode ser observada como algo que o outro tenha direito (agressão moral e física).

Flagro os processos de filiação e identificação dos sujeitos-leitores com o *post* do sujeito-blogueiro (**“excelente esclarecimento”** e **“Sobre o post, belíssima argumentação!”**), concordância com a explanação e temática abordada em um *blog* que discute questões importantes referentes ao universo dos homossexuais, entre elas, a lei contra a homofobia. A interatividade é ponto chave na estrutura da rede eletrônica, os espaços discursivos são permeados pelas proximidades e rompimentos permanentes, capazes de desestruturar ou reforçar formações imaginárias, movimentos de antecipação e processos de naturalização de dizeres e sentidos que chamam a atenção e reforçam o interesse na realização da análise das tramas existentes no ciberespaço.

Retomando sentidos historicamente mobilizados para abordar o preconceito contra os homossexuais, observo o sujeito-leitor inscrever a forma como a sociedade relaciona-se com eles, já que ocorre sua filiação como vítima da discriminação (**“a gente quer”**), em que o uso do plural reforça a existência de outros que sofrem com o preconceito, que não têm seus gestos de carinho entendidos como legais ou possíveis de serem realizados (**“dar um selinho”**) na presença de outras pessoas sem o risco de represálias (**“ser linchado”**), como em outras situações já ocorreu e que são retomadas pela memória discursiva.

Compreendendo a dificuldade da aceitação da homossexualidade pela sociedade, existe a identificação do afeto como algo passível de gerar reações violentas por parte dos que não aceitam relações entre pessoas do mesmo sexo (**“selinho em qualquer lugar”**), o receio de manifestar afeto (**“medo”**) gera a censura do comportamento identificado como inadequado por outro (**“em qualquer lugar”**), acaba por não ser praticado pelo receio da agressão, da violência vista como autorizada no espaço social. Os gestos de afeto não são aceitos e suprimidos do espaço social pelo receio da reação do outro, esperada pelos sentidos históricos que estão em circulação, o que atrapalha a

busca pela equidade de direitos e o entendimento da importância do “**respeito**” nas relações sociais, assegurando que as trocas afetivas entre pessoas do mesmo sexo não sejam identificadas como anormais, podendo integrar as imagens do cotidiano, sem que exista o receio da violência como resposta por parte dos outros.

Passar a compreender a homofobia como “**crime**” na legislação de no país, significa impor, pelas vias da jurisprudência, a modificação da imagem existente sobre o homossexual, marcando que a circulação de determinados dizeres seria do campo da ilegalidade, já que estariam marcadas como impróprias para circularem, estariam censurados. Comentários homofóbicos não seriam aceitos, gestos que recriminassem a relação entre dois homens, por exemplo, seriam proibidos e o desrespeito a essa norma legal seria punido de alguma forma no espaço jurídico, tornando ilegal inscrições que fossem contrárias e desrespeitosas contra os homossexuais. Isso produziria efeitos no espaço urbano, nos sentidos que circulam sobre os homossexuais, afetando a forma histórica como a questão é compreendida. Como visto anteriormente, é pela via do Direito que se identifica a possibilidade de alterar a forma sócio-histórica na qual o homossexual é discursivizado.

Ao imaginar a possibilidade da homofobia ser criminalizada, o sujeito realiza movimentos de antecipação pouco animadores, nos quais, mesmo com a identificação como crime, o sujeito antecipa que sua prática não deixará de ser realizada (“**muitos o cometerão**” e “**polícia não va agir sempre da forma correta nesses casos**”), marcando a naturalização com que é realizada no cotidiano do brasileiro que, historicamente, identifica como prática rotineira o ódio, a intolerância contra os homossexuais nos mais diferentes espaços, preconceito institucionalizado, apesar de não legalizado nos espaços jurídicos. Compreendendo a homofobia como prática aceita e instituída, mesmo que não oficialmente, nas considerações sócio-históricas, o sujeito desvela o entendimento de que é complexo observar em jogo outros sentidos em relação aos homossexuais. No recorte que segue, observo as marcas da homofobia no cotidiano, desvelando que a fúria contra os *gays* ainda é constante nos dias atuais, o relato foi

retirado do *blog* Diário de um Gay, do *post* “Gay não é humano? (GLEE – Furt)”⁷⁹ publicado no dia 25 de novembro de 2010⁸⁰:

R23 - Por muitas vezes na escola fui posto de lado só porque eu era gay. Os meninos não me convidavam para sair, para se divertir com eles, não sentavam perto e nem faziam trabalho em grupo comigo... Salvo algumas exceções. Quem inventou que gay só quer a companhia de mulher? Tem uns que preferem, mas têm outros que não.

Sem contar os **Bullying sofridos. Não, não me defendi por muito tempo, até tomar consciência dos meus direitos e reagir.** Eu era uma criança e um adolescente **se descobrindo**. Como saber o que reivindicar. Nessas horas **tudo que você sente é: solidão e tristeza.**

É tão **bom** quando **alguém te aceita como você é;** e te trata como **“um igual”, como gente, como ser humano. A gente se sente presente no local.** Porque por muitas vezes **nos sentimos distantes de tudo...** Porque **a sociedade não facilita podermos estar ali por inteiros.** E nos colocam Etiquetas... Como de um produto. E por fim ganhamos **rótulos.** Oras... **Sou gente!**

Ocorre, de forma permanente, o processo de ressignificação das leituras realizadas nos espaços discursivos da rede eletrônica, em que temos novas experiências a cada entrada e saída desses espaços, marcados pela instantaneidade e possibilidade de desaparecerem de forma rápida, não deixando rastros e marcas dos dizeres antes ali existentes. Dito isso, foco a observação na análise discursiva do recorte acima.

Logo no início, noto a exclusão e a solidão como marcas principais de vivência da infância do sujeito-blogueiro, resultados da rotulação dos colegas de escola de que ele era *gay*. Esse movimento de antecipação é realizado constantemente, e a interpretação é possível pela ancoragem na ideologia, na memória discursiva e nas FDs que os sujeitos filiam-se para não permitir a proximidade do *gay*. A evidência de que a não aceitação é pelo fato de identificarem o outro aluno como *gay* parece evidente para o sujeito-blogueiro (“**só porque eu era gay**” e “**bullying sofridos**”), a sexualidade é ponto de exclusão e diferença dos outros garotos que identificam como negativa qualquer proximidade com aquele que é identificado dessa forma. Tais compreensões permitem observar a homofobia como prática que começa cedo na vida dos homossexuais, marcando que o fato de ser *gay* é o que gera a solidão em sua vida, sendo

⁷⁹

Disponível

em:

<<http://diariodeumgay2010.blogspot.com.br/search?q=N%C3%A3o,+n%C3%A3o+me+defendi+por+muito+tempo,+at%C3%A9+tomar+consci%C3%Aancia+dos+meus+direitos+e+reagir>>. Acesso em: 14 jan. 2012.

⁸⁰ Anexo A.

que a escola e a família são, muitas vezes, os primeiros espaços em que a homofobia é praticada e que o *gay* compreende que a prática do preconceito é recorrente, pois é vista como natural por muitos que se posicionam contra a homossexualidade. O entendimento da cristalização desses sentimentos é proveniente da memória que sustenta os processos de sustentação que parecem assegurar a negativa da proximidade da homossexualidade como algo natural.

Observo a operação da FD homofóbica, na qual o sujeito foi interpelado, crendo na normalidade do comportamento de exclusão que os outros alunos praticaram contra ele no período da escola no qual ele não foi aceito, inserindo-se em uma região de sentidos que compreende o *gay* como anormal, rompendo com o discurso educacional que marca o sentido da união, do grupo para o desenvolvimento estudantil. Destaco que essa marca revela como a homofobia encontra-se disseminada e presente no cotidiano dos brasileiros, afetando os discursos e produzindo sentidos nos quais a vítima do preconceito, é apontada como culpada, como se não houvesse nada de errado em discriminar um aluno *gay*, produzindo sentidos de rejeição pela própria vítima contra o que ela é. Interpretando o aluno *gay* como errado, os outros alunos excluem-no do convívio, e realizando essa operação, eles evidenciam sua posição de poder, daqueles que decidem quem pode ou não integrar o grupo. Essa FD aproxima-se das inscrições de sentidos presentes nos discursos cristãos, em que temos a reprovação das relações entre dois homens e da existência do *gay*, entendido como não praticante de relações ‘normais’.

A aproximação com o *gay* é negada, a convivência inexistente, trata-se de algo que ele não tem escolha, pois lhe é imposto. Marcado como ser indesejado, ele não é aceito, como se estivesse marcado e condenado, a proximidade era evitada (“**não me convidavam**”, “**se divertir com eles**”, “**não sentavam perto**” e “**nem faziam trabalho em grupo**”). A repetição do uso da marca negativa “**não**” e “**nem**” no recorte reforçam o efeito de restrição que é imposto ao *gay*, ele não tem permissão para circular em diferentes espaços, impedindo a circulação de diversos sentidos, pois é impedido de produzir sentidos e marcas em diferentes áreas, não existe a identificação do aluno *gay* como pertencente ao sexo masculino, não identificam-no como igual. Como se estivesse tomado por algo contagioso, os colegas evitam o contato com o aluno *gay*, tomados pelo receio de transformarem-se no que tanto abominavam. Essa marca afeta os sujeitos em seu processo de identificação com o outro que assinala a não aproximação como

forma de evitar o ‘contágio’ com o que não se deseja. O discurso machista afeta as inscrições do sujeito, como observo, diante do interesse na não aproximação como forma de evitar ser o que não se interessa.

Destaco que o sujeito-blogueiro realizava movimentos de aceitação do preconceito, já que compreendia como natural tudo que lhe acontecia, por isso não esboçando reação (“**Não, não me defendi**”), já que era interpelado pela naturalização de que estava errado, inscrito em dizeres nos quais a violência parece justificada. O sujeito inscreve a regularidade da violência, o que noto ao analisar o uso do plural da palavra “**bullying sofridos**”, palavras que trazem a indicação de que se tratava de algo praticado constantemente e não de maneira casual. Isso, por entender a naturalização da forma como é compreendida, ele aceitava o preconceito por inscrever-se na compreensão de que a homofobia é o discurso corrente, correto, não cabendo questioná-lo, marco que é essa compreensão que permite a circulação de dizeres homofóbicos, como os de estranhamento frente ao beijo entre dois homens em local público, lembrando que a homofobia não é apenas o gesto de agressão física aos homossexuais, mas também, a não aceitação da igualdade de direitos e o estranhamento frente aos gestos de comportamento do homossexual.

A busca pela aceitação aparece nos dizeres do sujeito, desvelando a busca pelo tratamento igualitário, não ocorrendo diferenciação no tratamento do *gay* com o heterossexual, buscando o tratamento como “**humano**”. A naturalização da ideia de que o heterossexual é o padrão, o modo dominante, reflete em uma prática cotidiana na qual identifica-se ele como superior ao *gay*, o que resulta em uma relação desigual no processo social. Esse processo resulta na distinção de tratamento e acesso aos lugares, pessoas, grupos, discursos e sentidos, já que não era permitido o acesso do *gay* por imposição dos outros meninos, sendo necessário o processo de afirmação da igualdade e a busca por compreendê-la como natural, alterando a identificação dessa noção (heterossexual > homossexual), algo que desumaniza o *gay*, já que ele não é posto no mesmo patamar que o outro, não tendo liberdade de circulação, estando submetido às vontades e diretrizes daquele que acredita ter o poder, pois encontra-se na posição superior. Abaixo, trago o relato biográfico de um sujeito-leitor do *blog* que teve o relato

publicado após conversar com o sujeito-blogueiro. Esse *post* foi publicado dia 4 de julho de 2011⁸¹, no *blog* Dentro do Armário intitulado “Cutting (automutilação) Gay”⁸²:

R24 - Este post é sugestão de um jovem gay que **já se mutilou**, isso porque se sentia pressionado pela sociedade, e por **não aceitar a condição de ser gay**.

Ele ao sugerir este *post* me informou que **a automutilação, vem crescendo entre os gays**, principalmente entre os **gays adolescentes**, que com **medo** de a família e os amigos **não aceitarem a sua condição**, e também por acharem que **estão fracassando** no que a **sociedade diz que devemos ser “heteros”**; acabam cometendo essa **agressão consigo mesmo**.

Aqui no *blog* já recebemos alguns e-mails e comentários de leitores dizendo que já **tentarem suicídio**, e alguns até falaram que **graças ao blog passaram a se aceitar melhor e desistiram de suicidar-se**.

Quero novamente dizer a você. Independente das pressões da vida, pois há, e **não é só pressão sobre a condição que você escolhe para ser feliz, ou sexual**, a pressão é tudo. Primeiro você **deve se amar**. A vida é o bem mais precioso. E é uma honra está aqui na Terra, quantas pessoas morrem sem ao menos conhecer as alegrias e tristezas, de provar o salgado e o doce que é a vida?

Deus, não vai lhe punir. Deus não vai lhe julgar. Quem fala isso (de **castigo e punição**) é **mentiroso**. Isso (**punições e castigos**) são **invenções do homem**. Deus é amor e quer você **bem vivo** para construir coisas bacanas neste planeta. **Ele também quer haja diversidade**. Pois foi assim que **eles nos criou, diferentes uns dos outros**.

Ao inscrever o relato de um dos leitores do *blog*, o sujeito-blogueiro assume o papel de difusor de experiências, seu *blog* passa a ser compreendido como espaço de referência importante em que existe a confiança no autor do *blog*, obtida com seu contato e identificação com os conteúdos e dizeres do espaço discursivo. O sujeito-leitor confia algo particular de sua vida (“**se mutilou**”) e colabora para a abordagem do *blog*, afetando a construção do espaço, que poderia abordar outras questões, mas envereda pelo que foi sugerido pelo leitor. Observo, ainda, o jogo de formações imaginárias, já que a sugestão do tema é realizada pela idealização de ele possui do autor desse espaço.

Esse processo de compartilhamento parece constante nas interações realizadas no ciberespaço, já que a troca nos diferentes espaços da rede eletrônica (“**e-mails e comentários**”) permite observar a constante troca realizada e compartilhada entre os

⁸¹ Anexo V.

⁸² Disponível em: <<http://dentrodoarmario.wordpress.com/2011/07/04/cutting-automutilacao-gay/>>. Acesso em: 28 dez. 2012.

sujeitos-navegadores, em que ele expõe aspectos particulares com o outro, (com)partilhando experiências de mais variadas ordens, como os sujeitos que abordaram o “**suicídio**” e as dificuldades de ser *gay*. A inscrição de outros sujeitos no *blog*, seja apenas pela leitura, ou pela autoria e leitura, permite o contato com a vivência do(s) outro(s), que se identificam com problemas que são similares aos seus e o *blog* serve como espaço de reflexão (“**graças ao blog**”), resultando em efeitos de mudanças de observação de determinadas questões, permitindo outros sentidos por parte do sujeito-leitor (“**se aceitar melhor**” e “**desistiram de suicidar-se**”).

O ato de não aceitar-se como *gay* é produzido pelo discurso homofóbico que afeta os sentidos, ele é interpelado no momento de interpretar sua sexualidade, não aceitando-a e punindo seu corpo (“**mutilou**”, “**automutilação**”, “**agressão consigo mesmo**”) pelo sofrimento que ser *gay* acarreta em sua vida, em muitos casos atenta-se contra a própria vida como forma de por fim à dor que ser *gay* produz (“**suicídio**”). Não aceitar-se é resultado da filiação a redes de dizeres que condenam a homossexualidade e que afetam a produção de sentidos do sujeito, que se identifica como errado, como ser desajustado, passível de punição, inclusive sua punição na própria carne. Ele não apenas nega ser *gay*, ele promove a autoagressão por ser *gay*, a punição também parte de si próprio, seja no atentado contra si próprio ou na violência da cobrança psicológica, da não aceitação. Do meu ponto de vista, as narrativas tem o efeito de produção de evidência, de verdade, tendo efeito de dado estatístico, comprobatório da afirmação postulada.

Durante a pesquisa, e também presente nesse recorte, o substantivo “**medo**” é retomado em diferentes momentos: ele marca o temor das possíveis reações de amigos e familiares, da violência naturalizada no cotidiano, da compreensão da sexualidade, da punição divina, de ser identificado como afeminado, de não atender expectativas por ser *gay*, etc. O uso do verbo “**devemos**”, no presente do indicativo, marca a compreensão do sujeito de que ser heterossexual é identificado como obrigatoriedade de todos, única forma possível das relações amorosas e sexuais ser vivenciada, forma aceita e legitimada (“**ser ‘heteros’**”), o que está fora disso não é aceito no campo da moral e do religioso. Temos a imposição da paráfrase de uma forma de entender e viver a sexualidade, ligada ao discurso cristão, e a imposição social da filiação a FD religioso cristão em que parece evidente que só seja possível a sexualidade de uma forma.

O discurso religioso atravessa o interior do discurso, em que o sujeito filia-se e rompe com os sentidos dominantes acerca da FD Cristã, em que existe a memória discursiva da não aceitação do homossexual, do não amor de Deus para com os que cometem esse ato contra a natureza, pecado entendido como grave e que desagrada o criador. A filiação do sujeito ocorre pela retomada dos dizeres religiosos no interior desse discurso, enquanto o rompimento é pela mobilização de outros sentidos, nos quais temos outras considerações sobre o discurso religioso. A homossexualidade não é compreendida como algo condenado por Deus (“**Deus, não vai lhe punir**” e “**Deus, não vai lhe julgar**”), temos a não filiação a FD Cristã para movimentar outros sentidos acerca da percepção de Deus sobre a homossexualidade. O sujeito aliança-se com outras FDs, portanto não mais compreendida como fonte de sofrimentos (“**punições**” e “**castigos**”) exatamente por atender ao ideal de “**diversidade**” desejado por Deus.

Observo que o sujeito enuncia a partir de uma posição crítica e contrária a observação posta em jogo no discurso religioso, indo contra as considerações expostas nos dizeres cristãos, em que a homossexualidade é punida com “**castigos**” e “**punições**”; não existe essa compreensão, já que a relação do homossexual com Deus passa a envolver outros sentidos, posto que está relacionada a outras FDs. Marco que as considerações da memória discursiva afetam as inscrições do sujeito, que retoma as marcas do revide contra os homossexuais. O *blog* como espaço de repercussão de notícias e questões do cotidiano pode ser observado no recorte abaixo, extraído do post “Agressões a homossexuais: verbais ou físicas”⁸³ publicado dia 11 de abril de 2011⁸⁴ no *blog* Dentro do Armário:

R25 - Semana passada **um jogador gay de volei brasileiro foi hostilizado** por uma torcida. O chamara de “**bicha**” enquanto ele jogava numa partida. A cerca de duas semanas o **Dep Bolsonaro, incitou pessoas com a fala dele homofobica**, e assim as **coisas vão**, a algum tempo atrás um participante de um programa insinuou que **aids é coisa de gay e não de hetero**.

Se recapitularmos, veremos: **agressões físicas**, como as ocorridas na **Avenida Paulista na cidade de São Paulo**; essas **coisas toscas ditas em programas de tv**.

E se formos mais minuciosos também encontraremos o preconceito tomando voz quase que **diariamente nas telas da tv, em programas de humor, em que a figura do gay “a bichinha” como eles costumam mencionar sobre gays/homossexuais, é motivo de piada**.

⁸³ Disponível em: <<http://dentrodoarmario.wordpress.com/2011/04/11/agressoes-a-homossexuais-verbais-ou-fisicas/#comments>>. Acesso em: 12 dez. 2011.

⁸⁴ Anexo W.

E em telenovelas, em que os **gays/homossexuais são representados de uma só forma.**

Nesse recorte, observo a retomada de dizeres que circularam no cotidiano e tinham como ponto central a homofobia, marcando a retomada de dizeres anteriores, que reverberam e provocam filiações ou rompimentos com dizeres de outros sujeitos. Compreendo que o uso desses exemplos que circularam em demasia em diferentes espaços de grande circulação permitem observar como a homofobia está disseminada nos mais variados lugares no cotidiano, reforçando análises anteriores que desvelam acerca das práticas de preconceito na vida de diversos internautas relatadas nos *blogs*.

Por meio dos relatos, observo o discurso homofóbico presente nas mais variadas áreas: esporte, trabalho, política, saúde e entretenimento, lembrando que manifestações de ódio já foram relatadas nesta pesquisa, por exemplo, nas escolas e famílias. As agressões são difundidas em variados contextos, de diferentes formas (física, psicológica e verbal). A não aceitação é apresentada como forma de relação da sociedade com os homossexuais: não existe aceitação em seu trabalho, ocorre a não identificação como cidadão no campo político, ele é ridicularizado na televisão e sua presença no espaço da cidade não é desejada, ele tem de impor sua forma de ser e lutar contra as ameaças homofóbicas que são cotidianas.

Ao assumir-se, ou apenas ser identificado como *gay*, o sujeito é reduzido a sua sexualidade. Nada mais importa, o cidadão ou o profissional (“**jogador de vôlei**”) perde todas as suas características, apenas sua sexualidade é alvo de dizeres negativos. Ao retomar marcas como “**bicha**”, “**Dep Bolsonaro**” e “**aids**”, pelo acesso a memória discursiva, temos a circulação de sentidos que afetam o sujeito, em marcas de agressão, de oposição e medo que são relacionadas e identificadas, por já terem sido ditas, retomadas e ancoradas no já-lá. A marca “**bicha**” é retomada como exemplo de uma forma negativa de nomeação do *gay*, ela instaura sentidos de homofobia, inscrevendo uma forma pejorativa de tratamento, enquanto que o nome do “**Dep Bolsonaro**” é o indicador de um dos representantes principais no país que lutam contra a aprovação de direitos para os *gays*. A escolha de lembrar as ofensas do deputado em meio a tantas outras figuras indica sua importância frente as outras, que acabam esquecidas pelo sujeito, e o mesmo ocorre com a indicação da “**aids**” como doença relacionada aos *gays*, não é qualquer doença que é indicada, mas aquela que, muitas vezes, ainda

estigmatiza o *gay*, já que durante muito tempo o HIV e a AIDS foram associadas exclusivamente aos *gays*⁸⁵, marcando o entendimento de que eles eram os principais culpados por sua disseminação, principalmente nos anos da década de 1980, em que o vírus HIV seria um castigo divino direcionado para os *gays*. Essas indicações permitem pensar que, ao mesmo tempo que dizemos, acabamos por silenciar, é um jogo necessário na trama da memória e que permite a manutenção ou sustentação de sentidos. Analiso mais um recorte:

R26 - **Estou arrepiado** e sem saber o que dizer sei lá pessoal a vida é curta demais vivam aproveite **ao acorda agradeçam e ao deitar agradeçam novamente**. Tentem se divertir sonhar acreditar e o mais importante realizar a nossa orientação sexual pode até **ser diferente** porém **somos normais**.

O recorte acima foi extraído do *blog* Diário de um *gay*, observo que as marcas religiosas estão dispersas em outros posts, assim como nesse recorte. Noto, novamente, o efeito de filiação a esses dizeres religiosos, em que o verbo agradecer aparece conjugado na terceira pessoa do presente (“**agradeçam**”), marcando a religiosidade como parte de sua vida e entendendo que ela também produz efeitos na vida dos interlocutores que frequentam seu *blog*. Essa formação imaginária rompe com a ideia de que o *gay* é degradado do processo de relação com aspectos religiosos.

Retomo a discussão entre normal e diferente, o sujeito estabelece contato com dizeres que apresentam o *gay* como o que possui a sexualidade “**diferente**”, estabelecendo a compreensão de que existe em circulação a identificação da sexualidade padrão, no caso, a heterossexualidade, contrapondo as formas entendidas como não convencionais, incluindo o homossexual masculino. O próprio *gay* inscreve-se nos dizeres que naturalizam a concepção das práticas heterossexuais como as que são padrão, enquanto todas as outras estão fora dessa perspectiva. O uso do plural marca a identificação do sujeito-blogueiro com a compreensão de que os *gays* são “**normais**”, indo em oposição aos que formulam a compreensão de anomalia envolvendo o *gay*. Procurando apresentar outras identificações acerca do *gay*, ocorre o questionamento acerca da memória e do processo ideológico que afeta as imagens que existem sobre o que nos cerca no mundo, interferindo nos gestos de interpretação. Os recortes a seguir foram extraídos do *blog* Diário de um Gay, material escrito nos respectivos *posts* “Eu,

⁸⁵ Peste Gay e Peste Rosa foram denominações usadas para referir-se ao vírus HIV no auge da epidemia, de maneira a relacionar os *Gays* como grupo principal de contágio e disseminação da doença.

etiqueta”⁸⁶ e “A viagem – parte I”⁸⁷, publicados em 29 de novembro de 2010⁸⁸ e 1 de dezembro de 2010⁸⁹:

R27 - Se um menino é **tímido ou gosta de arte então ele é gay.**

R28 - Lembro-me que certa vez, no colegial, **ganhamos uma viagem para um lugar de acampamento. Adoro acampar. Pensa o que? Já disse sou gay, mas tenho jeito e gostos de qualquer outro menino hetero. Respeito os que não são assim, mas quem disse que todo gay se parece com menininhas e gostam de coisas de menininhas? Pensou errado... Derrrrrrrrrr!**

Destaco que os comportamentos, os gestos e interesses são apontados como mais importantes no processo de identificação de um homem como *gay*, que a abordagem do interesse sexual, os dizeres sobre como e o que é o *gay* e os processos de naturalização de sentidos afetam essas marcas de identificação, as redes de sentido interferem nas interpretações que o sujeito formula sobre si e sobre os outros.

O uso do verbo ser (“é”) marca a indicação do que se compreende sobre algo. Entre tantas possibilidades de indicação e delimitação, o sujeito escolhe algumas e silencia outras, utilizando os pré-construídos instituídos pelas tramas da memória e da ideologia. Retomando dizeres anteriores, temos as marcas “**tímido**” e “**gosta de arte**” que, no contexto sócio-histórico, são compreendidas como classificatórias de indicação se é *gay* ou não. Atender essas marcas é atender ao que compreende-se sobre ser *gay*. Não parece possível ser heterossexual e ter determinados gostos. O rompimento com as compreensões estabelecidas é possível de ser identificado no fragmento “acampar” em que parece não se alinhar com as perspectivas esperadas sobre o *gay*.

No recorte, identifico o questionamento a respeito da imagem que circula e permite compreensões por parte dos outros no processo de interpretação. O sujeito-blogueiro estabelece a formulação imaginária que acredita produzir com seus interesses para os outros no processo interpretativo, em que ele entende-os como próximos de “**qualquer outro menino hetero**”. A evidência acaba questionada já que o sujeito relaciona-se com interesses, dizeres e sentidos que pareciam proibidos para o *gay*, mas

⁸⁶Disponível em: <http://diariodeumgay2010.blogspot.com.br/2010/11/capitulo-10-eu-etiqueta.html>. Acesso em: 14 dez. 2011.

⁸⁷ Disponível em: <http://diariodeumgay2010.blogspot.com.br/2010/11/capitulo-11-viagem-parte-i-um-onibus-um.html>. Acesso em: 18 dez. 2011. Acesso em: 14 dez. 2011.

⁸⁸ Anexo X.

⁸⁹ Anexo Y.

que ele insiste em filiar-se. O afastamento da identificação do sujeito-blogueiro com a identificação feminina (“**menininha**”) permite pensar o desligamento com a imagem do *gay* afeminado, e afastando a imagem do *gay* com significantes femininos (“**coisas de meninhas**”), o sujeito movimenta outros sentidos para falar sobre o *gay*. No recorte a seguir, temos a materialização de uma resposta presente no comentário do *blog* Diário de um Gay, cuja narrativa sobre o *gay* marca sua exclusão e a identificação com questões femininas, assim como a interação com os dizeres que circulam no *blog*.

R29 - Nossa sinceramente e **vdd** isso **somos iguais e posso dizer** q e horrivel **ser discriminado** por **ser algo q vc é!!** como vc mesmo citou no caso o **bullyng** quando **vc e excluido do grupo dos homens por ser gay e fazer sempre trabalho com mulheres, ou entao nao poder sair mais com seu amigo pq vc e gay e ele se incomoda com isso e horrivel a sensação.** Enfim quero **parabeniza-lo pelo blog** vc esta d parabens sou gay tenho 19 e **este blog esta me ajudando** pq e um **blog gay q nao fala so d putaria** como vemos **mtos por ai na net** bjus e sucesso no blog!!!

Aqui identifico a colocação do efeito de relação entre os dizeres em circulação no *blog* e o que pensa o sujeito-leitor por meio da marca de veracidade (“**vdd**”), ressaltando a concordância com os dizeres em jogo no espaço discursivo. O sujeito autoriza-se a falar marcando sua própria vivência dentro do espaço discursivo (“**posso dizer**”), compartilhando sua experiência que ele identifica como algo que permite autoridade para dizer e inscrever no *blog*, reforçando as considerações apresentadas pelo próprio sujeito-blogueiro. Por meio do comentário, de narrativas outras, temos maior veracidade nos relatos apresentados no *blog*.

O *blog* como espaço de (des)encontros é continuamente observado nos recortes analisados, ele satisfaz a busca e os interesses do sujeito, pois trabalha com a discussão de variados assuntos, não apenas “**putaria**”, não existe a compreensão da exposição da sexualidade do *gay* como desejável, essa marca é constante, já que a busca por não associar o *gay* apenas ao sexo é desejado e observado em diversos recortes no trabalho. Observo a discriminação, novamente, como prática corrente na vida dos *gays* (“**ser discriminado**” e “**bullyng**”), em diferentes fases de suas vidas e assumindo variadas formas. Destaco que ser identificado como *gay* é o ponto para o afastamento e a violência, não se permite sua inclusão no grupo dos homens heterossexuais, os homossexuais não são tolerados, sua entrada é impedida, evitando a circulação de outros sentidos. Existe a marca do estranhamento que provoca na sociedade as relações de

amizade entre *gays* e heterossexuais (“**incomoda**” e “**horível a sensação**”), como se essa relação gerasse a identificação automática do homem heterossexual em *gay* apenas pela “**amizade**”, pois a compreensão é que essa relação não é possível e que para que tal relação aconteça o heterossexual transforma-se em homossexual. A imagem existente é a de que a homossexualidade contamina o outro, como o vírus de uma doença, portanto é a identificação do limite de relações, algo imposto pelo sócio-histórico, já que o receio de ‘possuir’ essa imagem é prejudicial.

Com base no que foi exposto neste capítulo, compreendo que a homofobia é uma forma de preconceito complexa que acaba afetando a vida dos homossexuais. Destaco sua manifestação como prática rotineira do cotidiano do brasileiro, sendo que os relatos narrados nos *blogs* permitem o contato e observação com variadas formas desse preconceito. As práticas de homofobia dentro de casa, parecem resguardadas por considerações históricas que naturalizam essas práticas na vida do *gay*, que desde cedo tem de lidar com as forma de violência institucionalizada nos diversos espaços sociais. O preconceito contra o *gay* é inscrito por outros *gays*, o que gera a repetição do ódio dentro do próprio universo *gay*, baseado na não identificação da forma que o outro comporta-se, o que gera a violência e o entendimento de que as agressões impostas aos homossexuais são culpa dessa parcela, dos *gays* afeminados. Assim, a homofobia também interfere na apresentação da orientação sexual do *gay*, que por receio de sofrer com as agressões físicas e o desprezo das pessoas amadas, acaba por permanecer no armário, escondendo sua sexualidade.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS



"Para mim, que deixo o meu seguir à própria sorte, considero que a vida nunca nos propõe nada que, tanto quanto uma conclusão, não possa ser considerado como um novo ponto de partida."

André Gide

Retomando considerações inscritas no decorrer deste trabalho, observo o ciberespaço como lugar de compartilhamento de dizeres em distintos espaços discursivos, entre eles, os *blogs* do tipo diário eletrônico, alvo de minhas análises e investigações discursivas. (Re)pensar a circulação de discursos e sentidos no ciberespaço propicia condições de observação de (novas) marcas e posicionamentos dos sujeitos que, crendo na ilusão de uma liberdade plena de tudo poder dizer, postulam considerações a partir de posições discursivas que não conseguem assumir em outros lugares, mas que na internet acabam inscrevendo. Como exemplo, cito os sujeitos que enunciam sobre sua homossexualidade nos *blogs*, relatando seus amores, experiências sexuais, relação com os pais e violências sofridas no decorrer de suas vidas em diferentes locais e que, muitas vezes, compartilham pela primeira vez e apenas ali essa revelação, pois acreditam estar blindados de qualquer possibilidade de reconhecimento no ciberespaço⁹⁰.

Neste trabalho, analiso os processos discursivos que envolvem o ciberespaço e os sentidos estabelecidos com o compartilhamento de dizeres sobre homofobia em *blogs gays*. Identifico como uma oportunidade única a possibilidade de perscrutar dizeres sobre a violência vivenciada por homossexuais masculinos de todo país e exposta nas teias discursivas do ciberespaço. Diante do *corpus* desta pesquisa, compreendo que a homofobia é uma forma de preconceito muito difundida (e praticada) no cotidiano dos brasileiros, e que pude observar como algo que afeta e é recorrente na vida dos sujeitos dos *blogs* estudados.

A homofobia não está restrita às práticas de agressão física, apesar dessa forma de violência ser a mais difundida e reconhecida popularmente como prática homofóbica; ela também é expressa nos xingamentos, nas piadas ofensivas, na não aceitação da naturalidade da relação amorosa, afetiva e sexual entre pessoas do mesmo sexo e da conquista de direitos pelos homossexuais. Destaco que essas formas de homofobia ocorrem nos mais variados espaços de nosso cotidiano, como programas televisivos, escola, família, trabalho, reuniões religiosas, etc.

A naturalização da homofobia resulta na compreensão, por muitos sujeitos, da noção de que seus dizeres não representam expressões de ódio frente aos homossexuais,

⁹⁰ Essa noção é evocada pensando nos meios que o sujeito utiliza nos espaços discursivos do ciberespaço para não usar seu nome real, entre eles, temos o uso de pseudônimos, identidades *fakes*, postagens anônimas, *softwares* que apresentam números distintos de *Internet Protocol* (IP) a cada conexão dos sujeitos, etc.

mas que são dizeres cotidianos, que revelam opiniões e posicionamentos, não formas de discriminação e ódio. O trabalho com o político e com o questionamento da naturalização de determinados sentidos evidencia que a AD é uma estrutura analítica, metodológica e teórica relevante para pensar os processos discursivos que envolvem a circulação de dizeres homofóbicos em *blogs* de *gays* brasileiros. Ressalto que meu interesse não foi o de realizar o esgotamento de abordagens ou análises sobre os *blogs* ou a homofobia, mas realizar contribuições com meus gestos de estudo e leitura dessas questões.

Observo o advento da escrita coletiva como marca constitutiva dos espaços discursivos do ciberespaço, afetando a produção textual e os sentidos que circulam nos espaços discursivos. Nos *blogs*, observo a circulação de dizeres diversos sobre a homofobia, marcando a tensão entre sujeitos, os sujeitos-blogueiros e os sujeitos-leitores, que se filiam a FDs e redes de memória distintas, nas quais instauram a polissemia de posicionamentos sobre a mesma questão e permitem o contato com narrativas diversas.

Entendo os *blogs* como reais fontes de informação, nas quais os sujeitos inscrevem seus dizeres, expondo suas opiniões, propiciando o agregamento de sujeitos e a apresentação de uma série de arquivos que permitem o contato com narrativas sobre a violência vivenciada pelos homossexuais durante suas vidas. Durante o processo analítico, compreendi que a homofobia impede a circulação de uma série de sentidos por parte dos sujeitos, já que eles não podem assumir determinadas posições discursivas em diferentes lugares e, assim, o resultado é o sentimento de medo por parte dos *gays*, o que gera dificuldades de assumir-se para sua família e o restante da sociedade, e pelo medo das formas de violência que ele pode ser vítima assumindo sua orientação sexual. Foi surpreendente observar diversos *gays* filiando-se e inscrevendo seus dizeres a partir de dizeres preconceituosos, reforçando marcas de preconceito, sustentadas no já-lá, exatamente as marcas que muitas vezes circulam no cotidiano e não são vistas como preconceituosas, mas apenas como opiniões pessoais. Na pesquisa pude identificar como a homofobia é mais que a agressão física ou o incentivo para que ela ocorra, o processo de considerar a troca de carinhos em público como não normal ou achar que o gay afeminado é 'menor', consiste em formas de homofobia.

Como resultados obtidos nas análises, observo repetições que possibilitam inferir considerações por meio do *corpus*⁹¹ desta pesquisa, e dessa forma, refletir sobre os processos de retomada e rompimento que constituem o discurso. Destaco que a naturalização da compreensão de uma única forma de identificar o *gay* afeta o processo interpretativo dos heterossexuais, assim como dos homossexuais. Foi possível identificar que a compreensão da homossexualidade de uma única maneira resulta em uma cristalização de dizeres e sentidos, o que afeta a compreensão e prática de gestos, gostos e interesses, nos quais a prática (ou a não realização) resultam na classificação da sexualidade de alguém, como exemplo, é possível citar o caso do sujeito-blogueiro que relatou que por não gostar de futebol foi taxado como homossexual pelo pai.

A origem (e desenvolvimento) do computador, da internet e das estruturas do ciberespaço, principalmente com o advento da *Web 2.0*, em que temos a questão da alimentação e produção de espaços discursivos sem a necessidade de conhecimentos técnicos prévios, o que permitiu o desenvolvimento de milhares de páginas com conteúdos criados pelos próprios sujeitos, em que os *blogs* do tipo diário eletrônico são um exemplo. Observar como a Ciência e a Tecnologia afetam as redes dos diferentes espaços de nossa Sociedade propiciando a identificação de como ferramentas e estruturas artificiais desenvolvidas pelo homem alteram a vida dos sujeitos nos mais variados níveis, permitindo interações e formas de organização inéditas, seja nos espaços eletrônicos ou urbanos, como exposto no *corpus*, muitos *gays* conseguem interagir com outros homossexuais por conta das estruturas do ciberespaço, nas quais é possível estabelecer relações variadas, seja de amizade, namoro, sexo, etc. Todas essas possibilidades permitem analisar e estudar as questões do campo CTS de maneira prática, relacionando a observação desse campo com as contribuições analíticas, metodológicas e teóricas da AD de linha francesa, em um processo realizado por outros analistas do discurso, provenientes de diferentes universidades brasileiras, que investem e produzem estudos realizando esse enlace.

Nesta pesquisa, problematizo a forma como a homofobia é discursivizada pelos *gays*, observando filiações e rupturas com as tramas do já-lá, analisando as diferentes

⁹¹ Esclareço que a divisão do *corpus* em entradas discursivas não estabelece delimitações definitivas e rígidas, mas permite uma maneira de organizar o material reunido para as análises. Considero que muitos dos recortes das entradas discursivas intercalam-se e poderiam compor mais de uma entrada discursiva, mas foram enquadrados em um dos espaços pela necessária organização do *corpus*. Destaco que a classificação dos fragmentos resulta em outros gestos de leitura por parte dos analistas do discurso.

maneiras que o sujeito significa o preconceito que ele e/ou os outros homossexuais vivenciam no cotidiano do país, compreendendo que os diferentes dizeres e sentidos produzidos pelos sujeitos-blogueiros ou os sujeitos-leitores são possíveis pelas diferentes filiações (e rompimentos) as redes de memória e as marcas de evidência produzidas pelos processos ideológicos, o que assegura a polissemia como marca das relações estabelecidas no ciberespaço e que afetam os processos de circulação, difusão, escrita e leitura de seus diversos espaços discursivos. Nos *blogs* estudados, foi possível observar os processos de aliança e tensão que envolvem os sujeitos no processo discursivo, desvelando relações de (des)costura permanente entre os *posts* dos sujeitos-blogueiros e os comentários dos sujeitos-leitores, em um processo contínuo que interfere nas condições de produção das leituras e textos ali existentes. Atento que a participação dos sujeitos-leitores como autores dos conteúdos vinculados nos *blogs* permite sentidos de pertencimento, possibilitando a observação de relatos de violência que em outras condições não circulariam, permitindo a movimentação de dizeres no espaço discursivo. A interatividade interfere na escrita e organização do *blog*, já que o sujeito-blogueiro escreve, edita e retira *posts* de acordo com a reação dos leitores do seu *blog*.

Os dizeres compartilhados pelos sujeitos nos *blogs* permitem o contato com dizeres que materializam para muitos leitores que desejam entender a homofobia além dos dizeres apresentados em gráficos produzidos por diferentes instituições, materializados pelo uso da linguagem estatística, que apresenta dados da homofobia no país. As narrativas expostas ali permitem outra leitura, envolta em gestos distintos de interpretação e significação, que acredito, aproximam os sujeitos que chegam a esse espaço discursivo da realidade vivenciada pelos homossexuais no país.

No começo deste texto, trouxe as palavras de Lispector (1998) como ponto de partida para tecer este trabalho acadêmico, que tantas vezes me pareceu impossível de ser começado e/ou finalizado, considero que o interesse por trabalhar com uma temática espinhosa, como é o caso da homofobia, exige que algo chame a atenção, desperte a “angústia” e a “insatisfação” pela não compreensão dos motivos da naturalização de dizeres de ódio que são inscritos nos diferentes espaços discursivos⁹² do ciberespaço.

⁹² No *site* SaferNet (2013), *site* especializado em crimes virtuais no Brasil e mundo, que noticiou que no Brasil, entre 2006 e 2012, foram denunciados 718 casos de homofobia, sendo que no mundo, o *site* registrou, no mesmo período, 108.074 mil denúncias, provenientes de 25 países de 4 continentes diferentes, esses ataques são provenientes de diversos espaços discursivos, como *blogs* e *sites*.

Portanto, o não entendimento é o que me motiva. Instigado pela possibilidade de vislumbrar outros sentidos, investi esforços na compreensão das condições históricas que permitiram a naturalização dos sentidos homofóbicos no cotidiano dos brasileiros. As análises revelaram que “apesar de” determinados sentidos parecerem evidentes, o sujeito falha e fura durante o processo discursivo, colocando em jogo o novo, o inesperado, mas também, filiando-se ao que circula como cristalizado e incontestável, principalmente pela força com que as discussões que envolvem a homofobia tem obtido no Ocidente nos últimos anos.

Assim, “apesar de” todas as dificuldades envolvidas no desenvolvimento deste trabalho, esse foi um dos fatores que motivou esta pesquisa e justificou o afinco no trabalho com esses dizeres, esse processo de questionar, ouvir, analisar e observar que foi fundamental na criação deste trabalho.

7. REFERÊNCIAS



"Mas sabendo nós, enfim, que o que dá o verdadeiro sentido ao encontro é a busca e que é preciso andar muito para alcançar o que está perto."

José Saramago

AGUSTINI, C. L. H.; GRIGOLETTO, E. Escrita, alteridade e autoria em Análise do Discurso. **Matraga**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 22, p. 145-156, jan./jun. 2008. Disponível em: <<http://www.pgletras.uerj.br/matraca/matraca22/arqs/matraca22a08.pdf>>. Acesso em: 22 dez. 2011.

ALVARENGA, M. A. F. P. **Apontamentos de metodologia para a ciência e técnicas de redação científica**. 3. ed. Porto Alegre: Sergio Antonio Fabris Editor, 2003.

AMARAL, A.; MONTARDO, S.; RECUERO, R. Blogs: mapeando um objeto. In: _____ (Org.). **Blogs.com: estudos sobre blogs e comunicação**. São Paulo: Momento Editorial, 2009. p. 27-54. Disponível em: <<http://www.sobreblogs.com.br/blogfinal.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2012.

AQUINO, M. C. Os blogs na web 2.0: representações e recuperação coletivas de informação. In: AMARAL, A.; MONTARDO, S.; RECUERO, R. (Org.). **Blogs.com: estudos sobre blogs e comunicação**. São Paulo: Momento Editorial, 2009. p. 237-256. Disponível em: <<http://www.sobreblogs.com.br/blogfinal.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2011.

ARAÚJO, M. C. M. U. **Potencialidades do uso do blog em educação**. 2009. 207 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.

BALDINI, L. J. S. Um pouco de possível senão eu sufoco.... In: ROMÃO, L. M. S.; PACÍFICO, S. M. R. (Org.). **Efeitos de leitura, sujeitos e sentidos em movimento**. Ribeirão Preto: Alfabeta, 2010. p. 57-65.

BANDINI, M. S. L. S. **A Internet sob a ótica da história vista de baixo: uma teia de significações em pequenos-grandes discursos**. 2010. 568 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de Salamanca, Salamanca, Espanha, 2010.

BARONAS, R. L. Formação discursiva em Pêcheux e Foucault: uma estranha paternidade. In: SARGENTINI, V. M. O.; NAVARRO-BARBOSA, P. (Org.). **Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder e subjetividade**. São Carlos: Claraluz, 2004.

_____. Ainda sobre a noção-conceito de formação discursiva em Pêcheux e em Foucault. In: _____. (Org.). **Análise do discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva**. 2. ed. São Carlos: Pedro&João Editores, 2011a. p. 193-206.

_____. Blogs de comentários políticos: algumas notas sobre ethos semiotizado. In: _____. (Org.). **Ensaio de análise de discurso: questões analítico-teóricas**. São Carlos: EdUFSCar, 2011b. p. 47-62.

BÍBLIA sagrada. 81. ed. São Paulo: Editora Ave Maria, 1992.

BLOOD, R. Weblogs: a history and perspective. **Rebecca's Pocket**, 2000. Disponível em: <http://www.rebeccablood.net/essays/weblog_history.html>. Acesso em: 07 abr. 2010.

_____. **The weblog handbook: practical advice on creating and maintaining your blog**. Cambridge: Perseus Publishing, 2002.

BORGES, J. L. Funes, o memorioso. In: _____. **Ficções**. Porto Alegre: Globo, 1982.

BORRILLO, D. **Homofobia: história e crítica de um preconceito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BOYD, D. A blogger's blog: exploring the definition of a medium. **Reconstruction**, v. 6, n. 4, 2006. Disponível em: <<http://reconstruction.eserver.org/064/boyd.shtml>>. Acesso em: 11 nov. 2011.

BRASIL. Secretaria de Direitos Humanos. **Relatório sobre violência homofóbica no Brasil: ano de 2011**. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos, 2012. 138 p.

BRAGANHOLO, M. P. **Blogs jornalísticos em foco: processos de legitimação e oficialização**. 2011. 121 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

CANDÓN MENA, J. **Internet en movimiento: nuevos movimientos sociales y nuevos medios en la sociedad de la información**. 2011. 401 f. Tese (Doctor en Ciencias de la Comunicación y Sociología) – Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 2011.

CARDOSO, A. S. T. R. **Os novos media, a blogosfera e algumas hipóteses sobre a agenda-setting**. 2008. 126 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação) – Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, 2008.

CARMAGNANI, A. M. Impacto das novas tecnologias nas identidades: o caso de cursos de línguas online. In: MAGALHÃES, I.; GRIGOLETTO, M.; CORACINI, M. J. (Org.). **Práticas identitárias: língua e discurso**. São Carlos: Claraluz, 2006. p. 157-170.

CHARTIER, R. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

CONSONI, G. B. **Conversações online nos comentários de blogs: interações dialógicas nos blogs Melhores do Mundo, Interney e Pensar Enlouquece**. 2010. 191 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

CORACINI, M. J. Identidades múltiplas e sociedade do espetáculo: impacto das novas tecnologias. In: MAGALHÃES, I.; GRIGOLETTO, M.; CORACINI, M. J. (Org.). **Práticas identitárias: língua e discurso**. São Carlos: Claraluz, 2006. p. 133-156.

_____. Os blogs escolares e a escrita de si: entre a redação escolar e os diários virtuais. In: CORACINI, M. J.; UYENO, E. Y.; MASCIA, M. A. A. (Org.). **Da letra ao píxel e do píxel à letra - uma análise discursiva do e sobre o virtual: identidade, leitura e escrita, formação de professores e ensino-aprendizagem de língua**. Campinas: Mercado de Letras, 2011. p. 27-46.

CORDÓN, J. A. De la lectura ensimismada a la lectura colaborativa: nuevas topologias de la lectura en el entorno digital. In: GÓMEZ DÍAZ, R. (Ed.). **Polisemias visuales: aproximaciones a la alfabetización visual em la sociedade intercultural**. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2010. p. 39-84.

COURTINE, J. J. **Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. São Paulo: EdUFSCar, 2009.

DENTRO do armário – o diário de um gay não gay: sou homossexual. 2010. Disponível em: <<http://dentrodoarmario.wordpress.com/>>. Acesso em: 23 jan. 2013.

DEZERTO, F. B. **Processos de subjetivação em colunas de João Silvério Trevisan**. 2008. 113 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

DIÁRIO de um gay. 2010. Disponível em: <<http://diariodeumgay2010.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 23 dez. 2012.

DIAS, C. P. **A discursividade da rede (de sentidos):** a sala de bate-papo hiv. 2004. 176 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

_____. **Da corpografia:** ensaio sobre a língua/escrita na materialidade digital. Santa Maria: UFMS, 2008a.

_____. Memória & escrita: o atravessamento de sentido das cartas no e-mail. **Letras: língua, sujeito & história**, Santa Maria, v. 18, n. 2, p. 35-49, jul./dez. 2008b.

_____. Corpo – sujeito - máquina – escritura. In: ROMÃO, L. M. S.; GALLI, F. C. S. (Org.). **Rede eletrônica:** sentidos e(m) movimento. São Carlos: Pedro&João Editores, 2011. p. 23-35.

DIAS, L. F. Resistência e desafio: traços do pensamento de Pêcheux no Brasil. **Estudos da Língua(gem)**, Vitória da Conquista, n. 1, p. 113-118, jun. 2005. Disponível em: <http://www.cpelin.org/estudosdalinguagem/n1jun2005/resumos/index_arquivos/dias.htm>. Acesso em: 20 dez. 2011.

DOORN, N. V. **Digital spaces, material traces:** investigating the performance of gender, sexuality, and embodiment on internet platforms that feature user-generated content. 2010. 172 f. Tese (Doctor of Communication Science) – Universiteit van Amsterdam, Amsterdã, 2010.

_____. Writing from experience: presentations of gender identity on weblogs. **European Journal of Women's Studies**, v. 14, n. 2, 2007. Disponível em: <<http://ejw.sagepub.com/content/14/2/143.abstract>>. Acesso em: 20 mar. 2009.

EFIMOVA, L. **Passion at work:** blogging practices of knowledge workers. 2009. 257 f. Tese (Doctor) - Universiteit Utrecht, Utrecht, 2009.

ELÍDIO, T. **A perseguição nazista aos homossexuais:** o testemunho de um dos esquecidos da memória. 2010. 95 f. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

ERNST-PEREIRA, A. O casaco de Arlequim: uma reflexão sobre a semântica proposta por Michel Pêcheux. **Estudos da Língua(gem)**, Vitória da Conquista, n. 1, p. 23-30, jun. 2005. Disponível em: <<http://estudosdalinguagem.org/seer/index.php/estudosdalinguagem/article/view/6>>. Acesso em: 07 dez. 2011.

EU sou gay. 2010. Disponível em: <<http://eusougay.net/>>. Acesso em: 23 dez. 2012.

FARIAS, M. G. G.; FREIRE, I. M. Memória do cotidiano: registro da comunidade Santa Clara na web. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 17, n. 2, p. 119-133, jul./dez. 2011. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/22079>>. Acesso em: 30 jun. 2012.

FELITTI, G. **Blogues**: debates sobre três perspectivas e desenvolvimento do fenômeno no Brasil. 2009. 126 f. Dissertação (Mestrado em Tecnologias da Inteligência e Design Digital) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

FERRAREZI, L. Nos movimentos do discurso: sentidos e sujeitos em espiral. **Fragmentum**, Santa Maria, n. 32, p. 22-26, jan./mar. 2012. Disponível em: <<http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/fragmentum/article/view/4732/2870>>. Acesso em: 22 fev. 2012.

FERRAREZI, L.; BASTOS, G. G.; SANTOS, J. C. F. Blogs e museus eletrônicos: um estudo discursivo. In: ROMÃO, L. M. S.; GALLI, F. C. S. (Org.). **Rede eletrônica**: sentidos e(m) movimento. São Carlos: Pedro&João Editores, 2011. p. 61-80.

FERRARI, A. Sobre a homossexualidade na mídia (2005-2010). In: MARIANI, B.; MEDEIROS, V.; DELA-SILVA, S. (Org.). **Discurso, arquivo e...** Rio de Janeiro: 7Letras, 2011. p. 38-49.

_____. Discurso e (homos)sexualidade. In: MARIANI, B.; MEDEIROS, V. (Org.). **Discurso e...**: ideologia, inconsciente, memória, desejo, movimentos sociais, cinismo, corpo, witz, rede eletrônica, língua materna, poesia, cultura, mídia, educação, tempo, (homo)sexualidade. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012. p. 10-22.

FERREIRA, M. C. L. **Da ambiguidade ao equivoco**: a resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000.

_____. O quadro atual da Análise de Discurso no Brasil. **Revista Letras: espaço de circulação de linguagem**. Universidade Federal de Santa Maria, n. 27, p. 39-46, 2003. Disponível em: <http://coralx2.ufsm.br/revistalettras/artigos_r27/revista27_3.pdf>. Acesso em: 22 fev. 2012.

_____. A trama enfática do sujeito. In: INDURSKY, F.; FERREIRA, M. C. L. (Org.). **Análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites**. São Carlos: Claraluz, 2007. p. 101-108.

_____. Os desafios de fazer avançar a análise do discurso no Brasil com singularidade e liberdade. **Letras: língua, sujeito & história**, Santa Maria, v. 18, n. 2, p. 135-143, jul./dez. 2008. Disponível em: <http://coralx2.ufsm.br/revistaletras/artigos_r37/artigo9.pdf>. Acesso em: 22 fev. 2012.

_____. Análise do discurso e suas interfaces: o lugar do sujeito na trama do discurso. **Organon**, Porto Alegre, v. 24, n. 48, p. 17-34, jan./jun. 2010.

FOGAÇA, M. **Blog no ensino de ciências: uma ferramenta cultural influente na formação de identidades juvenis**. 2011. 343 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

FRIEDERICHS, M. C. **Mulheres “on line” e seus diários virtuais: corpos escritos em blogs**. 2009. 156 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

GALLI, F. C. S. **(Ciber)espaço e leitura: o mesmo e o diferente no discurso sobre as “novas” práticas contemporânea**. 2008. 204 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

_____. Leitura na internet: o (entre)cruzamento de dizeres e de subjetividades. **Gragoatá**, Niterói, v. 27, p. 189-204, jul./dez. 2009.

_____. A escrita (em cena) no espaço digital da internet. In: ROMÃO, L. M. S.; GALLI, F. C. S. (Org.). **Rede eletrônica: sentidos e(m) movimento**. São Carlos: Pedro&João Editores, 2011a. p. 37-46.

_____. Práticas contemporâneas: fabricação de discursos e de “novos” regimes de verdade. In: CORACINI, M. J.; UYENO, E. Y.; MASCIA, M. A. A. (Org.). **Da letra ao píxel e do píxel à letra - uma análise discursiva do e sobre o virtual: identidade, leitura e escrita, formação de professores e ensino-aprendizagem de língua**. Campinas: Mercado de Letras, 2011b. p. 177-194.

_____. As dobraduras do discurso. **Fragmentum**, Santa Maria, n. 32, p. 13-17, jan./mar. 2012.

GALLI, F. C. S.; BASTOS, G. G.; FERRAREZI, L. Sentidos de (hiper)leitura em (dis)curso. **Signo**, Santa Cruz do Sul, v. 36, n. 61, p. 190-205, jul./dez. 2011. Disponível em: <<http://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/2142/1776>>. Acesso em: 06 abr. 2012.

GALLO, S. L.; ROMÃO, L. M. S. Corpo e(m) discurso na rede. In: ROMÃO, L. M. S.; GALLI, F. C. S. (Org.). **Rede eletrônica: sentidos e(m) movimento**. São Carlos: Pedro&João Editores, 2011. p. 13-22.

GENS, L. F. A. **Publicação em blogues de informação geoespacial sobre incidentes em postos de controlo militares em Israel usando dispositivos móveis**. 2008. 176 f. Dissertação (Mestrado em Informática) – Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal, 2008.

GIDE, A. **Os moedeiros falsos**. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

GREGOLIN, M. R. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos e duelos**. São Carlos: Claraluz, 2004.

GRIGOLETTO, E.; NARDI, F. S. D. Práticas discursivas de subjetivação: representações de escrita em espaços virtuais. In: AZEVEDO, N. P. S. G.; FONTE, R. F. L. (Org.). **Análise do Discurso: mo(vi)mento de interpretações**. Curitiba: Editora CRV, 2011. p. 21-37.

HAN, S. K. et al. Exploring the relationship between keywords and feed elements in blog post search. **World Wide Web**, v. 12, p. 381-398, 2009. Disponível em: <<http://www.springerlink.com/content/1845703568n44km4/>>. Acesso em: 20 abr. 2009.

HAROCHE, C. A necessidade de continuidade. In: ZANDWAIS, A.; ROMÃO, L. M. S. (Org.). **Leituras do político**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011. p. 11-27.

HARRISON, K. **Discursive skin: entanglements of gender, discourse and technology**. 2010. 116 f. Tese (Doctor of Philosophy) – Linköping University, Linköping, 2010.

HEINE, P. B. Considerações sobre a cena enunciativa: a construção do ethos nos blogs. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 8, n. 1, p. 149-174, 2008. Disponível em: <<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0801/080106.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2012.

HENGE, G. S. O papel do sujeito em uma enciclopédia on-line. **Organon**, Porto Alegre, v. 24, n. 48, p. 205-227, jan./jun. 2010.

HENRY, P. **A ferramenta imperfeita: língua, sujeito e discurso**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.

HILST, H. **Rútilos**. São Paulo: Globo, 2003.

HONSCHA, G. L. **A profissionalização dos blogs brasileiros: um estudo sobre as dinâmicas promocionais na blogosfera**. 2009. 145 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

INDURSKY, F. **A fala dos quartéis e as outras vozes**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

_____. Formação discursiva: essa noção ainda merece que lutemos por ela? In: INDURSKY, F.; FERREIRA, M. C. L. (Org.). **Análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites**. São Carlos: Claraluz, 2007. p. 163-172.

_____. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso. In: MITTMANN, S.; GRIGOLETTO, E.; CAZARIN, E. A. (Org.). **Práticas discursivas e identitárias: sujeito e língua**. Porto Alegre: Nova Prova, 2008.

_____. Da interpelação à falha no ritual: a trajetória teórica da noção de formação discursiva. In: BARONAS, R. L. (Org.). **Análise do Discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva**. 2. ed. São Carlos: Pedro&João Editores, 2011. p. 77-91.

ISONI, M. M. **Comunidades mediadas pela internet: fatores de sucesso e modelo de ciclo de vida**. 2009. 170 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília, 2009.

KERCKHOVE, D. D. Prefácio. In: GRANIERI, G. **Geração blogue**. Barcarena: Editorial Presença, 2006.

KERTÉSZ, I. **A língua exilada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

KOMESU, F. C. Blogs e as práticas de escrita sobre si na Internet. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (Org.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 120-135.

LAGAZZI, S. **O desafio de dizer não**. Campinas: Pontes, 1988.

LAGAZZI-RODRIGUES, S. Texto e autoria. In: ORLANDI, E. P.; LAGAZZI-RODRIGUES, R. R. (Org.). **Discurso e textualidade**. Campinas: Pontes, 2006. v. 1, p. 81-104.

LAGAZZI-RODRIGUES, S.; BRITO, P. S. As ocupações dos sem-teto na discursividade da cidade. In: ORLANDI, E. P. (Org.). **Cidade atravessada: os sentidos públicos no espaço**. Campinas: Pontes, 2001. p. 51-59.

LEVACOV, M. Bibliotecas virtuais. In: MARTINS, F. M.; SILVA, J. M. (Org.). **Para navegar no século XXI: tecnologias do imaginário e cibercultura**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2003. p. 247-273.

LÉVY, P. O ciberespaço como um passo metaevolutivo. In: MARTINS, F. M.; SILVA, J. M. (Org.). **A genealogia do virtual: comunicação, cultura e tecnologia do imaginário**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2004. p. 157-170.

LI, J.; CHIGNELL, M. Birds of a feather: how personality influences blog writing and reading. **International Journal of Human-Computer Studies**, v. 68, p. 589-602, 2010. Disponível em:
<http://utoronto.academia.edu/JamyLi/Papers/574165/Birds_of_a_feather_How_personality_influences_blog_writing_and_reading>. Acesso em: 07 nov. 2011.

LIMA, C. C. K. **O discurso sobre e das personagens homossexuais das telenovelas: regiões de poder, saber e dizer**. 2007. Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2007.

LIMA, N. L. **A escrita virtual na adolescência: os blogs como um tratamento do real da puberdade, analisados a partir da função do romance**. 394 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

LISPECTOR, C. **Um aprendizado ou O livro dos prazeres**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LOPES, L. R. **O blog e suas práticas – corpos carnavalizados e interações multifacetadas**. 2010. 115 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2010.

MAGALHÃES, B. R.; SABATINE, T. T. Políticas públicas, justiça e homofobia: índices de mensuração para o reconhecimento do direito à sexualidade no Brasil. In: SOUZA, L. A. F. (Org.). **Políticas de segurança pública no estado de São Paulo situações e perspectivas a partir das pesquisas do observatório de segurança pública da UNESP**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. p. 107-124.

MALDIDIER, D. **A inquietação do discurso: (re)ler Michel Pêcheux hoje**. Campinas: Pontes, 2003.

MALINI, F. **O comunismo das redes: sistema midiático p2p, colaboração em rede e novas políticas de comunicação em rede**. 2007. 350 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007.

_____. Por uma genealogia da blogosfera: considerações históricas (1997 a 2001). In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 8., 2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo: UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE, 2008. p. 1 - 14. Disponível em: <http://fabiomalini.files.wordpress.com/2008/05/modeloinovcom_sudeste-fabio-malini-com-referencias.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2011.

MARIANI, B. **O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)**. Rio de Janeiro: Revan, 1998.

_____. Subjetividade e imaginário linguístico. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 3, n. especial, p. 55-72, 2003. Disponível em: <<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0303/6%20art%204%20P.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2011.

MÁXIMO, M. E. O eu em cena, o eu em rede: um estudo etnográfico nos blogs. **Civitas**, Porto Alegre, v. 7, n. 2, p.25-47, jul./dez. 2007. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/viewFile/3523/2753>>. Acesso em: 10 jun. 2011.

MAZZOLA, R. B. **Análise do discurso e ciberespaço: heterotopias contemporâneas**. 2010. 135 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Júlio de Mesquita, Araraquara, 2010.

MILLER, C. R.; SHEPHERD, D. Questions for genre theory from the blogosphere. In: GILTROW, J.; STEIN, D. (Org.). **Genres in the internet: issues in the theory of genre**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2009. p. 263-290.

MINCHILLO, C. A. C. **Literatura em rede: tradição e ruptura no ciberespaço**. 2001. 291 f. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária) – Universidade de Campinas, Campinas, 2001.

MITROVIC, M.; TADIC, B. Bloggers behavior and emergent communities in blog space. **The European Physical Journal B**, v. 73, p. 293-301, 2010. Disponível em: <http://epjb.edpsciences.org/index.php?option=com_article&access=standard&Itemid=129&url=/articles/epjb/pdf/2010/02/b090600.pdf>. Acesso em: 07 nov. 2011.

MITTMANN, S. O professor e as redes do dizível no ciberespaço. **Linguasagem – revista eletrônica de popularização científica em ciências da linguagem**, São Carlos, n. 2, set. 2008. Disponível em: <http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao02/02smd_sm.php>. Acesso em: 15 mar. 2011.

_____. Heterogeneidade constitutiva, contradição histórica e sintaxe. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo**, Passo Fundo, v. 6, n. 1, p. 85-101, jan./jun. 2010. Disponível em: <<http://www.upf.br/seer/index.php/rd/article/view/1380/857>>. Acesso em: 22 mar. 2012.

MOREIRA, V. L. A (des)organização coletiva em rede no Delicious: arquivos e sentidos em movimento. **Fragmentum**, Santa Maria, n. 32, p. 56-58, jan./mar. 2012. Disponível em: <<http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/fragmentum/article/view/4741/2880>>. Acesso em: 22 fev. 2012.

MOREIRA, V. L.; BASTOS, G. G.; ROMÃO, L. M. S. Discurso homofóbico em blogs: tessituras da violência e(m) rede. **Calidoscópico**, São Leopoldo, v. 10, n. 2, p. 161-170, maio/ago. 2012. Disponível em: <<http://www.unisinos.br/revistas/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2012.102.04>>. Acesso em: 10 jan. 2013.

MOREIRA V. L.; ROMÃO, L. M. S. Weblog, a inscrição da heterogeneidade e do sujeito na rede. **Linguasagem – revista eletrônica de popularização científica em ciências da linguagem**, São Carlos, n. 2, p. 1-15, 2008. Disponível em: <http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao02/02ai_vlmlmsr.php>. Acesso em: 20 abr. 2009.

MORENO, J. K. **Do Navio Kasato Maru ao porto digital: as identificações e a identidade comunicativa expressas em blogs de Dekasseguis**. 2009. 246 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

MOTT, L. A revolução homossexual: o poder de um mito. **Revista USP**, São Paulo, n. 49, p. 40-59, mar./maio 2001. Disponível em: <<http://www.usp.br/revistausp/49/04-luizmott.pdf>>. Acesso em: 21 ago. 2011.

_____. Homo-afetividade e direitos humanos. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 14, n. 2, p. 509-521, maio/ago. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v14n2/a11v14n2.pdf>>. Acesso em: 21 ago. 2011.

MOURA, L. M. C. A. R. **Assimetrias de comportamentos na blogosfera política portuguesa**. 2009. 60 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, 2009.

MÜLLER, H. **Tudo o que tenho levado comigo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

OLIVEIRA, M. R. M. R. Práticas de Discurso e de Leitura em Blogs Jornalísticos. In: NASCIMENTO, E. M. F. S.; OLIVEIRA, M. R. M.; LOUZADA, M. S. (Org.). **Processos enunciativos em diferentes linguagens**. Franca: Editora da Unifran, 2006.

OLIVEIRA, R. M. C. O ciberespaço e a escrita de si na contemporaneidade: repete o velho, o novo blog? In: AMARAL, A.; MONTARDO, S.; RECUERO, R. (Org.). **Blogs.com: estudos sobre blogs e comunicação**. São Paulo: Momento Editorial, 2009. p. 55-74. Disponível em: <<http://www.sobreblogs.com.br/blogfinal.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2011.

OLIVEIRA, S. M. **Diário íntimo e/ou blog: o mesmo e o diferente na cultura do ciberespaço**. 2005. 101 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Santa Maria, 2005.

ORIHUELA, J. L. **La revolución de los blogs: cuando las bitácoras se convirtieron en el medio de comunicación de la gente**. Madrid: La esfera de los libros, 2006.

ORLANDI, E. P. Segmentar ou recortar. **Estudos**, Uberaba, v. 10, p. 09-26, 1984.

_____. **A linguagem e seu funcionamento:** as formas do discurso. Campinas: Pontes, 1987.

_____. **Discurso e leitura.** Campinas: Editora da UNICAMP, 1988.

_____. Silêncio e implícito (produzindo a monotonia). In: GUIMARÃES, E. (Org.). **História e sentido na linguagem.** Campinas: Pontes, 1989.

_____. Do sujeito na história e no simbólico. **Escritos: linguagem, cidade, política, sociedade - contextos epistemológicos da Análise de Discurso.** Campinas, n. 4, maio 1999. Disponível em:
<<http://www.labeurb.unicamp.br/portal/pages/pdf/escritos/Escritos4.pdf>>. Acesso em: 14 mar. 2012.

_____. **Cidade atravessada:** os sentidos públicos no espaço urbano. Campinas: Pontes, 2001a.

_____. **Discurso e texto:** formulação e circulação de sentidos. Campinas: Pontes, 2001b.

_____. **Interpretação:** autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 4. ed. Campinas: Pontes, 2004.

_____. Michel Pêcheux e a Análise de Discurso. **Estudos da Lingua(gem)**, Vitória da Conquista, n. 1, p. 9-13, jun. 2005. Disponível em:
<<http://www.cpelin.org/estudosdalinguagem/n1jun2005/artigos/orlandi.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2011.

_____. À flor da pele: indivíduo e sociedade. In: MARIANI, B. (Org.). **A escrita e os escritos:** reflexões em análise do discurso e psicanálise. São Carlos: Claraluz, 2006a. p. 21-30.

_____. **Discurso e textualidade.** Campinas: Pontes, 2006b.

_____. **Análise de discurso:** princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2007.

_____. **Terra à vista – discurso do confronto:** velho e novo mundo. Campinas: Editora da UNICAMP, 2008.

_____. A contrapelo: incursão teórica na tecnologia - discurso eletrônico, escola, cidade. **RUA**, Campinas, v. 2, n. 16, p. 5-17, nov. 2010. Disponível em: <<http://www.labeurb.unicamp.br/rua/pages/home/capaArtigo.rua?id=91>>. Acesso em: 20 dez. 2011.

_____. Ler Michel Pêcheux hoje. In: PÊCHEUX, M. (Org.). **Análise de Discurso**. Campinas: Pontes, 2011a. p. 11-20.

_____. Língua, comunidade e relações sociais no espaço digital. In: DIAS, C. **E-urbano: Sentidos do espaço urbano/digital**. [S.l.: s.n.], 2011b. p. 3-10. Disponível em: <<http://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano/>>. Acesso em: 01 jun. 2012.

PADILHA, J. S. **Storytelling do blog Me leva Brasil: desdobramento de conteúdo midiático da TV, interação com o telespectador e propaganda**. 2010. 101 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Midiática) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita, Bauru, 2010.

PALMA, Y. A.; LEVANDOWSKI, D. C. Vivências pessoais e familiares de homossexuais femininas. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 13, n. 4, p. 771-779, out./dez. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722008000400015&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 15 jun. 2011.

PATTI, A. R. A noção de sujeito discursivo. **Fragmentum**, Santa Maria, n. 32, p. 18-21, jan./mar. 2012. Disponível em: <<http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/fragmentum/article/view/4731/2869>>. Acesso em: 22 fev. 2012.

PÊCHEUX, M. Delimitações, inversões, deslocamentos. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 19, p. 7-24, 1990. Disponível em: <<http://www.iel.unicamp.br/revista/index.php/cel/article/view/3011/2492>>. Acesso em: 03 fev. 2012.

_____. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 3. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

_____. Sobre os contextos epistemológicos da análise de discurso. **Escritos: linguagem, cidade, política, sociedade**, Campinas, n. 4, maio 1999. Disponível em: <<http://www.labeurb.unicamp.br/portal/pages/pdf/escritos/Escritos4.pdf>>. Acesso em: 14 mar. 2012.

_____. **O discurso: estrutura ou acontecimento.** 4. ed. Campinas: Pontes, 2006.

_____. **Análise de discurso.** Campinas: Pontes, 2011.

PÊCHEUX, M.; GADET, F. A língua inatingível. In: PÊCHEUX, M. (Org.). **Análise de Discurso.** Campinas: Pontes, 2011. p. 93-105.

PIMENTEL, C. **Blog: da internet à sala de aula.** 2010. 174 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

PIRANDELLO, L. **40 novelas de Luigi Pirandello.** São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

PRIMO, A. Os blogs não são diários pessoais online: matriz para a tipificação da blogosfera. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n. 36, p. 122-128, ago. 2008. Disponível em: <http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/revista_famecos.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2012.

QUITÉRIO, A. M. **A internet na política brasileira: sites de deputados federais paulistas.** 2009. 208 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília, 2009.

RAK, J. The digital queer: weblogs and internet identity. **Biography**, v. 28, n. 1, p. 166-182, 2005. Disponível em: <<http://www.questia.com/googleScholar.qst?docId=5009672579>>. Acesso em: 20 mar. 2012.

RANCIÈRE, J. **Políticas da escrita.** Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

RECUERO, R. Weblogs, webrings e comunidades virtuais. **404nOtFound**, v. 1, n. 31, p. 1-15, 2003. Disponível em: <<http://www.pontomidia.com.br/raquel/webrings.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2007.

REEDIJK, C. C. **Sobre o amor que 'não' ousa dizer o nome.** 2006. 178 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006.

RODRIGUES, C. **Blogs e a fragmentação do espaço público.** Portugal: Labcom, 2006.

RODRÍGUEZ-ALCALÁ, C. Em torno de observações para uma Teoria Geral das Ideologias de Thomas Herbert. **Estudos da Língua(gem)**, Vitória da Conquista, n. 1, p. 15-21, jun. 2005. Disponível em: <<http://www.estudosdalinguagem.org/n1jun2005/artigos/rodriguez-alcala.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2011.

ROMÃO, L. M. S. Na teia eletrônica, fragmentos de memória. In: MORELLO, R. (Org.). **Giros na cidade: materialidade do espaço**. Campinas: LABEURB, 2004a. p. 39-46.

_____. Nós, desconhecidos, na grande rede. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 5, n. 1, p. 71-91, jul./dez. 2004b. Disponível em: <http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/302>. Acesso em: 12 mar. 2013.

_____. Um estudo sobre o discurso na era digital. **Revista do GELNE (UFC)**, v. 7, p. 49-60, 2005.

_____. O cavalete, a tela e o branco: introdução à autoria na rede eletrônica. **DELTA**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 303-328, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/delta/v22n2/a04v22n2.pdf>>. Acesso em: 19 mar. 2013.

_____. A inscrição do político no discurso jornalístico eletrônica. In: SANTOS, J. B. C. (Org.). **Sujeito e subjetividade: discursividades contemporâneas**. Uberlândia: EDUFU, 2009. p. 329-350.

_____. O fora da rede: (co-mando de) arquivos no arquivo. In: MARIANI, B.; MEDEIROS, V.; DELA-SILVA, S. (Org.). **Discurso, arquivo e...** Rio de Janeiro: 7Letras, 2011a. p. 141-149.

_____. Opacidade e incompletude: essa estranha tessitura do sujeito no discurso. In: ZANDWAIS, A.; ROMÃO, L. M. S. (Org.). **Leituras do político**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011b. p. 201-219.

_____. Fios de grito na rede: navega-dores (d)enunciam o extermínio. In: MARIANI, B.; MEDEIROS, V. (Org.). **Discurso e...: ideologia, inconsciente, memória, desejo, movimentos sociais, cinismo, corpo, witz, rede eletrônica, língua materna, poesia, cultura, mídia, educação, tempo, (homo)sexualidade**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012. p. 113-130.

ROMÃO, L. M. S.; ROMÃO, A. M. **Do pergaminho à tela do computador: a trajetória do livro**. Ribeirão Preto: Alfabeta, 2009.

ROSA, J. G. **Tutameia (terceiras estórias)**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2009.

SAFERNET Brasil. Indicadores. Disponível em: <<http://indicadores.safernet.org.br/>>. Acesso em: 15 jan. 2013.

SANTOS, A. C. **Ser ou não ser internauta?** – Os significados da internet a partir do seu uso para jovens graduandos em redes de computadores na cidade de Salvador. 2009. 118 f. Dissertação (Mestrado em Políticas Sociais e Cidadania) – Universidade Católica do Salvador, Salvador, 2009.

SANTOS, E. C. S. A linguagem dos blogs: um gênero textual emergente. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, v. 6, 2003. Disponível em: <<http://seer.bce.unb.br/index.php/les/article/view/1275>>. Acesso em: 10 dez. 2010.

SANTOS, G. G. C. Mobilizações homossexuais e estado no Brasil: São Paulo (1978-2004). **RBCS**, v. 22, n. 63, p. 121-135, fev. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092007000100010>. Acesso em: 05 maio 2011.

SANTOS, L. P. **Posto, logo existo:** narrativas de identidade e vigilância distribuídas na Web 2.0. 2009. 216 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2009.

SARAMAGO, J. **Todos os nomes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SATURNINO, R. **A construção do imaginário social dos imigrantes brasileiros em Portugal nas redes sociais da internet:** o caso do Orkut. 2009. 108 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) – Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal, 2009.

SCHERER, A. E. A constituição de sentidos nas fronteiras do eu: memória da língua e a língua da memória. **Letras: língua e literatura: limites e fronteiras**, Santa Maria, n. 26, p. 119-130, jan./jun. 2003. Disponível em: <http://w3.ufsm.br/revistalettras/artigos_r26/artigo_12.pdf>. Acesso em: 17 set.. 2010.

_____. Subjetividade, inscrição, ritmo e escrita em voz. In: MARIANI, B. (Org.). **A escrita e os escritos:** reflexões em análise do discurso e psicanálise. São Carlos: Claraluz, 2006. p. 13-20.

_____. A constituição do eu e do outro pela interpelação da língua pela língua na história do sujeito. In: INDURSKY, F.; FERREIRA, M. C. L (Org.). **Análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites**. São Carlos: Claraluz, 2007. p. 347-356.

SCHERER, A. E.; TASCHETTO, T. R. O papel da memória ou a memória do papel de Pêcheux para os estudos Linguístico-Discursivos. **Estudos da Língua(gem)**, Vitória da Conquista, n. 1, p. 119-123, jun. 2005. Disponível em: <<http://www.estudosdalinguagem.cpelin.org/revistas/01/scherer-taschetto%5B1%5D.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2010.

SCHITTINE, D. **Blog: comunicação e escrita íntima na internet**. São Paulo: Civilização Brasileira, 2004.

SCHONS, C. R. Escrita, efeito de memória e produção de sentidos. In: SCHONS, C. R.; RÖSING, T. M. K. (Org.). **Questões de escrita**. Passo Fundo: UPF Editora, 2005. p. 138-156.

SEEGER, L. A. **The rest is still unwritten: female adolescents' cultivation of gender from MTV's reality television series The Hills through celebrity gossip blog commentary**. 2007. 59 f. Dissertação (Master of Science) – Kansas State University, Kansas, 2007.

SILVA, F. M. O leitor de blog: configurações modal e enunciativa. **Signo**, Santa Cruz do Sul, v. 34, n. 56, p. 184-197, jan./jun., 2009. Disponível em: <<http://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/viewFile/968/693>>. Acesso em: 20 jan. 2010.

SILVA, H. L. R. **A comunidade metálica portuguesa no ciberespaço**. Da comunidade física à comunidade online. 2010. 83 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Portugal, 2010.

SILVA, M. T. C. **A geopolítica da rede e a governança global de Internet a partir da cúpula mundial sobre a sociedade da informação**. 2008. 307 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

SILVEIRA, V. F. P. Por um acesso fecundo ao arquivo. **Letras**, Santa Maria, n. 21, p. 121-125, jul./dez. 2000. Disponível em: <http://w3.ufsm.br/revistalettras/artigos_r21/13_verli_silveira.pdf>. Acesso em: 01 fev. 2012.

_____. Michel Pêcheux e a teoria do discurso nos anos 60. **Expressão**, Santa Maria, v. 1, p. 186-192, 2006. Disponível em: <http://www.ufsm.br/corpus/txts_profes/Verli_expressao.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2012.

SOARES, A. S. F. **A homossexualidade e a AIDS no imaginário de revistas semanais (1985-1990)**. 2006. 235 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006.

SOUZA, Pedro de. **Confidências da carne: o público e privado na enunciação da sexualidade**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

SUBTIL, F. Uma teoria da globalização avant la lettre. Tecnologias da comunicação, espaço e tempo em Harold Innis. In: MARTINS, H.; GARCIA, J. L. (Org.). **Dilemas da civilização tecnológica**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2003.

TAVERNARI, M. D. D. **Blogs íntimos: percursos de sentido no contexto discursivo do meio digital**. 2009. 189 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

TECHNORATI. **State of the blogosphere**. Estados Unidos, 2008. Disponível em: <<http://technorati.com/social-media/feature/state-of-the-blogosphere-2008/>>. Acesso em: 11 set. 2012.

_____. **State of the blogosphere**. Estados Unidos, 2011. Disponível em: <<http://technorati.com/social-media/article/state-of-the-blogosphere-2011-introduction/>>. Acesso em: 11 set. 2012.

TRÄSEL, M. A vitória de Pirro dos blogs: ubiquidade e dispersão conceitual na web. In: AMARAL, A.; MONTARDO, S.; RECUERO, R. (Org.). **Blogs.com: estudos sobre blogs e comunicação**. São Paulo: Momento Editorial, 2009. p. 93-107. Disponível em: <<http://www.sobreblogs.com.br/blogfinal.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2011.

TONHATI, T. M. P. **Política e internet: o governo eletrônico da prefeitura de São Paulo (2001-2006)**. 2007. 181 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2007.

VIEIRA, R. S. **Homoparentalidade: estudo psicanalítico sobre papéis e funções parentais em casais homossexuais com filhos**. 2011. 206 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

XAVIER, A. C. Leitura, texto e hipertexto. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (Org.). **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção do sentido. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 170-180.

WEISSBERG, J. L. Paradoxos da teleinformática. In: PARENTE, A. (Org.). **Tramas da rede**: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação. Porto Alegre: Editora Sulina, 2010. p. 113-141.

WHITMAN, W. **Folhas de relva**. São Paulo: Iluminuras, 2011.

ZANDWAIS, A. **Perspectivas da análise do discurso fundada por Michel Pêcheux na França**: uma retomada de percurso. Santa Maria: UFSM, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2009.

_____. Concepções de texto: a heterogeneidade do objeto tomada a partir dos pressupostos da linguística à análise do discurso. **Organon**, Porto Alegre, v. 24, n. 48, p. 71-85, jan./jun. 2010.

8. ANEXOS



“O pássaro que a minha alma pretendia?
Eu mesmo, o de antes, contemplando o tempo-água que é e não
é o mesmo e no entanto corre e sem te tocar te modifica inteiro?
Há um acúmulo de significados tomando conta das coisas neste
instante, as coisas estão crescendo de significado.”

Hilda Hilst

Anexo A

Capítulo 9 – Gay não é humano? (GLEE – Furt)

Gente, confesso, que a emoção foi tanta que até chorei.

Obrigado equipe Glee!!

Que delicadeza a do diretor da série Glee, ao fazer um capítulo dedicado ao jovem homossexual Kurt.

No capítulo de nome “Furt”, acompanhamos os preparativos para dois casamentos. Por isso, o amor esteve no ar na série. O pai de Kurt e a mãe de Finn finalmente decidiram se casar e formarem uma família. De outro lado, Sue descobriu que a melhor companhia para ela seria: ela mesma. E decidiu casar-se consigo mesma!

O pai de Kurt casa-se com a mãe de Finn. E Finn cheio de preconceito recusa-se a aceitar Kurt como irmão e defende-lo do bullying sofrido na escola por um machão que na verdade é um gay enrustido (como visto nos capítulos anteriores da série). É uma verdadeira mistura de amor, romantismo, preconceito, aceitação, família, solidão, bullying, humanidade e música.

E falando de casamento... Duvido que, quem assista a este capítulo, não sente vontade de casar... Eu senti... E se um dia for liberado quero uma entrada mágica e triunfal a estilo GLEE, a meu estilo também, pois sou muito criativo (modesto, kkk). Adoro esse tipo de coisa que os americanos são experts em fazer, transformando cerimônias normalmente épicas e tradicionais, em algo tão divertido.

Tudo isso nos faz pensar: Gay não é humano? Então porque ainda são massacrados como os escravos eram outrora? Porém hoje usam algemas invisíveis... E são açoitados de outras maneiras... E as férias se tornam mais profundas.

Por muitas vezes na escola fui posto de lado só porque eu era gay. Os meninos não me convidavam para sair, para se divertir com eles, não sentavam perto e nem faziam trabalho em grupo comigo... Salvo algumas exceções. Quem inventou que gay só quer a companhia de mulher? Tem uns que preferem, mas têm outros que não.

Sem contar os Bullying sofridos. Não, não me defendi por muito tempo, até tomar consciência dos meus direitos e reagir. Eu era uma criança e um adolescente se descobrindo. Como saber o que reivindicar. Nessas horas tudo que você sente é: solidão e tristeza.

É tão bom quando alguém te aceita como você é; e te trata como “um igual”, como gente, como ser humano. A gente se sente presente no local. Porque por muitas vezes nos sentimos distantes de tudo... Porque a sociedade não facilita podermos estar ali por inteiros. E nos colocam Etiquetas... Como de um produto. E por fim ganhamos rótulos. Oras... Sou gente! Minha etiqueta é a minha liberdade e meu respeito pela vida e pelo próximo.

Saibam héteros que lêem este blog, ter um amigo gay, não significa ser gay com ele; muito menos significará que ele irá gostar de você como um possível namoradinho. Não! Se você der a chance dele ser seu amigo, irá descobrir um colo (ou ombro) para toda hora. Um grande amigo. Falo por mim mesmo. Pode ser que um ou outro gay se apaixone? Pode!... Mas nada é regra, tudo é exceção. Quando deixamos as coisas claras, a amizade flui e os homens (heteros ou homossexuais) de valor vão sempre se respeitar. Porque no fundo todos querem ser felizes. Igual a você.

E que bela abordagem sobre a prática do Bullying (aqueles apelidinhos e piadinhas que ferem e humilham as pessoas e que é constituído como crime e poucos sabem). Em Glee, isso foi ganhando uma importância de conscientização séria. Em épocas onde

somos bombardeados por notícias de ataques e violências contra gays; até de policiais... É interessante notar que uma série de televisão de apelo mundial fale tão abertamente sobre preconceito, bullying e desejos reprimidos. Quantos Kurts não existem pelo mundo e podem ver-se retratados na vida do personagem? O tema ainda continua na série, uma vez que o aluno acusado de bullying volta à escola depois de ter sido expulso.

Vamos denunciar essas práticas maldosas e irracionais... Isso sim é o retrato de serem que não são humanos!

Não tenho dúvida que Furt é um dos melhores episódios inesquecíveis da série GLEE, daqueles que nos tocam lá dentro sabe. E tocam heteros também, até quando há o casamento... Que casamento Lindo!

Eu amo e indico sempre esta série. Assistam!

A série bateu o Record dos beetles. Tem idéia do que é isso?

Em Furt eu experimentei todas a magia do amor fraterno, família e aceitação de ser GAY; uma sensação incrível que sabemos que muitos nunca tiveram por não serem aceitos como são, pelos seus afins. E ainda cheguei ao final do episódio com um sorriso no rosto, lágrimas nos olhos e feliz da vida e ansioso para assistir o próximo capítulo (gostinho de “quero mais”).

Tem como não amar Glee?

Acredito que o ápice do episodio Furt, é quando Finn canta e DANÇA com Kurt na festa... Foi de uma carga emocional incrível e belíssima, mesmo que Finn tenha demorado tanto para aceitar Kurt como irmão. Eu até chorei, e gritei de emoção... Gente não tem como descrever. Tem que assistir o capitula todo.

Vocês podem até ver os pedaços do episódio que acabei publicando, mas para melhor sentir o que estou falando, só assistindo todo o capítulo. Para que isso seja possível clique [AQUI](#) e baixe este capítulo e emocione-se.

Abraço a todos

BY ME S2

Anexo B

Capítulo 27: Um Amor para Sempre! (Isso Importa)

Este texto é famoso, creio que vocês já leram em algum lugar da Net. Caso não tenha visto, vale à pena ler.

“Meu pai me perguntou:

- Você é gay?

Eu perguntei pra ele:

- Importa?

Ele disse:

- Não, não realmente...

Eu disse pra ele:

- Sim, eu sou!

Ele disse:

- Fora da minha vida!

Creio que ele se importava.

Meu chefe me perguntou:

- Você é gay?

Eu perguntei pra ele:

- Importa?

Ele disse:

- Não, não realmente...

Eu disse pra ele:

- Sim, eu sou!

Ele disse:

- Está despedido!

Creio que ele se importava.

Meu amigo me perguntou:

- Você é gay?

Eu perguntei pra ele:

- Importa?

Ele disse:

- Não, não realmente...

Eu disse pra ele:

- Sim, eu sou!

Ele disse:

- Não me considere mais seu amigo!

Creio que ele se importava.

Meu companheiro em perguntou:

- Você me ama?

Eu perguntei pra ele:

- Importa?

Ele disse:

- Não, não realmente...

Eu disse pra ele:

- Sim, eu te amo!

Ele disse:

- Deixa-me te abraçar!

Pela primeira vez na minha vida, algo importava.

Deus me perguntou:

- Você se aceita?

Eu perguntei pra Ele:

- Importa?

Ele disse:

- Sim...

Eu disse pra Ele:

- Como posso me aceitar, se sou gay?

Ele disse:

- Porque é assim que Eu te fiz!

Desde então, somente isso me importa!!!”

Eu já passei por esta fase de negação, tanto por minha parte quanto da parte de meus pais. Hoje convivemos como família todos bem. Hoje sou amado pela minha família e principalmente por Deus.

Porém eu sei que nem todos têm esta sorte.

Se posso desejar a essas pessoas uma coisa, desejo que elas encontrem com este amor que não exclui e nem acaba: o amor de Deus!

E lembrem-se: a igreja formada de homens está sujeita a preconceitos, porém Deus, não é um simples homem. Ele te ama como você é. Independente de teus erros e acertos.

O que importa não são as vezes que caímos, mas as vezes que somos capazes de nos levantar de uma queda. Porque mesmo quando você não acredita, você é capaz disto!

Abra-se a uma nova experiência de amor.

Acredite que tudo pode ser maior que tudo que vemos ou sentimos.

Você é bem mais que parece ser! Basta crer... Ele está com você...

Assim como está comigo.

Abraço a todos...

BY ME S2 (S-FCSP)

Anexo C

A primeira conversa.

20/04/2011

Assisti “Prayers for Bobby”. Lembrei-me do dia em que travei a primeira conversa direta com minha mãe, sobre minha homossexualidade. Tinha 17 anos.

Não foi lá uma conversa muito boa.

Ela deitada na cama, eu sentado encostado na batente da porta da suíte. Cabisbaixo, com a voz fraca, eu disse:

- Eu não escolhi ser assim... apenas sou assim. Se eu pudesse ter escolhido uma coisa dessas, com certeza teria optado por gostar de garotas. Mas é algo que não posso mudar!

- Não interessa. Isso é contra a natureza. É uma vergonha!

A conversa findou-se.

Hoje, vejo que tenho uma distância enorme com meus pais. Embora troquemos diálogos até suaves durante o almoço e o jantar, percebo que não há intimidade alguma entre nós. Não divido com eles um décimo do que coloco aqui no blog (apesar de que minha mãe tem fuçado por aqui). E eu também não tenho o menor interesse de saber o que se passa na vida deles. Digamos que estabelecemos uma relação extremamente pragmática, no intuito de alcançarmos um grau mínimo de atritos. Instituímos um “não pergunte e nem conte”. Meu pai e minha mãe não aceitam, até hoje, o fato de eu ser gay. Eles toleram. Mas não aceitam. E há uma enorme diferença entre tolerar e aceitar.

A minha mudança para São Paulo já virou alvo de declarações afiadas por parte da minha mãe.

- Ih. Agora que você vai descambar de vez, sozinho, em São Paulo.

Ouvindo declarações como essa, cada vez mais convicto eu fico de que ela não me conhece mais. Tampouco conhece algo sobre o que é ser gay. E isso é até natural. Afinal, deixamos de partilhar nossas vidas em família desde os meus 12 anos de idade, quando eles descobriram que eu tinha atração por meninos. E ela, educada da maneira mais provinciana e bitolada possível (estudou em um internato religioso).

Estou feliz por me mudar de casa e conseguir, finalmente, minha total independência financeira. Nem consigo acreditar que não precisarei pedir um tostão para meus pais (e espero continuar assim!). Entretanto, fico triste por não poder contar com minha mãe para dividir outras felicidades minhas.

Tenho guardado o arquivo do filme que acabei de assistir. Vou deixar um atalho no desktop. E deixarei, quando for embora, um bilhete, pedindo a meus pais que assistam a esse filme.

Será a minha última tentativa.

Anexo D

Poor man...

Power!!!

Falando sério, sua situação é lamentavel Sg. Espero que tudo se resolva e que vc possa sempre contar com seus amigos leitores!

Abração

24/04/2011

Anexo E

	<i>Blogs</i>	Endereços Eletrônicos
1.	A vida de um garoto gay, virgem, tímido e solitário que está se descobrindo a cada dia...	http://descobertasdeumgarotogay.blogspot.com.br/
2.	A vida no armário	http://www.armarioembh.com/
3.	As Cartas de Theo	http://ascartasdetheo.blogspot.com.br
4.	Babado Certo	http://babadocerto.wordpress.com/
5.	Blog do Latinha	http://tinmanbr.blogspot.com/
6.	Bewilde	http://staywilde.blogspot.com
7.	Carinha do Blog v. 3.0	http://carinhadoblog.blogspot.com.br/
8.	Confissões de um Jovem Urso	http://jovemurso.blogspot.com.br/
9.	Como estão as coisas?	http://comoestaoascoisas.blogspot.com.br/
10.	Confissões a esmo	http://www.confissoesaesmo.com/
11.	De cara no armário	http://decaranoarmario.blogspot.com.br/
12.	Dentro do armário - o diário de um gay não gay: sou homossexual	http://dentrodoarmario.wordpress.com/
13.	Desabafo...	http://mysegredito.blogspot.com.br/
14.	Descomplicando a vida	http://vivendoemsegundoplano.blogspot.com.br/
15.	Diário de um gay	http://diariodeumgay2010.blogspot.com.br/
16.	Dois Coelhos	http://historiasdecoelhos.blogspot.com.br/
17.	Dois perdidos na noite	http://doisperdidosnanoite.blogspot.com/
18.	Eggo: a alma através das	http://devanneios.blogspot.com.br/

	palavras	
19.	Em Parafuso Horizontal	http://sempreavantenonadainfinito.blogspot.com.br
20.	Enfim é o que tem pra hoje...	http://paulobraccini-filosofo.blogspot.com.br/p/quem-sou-eu-teste.html
21.	Estórias do mundo	http://soumundano.blogspot.com/
22.	Eu fodo com gays idiotas	http://fodocomgays.blogspot.com.br/
23.	Eu Sou Gay	http://eusougay.net/
24.	Forever Young	http://foreveryoung25.blogspot.com.br/
25.	Homem, homossexual e gay	http://paigay.blogspot.com.br/
26.	Jo Mesquita	http://jomeskita.blogspot.com
27.	Mariposo	http://mariposo.blogspot.com.br/?zx=43f2c5da1aa529da
28.	Mundo em Meus Olhos	http://mundoemmeusolhos.blogspot.com.br/
29.	Muque de Peão	http://muquedepeao.blogspot.com.br/
30.	No Guetto	http://www.noghetto.caixadepandora.com.br/
31.	O eterno garoto	http://oeternogaroto.blogspot.com.br/search/label/amor
32.	Papai Gay	http://www.papaigay.com/
33.	Para Lady's by Frederico	http://blogparaladys.blogspot.com.br/
34.	Segredos de um garoto que está se descobrindo...	http://segredosdorenato.blogspot.com.br/
35.	Sem Cortes e Sem Edição	http://semcortesemedicao.blogspot.com.br

36.	Tanta Coisa	http://tantacoisatantacoisa.blogspot.com.br
37.	Ternura e Intimidade	http://ternuraeintimidade.blogspot.com.br
38.	TPM de Macho	http://www.tpmdemacho.com/
39.	Uivos do além	http://uivosdoalem.blogspot.com/
40.	Um pote de ouro	http://umpotedeouro.blogspot.com.br/
41.	Um deus caído do Olimpo	http://umdeuscaidodoolimpo.blogspot.com.br/
42.	Vida Urbana	http://vidaurbanabeta.blogspot.com.br/
43.	Wonderful, 'Cause I am	http://wonderfulcauseiam.wordpress.com/
44.	Wynotnow	http://wwwdejanito.blogspot.com.br
45.	YAG na contra-mão	http://yag-nacontramao.blogspot.com/
46.	Zona de Impacto	http://zonadeimpactogx.blogspot.com.br/

Figura 4: Blogs pré-selecionados para compor o *corpus* da pesquisa.

Anexo F

Proposta.

17/07/2011

“Está tarde... você vai me deixar passar a noite aqui, né?”

Ric nem precisava me perguntar. Queria que ele passasse a noite inteirinha comigo, desde quando nos beijamos, no meu pequeno sofá bege.

Foi uma noite inesquecível.

Beijávamos num ritmo acelerado. Cheirava-o e acariciava-o. Sentia seu corpo de pequenas, mas encantadoras proporções. E mesmo assim conseguia admirar a beleza de seu rosto delicado.

À meia-luz, Ric, graciosamente, diz:

“Pode ser que estou sendo precoce demais, mas...

...você quer ser o meu primeiro namorado?”

Fui pego de surpresa com a proposta. Olhei-o diretamente nos olhos, e lhe indaguei:

“Você tem certeza de que quer isso?”

Rapidamente, ele rebate:

“E você tem certeza de que quer isso?”

Sorri. Beije-o. Abracei-o.

Dormi de conchinha, pela primeira vez na vida, com um namorado.

Anexo G

A cada post, menos fôlego... xD
Essa história daria um livro, cara... Nossa, perfeito!
Já disse e repito, vc merece tudo isso! xD

Um abraço, cara... até o próximo

18/07/2011

A mim me parece que leio o texto de um jovem pré-adolescente que acha seu primeiro namorado... tudo lindinho, fofo, inocente... curti 😊

Boa sorte aos 2 =D

18/07/2011

Anexo H

Violência.
24/04/2011

Meu pai já foi violento. Hoje, não é mais. Tempos difíceis, os da minha infância. Talvez porque, naquela época, estávamos passando por um momento extremamente delicado. Estávamos pagando as prestações do nosso atual apartamento, e usávamos a poupança para complementar as contas da casa. A construtora estava demorando demais para entregar as chaves. E a poupança, a cada mês, murchava-se. Não que isso justificasse agressões físicas e morais que sofri. Mas ajudam a explicar tudo.

Lembro do dia em que disse a meu pai que queria desistir das aulas de futebol do colégio. Na longa discussão, acabei dizendo que fui forçado a fazer futebol (a verdade é que desejei fazer, mas para agradá-lo, e não por minha causa). Disse que odiava ir às aulas. Disse que detestava futebol. Aí, no calor da contenda, meu pai, furioso, foi à cozinha, pegou uma faca de açougueiro, me pegou pela gola da camiseta e me jogou no chão. Eu, estirado, assustado, fiquei imóvel diante da ameaça, vendo a ponta da faca próxima do meu peito. Os olhos do meu pai fumegavam. Seu rosto transparecia uma raiva que nunca tinha visto antes.

Embora a faca não tivesse rompido um milímetro da minha pele, carrego em mim a cicatriz daquele dia. E até hoje, não consigo acreditar que meu pai tivesse tanta raiva de mim daquele jeito. Não tive coragem de repartir esse fato com ninguém da minha família. Sinto vergonha daquele fato. Faço isso aqui porque estou, teoricamente, revestido pelo meu pseudônimo (para alguns, não, né?). É um fardo que transportarei para qualquer lugar que for.

E toda essa raiva foi porque ele sabia que eu era gay. O fato de eu ter dito que detestava futebol foi como um soco no estômago. Foi como se eu dissesse: “Eu sou viado!”. E isso, nenhum pai está preparado para ouvir de um filho.

Meu pai nunca mais tocou nesse episódio, muito menos desculpou-se pela ameaça. Mas eu não tenho mais tanta raiva dele por causa disso. Tenho sim, uma mágoa. Mas isso já faz tanto tempo (uns 10 anos), que a neblina do passado já consegue esconder muito das lembranças negativas.

O que me importa é o agora. E, hoje, meu pai está bem mais equilibrado. Tenho absoluta certeza: está equilibrado por minha causa. E também porque estamos numa fase financeira mais tranquila.

Porque eu garanto que, dentro dele, também há a cicatriz daquele dia.

Feliz páscoa para todos.

Anexo I

Putz, o que o Thiago finalizou me deixou emocionado. Apesar de ter criação católica, acabei deixando a religião de lado, havia me esquecidos dessas palavras já.

O mais engraçado da história sobre como os gays são retratados na tv é que a grande maioria dos autores de novelas são gays, e provavelmente em algum ponto da vida já sofreram (ou sofrem) algum tipo de preconceito. Não entendo o objetivo deles em perpetuar essa atitude ao retratar homossexuais como caricatas do que realmente representam. Será que o que eles aprenderam com a vida não foi suficiente para perceber que gays não são apenas “bichas engraçadas”?!

Acho que não só a questão da publicidade, o homossexualismo deveria ser levado a sério, e muito, também dentro de igrejas. Independente da ideologia. Ao mesmo tempo em que vemos a igreja dizer que homossexualismo é errado, que é contra o casamento gay, pra quem trabalha dentro da igreja (meu caso, e aqui me referindo a igreja católica) nota que a maioria dos padres são gays. Acho que precisam rever seus conceitos.

Minha família ainda não sabe sobre mim, e nem pretendo falar-lhes. Embora meu pai já tenha demonstrado não haver problema em ter filho gay, o que me deixou muito espantando vindo dele, minha mãe trabalhou boa parte da vida em trabalhos sociais com homossexuais, acho que o mais difícil seria com meu irmão, justamente a pessoa que me tratou como um pai, e devo muita coisa a ele, e que por muitas vezes já demonstrou ser homofóbico. O medo da rejeição com ele é pior do que de qualquer outro membro da família. O que quero dizer é que, apesar de morarmos no mesmo teto, termos tido a mesma educação, a mesma atenção dos pais, o mesmo ensino religioso, nem sempre a questão de trabalhar com a família no geral dará certo. Ao que parece, pessoas já tem uma idéia formada e não mudará da água para o vinho.

Não sei se as pessoas repararam a bandeira que desfilhou na parada gay em copacabana. Eles representaram as cores do arco-íris com um gay vestido de cada cor. Quem olha os representantes, ou vê drag queens, ou vê transexuais, ou vê “bibas” que ficaram famosas em programas como o BBB. TODOS os representantes são afeminados. Eles pregam a diversidade, mas eles mesmo pecam nesse quesito. Acredito que principalmente o trabalho publicitário demonstrando que homossexuais podem ser qualquer pessoa, desde delegados até zootecnistas, sem a necessidade de ser uma pessoa afeminada, fantasiosa e escrachada, talvez ajudaria as pessoas mudar um pouco o seu ponto de vista.

13 outubro 2011 at 2pm

Anexo J

Esse assunto renderia uns 100 posts, rs

Eu particularmente não acho que pressionar empresas de tv e a mídia seja o mais importante, é uma solução paliativa. Primeiro, esse papel “social” em novelas é uma coisa nossa, começou lá no meio dos anos 80 e acabou “virando”, se tornou uma forma de trazer informação que as vezes é até relevante num país pobre de educação, mas muitas vezes só tenta imprimir “valores”, e um país não deveria depender de um produto de ficção pra isso. Vejo gente indignada porque um vilão se deu bem, dizendo que isso reforça valores negativos e que “dá mal-exemplo pra sociedade”, e o que nós não vemos é essa mesma indignação e envolvimento das pessoas na vida real.

Infelizmente aqui a mídia e principalmente a novela tem um peso muito maior do que deveria e “inclusão” ou justiça social em ficção nunca vai alterar nada, é mais fácil pra maioria depender da tv pra “educar” e transmitir “valores” pro seus filhos e assim as famílias tem alguém pra culpar pela sua falta de envolvimento, por não conhecer uns aos outros dentro da própria casa.

Sobre preconceito na família, eu posso falar aqui como um representante do “outro lado”, já que pelos comentários a maioria teve em algum momento um sentimento de aceitação (mesmo que indireto) e no meu caso sempre foi bem claro que “gay não pode”. Minha família não é “antiquada” ou extremista, e eu me dou bem com todos, são compreensivos na maioria das coisas, só quando o assunto é homossexualidade é que são extremamente preconceituosos, e acredito que sejam assim até por causa da religião (católica), de suas crenças e tudo mais, até nisso eu sou diferente já que não sou cristão. É uma situação pesada, difícil de lidar, de certa forma consigo entender o lado deles já que eu mesmo demorei um bom tempo pra começar a me aceitar e parar de achar “errado”. O problema de quando o preconceito vem das pessoas que você ama e gostaria de poder confiar mais é que você sabe que não são pessoas ruins ou ignorantes, e é difícil ter que ouvir certas coisas tendo que fingir que aquilo não te atinge quando na verdade atinge e humilha. Pra mim o pior é o afastamento, porque o tempo vai passando e eu vejo como meus irmãos são unidos, construindo suas famílias, vem os sobrinhos, cunhadas e cunhados e eu vou me esquivando, na defensiva sem poder fazer parte disso tudo ou estar 100% presente na vida deles. Por isso tudo eu acho que desmitificar é o mais importante, se ninguém quer um homossexual na família é por causa do que se entende por homossexual (o padrão), e aqui todo esse ativismo gay de hoje em dia tem sua parcela de culpa também, já que a diversidade que eles pregam não tem nada de diversa...

14 outubro 2011 at 3pm:

Anexo K

O meio gay é preconceituoso nós do blogo sofremos por não estarmos na "linha" ainda tem essa história de quem é rico e de quem é pobre

18 outubro 2011 at 4pm

Anexo L

Bom, sinceramente, nesses últimos dias vi com insatisfação e desagrado muitas notícias a respeito de violência contra pessoas, que “aparentemente eram gays”, como o caso do pai agredido por estar abraçado a seu filho. Também recebi com muita indignação, e ódio também, se você me permite externar isso no seu blog, as declarações nada cristãs da ex-atriz e deputada estadual pelo Rio de Janeiro, Myrian Rios, associando homossexualidade à pedofilia. Confesso que ultimamente tenho estado deprimido por uma série de coisas que estão acontecendo, e sendo um homem que pensa muito, questiona muito, que tem ideias diversas, até mesmo das suas e dos seus leitores, me entristeço quando percebo o quanto minha voz e opiniões são dissonantes. Não concordo com a estúpida ideia de criminalização da homofobia. O que isso vai mudar na atitude das pessoas? No que isso vai diminuir a violência? Só por conta de mais uma lei, que na prática não vai funcionar, como muitas no Brasil, vocês acham que ninguém mais vai espancar ou matar gays e homossexuais? Em um país, como você mesmo externou, que tolera estupros, corrupção dos políticos, roubos, falta de educação e saúde, e toda sorte de violência, por que será que as pessoas não pensam em melhorar a vida do outro, dando educação de qualidade, ensinando de fato as pessoas a se respeitarem, mostrando a realidade dos homossexuais, sem matizes coloridos, querendo antes disso se vitimizar e querer uma lei que só te inferioriza, te fazendo fraco perante os outros?

Sinceramente, sabe o que eu penso que aqueles que apanham deveriam fazer? Não saiam sozinhos, procurem aprender autodefesa, e se um bando se aproximar de vocês, e quiserem te agredir, enfrentem a situação, partam pra cima, pois duvido que se algum intolerante, de qualquer tipo, levar uma boa surra de uns “viados”, como eles costumam falar, vá atacar outro homossexual.

Bom, você provavelmente dirá que não devemos reagir com violência, senão perderemos nossa razão e etc... Mas te pergunto? Esse dogma cristão de dar a outra face, tão vitimizante e equivocado, ajudou o mundo em quê?

Ao longo da minha vida sempre estive sozinho, à procura de alguém que pensasse como eu. No meu entendimento, quando dois homens estão juntos, é para evoluírem juntos, crescerem juntos, lutarem juntos, assim como os hoplitas gregos, os samurais japoneses, os guerreiros sumérios, não para “casarem”, ter filhos, pensão alimentícia, e toda essa bagatela hetero, que os homossexuais insistem em querer para si. Leiam o Banquete de Platão, o Gilgamesh dos sumérios, a linda história do Batalhão sagrado de Tebas...

Infelizmente acho que assim como Nietzsche, sou extemporâneo, e meus pensamentos estão longe de ser entendidos. Sou uma mísera gota nesse oceano de ignorância e “igualdade”.

Me desculpe pelas palavras rudes e pelas minhas ideias, que sei serem muito “doidas” e provocativas. É um desabafo de quem não tem mais vontade de ser quem é, e também não sente mais vontade de fazer alguma diferença nesse mundo tão superficial e nivelado por baixo. Te desejo muita sorte, principalmente quando você sair do armário!!! Já está na hora de você dar a cara a tapa... Afinal, muitos precisam de um modelo, de um guia, um exemplo. E você já alcançou esse patamar, é hora de você sair do armário. Adios!

22 julho 2011 at 10pm

Anexo M

A pressão é de fato grande. Para um grande número de pessoas ser assumido é virar uma bichona. Fazer de conta que o mundo é rosa, quando de fato é negro, cheio de preconceito e violência, perpetuando esterótipos, não é o caminho. Acredito que quanto mais pessoas como você, que hoje mostram que ser homossexual vai muito além de uma bandeira colorida, resgatando valores que de fato fazem a diferença, aparecerem, vamos nós mostrar que esterótipos e generalizações não condizem com a realidade. Um abraço.

11 abril 2011 at 8pm

Anexo N

Comigo aconteceu de forma diferente: estava numa fila de mercado, e havia um casal gay adolescente (masculino) na minha frente. Não sei, talvez como uma forma de chamar a atenção, eles se beijaram. Se fosse um selinho, estalinho, sem problemas. Porém, eles se deram um beijo que nem um casal hétero se daria num ambiente como um supermercado: era língua pra todo o lado. Eu olhava na volta, e via as pessoas chocadas, e apesar de ser gay, também fiquei chocado com a cena. A questão é: acho que por causa de gays como esse casal, existe o conceito de que todos somos assim e por isso merecemos ser tratado como a sociedade nos trata, com reclusão. Enquanto esses gays que criam esse estereótipo (que acredito eu seja minoria) existente hoje na sociedade, e que por muitas vezes gera a fúria que vemos na tv, não pararem pra pensar um pouco o tanto que estão nos prejudicando, acho que essa história de se assumir ou não nunca deixará de ser complexa.

20 agosto 2011 at 1am

Anexo O

E ai cara,

Concordo com tudo que falou, impor igualdade sempre gerou mais segregação. Essa alienação e falta de vontade de se informar por parte dos próprios “prejudicados” só reforça os pré-conceitos. Já ouvi de alguém que era divertido pegar trens em dias de parada gay porque era “muito engraçado”. E realmente, se você fizer isso vai se deparar com centenas de pessoas fantasiadas ou seminuas, gritando e dançando e mexendo com todo mundo que passa, desrespeitando um espaço que deveria ser coletivo, não é porque é dia de parada que a cidade deve girar em torno deles, certo? E o pior na minha opinião é que assim reforçam a idéia de que ser homossexual é ser assim.

Por outro lado, na sexta quando sai do trabalho reparei que dois caras “normais” estavam subindo em direção ao metrô de mãos dadas, as pessoas davam uma olhada “de leve”, desviavam o olhar, mas não percebi nenhuma reação agressiva ou tiração de sarro pra cima deles, talvez pela forma natural que eles faziam isso, não parecia uma auto-afirmação ou atitude desrespeitosa, e as pessoas conseguiam “engolir” a idéia de ver dois caras juntos.

Já falei bastante, rs, mas já que o assunto é essas “bolhas” que a sociedade cria, já temos uma universidade voltada para negros, agora lendo uma essa matéria da revista Piauí: <http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-44/esquina/discriminar-e-preciso>

, descobro uma escola para difusão da “cultura” lgbt, não sei se já ouviu falar:

http://www.e-jovem.com/escola_jovem_lgbt.html

Será que a sociedade acredita mesmo que criar grupos e sub-grupos é o caminho para aceitação?? Por essas e outras que caras como nós vão vivendo no armário...

28 junho 2011 at 1am

Anexo P

Este realmente é um grande problema, o número de gays “mal informados”, isso é o reflexo da má qualidade da educação no Brasil. A questão não é só na parada gay, é em todo o tempo o ano inteiro, a sociedade não separa as classes, GLSBT, para eles é tudo gay e ponto final. Uma coisa que me revolta muito é ver alguns gays (travestis) fazendo programa nas ruas, isso é ridículo, tenho vários amigos travestis, um é professor de ensino superior, os outros também tem suas profissões dignas. Temos que viver nossa vida com dignidade e mostrar para a sociedade que somos capazes sim, de ter uma profissão e uma postura como qualquer um cidadão hétero, não generalizo, mas é o que vejo acontecer na maioria das vezes, é claro tem gente que não aprende porque não quer e simplesmente porque gosta desse tipo de vida... em relação a parada, eu acho sim, que aos olhos da sociedade não é mais do que uma simples festa de carnaval fora de época, pra perceber isto é somente acessar o youtube, e ver a quantidade de vídeos, de gays quase ao ponto de trepar no meio da rua, uma decepção para quem sonha um dia mudar este tipo de visão da sociedade, mostrar que não somos movidos pela luxúria. Acho que a parada deveria ser levada mais a sério, e que deixem com perdão da palavra as “putarias” pro carnaval de fevereiro, ao menos não seríamos o foco, porque a “putaria é geral mesmo entre héteros e homos... desculpem foi mais um desabafo rrsrs. o blog é muito bom adorei...

14 outubro 2011 at 2am

Anexo Q

Tudo bem, um gay pode gostar de futebol e metallica. Se eu escutar uma música e eu gostar eu escuto, independente de quem canta. Vc já assistiu queer as folk? É um seriado sobre um grupo de amigos gays (talvez vc não goste, pq a maioria dos personagens são homossexuais, a série faz parecer que todas as pessoas da cidade são homossexuais, tem muito sexo na série, e vc gosta de ter amigos heterossexuais e da diversidade). Mas no final a série é mais sobre a amizade, assista. Também não gosto de esteriótipos, mas parece que vc ainda tem vergonha de ser gay (tipo, parece que vc não gosta de ser identificado como gay pelo que vc gosta). Tipo eu não sou assumido, mas se fosse daria ótimas respostas as pessoas.

29 agosto 2011 at 5pm

Anexo R

Ixi, pela maioria dos meus gostos também to no grupo dos homofóbicos. Já até me perguntaram se eu “batia em viado”, vai entender os critérios que as pessoas tem na cabeça pra definir alguém, rs.

Eu acredito que esses estereótipos são muito fortes porque dão uma sensação de segurança, ajudam a definir o “papel” que cada um deve ter dentro da sociedade sem precisar se questionar muito, daí se espera que alguém do grupo X vá sempre agir da mesma forma, então por exemplo se aparece um homem hétero que curta balé, ele vai ser taxado de gay porque “balé é coisa de viado”. Existem homossexuais no futebol, no rock (Rob Halford, vocalista da banda de Metal Judas Priest é homossexual assumido) e em qualquer outra área, isso é até meio óbvio. O que incomoda, e eu faço esses mesmos questionamentos que você fez é, qual a base desses “doutores”?? Já que se espera o mínimo de esclarecimento de pessoas que estudaram um pouco mais. Muitos ainda deixam suas opiniões e crenças pessoais influenciarem e limitarem muito nessas horas, daí acabam presos nessa idéia limitada de que é possível traçar um perfil exato do homossexual, do roqueiro, do vendedor de batata-roxa, rs...

Legal ver o que o Thiago falou, já que também passei por isso de não aceitar minha sexualidade porque não fazia parte do estereótipo, aliás, acho que esse nosso próprio preconceito encaixa no comentário do Paulo, não é bom se achar superior ao homossexual efeminado, o que eu vejo é que passamos por preconceitos e sofrimentos diferentes. O efeminado, por sair do armário “a força”, já que fica claro desde cedo que é gay (mesmo as vezes um cara mais “delicado” podendo ser hetéro) acaba pressionado e muitas vezes por ser novo, imaturo, inseguro, segue o padrão estereotipado pra fazer parte de grupos, pra não ficar sozinho, já que não necessariamente um cara efeminado precisa ser escandaloso e fútil, daí sofre um preconceito mais violento e direto (a homofobia na forma mais comum). Enquanto o não-estereotipado passa por um sofrimento mais interno e os preconceitos são mais velados, convivendo inclusive com o medo de ser comparado ao efeminado, medo de qual vai ser a postura dos amigos e da família já que a maioria de nós cresceu ouvindo familiares e amigos declarando ódio aos homossexuais sem coragem de rebater. Essa idéia de que todo homossexual é igual só reforça essas distinções e a dificuldade que nós “masculinos” enfrentamos pra nos assumirmos, é um círculo vicioso ainda bastante complicado de se romper...

Abraços!!

29 agosto 2011 at 8pm

Anexo S

Tão brilhante quanto o texto, são os comentários. Assim como o Thiago, o Paulo e o Alexandre, eu tb não me encaixo no estereótipo gay-afeminado-extravagante-que-gosta-de-divas. Vascaíno doente, roqueiro por nascença (slipknot, metalica, stone sour, SOAD etc), passei o último sábado assistindo as lutas do UFC RJ. Mas a colocação do Paulo (que aliás, já havia visto em algum outro post algo semelhante, mas não havia dado muita atenção) e do Alexandre me chamaram a atenção por algo muito preocupante a meu respeito.

Pelo fato de eu ser um gay sem estereótipos, por muitas vezes sou, veladamente, preconceituoso com os que o são. E digo, que, apesar dos comentários falando sobre “o grau de esclarecimento”, sou doutorando, e ainda assim, tenho esse pensamento preconceituoso com gays que não são como eu, e depois de todas as coisas colocadas aqui, sinto um tanto mal por isso. Nunca me coloquei para pensar que muitas pessoas já nascem assim, e nunca parei para imaginar o como deve ser difícil para conviverem com a sociedade (se eu já tinha preconceito, imagine os outros).

Além disso, concordo com o que foi dito que, enquanto permanecemos no armário, contribuimos para que aumente o preconceito contra os que não podem fazê-lo. Mas é como eu me sinto, o medo de se assumir e o medo da rejeição é um fardo muito pesado pra carregar. E acho que agora, vou tentar passar a admirar quem o faz, afinal de contas, como alguns dizem “tem que ser muito homem para o cara se assumir gay”.

30 agosto 2011 at 12am

Anexo T

Um as palavras para você, homofóbico.

21/11/2010 — direitos humanos, homofobia

“Homofobia é um direito”.

Dentre as milhares de idiotices que encontro na internet, mormente no twitter, essa superou todas.

Segundo os defensores desse “direito”, o projeto de lei que criminalizaria a homofobia estaria vedando as pessoas de exercerem a faculdade de não gostarem de homossexuais. Estaria mitigando-lhes a liberdade de expressão.

Quanta bobagem!

Essas pessoas, antes de tudo, deveriam é saber o que é um direito: uma faculdade socialmente reconhecida e aprovada, positivada em um dispositivo normativo com eficácia geral, que pode ser pretendida por qualquer um titular desse direito.

E também deveriam saber o que é homofobia: aversão profunda e infundada a homossexuais, que se manifesta em agressões físicas e verbais.

Desde quando agredir moral e fisicamente alguém é um direito? Então, se eu não gostar da sua mãe, porque ela é uma prostituta, e eu xingá-la muito no twitter, estarei exercendo o meu direito de liberdade de expressão; exercendo o meu direito de “putafobia”?

Ah, mas aí vem você e diz: “ser gay é uma aberração, é contra a natureza, e por isso legitima o meu repúdio” Aham, Cláudia. Senta lá. Se amar o próximo, ter sentimentos, ter sofrimentos, ter defeitos, ter capacidades e ter sonhos é ser uma aberração, então, meu caro, você também é uma.

Sua mãe tem todo o direito de querer ganhar dinheiro dando a periquita e o anú preto. Eu tenho todo o direito de exercer minha natural atração física e sentimental por homens. Você tem todo o direito de não gostar de mim. Eu tenho todo o direito de detestar a sua mãe. Mas não é por isso que você poderá me insultar; não é por isso que vou xingar a sua mãe.

O seu direito termina onde começa o meu. O seu repúdio a gays termina onde os meus direitos que me asseguram a dignidade, começam. O meu repúdio à tua mãe termina onde a dignidade dela começa.

Eu posso não querer, no meu íntimo, respeitá-la. Mas é minha obrigação fazer isso. Está na Lei. Todos têm direito à dignidade, à integridade física, à vida. Pois é, meu caro. Pensa que viver em sociedade é fácil? Não é, não. Todo mundo tem uma tarefinha para cumprir. Todo mundo tem que suportar coisas desagradáveis.

E uma delas consiste em respeitar as pessoas, mesmo elas sendo de um jeito que não nos agrada. Embora você não queira me respeitar, vai ter que fazer isso.

Homofobia é crime. A putafobia, também deveria.

Anexo U

Essa lei será o pequeno grande passo para nós! Avante! \o/

21/11/2010

excelente esclarecimento. pena que a massa torta e burra que declara sua homofobia com orgulho não entende essa definição.

mas ó, o mundo é uma bosta. sempre vai ter tipinhos assim. queria eu que essa cambada pudesse ler seu post, mas né, eles são ingorantes e se recusariam, então... reconheço seu esforço, mesmo assim! bela defesa.

falando em defesa, e os trabalhos finais?! a quantas andam?

[j]

21/11/2010

Oi! Agradecendo e retribuindo a visita.

Sobre o post, belíssima argumentação! Acho que muita gente confunde homofobia...

Não entende que se trata justamente da agressão moral e física. Ninguém vai ser obrigado a ter um amigo gay para ser politicamente correto.

Será que é tão difícil a sociedade entender que a gente quer respeito? Que eu vou poder dar um selinho em qualquer lugar sem medo de ser linchado?

Mas, mesmo sendo crime, muitos o cometerão. E imagino até que a polícia não va agir sempre da forma correta nesses casos.

Mas o passado provou que evolução existe, por mais que seja lenta. Que consigamos, portanto, contribuir com ela 😊

Ah, e belo blog. Já está nos favoritos! Meus parabéns!

21/11/2010

Anexo V

Cutting (automutilação) Gay

Em amor entre homens, bissexuais, comportamento, dúvidas, dentro do armário, descoberta sexual, escolha sexual, estereótipos, gays, GLBT, GLS, homossexuais, mea culpa, namoro um homem, opção sexual, preconceito, primeira vez, psicologia, revista gay, sexualidade, shelter o filme, sou gay, julho 4, 2011 às 12:37 pm

Bem, começo esse post dizendo: *a vida é a nossa maior riqueza, e mesmo que ela seja dura, vale a pena viver e seguir o caminho e as surpresas que ela nos guarda.*

Este post é sugestão de um jovem gay que já se mutilou, isso porque se sentia pressionado pela sociedade, e por não aceitar a condição de ser gay.

Ele ao sugerir este post me informou que a automutilação, vem crescendo entre os gays, principalmente entre os gays adolescentes, que com medo de a família e os amigos não aceitarem a sua condição, e também por acharem que estão fracassando no que a sociedade diz que devemos ser “heteros”; acabam cometendo essa agressão consigo mesmo.

“Os sintomas costumam surgir durante a adolescência, permanecendo por aproximadamente uma década na maioria dos casos. As pessoas acometidas deste transtorno, sentem uma necessidade enorme de auto punição pelos insucessos na vida cotidiana.” (Automutilação).

Aqui no blog já recebemos alguns e-mails e comentários de leitores dizendo que já tentaram suicídio, e alguns até falaram que graças ao blog passaram a se aceitar melhor e desistiram de suicidar-se.

Quero novamente dizer a você. Independente das pressões da vida, pois há, e não é só pressão sobre a condição que você escolhe para ser feliz, ou sexual, a pressão é tudo. Primeiro você deve se amar. A vida é o bem mais precioso. E é uma honra está aqui na Terra, quantas pessoas morrem sem ao menos conhecer as alegrias e tristezas, de provar o salgado e o doce que é a vida?

Vivam! Se amem mais. Não se mutile!!!

Quando vier esses pensamento negativos, querendo que você se puna. Diga “alto lá, eu me valorizo, e gosto de minha pessoa”.

Ponha uma música, feche os olhos, pense em coisas boas que você gostaria de viver, pense que há muita gente que gosta de você e em pessoas bacanas que você irá encontrar na sua trajetória na Terra. Pense que você ainda tem muito a fazer, que você é bom, e não merece se castigar.

Deus, não vai lhe punir. Deus não vai lhe julgar. Quem fala isso (de castigo e punição) é mentiroso. Isso (punições e castigos) são invenções do homem. Deus é amor e quer você bem vivo para construir coisas bacanas neste planeta. Ele também quer haja diversidade. Pois foi assim que eles nos criou, diferentes uns dos outros.

Sejam feliz, mesmo que haja uma montanha a sua frente, tenham força e ultrapasse; se tiver espinhos no seu caminho, seja inteligente e pense em coisas boas e caminhos bons para ultrapassa-los. E nada de pensamento negativo. Se amem mais. Seja qual for a situação que você esteja passando.

Anexo W

Agressões a homossexuais: verbais ou físicas

Em amor entre homens, bissexuais, boate gay, cinema gay, comportamento, dúvidas, dentro do armário, descoberta sexual, diferenças, discriminação, escolha sexual, frases tristes, fútil, gay, gays, GLBT, GLS, homossexuais, namoro gay, opção sexual, preconceito, primeira vez, psicologia, revista gay, sexo, sexualidade, abril 11, 2011 às 2:48 am

Semana passada um jogador gay de volei brasileiro foi hostilizado por uma torcida. O chamara de “bicha” enquanto ele jogava numa partida. A cerca de duas semanas o Dep Bolsonaro, incitou pessoas com a fala dele homofóbica, e assim as coisas vão, a algum tempo atrás um participante de um programa insinuou que aids é coisa de gay e não de hetero. S

Se recapitularmos, veremos: agressões físicas, como as ocorridas na Avenida Paulista na cidade de São Paulo; essas coisas toscas ditas em programas de tv.

E se formos mais minuciosos também encontraremos o preconceito tomando voz quase que diariamente nas telas da tv, em programas de humor, em que a figura do gay “a bichinha” como eles costumam mencionar sobre gays/homossexuais, é motivo de piada. E em telenovelas, em que os gays/homossexuais são representados de uma só forma.

Esses ecos vão e vem. Vem da sociedade que os capta e os repassa a frente, são apresentado como um mantra diariamente, aumentando o preconceito contra os gays/homossexuais. E o pior é na célula familiar que esse preconceito é mais forte.

A família nesse mundo globalizado, é também recebe um fluxo de pressão e informação, o que faz com que muitos de nós sofremos sem poder sermos o que somos, se tornando outro personagem.

É fácil dizer “se assumá”. Para uns é fácil. Mas para uma grande maioria é uma situação que traz pressão, repressão, violência moral e física, e isolamento.

Ser gay/homossexual não é uma party, uma boate, uma pegação, uma coisa cor de rosa; como muitos de nós e também grande número de pessoas da sociedade acha.

O que fazer? Talvez nem eu saiba o que fazer.

O meu conselho é que sejam fortes, criem suas fortalezas, acima de tudo se amem, se respeitem e respeitem os demais. Procurem ser vocês mesmos.

E não se deixem levar por pressões gay ou heteros. Sejam vocês e dêem tempo ao tempo.

Boa semana!

Anexo X

Capítulo 10 - Eu, Etiqueta Etiquetas...

O mundo tem colocado etiquetas e rótulos nas pessoas. É assim que tem sido todos os dias. Num universo onde o consumismo e o capitalismo falam mais alto... É isso que prevalece.

Se você é do tipo que vive fazendo piada das coisas, então você é um palhaço ou um tipo de pessoa que não deve levar a sério.

Se você anda desarrumado, é pobre ou desleixado.

Se você tem dificuldade de assimilar informações e até aprender, você é burro ou lerdo.

Se você mora numa casa grande, tem um carro e roupas da moda... você é rico, boy, mauricinho ou metido mesmo.

Se um menino é tímido ou gosta de arte então ele é gay.

Se você é todo social, despojado, joga futebol, tem coragem de fazer tudo que seus amigos machos te desafiam por causa de sua masculinidade... então você é homem.

Pensa que exagerei? Os rótulos e etiquetas são discretos.

Quando você vê, já ganhastes um.

O ruim é quando isso sai do plano normal e começa virara fonte de tormenta, humilhação etc.

O pior é que estas etiquetas modernas tem contribuído para o aumento da homofobia, intolerância, dos bullying e de outras tantas coisas banais.

E isso está presente dentro de alguns lares, escolas, igrejas e comunidades. Está no mundo.

Tudo isso só vai mudar, quando todos aceitarem que somos livres para sermos aquilo que acreditamos poder ser.

Porque é isso que você é:

“Você é aquilo que você decide ser, e não o que te determinaram a ser”.

Deixo como mensagem para refletir uma poesia: “Eu, Etiqueta”

Eu, etiqueta

Em minha calça está grudado um nome

Que não é meu de batismo ou de cartório

Um nome... estranho

Meu blusão traz lembrete de bebida

Que jamais pus na boca, nessa vida,

Em minha camiseta, a marca de cigarro

Que não fumo, até hoje não fumei.

Minhas meias falam de produtos

Que nunca experimentei

Mas são comunicados a meus pés.

Meu tênis é proclama colorido

De alguma coisa não provada

Por este provador de longa idade.
Meu lenço, meu relógio, meu chaveiro,
Minha gravata e cinto e escova e pente,
Meu copo, minha xícara,
Minha toalha de banho e sabonete,
Meu isso, meu aquilo.
Desde a cabeça ao bico dos sapatos,
São mensagens,
Letras falantes,
Gritos visuais,
Ordens de uso, abuso, reincidências.
Costume, hábito, premência,
Indispensabilidade,
E fazem de mim homem-anúncio itinerante,
Escravo da matéria anunciada.
Estou, estou na moda.
É duro andar na moda, ainda que a moda
Seja negar minha identidade,
Trocá-lo por mil, açambarcando
Todas as marcas registradas,
Todos os logotipos do mercado.
Com que inocência demito-me de ser
Eu que antes era e me sabia
Tão diverso de outros, tão mim mesmo,
Ser pensante sentinte e solitário
Com outros seres diversos e conscientes
De sua humana, invencível condição.
Agora sou anúncio
Ora vulgar ora bizarro.
Em língua nacional ou em qualquer língua
(Qualquer, principalmente.)
E nisto me comprazo, tiro glória
De minha anulação.
Não sou - vê lá - anúncio contratado.
Eu é que mimosamente pago
Para anunciar, para vender
Em bares festas praias pérgulas piscinas,
E bem à vista exibo esta etiqueta
Global no corpo que desiste
De ser veste e sandália de uma essência
Tão viva, independente,
Que moda ou suborno algum a compromete.
Onde terei jogado fora
meu gosto e capacidade de escolher,
Minhas idiossincrasias tão pessoais,
Tão minhas que no rosto se espelhavam
E cada gesto, cada olhar,
Cada vinco da roupa
Sou gravado de forma universal,

Saio da estamperia, não de casa,
Da vitrine me tiram, recolocam,
Objeto pulsante mas objeto
Que se oferece como signo de outros
Objetos estáticos, tarifados.
Por me ostentar assim, tão orgulhoso
De ser não eu, mas artigo industrial,
Peço que meu nome retifiquem.
Já não me convém o título de homem.
Meu novo nome é Coisa.
Eu sou a Coisa, coisificada.

(Poesia de: Carlos Drummond de Andrade)

Abraço a todos

BY ME S2

Anexo Y

Capítulo 11: A Viagem – Parte I (Um ônibus, um encontro)

Eu tenho tantas histórias vividas, que quando me sento para lembrá-las me sinto alegre e feliz. Sabe, você revive todas as experiências e se ri de si mesmo. É tão importante saber rir de si mesmo... Tem gente que não consegue achar graça nas coisas bobas ou erradas que já fez, isso é perigoso, pois podem acabar nos odiando por elas.

Lembro-me que certa vez, no colegial, ganhamos uma viagem para um lugar de acampamento. Adoro acampar. Pensa o que? Já disse sou gay, mas tenho jeito e gostos de qualquer outro menino hetero. Respeito os que não são assim, mas quem disse que todo gay se parece com menininhas e gostam de coisas de menininhas? Pensou errado... Derrrrrrrrrr! Continuando...

Eu me sentia um pouco só, pois na época eu era um pouco tímido, e não tinha facilidade de me enturmar. Portanto logo cedo, ao chegar à porta da escola, avistei 03 ônibus parados. Fiquei a escolher em qual eu entraria. O 1º e o 3º estavam cheios, então fui para o 2º que estava ao meio dos outros dois ônibus. Ao entrar avistei uma zuação no fundo do busão. A galera estava agitada. Eu me sentia contente, mas não me sentia de todo presente, pois não estava junto deles. Eu quis me aproximar, mas logo hesitei quando percebi que o último lugar no fundo havia sido preenchido por um garoto que chegara às pressas correndo e me empurrando para não perder a poltrona. Olhei para os lados sem graça e vi alguns “nerds” me espreitando enquanto comia salgadinho. Sentei-me então, na primeira poltrona, próximo a porta de saída do ônibus.

Eu podia ver o motorista impaciente, pois já estávamos atrasados e os outros 02 ônibus já estavam prontos, se posicionando para sair. Depois de alguns minutos o professor entra com mais 06 alunos, e diz que podemos seguir viagem. Não me pareciam estranhos aqueles meninos, já havia visto eles em algum lugar. Não me recordei naquela hora. Dois deles se sentaram atrás de mim, os outros dois atrás do motorista e os dois últimos atrás destes.

Os dois ônibus que estavam cheios começaram a sair, logo depois começou a sair o nosso também... Quando de repente, um carro fechou o meu busão e nos fez parar. Era um estudando que chegara com seu pai para viajar conosco, estava atrasado. O último integrante da turma dos 06 últimos estudantes a entrar no ônibus. Ele entrou e eu rapidamente o olhei nos olhos. Ele sorria, livre e espontâneo. E sorrindo ele me olhou bem rápido antes de se virar para seus amigos e cumprimentá-los com um abraço e um ósculo no rosto. Sim, ele deu um beijo no rosto destes meninos. Eu também estranhei... Nunca tinha visto aquilo. Depois descobri que era porque eles pertenciam a um grupo de jovens da Renovação Carismática (da igreja católica) e lá isso era um sinal fraterno, sem malícia. Acredite ou não.

Os seus amigos logo disseram: “senta aqui conosco”. Então, ele voltou a me olhar e perguntou-me: “Com licença, tem alguém sentado aqui”? Eu balancei a cabeça indicando que NÃO. Então ele se sentou e se virou para seus amigos e começaram a tagarela.

Não sei dizer, me invadia naquela hora uma estranha sensação em mim. Era como se eu já os conhecesse há anos. Sem falar que eles eram lindos, de verdade. E o 7º garoto, nossa realmente ele havia mexido comigo. Será que eu estava começando a me apaixonar por um garoto? Pela primeira vez? Será que eles me aceitariam no seu meio social, em seu grupo? Poxa, eu era tão tímido que nem consegui responder com palavras

que não havia ninguém sentado do meu lado, como puxaria conversa? Como nos conheceríamos? Duvidas e pensamentos me invadiram e cada vez mais me sentia mais sozinho, num encontro comigo mesmo. Ele estava ao meu lado sim, mas era o mesmo que não tivesse, ele nem ligava pra mim ali.

Então coloquei meu foninho de ouvido e coloquei meu celular para tocar algumas musicas que eu separei para viagem. Desse modo encostei a minha cabeça no vidro e partimos em viagem rumo ao futuro desconhecido... rumo ao acampamento de nome “Acampamento dos sonhos”.

Quer saber como isso continua? Aguarde a Parte II da história, breve aqui mesmo... neste blog!

Abraços e obrigado pela visita...

BY ME S2